



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

Cryсна Bonjardim da Silva Carmo

**A COMPLEXIDADE DAS CLÁUSULAS RELATIVAS NA FALA ESPONTÂNEA DO  
PORTUGUÊS DO BRASIL: OS DADOS DO C-ORAL BRASIL**

Belo Horizonte

2017

Crysa Bonjardim da Silva Carmo

A COMPLEXIDADE DAS CLÁUSULAS RELATIVAS NA FALA ESPONTÂNEA DO  
PORTUGUÊS DO BRASIL: OS DADOS DO C-ORAL BRASIL

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação  
em Estudos Linguísticos da Universidade Federal  
de Minas Gerais, como requisito parcial para  
obtenção do título de Doutor em Linguística.

Área de concentração: Linguística Teórica e  
Descritiva.

Linha de Pesquisa: Estudos Linguísticos Baseados  
em Corpora

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Heliana Mello.  
Universidade Federal de Minas Gerais

Belo Horizonte  
Faculdade de Letras da UFMG  
2017

C287c

Carmo, Crysna Bonjardim da Silva.

A complexidade das cláusulas relativas na fala espontânea do português do Brasil [manuscrito] : os dados do C-ORAL Brasil / Crysna Bonjardim da Silva Carmo. – 2017.

216 f., enc. : il., tabs., p&b.

Orientadora: Heliana Mello.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.

Linha de pesquisa: Estudos Linguísticos Baseados em Corpora.

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 180-186.

Anexos: f. 187-216.

1. Linguística de corpus – Teses. 2. Atos de fala – Teses. 3. Língua portuguesa – Português falado – Teses. 4. Funcionalismo (Linguística) – Teses 5. Gramática cognitiva – Teses. 6. Língua portuguesa – Fonologia - Teses. I. Mello, Heliana. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD : 414



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

PosLin

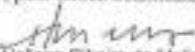
## FOLHA DE APROVAÇÃO

**A COMPLEXIDADE DAS CLÁUSULAS RELATIVAS NA FALA ESPONTÂNEA DO PORTUGUÊS DO BRASIL:  
Os dados do C - ORAL BRASIL**

**CRYSNA BOMJARDIM DA SILVA CARMO**

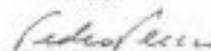
Tese submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Doutor em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, Área de concentração LINGÜÍSTICA TEÓRICA E DESCRITIVA, linha de pesquisa Estudos Linguísticos Baseados em Corpora.

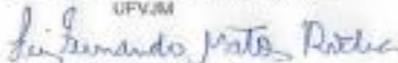
Aprovada em 05 de maio de 2017, pela banca constituída pelos membros:

  
Prof(a). Helana Ribeiro de Mello - Orientador  
UFMG

  
Prof(a). Márcio Alberto Perini  
UFMG

  
Prof(a). Bruno Neves Rati de Melo Rocha  
UFMG

  
Prof(a). Pedro Perini Frizzera da Mota Santos  
UFVJM

  
Prof(a). Luiz Fernando Motos Rocha  
UFJF

Belo Horizonte, 5 de maio de 2017.

*Às pessoas –  
amigxs, professores e alunxs,  
que, no contato e na convivência,  
precipitaram mudanças em mim.  
Nesta etapa de minha “on the road”,  
à Heliana Mello,  
minha orientadora,  
sobretudo.*

## AGRADECIMENTOS

À professora Heliana Mello – pela orientação, desafios postos e paciência.

Aos professores das disciplinas do curso de pós-graduação em Estudos Linguísticos.

Em particular, ao professor Tommaso Raso.

Aos membros da banca examinadora: Mario Alberto Perini, Pedro Perini Frizzera da Mota Santos

Bruno Neves Rati de Melo Rocha e Luiz Fernando Matos Rocha.

Aos colegas do LEEL C-ORAL BRASIL.

Ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras

da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG.

À Universidade do Estado da Bahia – UNEB.

Em especial, ao Departamento de Educação – Campus X – o “chão” onde trabalho.

Aos amigos Andrei e Kirlian – pela amizade-casa.

Às amigas e colegas de trabalho Ivana e Karina – por acompanhar-me

nessa “aventura” acadêmica em terras belo-horizontinas.

E, por fim, à minha família – por parte do que sou.

## RESUMO

A relativização clausal é uma estratégia semântico-linguística que permite às línguas naturais restringir/delimitar uma referência. Na maioria das línguas naturais, a cláusula relativa apresenta um correlato formal. É o caso do português do Brasil (PB), cujo padrão sintático é pós-nominal, ou seja, a cláusula relativa segue o N referente ([... N [QUE + verbo finito ...]<sub>SAdj</sub>] SN). Tradicionalmente, duas estratégias de cláusulas relativas são identificadas no PB: as *relativas restritivas*, que delimitam o referente, e as *relativas não restritivas*, que não delimitam o referente. Diante desse contexto, esta pesquisa tem como objetivo investigar as cláusulas relativas na fala espontânea do PB e, a partir daí, propor uma definição funcional para a relativização clausal que tenha como fundamento a informação prosódica. Sendo assim, cumpre o seguinte percurso: identifica a estrutura informacional das cláusulas relativas, delinea os processos de subordinação envolvidos nessas cláusulas, explicita a operação semântico-cognitiva envolvida no processo de relativização e, por fim, descreve as cláusulas relativas na fala espontânea do ponto de vista morfossintático. Para tanto, este estudo adota uma abordagem empírica de pesquisa, nos termos da Linguística de *Corpus* (MELLO, 2014; BERBER SARDINHA, 2004; HARDIE; MCENERY, 2002) e da Linguística Descritiva (PERINI, 2006). Nesse contexto, utiliza uma amostra balanceada do *corpus* C-ORAL BRASIL (RASO; MELLO, 2012): o *minicorpus*. Etiquetado informacionalmente, segundo a *Language into Act Theory* (CRESTI, 2000), esse *minicorpus* se encontra disponível na plataforma *DataBase for Information Patterning Interlinguistic Comparison* (DB – IPIC) (GREGORI; PANUNZI, 2011), de onde procedeu-se à extração e à observação dos dados. O arcabouço teórico que sustenta este estudo vem dos postulados da *Language into Act Theory* (CRESTI, 2000) e da *Linguística Cognitiva* (LANGACKER, 1987; FAUCONNIER; TURNER, 2002; SALOMÃO, 1999; MIRANDA, 2001). Nesse sentido, destaca os seguintes construtos: o *domínio de relativização versus subconjunto restringido* (KEENAN; COMRIE, 1977); a *relação entre instanciação e grounding* e a *noção de assimetria cognitiva* (LANGACKER, 1987, 1991); o *fenômeno do escopo semântico* (BARKER, 2015; NEGRÃO, 2003; SZABOLCSI, 2000) reconfigurado; a *noção de dependência* do viés funcionalista (HOPPER; TRAUGOTT, 1993); a *justaposição como estratégia sintática* (RODRIGUES, 2015); e a *unidade informacional como uma ilha sintático-semântica* (CRESTI, 2014). Os resultados demonstram que as cláusulas relativas na fala espontânea: (i) apresentam estrutura sintática complexa e simples no enunciado; (ii) ocorrem preferencialmente na unidade informacional de Comentário; (iii) exibem uma grande variabilidade quanto à estrutura sintagmática do N referente e da cláusula que o segue; (iv) ocorrem preferencialmente na posição sintática de objeto direto e adjunto adverbial na cláusula matriz no enunciado; e (v) somente as cláusulas relativas restritivas, que ocorrem linearizadas na fala espontânea, são instâncias de relativização, pois só esse tipo de cláusula é capaz de estabelecer um *background*, nos termos de um domínio-escopo para a sua interpretação, ao passo que as cláusulas relativas não restritivas, que ocorrem padronizadas no enunciado, não estabelecem esse domínio para a sua interpretação, portanto não podem ser consideradas cláusulas desencadeadoras de relativização. Considerando essa distinção, esta tese passa a denominar as cláusulas não restritivas de *cláusulas apositivas*, cujo campo de exploração continua em aberto.

**Palavras-chave:** Cláusulas relativas. Fala espontânea. Linguística de *Corpus*. Linguística Cognitiva. Funcionalismo.

## ABSTRACT

Clausal relativization is a semantic-syntactic strategy that allows for natural languages to restrict/delimit a reference. In most natural languages, a relative clause exhibits a formal correlate. This is the case of Brazilian Portuguese (BP), whose syntactic pattern is post-nominal, i.e., the relative clause follows the referent N ([... N [QUE + finite verb]<sub>AdjP</sub>]<sub>NP</sub>). Traditionally, two relative clause strategies are identified in BP: *restrictive clauses*, which delimit the referent, and *non-restrictive clauses*, which do not delimit the referent. In view of that, this study aims to investigate relative clauses in BP spontaneous speech and then to propose a functional definition for clausal relativization based on prosody. Thus, this study consists of the following: it identifies the information structure of relative clauses in spontaneous speech, describes the processes of subordination characterizing these clauses, defines the semantic-cognitive operation involved in the relativization process, and, finally, describes relative clauses in spontaneous speech at the morphosyntactic level. Therefore, this study adopts an empirical approach, in harmony with Corpus Linguistics (MELLO, 2014; BERBER SARDINHA, 2004; HARDIE; MCENERY, 2002) and Descriptive Linguistics (PERINI, 2006, 2010). In this context, this study was carried out on a balanced sample of the C-ORAL BRASIL corpus (RASO; MELLO, 2012), the so-called *minicorpus*. Informationally tagged according to the Language into Act Theory (CRESTI, 2000), the minicorpus is available through the DB-IPIC platform (PANUNZI & GREGORI, 2011), which was used to extract the data here analyzed. The theoretical framework supporting this study comes from postulates by the *Language into Act Theory* (CRESTI, 2000, MONEGLIA; RASO, 2014) and *Cognitive Linguistics* (LANGACKER, 1987; FAUCONNIER & TURNER, 2002; SALOMÃO, 2005; MIRANDA, 2001). Accordingly, the following constructs are highlighted: *domain of relativization vs. restricted subset* (KEENAN & COMRIE, 1977); the relationship between *instantiation* and *grounding* and the notion of *cognitive asymmetry* (LANGACKER, 1987; 1991); the *phenomenon of semantic scope* (BARKER, 2015; NEGRÃO, 2003; SZABOLCSI, 2000) reset; the functionalist notion of *dependency* (HOPPER & TRAUGOTT, 1993); the *juxtaposition as a syntactic procedure* (RODRIGUES, 2015); and the *information unit as a syntactic-semantic island* (CRESTI, 2014). The results show that relative clauses in spontaneous speech: (i) exhibit complex and simple syntactic structures in the utterance; (ii) occur mainly in the Comment information unit; (iii) occur embedded in or isolated from a matrix clause in the utterance; (iv) exhibit great variability regarding the phrase structure of the referent N and the associated clause; (v) occur mainly in the syntactic position of direct object and adjunct of the matrix clause in the utterance; and (vi) only restrictive relative clauses, which occur linearized in spontaneous speech, constitute domains of relativization, since this is the only type of clause capable of establishing a *background*, in terms of a domain-scope for its interpretation, whereas non-restrictive relative clauses, which occur patterned in the utterance, do not establish such domain. Therefore, considering the informational, syntactic and semantic-cognitive levels, it is possible to state that these clauses do not constitute domains of relativization. Hence, non-restrictive relative clauses are referred to in this thesis as *apositive clauses*, and are still open for investigation.

**Keywords:** Relative clauses. Spontaneous speech. *Corpus* Linguistics. Cognitive Linguistics. Functionalism.

## RÉSUMÉ

La relativisation est une stratégie sémantique-linguistique qui permet aux langues naturelles de limiter un référent. Dans la plupart des langues naturelles, la proposition relative est associée à un corrélat formel. C'est le cas du portugais brésilien (PB), dont l'alignement syntaxique est post-nominal, c'est à dire, la proposition relative suit le N antécédent ([... N [QUE + verbe fini ...]<sub>SAdj</sub>]<sub>SN</sub>). Deux stratégies traditionnelles de relativisation sont identifiées en PB : les relatives restrictives, qui délimitent l'antécédent; et les relatives non-restrictives, qui ne délimitent pas l'antécédent. Dans ce sens, l'objectif de cette recherche est d'étudier les propositions relatives dans le parlé spontané du PB afin de proposer une définition fonctionnelle du phénomène de la relativisation ayant comme fondement l'information prosodique. Pour réaliser cette étude, on propose les étapes suivantes: l'identification de la structure informationnelle des propositions relatives, l'encadrement des processus de subordination concernant ces propositions, l'explicitation du procédé sémantique-cognitive y impliqué; et finalement, la description des propositions relatives dans le parlé spontané d'un point de vue morphosyntaxique. Pour cela, on adopte une approche empirique de la recherche conformément à la Linguistique de *Corpus* (MELLO, 2014; BERBER SARDINHA, 2004; HARDIE; MCENERY, 2002) et à la Linguistique Descriptive (PERINI, 2006, 2010). On utilise un échantillon équilibré issu du *corpus* C-ORAL BRASIL (RASO; MELLO, 2012): le *minicorpus*. Ce *minicorpus* a été étiqueté selon les principes proposés dans l'œuvre *Language into Act Theory* (CRESTI, 2000), et est disponible sur la plateforme DB – IPIC (PANUNZI & GREGORI, 2011), d'où les données ont été extraites et observées. Le cadre théorique qui soutient cette étude provient des postulats de la *Language into Act Theory* (CRESTI, 2000, MONEGLIA; RASO, 2014) et de la *Linguistique Cognitive* (LANGACKER, 1987; FAUCONNIER & TURNER, 2002; SALOMÃO, 2005; MIRANDA, 2001). De ce fait, on souligne les notions suivantes : le *domaine de la relativisation versus le sous-ensemble limité* (KEENAN & COMRIE, 1977); la *relation entre instanciation et grounding* et la *notion d'asymétrie cognitive* (LANGACKER, 1987; 1991); le *phénomène de « semantic scope »* (BARKER, 2015; NEGRÃO, 2003; SZABOLCSI; 2000) reconfiguré; la *notion de dépendance* de l'approche fonctionnaliste (HOPPER & TRAUGOTT, 1993), la *juxtaposition en tant que stratégie syntaxique* (RODRIGUES, 2015); et l'*unité informationnel en tant qu'île syntaxique-sémantique* (CRESTI, 2014). Les résultats montrent que les propositions relatives dans le parlé spontané: (i) présentent une structure syntaxique complexe et simple dans l'énoncé; (ii) se produisent de préférence dans l'unité informationnelle de Commentaire; (iii) montrent une grande variabilité en ce qui concerne la structure syntagmatique du N antécédent et de la proposition qui le suit; (iv) se produisent préférentiellement dans la position syntaxique d'objet direct et de complément circonstanciel dans la proposition principale dans l'énoncé; et (v) seulement les propositions relatives restrictives qui se produisent linéairement dans le langage spontanée sont des instances de relativisation, étant donné que ce type de proposition est le seul capable d'établir un *background* en termes d'un *domaine-scope* pour son interprétation, alors que les propositions relatives non restrictives se produisant de manière normalisée dans l'énoncé ne peuvent pas être interprétées de la même façon, et ne peuvent pas être considérées comme des propositions qui déclenchent la relativisation. Compte tenu de cette distinction, cette thèse choisi d'ores et déjà de nommer les propositions non-restrictives *propositions appositives*, dont le champ d'exploitation reste ouvert.

**Mots-clés:** Propositions relatives. Parlé spontané. Linguistique de *Corpus*; Linguistique Cognitive. Fonctionnalisme.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Unidades informacionais .....	52
Quadro 2 – Legenda da etiquetagem que identifica os arquivos no minicorpus do C-ORAL BRASIL .....	67
Quadro 3 – Características dos textos do minicorpus C-ORAL BRASIL .....	67
Quadro 4 – Relação de dependência e encaixamento.....	80
Quadro 5 – Relação de dependência e encaixamento.....	86
Quadro 6 – categorias morfológica e sintagmática para descrição das cláusulas do minicorpus	110
Quadro 7 – Estrutura do SN das cláusulas relativas.....	148
Quadro 8 – Estrutura do SN das cláusulas relativas segundo a função dos termos componentes	157
Quadro 9 – Variáveis envolvidas na definição da cláusula relativa na fala espontânea .....	169
Figura 1 – Visualização da interface do DB-IPIC .....	71
Figura 2 – Visualização da interface dos arquivos do DB – IPIC.....	72
Figura 3 – Visualização de documento CSV em planilha eletrônica .....	72
Figura 4 – Visualização da interface do <i>AntConc</i> .....	73
Figura 5 – Relações entre estados de coisas envolvidos nas cláusulas .....	86
Figura 6 – Representação do background da cláusula relativa.....	100
Figura 7 – Estrutura do enunciado na fala.....	106
Diagrama 1 – Cláusula relativa .....	138
Diagrama 2 – Cláusula informativa.....	140
Ficha 1 – Teste do domínio-escopo .....	133
Ficha 2 – Teste do domínio-escopo.....	134
Ficha 3 – Teste do domínio-escopo.....	134
Ficha 4 – Teste do domínio-escopo.....	134
Ficha 5 – Teste do domínio-escopo.....	135
Ficha 6 – Teste do domínio-escopo.....	135
Ficha 7 – Teste do domínio-escopo.....	136
Ficha 8 – Teste do domínio-escopo.....	136
Ficha 9 – Teste do domínio-escopo.....	136
Ficha 10 – Teste do domínio-escopo.....	137

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Número de textos por tipologia minicorpus C-ORAL BRASIL .....	69
Tabela 2 – Número de palavras dos textos por seção no minicorpus C-ORAL BRASIL.....	70
Tabela 3 – Números do minicorpus C-ORAL-BRASIL .....	115
Tabela 4 – Distribuição dos tipos de cláusulas relativas do minicorpus .....	116
Tabela 5 – Distribuição das cláusulas relativas conforme o padrão sintático-informacional .....	117
Tabela 6 – Relativas linearizadas em contexto sintático complexo: distribuição por UIs .....	118
Tabela 7 – Relativas linearizadas em contexto sintático simples: distribuição por UIs.....	118
Tabela 8 – Relativas padronizadas em contexto sintático complexo: distribuição por PIs .....	119
Tabela 9 – Relativas padronizadas em contexto sintático simples: distribuição por PIs .....	119
Tabela 10 – Distribuição das cláusulas quanto aos tipos semânticos.....	137
Tabela 11 – Estrutura do SN antecedente da cláusula relativa em contexto complexo .....	144
Tabela 12 – Estrutura do SN antecedente da cláusula relativa em contexto simples.....	145
Tabela 13 – Estrutura do SN antecedente da cláusula apositiva (não restritiva) em contexto complexo .....	145
Tabela 14 – Estrutura do SN antecedente da cláusula apositiva (não restritiva) em contexto simples.....	146
Tabela 15 – Natureza mórfica do núcleo do SN das cláusulas relativas .....	153
Tabela 16 – Nível sintático do SN que antecede a cláusula relativa em contexto complexo.....	170
Tabela 17 – Nível sintático do SN que antecede a cláusula não restritiva em contexto complexo .....	170

## LISTA DE SÍMBOLOS

👂	para ouvir
(@)	linha de metadados
(*)	início de turno
(%)	início de linha dependente
(ABC)	identificação do informante
(//)	quebra prosódica terminal; fim de enunciado
(/)	quebra prosódica não terminal; fim de unidade tonal interna ao enunciado
(+)	enunciado interrompido
(<>)	sobreposição de fala
([/n°])	retracting ou falha na execução do enunciado
(&)	início de palavra interrompida
(&he)	hesitação ou silêncio preenchido
(“ ”)	citação
(hhh)	comportamento paralinguístico
(xxx)	palavra ininteligível
(yyyy)	trecho de áudio não transcrito

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

<b>Adj</b>	Adjetivo
<b>Art Def</b>	Artigo definido
<b>Art Ind</b>	Artigo indefinido
<b>Adv</b>	Advérbio
<b>ALL</b>	Alocutivo
<b>APC</b>	Apêndice de Comentário
<b>APT</b>	Apêndice de Tópico b Brasileiro (Português)
<b>DEM</b>	Pronome demonstrativo
<b>fam</b>	Familiar
<b>Ind</b>	Pronome indefinido
<b>pub</b>	Público
<b>cv</b>	Conversação
<b>dl</b>	Diálogo
<b>mn</b>	Monólogo
<b>CMM</b>	Comentário Múltiplo
<b>CNT</b>	Conativo
<b>COB</b>	Comentário Ligado
<b>Conj</b>	Conjunção
<b>COM</b>	Comentário
<b>DCT</b>	Conector Discursivo
<b>EMP</b>	Unidade informacionalmente vazia
<b>EXP</b>	Expressivo
<b>i-</b>	Unidade informacional interrompida
<b>INP</b>	Incipitário
<b>INT</b>	Introdutor Locutivo
<b>LABLITA</b>	Laboratorio Linguistico del Dipartimento di Italianistica dell'Università di Firenze
<b>LEEL</b>	Laboratório de Estudos Empíricos e Experimentais da Linguagem
<b>Locução verbal</b>	Locução verbal
<b>Locução prepositiva</b>	Locução Prepositiva

<b>Neg</b>	Negação
<b>N</b>	Nome
<b>Obl</b>	Pronome oblíquo
<b>PAR</b>	Parentético
<b>PB</b>	Português do Brasil
<b>PE</b>	Português Europeu
<b>PHA</b>	Fático PRL
<b>Poss</b>	Pronome possessivo
<b>PRL</b>	Lista de Parentéticos
<b>Pron</b>	Pronome
<b>_r</b>	Unidade em discurso reportado
<b>SCA</b>	Unidade informacional escansionada
<b>SN</b>	Sintagma nominal
<b>SPrep</b>	Sintagma preposicional
<b>SV</b>	Sintagma verbal
<b>LAcT</b>	Language into Act Theory
<b>TMT</b>	Tomada de Tempo
<b>TOP</b>	Tópico
<b>TPL</b>	Lista de Tópicos
<b>V</b>	Verbo

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	18
<b>2 SOBRE AS CLÁUSULAS RELATIVAS</b> .....	23
2.1 Cláusulas relativas e os estudos na língua escrita.....	23
2.2 Cláusulas relativas e os estudos da fala espontânea .....	33
2.3 Resumo do capítulo .....	42
<b>3 PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS</b> .....	44
3.1 A Language into Act Theory (LAcT).....	45
3.1.1 Unidades tonais: a dimensão prosódica das quebras .....	50
3.1.2 Unidades informacionais: a dimensão pragmático-informacional das quebras .....	51
3.1.2.1 Comentário (COM).....	53
3.1.2.2. Tópico (TOP).....	54
3.1.2.3 Apêndices (APC e APT) .....	55
3.1.2.4 O Parentético (PAR).....	55
3.1.2.5 Introdutor Locutivo (INT) .....	56
3.1.2.6 Incipitário (INP) .....	58
3.1.2.7 Conativo (CNT).....	58
3.1.2.8 Fático (PHA) .....	58
3.1.2.9 Alocutivo (ALL).....	59
3.1.2.10 Expressivo (EXP) .....	59
3.1.2.11 Conector Discursivo (DCT).....	60
3.1.3 Os limites do isomorfismo entre unidades tonais e informacionais .....	60
3.1.3.1 Unidade de Escansão (SCA).....	61
3.1.3.2 Comentários Múltiplos (CMM).....	61
3.1.3.3 Comentários Ligados (COB) .....	62
3.2 O corpus C-ORAL BRASIL .....	63
3.2.1 O minicorpus de pesquisa.....	66
3.3 Extração e seleção dos dados.....	70
3.4 Cláusulas relativas, estrutura informacional e processos de subordinação na fala espontânea.....	74
3.4.1 Estrutura informacional das cláusulas relativas e os processos de subordinação .....	76

3.4.2 Processos de subordinação na fala espontânea: encaixamento, justaposição e insubordinação .....	79
3.5 Cláusulas relativas, estratégias linguísticas e o domínio da relativização.....	89
3.5.1 Domínio de relativização, grounding e unidade informacional no estabelecimento da relativização.....	91
3.5.2 Procedimentos para identificação de cláusulas relativas.....	108
3.6 Resumo do capítulo .....	111
<b>4 CLÁUSULAS RELATIVAS NA FALA ESPONTÂNEA DO PB: ANÁLISE DOS DADOS DO MINICORPUS C-ORAL BRASIL .....</b>	<b>113</b>
4.1 Cláusulas relativas no minicorpus C-ORAL BRASIL: cotejamento preliminar das ocorrências .....	114
4.1.1 Estrutura informacional das cláusulas relativas no minicorpus C-ORAL BRASIL .....	117
4.2 Estrutura sintática das cláusulas relativas da fala espontânea .....	120
4.2.1 Cláusulas relativas que ocorrem em contexto sintático complexo.....	121
4.2.2 Cláusulas relativas que ocorrem em contexto sintático simples .....	126
4.3 Estrutura semântica das cláusulas relativas no minicorpus C-ORAL BRASIL.....	131
4.4 A estruturação sintagmática dos constituintes da relativização na fala espontânea do português do Brasil: os dados do minicorpus C-ORAL BRASIL.....	143
4.4.1 O SN da estrutura de relativização na fala espontânea do português do Brasil .....	146
4.4.1.1 O Núcleo do SN da estrutura de relativização na fala espontânea do PB .....	153
4.4.1.2 Os elementos pré e pós-nucleares do SN na estrutura de relativização da fala espontânea do PB .....	157
4.4.1.2.1 Sobre os itens linguísticos que estabelecem a relativização clausal.....	166
4.4.1.3 Nível sintático do sintagma nominal que antecede a cláusula relativa em contexto complexo .....	169
4.5 Resumo do capítulo .....	172
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>175</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>180</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>187</b>

*A linguagem nunca é inocente.*

*Falar e compreender não supõem somente o pensamento, mas, de maneira mais essencial e como fundamento do próprio pensamento, o poder de deixar-se desfazer e refazer por um outro atual, por vários outros possíveis e, presumivelmente, por todos.*

*(Merleau-Ponty - A prosa do mundo)*

## 1 INTRODUÇÃO

A relativização clausal é um fenômeno altamente produtivo nas línguas naturais. Para alguns estudiosos, essa estratégia linguística de delimitação do referente está presente em todas as línguas naturais. Ou seja, as cláusulas relativas seriam um tipo de universal linguístico (DE VRIES, 2005; LEHMANN, 1986; KEENAN; COMRIE, 1977). Contudo, isso não é ponto pacífico: se a abordagem linguística parte apenas dos traços morfossintáticos, algumas línguas ficam excluídas; ao passo que se a abordagem parte de traços funcionais, um grande número de línguas é abarcado. Nesse contexto, o único consenso entre as várias abordagens é a semântica envolvida nesse tipo de cláusula. No entanto, as cláusulas relativas, nas diversas línguas naturais, apresentam formas variadas quanto à estruturação morfossintática. De acordo com Lehmann (1988), considerando a ordem das palavras, há quatro tipos: (i) *pós-nominal*: a cláusula relativa segue o referente (inglês); (ii) *pré-nominal*: a cláusula relativa precede o referente (turco); (iii) *circum-nominal*: o referente ocorre dentro da cláusula relativa (bambara<sup>1</sup>); e (iv) *correlativa*: um referente interno é seguido por uma correlativa (hindi<sup>2</sup>). No português do Brasil (PB), a relativa obedece ao padrão pós-nominal, ou seja, o mesmo do inglês.

Todavia, as investigações sobre as cláusulas relativas, tradicionalmente, têm privilegiado a diamesia escrita. Mesmo aqueles estudos nos quais dados de fala são usados, a exemplo daqueles voltados para as línguas indígenas<sup>3</sup>, o fazem majoritariamente por meio de dados transcritos, a rigor, dados escritos, sem considerar a influência da prosódia na segmentação das unidades linguísticas no contínuo da fala. Dessa forma, a agenda sobre as cláusulas relativas continua em aberto no campo da Linguística. No caso da fala espontânea, campo quase inexplorado. No entanto, tal incursão tornou-se possível graças ao desenvolvimento de tecnologias computacionais e metodologias que, em meados do século XX, permitiram o uso

---

<sup>1</sup> Falada no Mali (África), o Bambara é uma língua tonal (2 tons), apresenta 21 consoantes e 14 vogais. Para mais detalhes, consultar: <<http://www.ethnologue.com/language/bam>>. Acessado em 20 de janeiro de 2017.

<sup>2</sup> Falada por 70% dos indianos, principalmente no norte, centro e oeste da Índia, o Hindi é uma língua indo-ariana, derivada do sânscrito. É uma língua Sujeito-Objeto-Verbo (SOV). Apresenta Q-word in situ. Ver: <<https://www.ethnologue.com/language/hin>>. Acessado em 20 de janeiro de 2017.

<sup>3</sup> Em muitos estudos, a preocupação central se restringe ao estudo do *tom* – traço suprasegmental que diz respeito à variação da altura do som de determinado fonema ou sílaba emitidos durante a fala e que tem consequências semânticas em algumas línguas.

simultâneo da transcrição e do sinal sonoro dos dados de fala, condição fundamental para o estudo real dessa diamesia.

Nessa perspectiva, esta pesquisa busca contribuir com as investigações no campo da fala ao investigar as cláusulas relativas na fala espontânea do PB. Para isso, considera o papel precípua da prosódia na estruturação dessa diamesia que, por meio de quebras terminais e não terminais, percebidas no contínuo da fala, estabelece sua unidade de referência: *o enunciado* – a menor unidade linguística que possui autonomia pragmática e interpretabilidade em isolamento (CRESTI, 2000)<sup>4</sup>. Afinal, a língua falada é executada ao mesmo tempo em que é planejada em contexto natural (NENCIONI, 1983). Fato que afeta diretamente a forma como a estruturação linguística será processada. No entanto, ao lado dessa tarefa, um problema precisa ser considerado: a definição de cláusula relativa e os tipos de cláusulas relativas reconhecidos pelos estudos linguísticos. Tradicionalmente, uma cláusula relativa é definida como uma cláusula subordinada que restringe a referência de um elemento nominal dentro de uma dada predicação. A maior parte das abordagens linguísticas, inclusive os estudos tradicionais e descritivos da gramática, identificam duas estratégias de cláusulas relativas: *restritivas* e *não restritivas*. Apesar de ambas apresentarem configuração morfossintática semelhante – [... N [QUE + verbo finito ...] SAdj]<sub>SN</sub><sup>5</sup>, semanticamente, no entanto, as relativas restritivas delimitam o referente, ao passo que as relativas não restritivas não o delimitam. Para efeito de demonstração, examinam-se as ocorrências de cláusulas relativas em enunciados retirados de um *corpus* de fala espontânea<sup>6</sup>, o C- ORAL BRASIL (RASO; MELLO, 2012):

☛(1) bfamnm05,32,CAR,"queria uma criança que nã me desse trabalho / e tudo //

☛(2) bfamnm02,143,DFL,"que a Dodora / que era a mamãe / ia ficar muito feliz / de morar / perto da dona Terezinha / que era minha / minha avó //

Em (1), *criança* é o referente, restringido pela cláusula relativa *que nã me desse trabalho*. Por outro lado, em (2), o elemento nominal referente já está delimitado, pois se trata de nomes próprios: *Dodora* e *Terezinha*. As cláusulas relativas *que era a mamãe* e *que era minha*

<sup>4</sup> A prosódia apresenta dois tipos de quebras: aquelas percebidas como conclusivas e que delimitam os enunciados – ou *quebras terminais* (“//” na transcrição) –; e aquelas percebidas como não conclusivas e que delimitam a estrutura interna dos enunciados – ou *quebras não-terminais* (“/” na transcrição).

<sup>5</sup> Diferenciadas na escrita por sinais de pontuação e na fala por aquilo que a tradição identifica como “pausa prosódica”.

<sup>6</sup> Todas as transcrições que serviram como exemplos neste trabalho foram retiradas do corpus de fala espontânea C- ORAL BRASIL, de autoria de Raso e Mello (2012), assim como as transcrições do italiano que também são apresentadas foram retiradas do C-ORAL ROM, corpus de fala espontânea compilado por Cresti e Moneglia (2005).

*minha avó* apenas acrescentam um comentário sobre o referente sem, contudo, restringi-lo. Assim, somente as restritivas se encaixam dentro do conceito tradicional de cláusula relativa. Diante desse impasse, ou se alarga o conceito de cláusula relativa ou se reconsidera o *status* de relativização das chamadas relativas não restritivas. Este estudo opta pelo segundo posicionamento, considerando: (i) a diferença cognitiva entre os dois tipos de relativa, já que uma delimita e a outra não; e (ii) a diferença do procedimento sintático envolvido, já que uma é resultado de encaixamento sintático e a outra de justaposição. Além disso, no contexto da fala espontânea, há ocorrências de cláusulas relativas desligadas de uma cláusula matriz, o que coloca em questão a natureza subordinada dessas cláusulas. Isso pode ser constatado na transcrição (3) abaixo, no qual tem-se apenas o referente (*lagarta*) e a relativa (*que anda assim de compasso*) no enunciado:

(3) bfamnn01,15,"tipo / aquela lagarta que anda assim de compasso / sabe //

Diante desse fato, esta pesquisa tem como objetivo geral propor uma definição funcional<sup>7</sup> para a relativização clausal na fala espontânea do PB. Para isso, parte da seguinte hipótese:

A relativização clausal é uma estratégia semântico-sintática que permite às línguas naturais restringir/delimitar uma referência dentro de um conjunto virtual de elementos presumidamente semelhantes, inferido a partir de elementos linguísticos presentes na superfície sintática. Na maioria das línguas naturais, a cláusula relativa exibe um correlato formal. É o caso do PB, cujo padrão sintático é pós-nominal: a cláusula relativa segue o referente. O procedimento sintático envolvido é a subordinação via encaixamento. Na fala espontânea, essa operação de restrição da referência, bem como os elementos da cláusula, ocorre nos limites de uma única unidade informacional dentro de um enunciado simples ou complexo.

Assim sendo, este estudo cumpre o seguinte percurso: identifica a estrutura informacional das cláusulas relativas, delinea os processos de subordinação envolvidos nessas cláusulas, explicita a operação semântico-sintática envolvida no processo de relativização e, por fim, descreve as cláusulas relativas na fala espontânea do ponto de vista morfossintático.

<sup>7</sup> Entende-se a forma linguística como um fenômeno que resulta das funções que exerce dentro dos contextos de uso. Nesses termos, as explicações geradas consideram a relação entre forma e contexto. Afastando-se, assim, do pressuposto formalista, no qual a língua é resultado apenas das relações internas entre suas partes, gerando explicações que consideram somente a estrutura em si.

Para cumprir essas tarefas, esta pesquisa adota uma abordagem empírica de pesquisa. Ou seja, parte da observação sistemática dos dados para a identificação e, posterior, generalização teórica acerca do fenômeno estudado. Assim, elege os pressupostos metodológicos da Linguística de *Corpus* (MELLO, 2014; BERBER SARDINHA, 2004; HARDIE; MCENERY, 2002; SHEPHERD, 2009), já que esta concilia critérios qualitativos e quantitativos, tais como: verificação, distribuição e caracterização do objeto investigado numa amostra de língua ou da variante linguística selecionada, além de tornar possível a investigação da língua em uso. Nesse recorte, utiliza uma amostra balanceada do *corpus* C-ORAL BRASIL (RASO; MELLO, 2012), a qual será chamada de *minicorpus* neste estudo. Este *corpus* de fala espontânea de PB, centrado na variação diafásica e diatópica mineira, atua segundo as diretrizes estabelecidas pelo consórcio C-ORAL-ROM (CRESTI; MONEGLIA, 2005). Uma descrição mais aprofundada do C-ORAL BRASIL será feita no capítulo 3. Somando-se a essa abordagem, aderimos à perspectiva descritivista de tratamento dos dados (PERINI, 2006), adotando somente as categorias linguística comuns à comunidade linguística na caracterização destes.

Quanto aos capítulos, esta pesquisa apresenta, no segundo capítulo, um mapeamento das cláusulas relativas segundo as principais abordagens da tradição linguística. Para tanto, agrupa tais estudos em duas grandes seções: *Cláusulas relativas e os estudos na língua escrita* e *Cláusulas relativas e os estudos da fala espontânea*. Dentro da primeira seção, as descrições são apresentadas conforme a compreensão dessas abordagens acerca da natureza da subordinação que envolve as cláusulas em foco. Assim, temos descrições que vão desde o polo mais formal (dependência estrutural) até o polo mais funcional (assimetria conceitual). Já a segunda seção abarca estudos que partem da observação de *corpora* de fala espontânea para definir as cláusulas relativas.

O terceiro capítulo conjuga o arcabouço teórico com os procedimentos metodológicos usados para o tratamento das cláusulas relativas. Sendo assim, tem-se o seguinte percurso: a *Language into Act Theory* (CRESTI, 2000), seguida da descrição do *corpus* C-ORAL BRASIL e das ferramentas computacionais envolvidas para o tratamento dos dados. Após, tem-se a apresentação do conjunto de postulados que são equacionados para a definição da cláusula relativa para a fala espontânea do PB, articulados a princípios da Linguística Cognitiva (LANGACKER, 1987; FAUCONNIER; TURNER, 2002; SALOMÃO, 1999; MIRANDA, 2001) e da Linguística Funcionalista, quais sejam: o *domínio de relativização* vs. *subconjunto*

*restringido* em Keenan & Comrie (1977); a *relação entre instanciação e grounding* e a *noção de assimetria cognitiva* em Langacker (1987, 1991); o *fenômeno do escopo semântico* em Barker (2015), Negrão (2003) e Szabolcsi (2000), reconfigurado nesta proposta; a *noção de dependência* em Hopper e Traugott (1993); a *justaposição como estratégia sintática* em Rodrigues (2014, 2015); e a *unidade informacional como uma ilha sintático-semântica* em Cresti (2014). O quarto capítulo traz a descrição morfossintática e semântica das cláusulas encontradas no *minicorpus*, à análise dos dados, bem como a definição de cláusula relativa resultante deste percurso de pesquisa. Por fim, as considerações finais desta trajetória são apresentadas.

Para concluir, é preciso salientar a dificuldade de propor um caminho teórico-metodológico para a investigação das cláusulas relativas com base na tradição, uma vez que as suas ferramentas e modelos partem da observação de dados escritos, considerados apenas em sua dimensão sintática, cujo contexto de escrutínio é sempre *atomístico*. Para conseguir resultados mais consistentes acerca do fenômeno em foco, foi preciso abandonar determinados consensos e observar acuradamente os fenômenos que realmente entram em jogo para a instauração da relativização na fala espontânea. Nesse contexto, adotamos a orientação cognitivista, na qual a língua é entendida como uma manifestação de nossas capacidades cognitivas gerais, assim o nível sintático é um entre outros níveis que entram no cálculo do sentido, naturalmente *molecular*. Nesses termos, em lugar da renitente metáfora dos *fundamentos arquitetônicos de um edifício* da ciência tradicional, assumimos o fenômeno da linguagem para além da circunscrição das formas, corroborando, assim, a metáfora *das relações orgânicas e movediças de uma rede*, estabelecida nas cenas de interação humana, na qual o significante, apesar de ser um poderoso fio, não é o único.

## 2 SOBRE AS CLÁUSULAS RELATIVAS

Fala e escrita são manifestações da linguagem humana. Entretanto, são modalidades muito distintas quanto à natureza, ao meio e ao canal de realização. Todavia, essas diferenças têm sido negligenciadas nos estudos linguísticos por inúmeras razões. A principal consequência é o recorte equivocado da unidade de referência para a análise da fala, já que a unidade de referência da escrita marcada pela presença de um núcleo verbal tem sido transportada para essa diamesia<sup>8</sup>. Diante dessa consideração, este capítulo apresenta um breve mapeamento da definição das cláusulas relativas segundo as principais abordagens da tradição linguística. Para tanto, agrupa esses estudos em duas grandes seções: *Cláusulas relativas e os estudos na língua escrita* e *Cláusulas relativas e os estudos da fala espontânea*. Dentro da primeira seção, as descrições são apresentadas conforme a compreensão dessas abordagens acerca da natureza da subordinação que envolve as cláusulas em foco. Assim, temos descrições que vão desde o polo mais formal (dependência estrutural) até o polo mais funcional (assimetria conceitual). Já a segunda seção abarca estudos que partem da observação de *corpora* de fala espontânea para definir as relativas. Tais estudos, para além da discussão das dependências sintática e semântica, consideram primeiramente a informação prosódica, já que esta afeta diretamente a estruturação informacional do fluxo da fala, bem como assumem a complexidade da natureza fragmentada dessa diamesia, cujo conteúdo locutivo é realizado por uma diversidade de *chunks*<sup>9</sup> linguísticos que nem sempre parecem tão estruturados – aparentemente.

### 2.1 Cláusulas relativas e os estudos na língua escrita

As pesquisas sobre cláusulas relativas têm tradicionalmente privilegiado a língua escrita. Mesmo aquelas que adotam dados de fala, a exemplo das investigações em línguas

---

<sup>8</sup> Para mais detalhes, consultar *Fala e escrita: meio, canal, consequências pragmáticas e linguísticas* (RASO, 2013). Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/23730>>. Acessado em agosto de 2016.

<sup>9</sup> É uma sequência de palavras que os falantes nativos de uma língua sentem como a maneira natural e melhor de expressar algo.

indígenas<sup>10</sup>, o fazem majoritariamente por meio de dados transcritos, a rigor, dados escritos, sem considerar a influência da prosódia na segmentação das unidades linguísticas no fluxo da fala. Tal postura determina, portanto, o tipo de informação que entra no cálculo da definição de qualquer fenômeno. No caso das cláusulas relativas, há estudos que partem tanto de uma perspectiva mais formal, na qual a língua é observada a partir das relações internas entre suas partes, gerando explicações que privilegiam a estrutura em si, até aqueles que se localizam numa perspectiva mais funcional, na qual a forma linguística é resultante das funções que exerce dentro dos contextos de uso, gerando explicações, portanto que consideram a relação entre forma e contexto.

Dessa maneira, ao recortarmos os estudos tradicionais e descritivos da gramática e os estudos gerativistas com os seus dois modelos explicativos (o *Modelo wh-movement* e o *Modelo raising*), constatamos que se aproximam do polo mais formal, uma vez que definem a relativização a partir de um modelo de subordinação baseado na dependência estrutural, subfocalizando outros tipos de informação. Por dependência estrutural, entende-se a impossibilidade de uma cláusula ocorrer em isolamento. Essa relação de dependência é indicada pela presença de uma conjunção particular (o *que* e o *porquê* no português do Brasil – PB –) ou pela redução morfossintática do verbo da oração dependente, isto é, a eliminação de tempo, aspecto, modo ou flexão verbal.

Nessa perspectiva, os estudos tradicionais e descritivos da gramática (ROCHA LIMA, 1992; BECHARA, 2004; CINTRA; CUNHA, 2001; NEVES, 2000; PERINI, 2006) definem uma cláusula relativa a partir da relação estabelecida entre duas orações: uma matriz e uma dependente. Essa relação seria constituída pelos *pronomes relativos* que, na oração dependente, podem desempenhar diversas funções sintáticas, tais como sujeito, objeto, adjunto, dentre outros. Nos termos de Carone (2005, p. 56), o pronome relativo seria:

[...] um termo de dupla face [...]: na condição de nome comporta-se como substantivo (que, o qual), ou adjetivo (cujo), podendo exercer dentro de sua oração, as funções próprias dessas classes; como relativo, tem a função intra-oracional [...]. E mais, sendo pronome repete anaforicamente o conteúdo semântico de uma palavra anterior e exterior a oração. Tal palavra é o ‘outro’ – o functivo com o qual a oração relativa, como um todo, entra em conexão.

---

<sup>10</sup> Em muitos estudos, a preocupação central se restringe ao estudo do *tom* – traço suprasegmental que diz respeito à variação da altura do som de determinado fonema ou sílaba emitidos durante a fala e que tem consequências semânticas em algumas línguas.

Ou seja, para que a relativização ocorra no PB, é necessária a presença de um pronome relativo. Contudo, há construções no PB nas quais a relativização se dá por redução morfossintática. Elas são chamadas de *cláusulas relativas reduzidas* (ROCHA LIMA, 1992). Para ilustrar essas relações de dependência, nos exemplos (1)-(4) abaixo, destacamos cláusulas relativas retiradas do C-ORAL BRASIL:

- (1) bfammn01,58 “*ea* mordida e picava com com *o ferrão que ea tem no cabo também* //  
 (2) bfammn05,32 “queria uma *criança que nã me desse trabalho* / e tudo //  
 (3) bfamcv16,315 “porque *o cara rodando com minha moto* / eu nã sei que que ele faz da vida / pra conseguir as coisa que ele tem //  
 (4) bfamcv26,262 “gente / que picaretagem / *é só um professor falando* / cê nã gasta nada de laboratório / e nã sei o quê //

Em (1)-(2), temos a relação de dependência estabelecida pela presença do pronome relativo *que* nas cláusulas subordinadas *que ea tem no cabo também* e *que nã me desse trabalho*. O pronome relativo *que* repete anaforicamente o conteúdo semântico do Nome anterior, externo à cláusula subordinada, *ferrão* e *criança*, respectivamente. Tais ocorrências correspondem à seguinte estrutura sintática:

[... N [QUE + verbo finito ... ]<sub>SA<sub>adj</sub></sub>]<sub>SN</sub>

Já em (3)-(4), temos a relação de dependência estabelecida pela redução morfossintática. Aqui, as informações gramaticais referentes ao verbo da cláusula subordinada são substituídas pelo seu gerúndio, assim temos: *cara rodando* e *professor falando*. Essas ocorrências correspondem à estrutura sintática abaixo:

[... N [forma verbo-nominal ... ]<sub>SA<sub>adj</sub></sub>]<sub>SN</sub>

As formas *cara rodando* e *professor falando* poderiam ser substituídas pela estrutura relativa com o pronome relativo: *cara que roda* e *professor que fala*, as quais podem ser observadas nos contextos (5)-(6) abaixo:

(1) porque o *cara que roda* com minha moto / eu nũ sei que que ele faz da vida / pra conseguir as coisa que ele tem //

(2) gente / que picaretagem / é só um *professor que fala* / cê nũ gasta nada de laboratório / e nũ sei o quê //

É claro que as estratégias do uso de pronome relativo subordinante (*cara que roda*, *professor que fala*) ou da redução morfossintática (*cara rodando*, *professor falando*), para a relativização do Nome antecedente, acarretam semânticas distintas no que concerne ao aspecto verbal (MATEUS *et al.*, 2003): na primeira, temos a marca do perfectivo; ao passo que, na última, temos uma percepção durativa da ação que caracteriza o imperfectivo. Porém, ambas restringem a semântica do N inserido na cláusula matriz.

Essa definição de relativização, apresentada até aqui, cobre também os estudos gerativistas nos seus dois modelos explicativos: o Modelo *wh-movement* (CHOMSKY, 1970) e o Modelo *raising* (KAYNE, 1994). Esses modelos divergem apenas quanto à natureza sintática das relativas: no primeiro<sup>11</sup>, elas são vistas como cláusulas adjuntas ao sintagma que contém a expressão nominal alvo da relativização; no segundo<sup>12</sup>, elas são postuladas como complementos formais de um núcleo determinante, a categoria D, que se manifesta na forma de artigos, pronomes etc.

Como essa definição de cláusula relativa é essencialmente de natureza morfossintática, desenvolvida principalmente sob a base das línguas indo-europeias, ela se apresenta problemática para outros tipos, uma vez que nem todas as línguas apresentam os mesmos recursos sintáticos para expressar a mesma relação. De acordo com Sonia Cristofaro (2003), critérios morfossintáticos são de aplicabilidade limitada na comparação translinguística, ou seja, para a Tipologia Linguística, campo que se dedica fortemente à descrição das línguas indígenas, a definição de um fenômeno, a exemplo da relativização, deve levar em consideração primeiramente, a despeito dos traços formais, os traços funcionais (informações semânticas, pragmáticas e cognitivas), já que estes estão presentes em todas as línguas naturais (CRISTOFARO, 2003; CROFT, 2002). Entretanto, mesmo nesse campo, há, na definição da cláusula relativa, uma flutuação entre os polos formal e funcional. De modo geral, para os tipologistas, uma cláusula relativa é definida nos seguintes termos: “uma cláusula relativa (CR) é

<sup>11</sup> Para mais detalhes, consultar: Adger (2003) e Aoun e Li (2001).

<sup>12</sup> Para mais detalhes, consultar: Kenedy (2002).

uma cláusula subordinada que delimita a referência de um SN, especificando a função do referente desse SN na situação descrita pelo CR” (KEENAN, 1985, p. 286).<sup>13</sup>

Contudo, as pesquisas tipológicas divergem sobre a natureza dessa subordinação que pode ser sintática, mas não obrigatoriamente. Essa discordância fica clara aos compararmos os estudos de De Vries (2002), Keenan e Comrie (1977), Lehmann (1986; 1988) e Cristofaro (2003).

Para De Vries (2002), cuja visão se inclina para o Programa Minimalista, a relativa é uma cláusula subordinada que inclui, em algum nível de representação semântica, uma variável (*correferente*) que está ligada a um elemento da cláusula matriz (o *antecedente*). Essa ligação direta entre um elemento da relativa com um elemento da cláusula matriz é que distingue as relativas de outras cláusulas subordinadas. Esse elemento seria um *pivô* que articularia e desempenharia um papel em ambas as cláusulas. A função de pivô seria exercida pelos pronomes relativos que devem encabeçar a relativa. Contudo, o autor ressalta que a posição do pivô é variável entre as línguas.

A pesquisa tipológica translingüística indica que há quatro tipos de estratégias sintáticas de relativização: (i) *pós-nominal*: a cláusula relativa segue o referente (inglês); (ii) *pré-nominal*: a cláusula relativa precede o referente (turco); (iii) *circum-nominal*: o referente ocorre dentro da cláusula relativa (bambara<sup>14</sup>); e (iv) *correlativa*: um referente interno é seguido por uma correlativa (hindi). Para ilustrar tais estratégias sintáticas, apresentamos os exemplos (7 a-d) retirados de De Vries (2002), nos quais temos os equivalentes literais simulados em inglês – vale ressaltar que o sentido (restrição do Nome) é o mesmo em todos os casos:

- |  |                  |
|--|------------------|
| (7a) Jack never reads books (which) I recommend to him.          | [pós-nominal]    |
| (7b) < Jack never reads [I recommend to him] books. >            | [pré-nominal]    |
| (7c) < Jack never reads [I recommend books to him]. >            | [circum-nominal] |
| (7d) < [Which books I recommend to him] Jack never reads them. > | [correlativa]    |

Quanto a semântica, De Vries (2002) identifica três tipos de cláusulas relativas: (i) *relativas restritivas* – restringem o significado do antecedente –; (ii) *relativas apositivas* – informam algo acerca do antecedente –; e as (iii) *relativas gradientes (degree relative)*. Para alguns autores, essas últimas não deveriam ser consideradas, já que se tratam de construções cujo

<sup>13</sup> Tradução minha. Original: “A relative clause (RC) is a subordinate clause which delimits the reference of an NP by specifying the role of the referent of that NP in the situation described by the RC” (KEENAN, 1985, p. 286).

<sup>14</sup> Falada no Mali (África), o Bambara é uma língua tonal (2 tons), apresenta 21 consoantes e 14 vogais. Para mais detalhes, consultar: <<http://www.ethnologue.com/language/bam>>. Acessado em agosto de 2016.

verbo apresenta aspecto durativo. Isso pode ser observado no exemplo (8) abaixo, no qual a subordinada refere-se à quantidade de leite, em vez do fato de que não havia leite na lata:

(8) (*Jill spilled*) *the milk that there was in the can.*

Keenan e Comrie (1977), por sua vez, propõem uma definição semântico-formal para as relativas. Para tanto, recortam apenas as relativas restritivas<sup>15</sup> e compararam a forma sintática de um grande número de línguas para tentar determinar as propriedades universais de tais cláusulas. Nessa direção, alargam os limites da sintaxe e assumem a informação semântica como critério essencial na definição desse tipo de cláusula. Sendo assim, qualificam qualquer objeto sintático que especifica um conjunto de objetos como cláusula relativa, considerando-se dois parâmetros: (i) a presença de um conjunto maior especificado, chamado *domínio de relativização*, expresso na superfície da estrutura da cláusula pelo núcleo do sintagma nominal (N); e (ii) a presença de um *subconjunto*, expresso pela *cláusula de restrição*, que pode parecer mais ou menos com uma cláusula na superfície, dependendo da língua, cujo conteúdo precisa ser verdadeiro. Para ilustrar, tomemos o exemplo (9) a seguir:

☛(9) bfamnm05,32"queria uma *criança que não me desse trabalho* / e tudo //

Em (9), o domínio de relativização é expresso pelo núcleo do SN, *criança*, inserido na cláusula matriz como seu objeto direto. Já na cláusula dependente, temos uma restritiva *que não me desse trabalho* que corresponde ao um subconjunto restrito. De outro modo: dentro do conjunto de relativização (*criança*) está contido o subconjunto *criança que não dá trabalho*. Ou seja, a cláusula de restrição é verdadeira (*criança que não me desse trabalho*), já que o objeto restringido por ela está contido no domínio de relativização (*criança*). Nesse momento, salientamos que essa semântica da relativização, apresentada por Keenan e Comrie (1977), nos termos da relação entre o *domínio de relativização* e o *subconjunto* restrito expresso pela cláusula relativa, cuja condição de verdade pode ser verificada, é uma intuição robusta na definição dessas cláusulas. Contudo, os autores não explicitam quais elementos linguísticos entram nesse cálculo.

<sup>15</sup> Para Bernard Comrie (1989), a diferença entre relativas restritivas e não restritivas passa pela informação pressuposta da primeira e pela informação suposta da segunda. No entanto, o autor adverte que a distinção formal entre restritivas e não restritivas é encontrada esporadicamente nas línguas. Provavelmente a maioria das línguas ou não tem uma distinção formal ou só tem uma distinção entoacional.

A ela, retornaremos no capítulo 3 para sustentar a definição de relativização que propomos nesta pesquisa.

Keenan e Comrie (1977) assinalam, ainda, que é o papel sintático do elemento N, compartilhado pela cláusula matriz e pela cláusula dependente, que permite diferenciar tipos de relações relativas. Com base numa amostra de aproximadamente 50 línguas, os autores descobrem que a variação obedece a padrões regulares de distribuição tipológica e propõem a *Hierarquia de Acessibilidade* (doravante HA) para a relativização, que é entendida como uma verdadeira hierarquia implicacional<sup>16</sup>, expressa da seguinte maneira:

**Sujeito > Objeto Direto > Objeto Indireto > Oblíquo > Genitivo > Objeto de Comparação**

A leitura da HA permite afirmar que a posição de Sujeito é a mais suscetível à relativização, pois ocupa a posição mais alta da hierarquia, ao passo que a posição de Objeto de Comparação é a menos suscetível, pois ocupa a posição mais baixa da HA. Em outras palavras, se uma língua relativiza a relação gramatical de Objeto de Comparação, também é capaz de relativizar todas as relações anteriores, posto que, em condições normais, não é possível transpor nenhum grau da HA.

Para Lehmann (1988), no entanto, a HA não se dá em termos de uma hierarquia unidimensional, mas como um complexo composto de sub-hierarquias, no qual as categorias linguísticas são compreendidas como instâncias focais em escalas multidimensionais cujas diferenças são graduais e não estanques. Nesses termos, o autor propõe um *contínuo* entre os tipos de cláusulas relativas que se estabelecem por meio de dois polos, caracterizados pelo grau de subordinação: encaixamento significa mais subordinação, ao passo que adjacência, menos subordinação. Nessa perspectiva, o autor destaca as principais variedades sintáticas das cláusulas relativas encontradas em várias línguas naturais, as quais apresentam as seguintes dicotomias: (i) quanto ao núcleo – há relativas de *núcleo-interno* (bambara, mongol) e de *núcleo-externo* (turco, persa) –; (ii) quanto à relação com a cláusula matriz: as relativas podem se apresentar como *cláusulas adjacentes* (não funcionam como constituinte da matriz: bambara e turco) ou *cláusulas encaixadas* (funcionam como constituinte da matriz: mongol e persa).

---

<sup>16</sup> No campo da Tipologia Linguística, distinguem-se dois tipos de hierarquias implicacionais: (i) as absolutas são válidas para todas as línguas de que se tem conhecimento; e (ii) as estatísticas são válidas para uma alta porcentagem dessas línguas (CRISTOFARO, 2003).

A partir da observação dessas duas dicotomias, Lehmann (1986) defende que as cláusulas relativas envolvem um feixe de operações, quais sejam: (i) subordinação – nominalização –; (ii) anáfora – formação de lacuna –; (iii) atribuição – formação do núcleo. Nesses termos, uma definição de cláusula relativa deve mencionar obrigatoriamente a presença de um núcleo nominal. Assim, segundo o autor, temos:

Uma construção relativa é uma construção que consiste de um nominal (ou sintagma nominal comum, em termos de categoria gramatical) (possivelmente vazio) e uma cláusula subordinada interpretada como atributivo que modifica esse nominal. O nominal é chamado de núcleo e a cláusula subordinada é a cláusula relativa (CR). A relação atributiva entre o núcleo e a CR é tal que o núcleo está envolvido na situação expressa pela cláusula relativa.<sup>17</sup> (LEHMANN, 1986, p. 2)

O autor adverte que essa definição é de natureza semântica, no entanto, ela incorpora algumas noções sintáticas.

Um fato interessante é que, diferentemente dos outros autores, Lehmann (1988) chama a atenção para o papel desempenhado pela entoação nas cláusulas relativas. Para o autor, uma cláusula relativa pode ser rebaixada pelo tom e integrada à cláusula matriz pela ausência de ruptura entoacional entre elas. Para ele, dentro da perspectiva do *contínuo* entre relativas, quanto mais integrada entoacionalmente, mais restritiva é a cláusula. Porém, vemos um problema nessa perspectiva: não é o tom que define a integração entre as cláusulas matriz e relativa, mas a *quebra prosódica*. A quebra remete a uma ruptura que gera fronteiras entre unidades distintas, a qual não pode ser confundida com o conceito de *pausa* que, por sua vez, remete a um efeito cognitivo na ausência de seu veículo físico (RASO; MITTMANN; MENDES, 2015)<sup>18</sup>. Dessa forma, o tom é apenas um dos parâmetros acústicos que entram nessa operação. Logo, não pode ser identificado como o responsável pela integração ou não entre as cláusulas. A quebra prosódica, além disso, define a unidade de referência da fala (o enunciado), o escopo da sintaxe e

<sup>17</sup> Tradução minha. Original: “A *relative construction* is a construction consisting of a nominal (or a common noun phrase, in the terms of categorial grammar) (which may be empty) and a subordinate clause interpreted as attributively modifying the nominal. The nominal is called the head and the subordinate clause the RC. The attributive relation between head and RC is such that the head is involved in what is stated in the clause” (LEHMANN, 1986, p. 2).

<sup>18</sup> A diferença entre quebra e pausa é uma das agendas investigativas do Laboratório de Estudos Experimentais da Linguagem (LEEL) da UFMG, haja vista a sua complexidade conceitual. Para mais detalhes, consultar: RASO, MITTMANN, e MENDES (2015). Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/9536>>. Acessado em 19 de agosto de 2016.

da semântica na fala espontânea. Tais questões serão retomadas na seção 2.2.2 deste capítulo e no capítulo 3.

Por fim, apresentamos a definição de cláusula relativa de Cristofaro (2003) cuja orientação é puramente pragmática. Para isso, a autora considera a ausência de *assertividade*<sup>19</sup> e a *falta de perfil autônomo* para definir a cláusula relativa. Esse último aspecto, a autora extrai de Langacker (1987). Nos termos desse autor, uma predicação envolve certo escopo. Dentro desse escopo, é selecionada uma subestrutura para designação. O escopo da predicação, definido como estrutura semântica, possui dois componentes fundamentais: (i) uma *base* ou *extensão da predicação* que corresponde aos aspectos de uma cena (ou um subconjunto) contida em uma predicação particular; e (ii) um *perfil* que corresponde a uma subestrutura dentro da base que é selecionada para a designação, logo possui destaque cognitivo. Na sentença subordinada “*A saia que ela comprou estava muito apertada*”, por exemplo, o perfil focalizado é o da *saia estava apertada*. Por outro lado, numa estrutura coordenada como “*O Galo venceu e o Cruzeiro perdeu*”, os dois perfis são focalizados, ou seja, nenhum subfocaliza o outro como na subordinação. Ou seja, a subordinação refere-se à relação conceitual assimétrica entre dois estados de coisas<sup>20</sup>, na qual o perfil da cláusula dependente é subfocalizado pelo perfil da cláusula principal. Ao passo que, na coordenação, essa relação é simétrica (LANGACKER, 1987). Partindo desses dois postulados, Cristofaro define a cláusula relativa nos seguintes termos:

As relações relativas envolvem dois estado-de-coisas (EsCo), na qual (o EsCo dependente) fornece algum tipo de especificação sobre um participante do outro (o EsCo principal). Isto é, um participante do EsCo principal é identificado dentro de um grupo de possibilidade de referentes mencionados no outro EsCo do qual faz parte. Em princípio, o participante relevante pode ter algum papel em ambos os EsCo dependente e principal. (CRISTOFARO, 2003, p. 197)<sup>21</sup>

---

<sup>19</sup> A asserção é um traço pragmático presente nas línguas naturais. Para Cristofaro (2003), é razoável supor que todas as línguas fazem uma distinção entre asserção e não asserção, embora esse traço não seja necessariamente realizado por meio das mesmas propriedades morfossintáticas. Na abordagem tipológica-funcional da autora, situações pragmáticas são assumidas como universais.

<sup>20</sup> Por estado de coisas, se entende a concepção de algo que pode ser assunto de algum mundo e que pode ser avaliado em termos de sua existência. A noção de "estado de coisas" é feita a partir de gramática Funcional e deve ser entendida como um hiperônimo para as entidades geralmente indicadas como "eventos", "estados", "situações", e outros semelhantes (DIK, 1997).

<sup>21</sup> Tradução minha. Original: “relative relations involve two SoAs, one of which (the dependent one) provides some kind of specification about a participant of the other (the main one). That is, a participant of the main SoA is identified within a set of possible referents by mentioning some other SoA in which he or she takes part. In principle, the relevant participant may have any role in both main and dependent SoA” (CRISTOFARO, 2003, p. 197).

Nessa perspectiva, observemos uma ocorrência, na qual temos uma cláusula relativa no seguinte enunciado:

☛(10) bfammn05,32"queria uma *criança que nã me desse trabalho* / e tudo //

Em (10), “queria uma *criança que nã me desse trabalho*”, o perfil destacado é o da cláusula matriz *queria uma criança*, a qual corresponde ao EsCo principal. Ao passo que a cláusula relativa *que nã me desse trabalho*, que corresponde ao EsCo dependente, possui seu perfil subfocalizado em relação ao da primeira. Isso ocorre porque falta assertividade à cláusula relativa. Assim, a sua interpretação fica dependente da asserção da cláusula principal. Diante disso, sua função como cláusula dependente é restringir o N antecedente dentro de um conjunto de hipóteses do falante acerca do estatuto da informação do conteúdo da cláusula.

Cristofaro 2003 afirma que essa definição de relativa, baseada na assimetria conceitual entre dois EsCo, somente se aplica às chamadas relativas restritivas. Embora, muitas línguas disponham de construções com estrutura sintática semelhante, essas construções expressam uma situação cognitiva diferente das relativas verdadeiras, pois fornecem apenas informação adicional sobre um participante do EsCo principal, mas não o identifica dentro de um conjunto de hipóteses sobre referentes possíveis. É o caso das tradicionais construções relativas não restritivas no PB:

☛(11) bfamdI02,73,"que eu dou *um exemplo de porta* / *que é excelente* //

Em (11), temos um SN referente (*exemplo de porta*) inserido no EsCo principal (que eu dou *um exemplo de porta*). Entretanto, a cláusula *que é excelente*, identificada como relativa não restritiva, além de não estar inserida prosódica e sintaticamente na mesma unidade informacional, apenas acrescenta uma informação sobre o SN antecedente, ou seja, não entra no cômputo de sua identificação, pois já está delimitada. Nos termos de Cristofaro 2003, esse tipo de cláusula não pode ser identificado como subordinada. Assim, como a cláusula matriz (EsCo principal), a cláusula não restritiva pode ser afetada pela *negação sentencial* e pela *interrogação*, ou seja, ambas possuem perfis cognitivos próprios. Na realidade, esses testes não dizem respeito a tipos específicos de cláusulas, mas ao *status* cognitivo/pragmático de diferentes partes da sentença. Assim, a parte da sentença que não é sensível à aplicação desses testes contém o EsCo

dependente – caso das relativas restritivas. Em outras palavras, se não há assimetria conceitual não há subordinação.

A perspectiva de Cristofaro das cláusulas relativas como um caso de assimetria cognitiva entre dois EsCo, mesmo que seja consistente quanto às propriedades semântico-pragmáticas, uma vez que define o processo de relativização nos termos de um conjunto subjacente de hipóteses do falante acerca do *status* da informação do conteúdo da cláusula relativa, apresenta alguns problemas, por exemplo: como seria analisada a assimetria cognitiva de cláusulas relativas que ocorrem isoladas de uma cláusula matriz na fala, mas que possuem valor pragmático, como em (12):

☛(12) bfaamd101,177, ”trenzim que espirra //

Nessa seção, vimos que a definição de cláusulas relativas não é uma tarefa simples nos estudos linguísticos, sejam os que analisam a língua escrita, sejam os que analisam transcrições de fala que, naturalmente, desconsideram a função da prosódia. Além disso, a depender da orientação teórica, a relativização é descrita sob um ângulo formal ou funcional. Todavia, todos esses estudos reconhecem a alta produtividade desse fenômeno nas línguas naturais. Na próxima seção, apresentaremos outras perspectivas, nas quais a língua falada é realmente posta em escrutínio.

## 2.2 Cláusulas relativas e os estudos da fala espontânea

Diferentemente de todos os trabalhos sobre as cláusulas relativas expostos até aqui, os estudos a seguir, a despeito de algumas divergências, a exemplo da unidade de referência para os estudos da fala, possuem dois postulados comuns, os quais corroboramos: (i) o papel precípua da prosódia na estruturação da fala, bem como (ii) o uso da Linguística de *Corpus*, por meio da observação sistemática de *corpora* de fala espontânea, como condição decisiva para o estudo dessa modalidade. Assim, destacamos os trabalhos de Miller e Weinert (1998) e Cresti (2014).

Para Miller e Weinert (1998), a estrutura sintática da fala espontânea é diferente da língua escrita. Se comparada a esta última, a fala apresenta uma sintaxe fragmentada, e a sinalização dêitica tem papel fundamental na promoção de sua unidade. Nesse contexto, os autores introduzem dois conceitos importantes para o estudo da fala: *unidades de informação* e

*unidades de entoação*, as quais são limitadas por *pausas*. As unidades de informação são grupos tonais que consistem de um ou mais pés. Um pé inicia-se com uma sílaba tônica seguida por uma ou mais sílabas não tônicas. Um grupo tonal contém uma sílaba tônica que é a sílaba que recebe o movimento máximo do *pitch*<sup>22</sup>, ou seja, a maior intensidade prosódica<sup>23</sup>. Já as *unidades de entoação* dizem respeito a contornos prosódicos, nos quais uma sequência de palavras está limitada. Todavia, dentro das unidades de entoação, cabem agrupamentos sintáticos que podem ou não coincidir com os grupos tonais das unidades de informação.

Embora reconheçam que a prosódia é a responsável pela estruturação da fala nos termos de unidades de informação e entoação, as autoras apontam uma unidade sintática como a unidade de referência da fala: a *cláusula*. Compreendida como uma estrutura complexa que envolve uma configuração sintática e um estado de coisas (evento), a cláusula possui um núcleo que compõe o seu centro (alguns elementos do núcleo são facultativos ou obrigatórios dependendo do tipo de predicador) e uma periferia opcional. No exemplo *O carro colidiu com a barreira ontem de manhã*, o núcleo é o verbo *colidir*, sinalizando que a cláusula diz respeito a um evento de *choque entre dois ou mais corpos*. Os participantes são as entidades referidas o *carro* e a *barreira*. O último sintagma nominal *ontem de manhã* é opcional, pertence à periferia do verbo em questão. Contudo, a noção de cláusula como unidade de referência para a fala é problemática, uma vez que uma grande parte das nossas interações linguísticas é realizada sem a presença de verbos, mas por intermédio de uma série de *chunks linguísticos*.

Miller e Weinert (1998) reconhecem que os fenômenos sintáticos de coordenação e subordinação ocorrem na fala espontânea. Contudo, são definidos nos termos de *sintaxe integrada* ou *sintaxe fragmentada*. Dessa forma, a coordenação é caracterizada pela sintaxe integrada, e a subordinação pela sintaxe fragmentada, pois a sua ligação é mais flexível. Contudo, essa última pode se manifestar de duas formas: (i) cláusulas matrizes ligadas às subordinadas via a presença de conjunções subordinativas – tal como ocorre na escrita –; ou (ii) sequências que se

---

<sup>22</sup> The *pitch* “is an auditory sensation: when we hear a regularly vibrating sound such as a note played on a musical instrument, or a vowel produced by the human voice, we hear a high pitch if the rate of vibration is high and a low pitch if the rate of vibration is low” (ROACH, 2011, p. 67). Tradução minha: “o tom é uma sensação auditiva: quando ouvimos um som vibrando regularmente, como uma nota tocada em um instrumento musical ou uma vogal produzida pela voz humana, ouvimos um tom agudo, se a taxa de vibração é alta; e um tom baixo, se a taxa de vibração é baixa”.

<sup>23</sup> Para cunhar esse conceito, Miller e Weinert (1998) estabelecem uma conexão entre a hipótese de Chafe (1988) sobre a capacidade do falante de lidar com o fluxo de informações com a teoria de Halliday (1985) acerca da organização do conteúdo das cláusulas em unidades de informação.

parecem com cláusulas subordinadas, mas que são livres ou se diferem das subordinadas prototípicas no que concerne a ordem das palavras.

Haja vista tais considerações, as autoras definem as cláusulas relativas a partir da observação desse fenômeno num *corpus* de fala espontânea<sup>24</sup> do inglês. Assim temos:

- *Cláusulas relativas restritivas*: restringem a referência do sintagma nominal, ajudando o ouvinte ou o leitor a escolher o referente correto. Em inglês, são introduzidos por *that* ou uma *WH word*;
- *Cláusulas relativas não restritivas*: não restringem a referência do sintagma nominal, simplesmente adicionam informações extras acerca desse. São introduzidas apenas por *WH word* e, muitas vezes, são separadas de seu núcleo nominal por uma quebra do ritmo ou entonação.<sup>25</sup>

Na sequência, para fins de demonstração, em (13), tem-se uma ocorrência de relativa restritiva e, em (14), uma relativa não restritiva:

- (13) The car *that/which* Angus bought turned out to be rotten with rust  
 (14) The car/*which* Flora didn't want to buy in the first place/ turned out to be rotten with rust.

Em (13), a cláusula relativa restritiva *that Angus bought* restringe a referência *the car*, i.e.<sup>26</sup>, no conjunto de objetos *car*, o falante seleciona apenas aquele comprado por *Angus*. Já em (14), a cláusula relativa não restritiva *which Flora didn't want to buy* não delimita a referência *the car*. Além disso, entre o referente e a relativa não restritiva, há uma pausa no *contínuo* da fala, aqui marcado pela barra transversal (/). Miller e Weinert (1998) lembram que essa diferença prosódica na escrita é marcada por sinais de pontuação.

As autoras ainda apontam um terceiro tipo de cláusula relativa que é a do tipo que modifica não um substantivo, mas um evento ou proposição, conforme o seguinte exemplo:

- (15) The government imposed a tax on domestic fuel, which did not make them popular

Em (15), segundo as autoras, não é o combustível que fez o governo impopular, mas o ato de impor o imposto sobre o combustível doméstico. Essas cláusulas, denominadas de

<sup>24</sup> Para mais detalhes ver Miller e Weinert (1998).

<sup>25</sup> Para marcar essa “quebra do ritmo ou entonação” na fala, mencionadas pelas autoras, utilizamos uma barra transversal: “/”.

<sup>26</sup> A abreviação “i.e.” significa “*id est*” em latim, o que quer dizer “isto é” ou “ou seja”.

*relativas proposicionais ou de evento*, são introduzidas apenas pelo subordinante *which*. As autoras salientam que, nos dados do *corpus*, a maioria das orações relativas restritivas são introduzidas por *that* e todas as cláusulas não restritivas são introduzidos por *Wh word* – a maioria *who* ou *which* –, mas não existem ocorrências com *whom* ou *whose*. Segundo as autoras, as cláusulas relativas não restritivas, embora não sejam tão frequentes no *corpus*, carecem de uma investigação mais aprofundada.

Cabe destacar que Miller e Weinert (1998) assumem que a sua abordagem não é formalista nem funcionalista em termos de modelos teóricos sintáticos. A investigação analítica sobre a fala espontânea foi realizada, segundo elas, observando tanto as propriedades formais da estrutura de componentes e suas relações de dependência quanto as propriedades funcionais que envolvem o contexto no qual foi produzida.

Apesar de o trabalho das autoras trazer uma contribuição interessante ao reconhecer a função da prosódia nos estudos da fala e atestar a natureza fragmentada dessa diamesia, a nosso ver, apresenta alguns problemas: (i) confunde pausa com o conceito de quebra, fenômeno prosódico responsável pela divisão do *contínuo* da fala em unidades; e (ii) postula a *cláusula* como a unidade de referência da fala, contudo sua configuração exclui uma série de conteúdos locutivos que não possuem verbo, mas funcionam comunicativamente. Além disso, as autoras limitam-se à descrição e à apresentação da frequência dessas cláusulas no *corpus* e não explicam, assim como os estudos tradicionais da língua escrita, como se dá a diferença semântica entre relativas restritivas e não restritivas em termos de dispositivos linguísticos.

Já Emanuela Cresti (2014) apresenta uma proposta de cláusula relativa mais robusta para a língua falada, haja vista a centralidade da prosódia na definição das unidades dessa diamesia. Antes, todavia, faz-se necessário apresentar a perspectiva de sintaxe da *Language into Act Theory* (CRESTI, 2000), arcabouço teórico no qual a autora se sustenta para definir tais cláusulas.

Dentro da *Language into Act Theory* (LAcT), a prosódia<sup>27</sup> é o componente central. Assim, a noção de sintaxe, bem como de outros fenômenos relacionados à informação segmental, está correlacionada à estrutura e ao comportamento das propriedades prosódicas. Tais propriedades são tomadas para: (i) definir o *enunciado* (a menor unidade pragmaticamente

---

<sup>27</sup> A prosódia pode ser definida como o conjunto de elementos não segmentais ou suprasegmentais da fala que engloba acento, ritmo, tom, tempo e entonação, cujos correlatos auditivos constituem-se de melodia, intensidade e velocidade da fala.

autônoma identificável no fluxo da fala); (ii) identificar os diversos atos de fala (asserção, ordem, pedido etc.); e (iii) estruturar informacionalmente a fala. Para detalhamento dos postulados da LAcT, consultar seção 3.1, capítulo 3.

Assim sendo, o estudo de qualquer fenômeno sintático, a exemplo das cláusulas relativas, só poderá ser realizado se forem observadas hierarquicamente: (i) a *unidade ilocucionária* que se realiza por meio do enunciado; (ii) a *estrutura informacional* que compõe o enunciado – já que este pode ser *simples*, composto de uma única unidade informacional, ou *complexo*, composto por mais de uma unidade informacional –; e (iii) a *estrutura sintática* que está restrita aos limites da unidade informacional. Como a sintaxe está restringida aos limites das unidades informacionais, a LAcT considera que cada unidade informacional é uma ilha sintático-semântica. Nos termos de Cresti (2011, p. 56), “as unidades informacionais concebidas para a realização de uma determinada função informacional identificam a unidade linguística como uma configuração sintática local e uma ilha semântica”. Para efeitos de demonstração, observa-se a relação entre as unidades informacionais de Tópico (TOP) e Comentário (COM) postos no enunciado abaixo:

☛ (16) bfamcv01,39,"problema é que esse último campeonato nosso /=TOP=foi ruim  
//=COM

Em (16), tem-se duas unidades informacionais TOP e COM, delimitadas por uma quebra prosódica não terminal, representada por uma barra simples “/” na transcrição. Essas duas unidades compõem o enunciado, a menor unidade pragmaticamente autônoma identificável na fala, delimitado por uma quebra prosódica terminal, representada na transcrição por uma barra dupla “//”. Essa quebra terminal delimita o enunciado em relação aos outros enunciados no fluxo da fala. No contexto da LAcT, a relação entre TOP-COM em (16) não se dá pela relação de predicação aparente, na qual o SN *esse último campeonato nosso* em TOP seria o sujeito sintático do predicado *foi assim* em COM. De acordo com Cresti (2011), o TOP funciona como a representação linguística de uma proeminência pragmática/contextual que atua sobre a interpretação do conteúdo locutivo do COM. Dessa forma, em (16) acima, teríamos então duas unidades informacionais que funcionariam sintaticamente independentes, mas dependentes do ponto de vista informacional, já que compõem o mesmo enunciado.

Para ilustrar, segmentamos, abaixo, o enunciado em (16) quanto às suas respectivas unidades informacionais: Tópico (TOP – 16a) e Comentário (COM – 16b). Ao ouvi-las em

separado, percebemos que não estão “completas” prosodicamente. Embora, no que diz respeito a (16b), temos a percepção de que essa unidade poderia funcionar sozinha. Isso ocorre porque o COM é o responsável por veicular a força ilocucionária, ou seja, a ação linguística.

- ☛ (16a) bfamecv01,39, “problema é que esse último campeonato nosso /=TOP
- ☛ (16b) bfamecv01,39, “foi ruim //COM

Essa relação, entre TOP-COM, é estabelecida pela prosódia ao marcar o papel informacional de cada unidade informacional: o perfil prosódico de Prefixo do TOP não é o mesmo do perfil prosódico de Raiz do COM. Assim, o TOP funciona sempre como um anacoluto sintático e uma ilha semântica em relação ao COM. É o ato ilocutivo (ordem, pedido, asserção etc...), via prosódia, que ativa a ilha sintático-semântica de cada unidade informacional. Em outros termos, a relação sintática no padrão TOP-COM, nos termos tradicionais, só é possível se o comportamento da prosódia for ignorado. Ao considerar a prosódia, Cresti (2011) estabelece o âmbito da sintaxe na LAcT: a sintaxe está restringida aos limites das unidades informacionais. Logo, cada unidade informacional funciona como uma ilha sintático-semântica.

Dessa forma, os constituintes sintáticos tradicionais são organizados dentro da unidade informacional. Segundo Cresti (2014, p. 368), “a sintaxe do enunciado não corresponde a uma configuração hierárquica unitária, mas a combinação de orações sintáticas, sintagmas ou fragmentos locais”, ou seja, a sintaxe do enunciado se dá por intermédio de um processo de *combinação de ilhas sintático-semânticas*. Assim como essas orações, sintagmas ou fragmentos locais não formam necessariamente uma entidade composicional, ou seja, uma proposição com valor de verdade. A semântica, nesse contexto, corresponde à combinação de domínios (cenas) entre as unidades (p. 370). Portanto, não há *composicionalidade* sintático-semântica entre as ilhas, como já foi mostrado em (16). Dessa forma, as relações sintáticas de predicação, regência, modificação, subordinação e coordenação têm escopo apenas dentro de cada unidade informacional – ou ilha sintático-semântica. Nessa perspectiva, a LAcT reconhece dois tipos de relação sintática na fala: a *sintaxe linearizada* e a *sintaxe padronizada*. Tais postulados não podem ser confundidos com a perspectiva de sintaxe *integrada* e *fragmentada* em Miller e Weinert (1998), já que o que é fragmentado na sintaxe é “integrado” informacionalmente no enunciado, por meio das relações pragmáticas entre as unidades que se combinam.

Sobre as estruturas linearizadas, Cresti (2011, p. 58) afirma que “as expressões linguísticas participam na mesma configuração sintática e compõem o mesmo domínio semântico

apenas se elas estão linearizadas a partir de um ponto de vista fonético ou prosódico”. Em outros termos, a linearização do material locutivo se dá por meio de sua integração fonético-prosódica dentro de uma unidade informacional. Em (17), o conteúdo locutivo do enunciado abaixo está linearizado foneticamente dentro de uma única unidade informacional de COM, portanto apresenta uma sintaxe linearizada na qual há uma relação de hierarquia entre os constituintes expressos na oração:

☛ (17) bfammn01,85, "na Amazonas tem muito dessa cobra aí // =COM

Já a sintaxe padronizada corresponde a estruturas sintáticas que são realizadas em mais de uma unidade informacional. Cresti (2014, p. 383) explica a subordinação em estruturas padronizadas da seguinte forma:

A versão padronizada das ‘estruturas subordinadas’ corresponde à combinação de pelo menos duas ilhas sintáticas/semânticas em diferentes unidades textuais, com cada uma cumprindo sua função informacional própria. De acordo com essa perspectiva, a distribuição dos elementos (a oração ou o núcleo sintagmático de uma aparente regência, a conjunção, o aparente constituinte ou oração) pode variar amplamente, produzindo diferentes graus de articulação sintática e semântica entre as duas ilhas.<sup>28</sup>

A padronização sintática pode ser observada no exemplo (18), abaixo, no qual o material locutivo está distribuído em duas unidades informacionais COB e COM. Nesse exemplo, tem-se um período composto por subordinação no qual a oração principal se encontra no COB, e a oração subordinada no COM.

☛ (18) bfammn01,89, "talvez agora já acabou /=CMB= porque já desmataram muito /=COM= né // =PHA="

Em pesquisa sobre orações completivas e adverbiais no *corpus* C-ORAL BRASIL, Bossaglia (2014, 2015) identifica várias estruturas padronizadas: CMM ou COB, ou no padrão (INT) TOP-COM, INT-COM, COM-DCT-COM (4), PAR-PAR, uma de COM-APC, uma de TOP-INT. Conforme a autora:

<sup>28</sup> Tradução minha. Original: “The patterned version of ‘subordination structures’ corresponds to the combination of at least two syntactic/semantic islands in diferente textual units, with each accomplishing its proper information function. According to this perspective the distribution of elements (the clause or the frase head of the aparente regency, the conjunctions, the aparente subordinate frase or clause) can very greatly, producing diferente degrees of syntactic in semantic linkage the two islands” (CRESTI, 2014, p. 383).

[...] nos casos de padronização a sintaxe passa a ser ‘orientada’ pelas funções pragmáticas, isto é, ligadas à ação que o falante cumpre com seu ato de fala: quando distribuídas ao longo de mais unidades informacionais, as estruturas sintáticas deixam de ser interpretáveis de acordo com análises tradicionais de dependência, e assumem funções pragmáticas específicas. (BOSSAGLIA, 2014, p. 51)

Em outras palavras, não há, portanto, uma relação de dependência na sintaxe padronizada. O que ocorre é a combinação de ilhas sintáticas de diferentes unidades informacionais definida por necessidades pragmáticas evocadas na situação comunicativa. Uma vez exposta à visão de sintaxe da LAcT, passa-se às cláusulas relativas, objeto desta investigação.

Cresti (2014), citando Scarano (2009), identifica pelo menos três tipos de construções relativas na fala espontânea do italiano, observadas no *corpus* C-ORAL ROM: *restritivas*, *não restritivas*, e *pseudo-relativas*, as quais apresentamos a seguir:

*Relativa linearizada* (restritiva): corresponde à ocorrência de todos os elementos linguísticos que participam da relação sintática dentro de uma única unidade textual: (1) a cláusula ou o núcleo do sintagma de regência; (2) a conjunção que liga o constituinte dependente; e (3) o sintagma ou a cláusula subordinada.

**Descrição sintático-semântica:**

- Sintaxe [N [S ' ] ] NP

- Semântica

(19) ifammn24, “e /DCT come vedi /PAR ognuno ci coltiva *quello che più gliarba* //COM

('and, as you can see, each one can grow here that they prefer')

*Relativa padronizada* (não restritiva): corresponde à combinação de pelo menos duas ilhas sintático/semânticas em diferentes unidades textuais, cada uma cumprindo a sua função informacional. Conforme a autora, a distribuição dos elementos – (1), (2) e (3) – pode variar muito, produzindo diferentes graus de articulação sintática e semântica entre as ilhas envolvidas.

**Descrição sintático-semântica:**

a. *Apêndice do Comentário*

- Syntax [[...] [NP] / COM [conjunção+cláusula relativa] S ' / APC .... //

- Composição semântica (1 modalidade)

b. *Parênteses*

- Syntax [[...] [NP] / TOP [+ conjunto cláusula relativa] S ' / PAR .... //

- Na composição semântica (1 modalidade + 2 modalidade)

(20) ifamd14, "forse /TOP perché c'era una cosa [/] un libro fotografico /COM *che gli interessava* //APC

('Maybe, because there was one thing, a photography book, that interested him')

Em (19), tem-se uma relativa restritiva linearizada em COM: ognuno ci coltiva *quello che più gliarba*. Já, em (20), tem-se uma relativa não restritiva linearizada em APC: *che gli interessava*. Enquanto o SN referente se encontra em COM: *un libro fotografico*.

Cresti (2014) ainda apresenta um tipo de relativa chamada de *pseudorrelativa*. Todavia, não apresenta uma descrição acurada desse tipo de cláusula, tal como faz com as outras cláusulas. As pseudorrelativas são orações que, por redução morfossintática, têm as informações de tempo, aspecto, modo e flexão eliminadas de seu verbo, ou seja, são expressões verbo-nominais que seguem o SN antecedente e que, como as outras, o delimitam. Abaixo, no exemplo (21), retirado de Cresti (2014), temos a pseudorrelativa *che camminano* inserida na Apêndice de Comentário (APC), enquanto o SN antecedente, *lumini*, é um dos elementos do Comentário (COM):

- *Pseudorrelativa*

(21) ifammn03, "in lontananza si vede de' lumini /COM *che camminano* //APC

'in the distance you could see little lights, that were walking'

A nosso ver, a proposta apresentada por Cresti (2014) para as cláusulas relativas na fala espontânea é a mais robusta, na medida em que considera realmente a informação prosódica como o elemento que estrutura de fato a língua falada. Nesse contexto, submetendo até mesmo à sintaxe. Do contrário, a fala não estará verdadeiramente em escrutínio como campo de investigação.

Diante disso, nesta pesquisa, assumimos os postulados da LAcT (2000) sobre a sintaxe na fala espontânea e a descrição de Cresti (2014) acerca das cláusulas relativas como norteadores. Entretanto, buscamos, além de descrever as cláusulas relativas na fala espontânea do PB, explicar a distinção semântica entre cláusulas relativas restritas e não restritivas, questão que a autora não trata em sua proposta e que, a nosso ver, é fundamental para compreender o estatuto da relativização. Ainda mais porque os estudos tipológicos vêm afirmando que só as relativas

restritivas podem ser consideradas instâncias de relativização. O mesmo vale para os procedimentos sintáticos que envolvem cada uma. Ou seja, apesar de as chamadas relativas não restritivas possuírem uma forma sintática similar às relativas restritivas, semântica e sintaticamente são distintas. Hipótese com a qual corroboramos.

Para encerrar esta seção, destacamos a tese de Souza (2009), um dos poucos estudos que discutem as cláusulas relativas na fala. Embora não seja o núcleo de sua investigação, Souza analisou as cláusulas relativas finitas do PB contemporâneo com base numa amostra constituída de textos do domínio discursivo jornalístico da escrita e da fala. A sua hipótese era a de que a classificação binária das relativas não recobria todos os seus usos. Nesse sentido, defende quatro categorias de cláusulas relativas: não restritiva prototípica, não restritiva não prototípica, restritiva prototípica e restritiva não prototípica. Segundo a autora, os principais fatores determinantes dessa tipologia são o grau de definitude e o *status* informacional do SN antecedente. Quanto à modalidade oral, analisada acusticamente com base instrumental, Souza afirma que entram em jogo os aspectos prosódicos e a pausa. As restritivas pospostas prototípicas caracterizam-se pela ausência de marcas prosódicas, enquanto as não restritivas são marcadas por uma segmentação em relação à cláusula matriz, cuja principal manifestação é o tom de fronteira, sendo a pausa um fator secundário. De acordo com a autora, a prosódia mostrou-se congruente com a sintaxe em relação à distinção entre as cláusulas relativas na modalidade oral.

A proposta de Souza (2009) está sustentada em Lehmann (1986). Contudo, entendemos que a sua abordagem é problemática, visto que: (i) o *corpus* utilizado não é necessariamente de fala espontânea, já que está enviesado pela diamesia escrita que marca os textos jornalísticos; e (ii) a pressuposição de um *contínuo* entre as cláusulas relativas subfocaliza a função cognitiva da relativização, qual seja, delimitar/restringir uma referência dentro de um conjunto de referentes possíveis, haja vista um traço específico exigido pela situação pragmática. O que definitivamente diferencia a relativa restritiva de quaisquer outras.

### **2.3 Resumo do capítulo**

Neste capítulo, apresentamos a definição das cláusulas relativas segundo diversas perspectivas linguísticas. Nesse percurso, constatamos que as abordagens destacadas (tradicional, descritiva, gerativista, tipológica, da fala) corroboram a semântica das cláusulas

relativas, ou seja, a relativização é um fenômeno que permite às línguas naturais delimitar/restringir um elemento nominal por meio de uma cláusula. Contudo, não há consenso quanto ao tipo de dependência que promove esse fenômeno. Para os estudos tradicionais, descritivos, gerativistas e algumas vertentes tipológicas, essa dependência é, sobretudo, sintática e ocorre por meio do uso de um subordinante (conjunção, pronome relativo) ou por redução morfossintática do verbo. Para outros, como algumas vertentes dos estudos tipológicos, a dependência é de natureza semântico-pragmática, uma vez que nem todas as línguas naturais apresentam os mesmos recursos sintáticos para descrever o mesmo evento. No caso dos estudos das cláusulas relativas na fala espontânea, dos quais destacamos os estudos de Miller e Weinert (1998) e Cresti (2014), para além do debate entre a natureza da dependência, é preciso considerar o papel da prosódia na estruturação informacional da fala. Entre esses trabalhos, as divergências surgem tanto na escolha da unidade de referência da fala (*cláusula* vs. *enunciado*) quanto na compreensão de como a sintaxe da fala se efetiva (*integrada/fragmentada* vs. *linearizada/padronizada*). A decisão sobre tais postulados pode afetar a noção de cláusula relativa para a fala. Porém, um fato é comum a esses estudos: nenhum deles apresentou uma definição completa da relativização, no que concerne aos recursos disponibilizados pela língua para delimitar/restringir um elemento na superfície linguística. Esse é o desafio desta pesquisa, como também a descrição semântica e sintática dessas cláusulas no PB.

### 3 PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Esta pesquisa tem como objetivo geral investigar as cláusulas relativas na fala espontânea do português do Brasil (PB). Para tanto, adota uma abordagem empírica de pesquisa que parte da observação sistemática dos dados para a identificação e, posterior, generalização teórica acerca do fenômeno estudado. Nesse contexto, assume os pressupostos metodológicos advindos da Linguística de *Corpus* (MELLO, 2014; BERBER SARDINHA, 2004; HARDIE; MCENERY, 2002; SHEPHERD, 2009), já que esta oferece vantagens no que se refere à conciliação entre critérios qualitativos e quantitativos, tais como: verificação, distribuição e caracterização do objeto investigado numa amostra de língua ou da variante linguística selecionada. Ademais, torna possível a investigação da língua em uso, haja vista a identificação do contexto de ocorrência, a verificação de padrões envolvidos, bem como o entendimento das condições que coexistem e influenciam, em alguma medida, o uso de um dado fenômeno linguístico – aqui, as cláusulas relativas na fala espontânea do PB. Nesse recorte, será utilizada uma amostra balanceada do *corpus* C-ORAL BRASIL, a qual será chamada de *minicorpus*. Diante disso, esta pesquisa tem como objetivos específicos: (i) propor uma definição funcional<sup>29</sup> para a relativização clausal; (ii) delinear os processos de subordinação envolvidos nas cláusulas relativas encontradas no PB; (iii) explicitar a operação semântico-cognitiva implicada no processo de relativização clausal; e, por fim, (iv) descrever as cláusulas relativas na fala espontânea do PB morfossintaticamente.

No contexto deste trabalho, este capítulo exhibe o recorte teórico que sustenta esta pesquisa, conjugado com os procedimentos metodológicos usados para o tratamento das cláusulas relativas, oriundas do *minicorpus* do C-ORAL BRASIL. Sendo assim, apresenta o seguinte percurso: a *Language into Act Theory* (CRESTI, 2000, RASO, 2012) seguida da descrição do *corpus* C-ORAL BRASIL e das ferramentas computacionais envolvidas para o tratamento dos dados. Após, tem-se a apresentação do conjunto de postulados que são equacionados na definição de cláusula relativa, os quais estão articulados a princípios da Linguística Cognitiva (LANGACKER, 1987, 1991; FAUCONNIER; TURNER, 2002;

---

<sup>29</sup> Em outros termos, a forma linguística é resultante das funções que exerce dentro dos contextos de uso. Assim, as explicações geradas consideram a relação entre forma e contexto. Essa visão se opõe à formal, na qual a língua é observada apenas nas relações internas entre suas partes, gerando explicações que consideram somente a estrutura em si.

SALOMÃO, 1999; MIRANDA, 2001). São eles: a *unidade informacional como ilha sintático-semântica* (CRESTI, 2014); a *noção de dependência sintática* (HOPPER; TRAUGOTT, 1993); a *justaposição como procedimento sintático* (RODRIGUES, 2015; CRISTORAFO, 2003); a *noção de assimetria cognitiva e a relação entre instanciação e grounding* (LANGACKER, 1987, 1991); o *domínio de relativização vs. subconjunto restringido* (KEENAN; COMRIE, 1977); e, por fim, o *fenômeno do escopo semântico* (BARKER, 2015; NEGRÃO, 2003; SZABOLCSI, 2000) redimensionado aqui.

### 3.1 A Language into Act Theory (LAcT)

A *Language into Act Theory* (CRESTI, 2000; CRESTI; MONEGLIA, 2005; RASO, 2012) é uma teoria *corpus-driven*. Isso significa dizer que essa teoria obedece ao critério indutivo de pesquisa, i.e., a generalização teórica ocorre num momento posterior à observação sistemática das regularidades de um dado fenômeno linguístico. Como extensão da *Teoria dos Atos de Fala* (AUSTIN, 1962), a *Language into Act Theory* (doravante LAcT) é uma teoria pragmática, pois entende a fala como resultado da atividade comunicativa do falante, ou seja, como uma forma de ação. Nesse contexto, eleger, como objeto de investigação, *a fala espontânea*. Caracterizada como a fala que é executada ao mesmo tempo em que é planejada (NENCIONI, 1983), a LAcT exclui, portanto, todas as situações em que a fala é derivada de um texto escrito previamente elaborado, tais como discursos lidos, peças de teatro, filmes, novelas etc. Sendo assim, para proceder à investigação da fala espontânea, haja vista a natureza transitória que marca a conjugação do meio (ondas sonoras) e do canal (o ar) de sua realização, a LAcT utiliza *corpora*, considerando um critério semiortográfico para a transcrição dos textos orais<sup>30</sup> (RASO; MELLO, 2009).

Dessa forma, ao considerar as características prosódico-informacionais da fala, a LAcT questiona o postulado tradicional de que o *turno conversacional*<sup>31</sup> é a unidade de referência da fala. Os argumentos para essa posição são os seguintes: (i) a constituição do turno é dada mais pela dinâmica comunicativa do que por fatores linguísticos; (ii) a delimitação do turno

<sup>30</sup> Ou seja, já no processo de transcrição, adota-se uma codificação morfossintática que captura certas características típicas da fala. Com essa metodologia, a teoria tenta evitar a interferência da língua escrita formal no processo de transcrição e busca capturar fenômenos de gramaticalização e lexicalização em curso na língua.

<sup>31</sup> O turno é definido como um trecho da fala contínuo de um mesmo falante, delimitado pela fala de outro falante (RASO, 2012, p. 185).

é incerta, uma vez que pode se constituir tanto por uma palavra quanto por um grande fragmento de texto; e (iii) a identificação do turno é incerta quando ocorre num contexto de sobreposição de fala. Além dessas críticas, cabe lembrar que nem toda interação ocorre nos moldes do turno conversacional, a exemplo dos monólogos. Tal postura teórica e metodológica implica na identificação de uma unidade linguística que corresponda à atividade comunicativa. Para a LAcT, essa unidade de referência deve ser delimitada a partir do nível pragmático-discursivo fundado na prosódia. Diante disso, partindo da *Teoria dos Atos de Fala* (AUSTIN, 1962), a LAcT postula como a unidade da atividade comunicativa, o *ato de fala*. Nesses termos, se a fala espontânea implica na execução de ações realizadas por meio dos atos de fala, logo identificar a unidade de referência da fala significa delimitar uma sequência pragmaticamente autônoma no contínuo sonoro da fala. A essa unidade delimitada, a LAcT chama de *enunciado*.

O enunciado<sup>32</sup> como unidade de referência da fala espontânea é definido como a menor unidade linguística que possui autonomia pragmática e interpretabilidade em isolamento. Nesses termos, o ato de fala se realiza por meio do enunciado, já que este relaciona o domínio das ações à unidade linguística. Cabe salientar que, nesse arranjo, a natureza do enunciado é pragmático-discursiva, e não semântico-sintática, ou seja, um enunciado não precisa apresentar obrigatoriamente um verbo e seus argumentos para ser delimitado como unidade linguística. Esse postulado da LAcT vai de encontro a maior parte dos quadros teóricos que tem, na *sentença* (HARRIS, 1962; CHOMSKY, 1970) ou na *cláusula* (BIBER *et al.*, 1999; MILLER; WEINERT, 1998), a sua unidade de análise, a exemplo dos quadros formalista e funcionalista, respectivamente.

Como sinalizado acima, o ato de fala se realiza por meio do enunciado. Tal como Austin (1962), a LAcT define o ato de fala como uma unidade complexa resultante de três atos simultâneos, quais sejam: *locutivo, ilocutivo e perlocutivo*. O ato locutivo corresponde à produção linguística em si (a ação de fala). O ato ilocutivo corresponde à ação realizada por meio da fala (a intenção do falante expressa numa ordem, pedido, promessa etc). O ato perlocutivo corresponde ao desejo do falante dirigido ao interlocutor, o qual parte de uma imagem mental.

---

<sup>32</sup> A acepção do termo *enunciado* tomado aqui se distancia e muito daquela apresentada por Bakhtin (2006 [1929]). Para o autor, o enunciado se refere a todo o momento de fala de um locutor, “segmentada” apenas com a tomada de fala por outro locutor. Nesse sentido, o enunciado pode ter a extensão de uma palavra até extensão de uma conferência inteira. O autor ainda assevera que, como unidade, o enunciado serve tanto à língua oral quanto à escrita. Entretanto, já se sabe que essas diamesias funcionam diferentemente, tanto nos respectivos contextos de uso quanto no meio e canal onde são realizados. Para mais detalhes, ver Raso (2013).

Contudo, vale destacar que o entendimento da LAcT, acerca deste último ato, é diferente da definição de Austin, já que esse último entende o ato perlocutivo como o efeito que um dado ato produz no interlocutor. Dessa forma, a LAcT se caracteriza como uma teoria que trata exclusivamente da produção linguística.

Nessa perspectiva, o *princípio ilocutivo* é um fundamento caro à LAcT. Esse princípio diz respeito à realização simultânea dos atos locutivo e ilocutivo. Segundo a LAcT, o princípio ilocutivo garante a relação biunívoca entre um enunciado e um ato de fala, ou seja, o enunciado veicula apenas uma única ação de fala por vez. Cabe lembrar que, como a natureza do enunciado é pragmático-discursiva, não há restrições morfossintáticas para a sua realização. Sendo assim, dentro dos limites do enunciado, acomodam-se tanto sentenças tradicionais quanto *chunks* linguísticos de várias ordens: fragmentos, interjeições, advérbios, frases. Para demonstrar, os exemplos (1a, b, c, d), abaixo, são considerados enunciados, pois possuem autonomia pragmática e podem ser interpretados isoladamente, apesar dos diferentes conteúdos locutivos que apresentam:

- ☛ (1a) bfamcv02,1,RUT,"e a Dani /=COB= já escolheu os padrim do casamento //COM<sup>33</sup>
- ☛ (1b) bfamcv02,2,TER,"não /=CMM= ainda não /=CMM
- ☛ (1c) bfamcv02,3,TER,"inda < nada > //COM
- ☛ (1d) bfamcv02,4,RUT,"< ai ai > //COM

Outro fundamento caro à LAcT é a *força ilocucionária*. É por intermédio dela que o enunciado realiza a *ilocução* – a ação da fala. Cada ilocução apresenta características prosódicas próprias que as diferenciam entre si. Tal diferença é expressa por meio de perfis entoacionais convencionais chamados também de *forma prosódica*. Por exemplo, toda ilocução de pergunta, apesar do conteúdo locutivo distinto no que concerne às formas morfossintáticas, sempre apresentará um perfil entoacional semelhante. Isso vale para todos os tipos de ilocução: ordem, pedido, saudação etc. É o perfil entoacional configurado por meio de traços prosódicos que permite a identificação das diversas ilocuições. Essa relação entre a ilocução e o perfil prosódico é

<sup>33</sup> Os enunciados do *corpus* C-ORAL BRASIL possuem um etiqueta de identificação que obedece ao seguinte formato: A sigla “bfamcv02” informa a língua (b = português brasileiro), o contexto (fam = familiar/privado, pub = público), a tipologia interacional (cv = conversação, dl = diálogo, mn = monólogo) e o número do texto em seguida. Depois do asterisco, há as iniciais dos falantes, seguido de um número entre colchetes, que indica o número do enunciado. Os colchetes angulares indicam sobreposição de fala. As barras simples indicam quebras prosódicas não terminais e as barras duplas indicam quebras prosódicas terminais. As anotações após as quebras prosódicas indicam a sigla das unidades informacionais. Essas informações serão explicadas na seção 3.1.2. (RASO; MELLO, 2012).

definida, grosso modo, como *critério ilocutivo*<sup>34</sup>. Além de ser responsável por essa tarefa, a prosódia também acumula mais duas funções: (i) mediar a relação entre o domínio linguístico e o domínio pragmático – ou entre enunciados e atos de fala; e (ii) segmentar a fala em enunciados, tanto no que se refere aos limites dessa unidade pragmaticamente autônoma quanto aos limites das unidades que o estruturam internamente.

A partir dessas considerações, a LAcT coloca então, no centro da sua abordagem, a *prosódia*, componente linguístico até então negligenciado ou pouco destacado em diversas abordagens da Linguística. Por prosódia, compreende-se a camada suprasegmental da fala que engloba tudo o que se encontra acima do nível segmental (fones). Nesse contexto, o componente prosódico envolveria parâmetros acústicos como frequência fundamental ( $f_0$ )<sup>35</sup>, intensidade e duração, percebidos como *pitch*, *loudness* e *length*<sup>36</sup> que, por sua vez, apresentam correlatos físicos de frequência, amplitude e tempo (KENT; READ, 1992). Fenômenos como perfil entoacional, acento, ritmo e velocidade da fala são objetos de estudo da prosódia. Para além disso, por meio da prosódia, é possível identificar ainda fenômenos ilocutivos da fala (atos de fala), características circunscritas ao falante que são de ordem extralinguísticas (sexo e idade) e paralinguísticas (estado emocional).

Como a LAcT concebe a fala como resultado das atividades pragmáticas do falante, um de seus grandes objetivos é identificar as ilocuções na fala espontânea, i.e., as ações verbais realizadas pelo falante sobre o seu interlocutor por meio do enunciado. Para isso, a categoria prosódica mais relevante é a *entoação* – ou seja, a variação de  $F_0$  (frequência fundamental) que incide sobre um segmento particular no contínuo da fala. De acordo com a LAcT, há quatro funções básicas da entoação: (i) segmentar cada enunciado no fluxo contínuo da fala; (ii) segmentar o enunciado em unidades internas (quando houver); (iii) atribuir uma ilocução específica a cada enunciado; e (iv) atribuir um valor ou uma função informacional a cada uma das unidades internas do enunciado. Para demonstrar essas funções da prosódia, tomemos a ocorrência em (2a) em relação a (2 b-d) abaixo:

☛ (2a) bfamcv02,1,RUT,"e a Dani já escolheu os padrim do casamento

<sup>34</sup> Essa questão se expressa de forma mais complexa. Para mais detalhes, consultar a tese de Bruno Rocha (2016).

<sup>35</sup> Frequência fundamental ou  $f_0$  se refere a uma medida do número de ciclos completos de vibração das cordas vocais por uma unidade de tempo (geralmente, o segundo) no momento da fala.

<sup>36</sup> Em português, esses termos correspondem, respectivamente, à altura e à duração. Contudo, há uma grande variação na tradução desses termos, diante disso, optou-se por mantê-los em inglês. Quanto ao termo *pitch*, a maior parte da literatura em português não traduz.

- ☛ (2b) bfamcv02,2,TER,"não //CMM= ainda não //CMM
- ☛ (2c) bfamcv02,3,TER,"inda < nada > //COM
- ☛ (2d) bfamcv02,4,RUT,"< ai ai > //COM

No contínuo da fala, (2b) é percebido como uma unidade em relação a outras unidades que se seguem. Isso ocorre graças à prosódia que (i) segmenta esse enunciado, individualizando-o entre outros enunciados presentes no contínuo da fala de RUT:

- ☛ (2b) bfamcv02,1,RUT,"e a Dani já escolheu os padrim do casamento //

Caso esse enunciado apresente unidades internas, a prosódia cumprirá a função de (ii) segmentar essas unidades segundo variações que independem da natureza do conteúdo locutivo. É o que constatamos em (2c):

- ☛ (2c) bfamcv02,1,RUT,"e a Dani / já escolheu os padrim do casamento //

Conforme já mencionado, a prosódia também atribuirá a esse enunciado (iii) uma ilocução (ação da fala: ordem, pedido, saudação etc.) e (iv) um valor informacional às suas unidades internas (confira na seção 3.1.1). Isso está parcialmente explicitado em (2d) com valores identificados aqui nas siglas COB e COM que correspondem a unidades informacionais (confira na seção 3.1.2):

- ☛ (2d) bfamcv02,1,RUT,"e a Dani /=COB= já escolheu os padrim do casamento  
//COM

Diante disso, fica evidente que essa variação do comportamento da prosódia é responsável pela estruturação da fala. Em outros termos: essas variações da prosódia são percebidas como *quebras prosódicas*, as quais podem apresentar valor conclusivo ou não dentro do contínuo da fala. Quando a quebra apresenta valor conclusivo, é definida como *quebra prosódica terminal*, ao passo que, quando não apresenta valor conclusivo, é chamada de *quebra prosódica não terminal*. As quebras percebidas como terminais indicam o fim de um enunciado. Dessa maneira, todo enunciado apresenta obrigatoriamente uma quebra prosódica terminal. Por outro lado, as quebras percebidas como não terminais indicam as unidades internas do enunciado. Nos exemplos acima, a barra dupla (//) marca a quebra prosódica terminal ou o fim do enunciado; e as barras simples (/) delimitam as suas unidades internas. O enunciado é considerado *simples*

quando não apresenta unidades internas, ao passo que é considerado *complexo* quando apresenta tais unidades. Para efeitos de exemplificação, tomamos as ocorrências a seguir:

- ☛ (3a) bfamcv02,1,RUT,"e a Dani /=COB= já escolheu os padrim do casamento //COM
- ☛ (3b) bfamcv02,3,TER,"inda < nada > //COM

Em (3a), tem-se um enunciado complexo marcado por uma quebra prosódica não terminal e uma terminal. Já em (3b), tem-se um enunciado simples marcado apenas por uma quebra prosódica terminal. A LAcT destaca ainda que as quebras prosódicas do enunciado possuem duas dimensões concomitantes: uma prosódica e outra informacional. Na dimensão prosódica, a quebra terminal ou não terminal é definida como *unidade tonal*. Na dimensão informacional essa quebra é definida como *unidade informacional*. Sendo assim, todo enunciado, na dimensão prosódica, apresenta pelo menos uma unidade tonal, já que todo enunciado possui uma quebra prosódica percebida como terminal. Já na dimensão informacional, a unidade obrigatória em todo enunciado é o *Comentário* (COM). A unidade de COM é a responsável por carregar a força ilocucionária do enunciado. A seguir, apresentam-se essas duas dimensões das quebras prosódicas com mais detalhes.

### 3.1.1 Unidades tonais: a dimensão prosódica das quebras

As unidades tonais, como vimos, correspondem às unidades existentes entre as quebras prosódicas não terminais e terminais. Como fenômeno resultante da variação prosódica, essas unidades tonais apresentam perfis específicos. Diante desse fato, o *Institute for Perception Research* (IPO), por meio de um modelo de fonologia perceptual, pretende constituir uma gramática da prosódia ao investigar, nas unidades, os seus perfis. Para tanto, o IPO utiliza métodos experimentais que envolvem a percepção. As pesquisas demonstraram que são produzidos muitos movimentos de *pitch* num enunciado (HART; COLLIER; COHEN, 1990). No entanto, os falantes só percebem os movimentos produzidos intencionalmente, ao passo que os movimentos involuntários, não. O *pitch* se relaciona justamente com os movimentos relevantes de um enunciado, ou seja, os movimentos intencionais que servem para a interpretação do enunciado. De acordo com Hart, Collier e Cohen (1990), as unidades tonais, considerando o *pitch contours*, apresentam os seguintes *perfis prosódicos*:

- (i) Raiz: configurações obrigatórias e não recursivas;
- (ii) Prefixo: configurações opcionais e algumas delas recursivas;
- (iii) Sufixo: configurações opcionais e não recursivas;
- (iv) Posfixo: configurações opcionais e não recursivas.

Assim, o *pitch contours* de um enunciado pode apresentar apenas uma Raiz; um Prefixo que precede uma raiz; um Sufixo que sempre segue uma raiz; e um Posfixo que pode preceder ou seguir unidades do tipo Raiz, mas não pode ocorrer em posição inicial. Em outros termos: a Raiz define a ilocução e identifica apenas a unidade de Comentário; o Prefixo, que é tipo do Tópico, precede unidades do tipo raiz; o Sufixo, que é típico da Apêndice de Tópico e Comentário, segue unidades do tipo Raiz; e o Posfixo pode preceder ou seguir unidades do tipo raiz, mas não pode ocorrer na posição inicial do enunciado, caso do Parentético. As unidades aqui citadas serão discutidas mais adiante.

Nos termos da LAcT, o perfil prosódico de Raiz é o que desempenha o papel fundamental no enunciado, pois é ele que veicula a ilocução. Variações no alinhamento silábico e na duração garantem que haja diferentes formas ilocutivas de um mesmo perfil prosódico de Raiz (FIRENZUOLI, 2003). De outro modo, a Raiz é a unidade pragmaticamente autônoma e é por meio dela que se configuram os diversos tipos de ilocuições. Além disso, é a Raiz que está associada à unidade informacional de COM – unidade mínima obrigatória para a realização de um enunciado. Assim, o conceito de unidade tonal está intimamente relacionado às unidades informacionais – tópico da próxima seção.

### 3.1.2 Unidades informacionais: a dimensão pragmático-informacional das quebras

De acordo com a *Information Patterning Theory* (CRESTI; MONEGLIA, 2005), os perfis prosódicos conferem valores informacionais às unidades tonais. Nessa perspectiva, a prosódia também seria a responsável por mediar a relação entre unidade tonal e unidade informacional. Para a LAcT, embora as unidades tonal e informacional pertençam a domínios distintos, respectivamente domínio prosódico e domínio pragmático-informacional, haveria um isomorfismo entre unidade tonal e unidade informacional garantido pela prosódia, que atribuiria um valor pragmático-informacional às unidades tonais. Contudo, há contextos em que esse isomorfismo é quebrado – essa questão será retomada posteriormente na seção 3.1.3. No

momento, para a identificação das unidades informacionais, entram em jogo os seguintes critérios:

- (i) *Critério funcional*: refere-se à função pragmática que desempenha a unidade informacional;
- (ii) *Critério entoacional*: refere-se às características prosódicas da unidade informacional, ou seja, seu perfil prosódico – Raiz, Prefixo, Sufixo, Posfixo;
- (iii) *Critério distribucional*: refere-se à posição que a unidade informacional ocupa em relação ao COM – unidade obrigatória no enunciado.

A partir desses critérios, as unidades informacionais são identificadas em dois grupos:

- (i) *Unidades textuais*: compõem o texto do enunciado: Comentário (COM), Comentário Múltiplo (CMM), Comentário Ligado (COB), Apêndice de Comentário (APC), Tópico (TOP), Apêndice de Tópico (APT). Ainda dentro desse elenco, há um subgrupo que reúne as unidades que têm a função de dirigir-se ao conteúdo textual do enunciado, no sentido de fornecer informações sobre como interpretá-lo, são elas: Introdutor Locutivo (INT) e Parentético (PAR);
- (ii) *Unidades dialógicas*: dirigidas ao interlocutor, regulam a interação, quais sejam: Alocutivo (ALL), Conativo (CNT), Conector Discursivo (DCT), Expressivo (EXP), Incipitário (INP) e Fático (PHA).

No Quadro 1, abaixo, para fins de síntese, temos essas unidades informacionais (UI) elencadas. Em seguida, apresentamos as características de cada uma delas mais cuidadosamente, bem como exemplos de ocorrências, nos quais as UIs estão destacadas em itálico.

#### Quadro 1 – Unidades informacionais

	<b>Tipo</b>	<b>Tag</b>	<b>Função</b>
<b>Unidades Textuais</b>	Comentário	COM	Veicula a força ilocucionária do enunciado.
	Tópico	TOP	Estabelece o âmbito de aplicação da força ilocucionária.
	Apêndice de comentário/ tópico	APC/APT	Integra textualmente a unidade da qual é apêndice.
	Parentético	PAR	Dá instruções sobre como deve ser interpretado o enunciado ou parte dele.
	Introdutor Locutivo	INT	Sinaliza que o que segue têm nível hierárquico diferente daquele da enunciação (geralmente, é uma metailocução).
<b>Unidades Dialógicas</b>	Alocutivo	ALL	Individualiza o interlocutor, marca coesão social.
	Incipitário	INP	Sinaliza o começo do turno ou do enunciado.
	Expressivo	EXP	Fornecer suporte emotivo para o ato de fala, marca coesão social.
	Conetor Discursivo	DCT	Sinaliza continuidade de uma sequência com a anterior.
	Fático	PHA	Sinaliza a abertura ou a manutenção do canal comunicativo.
	Conativo	CNT	Induz o interlocutor a cumprir ou desistir de certa ação.

**Fonte:** Bossaglia (2015, p. 312).

### 3.1.2.1 Comentário (COM)

A unidade de Comentário é a única unidade necessária e suficiente para a constituição do enunciado. Do ponto de vista funcional, o COM veicula a ilocução. Entoacionalmente, o COM possui um foco funcional – ou núcleo prosódico – que marca o seu valor funcional. Esse núcleo do COM especifica a ilocução veiculada pelo enunciado e cada ilocução associa-se a uma forma prosódica. Do ponto de vista distribucional, o COM possui um perfil de tipo Raiz. Assim, são as outras unidades que se organizam em torno dele. Quanto ao conteúdo locutivo, o COM sempre apresentará um conteúdo novo, mesmo que referencialmente o material locutivo já tenha sido mencionado anteriormente no discurso. Isso porque há diferentes ilocuições realizadas com o mesmo conteúdo locutivo, o que possibilita que esses enunciados não recebam uma interpretação tautológica (RASO, 2012). Em outros termos, o COM sempre se constituirá como uma “novidade” na ação comunicativa em curso, por essa razão, é sempre informativo. Para efeitos de

demonstração, considera-se a sequência abaixo retirada de Raso (2012, p. 96), na qual duas faxineiras conversam enquanto arrumam a cozinha:

(4) bfamd104 [99]-[107]:	
☛bfamd104,99,KAT,"o quê //	
☛bfamd104,100,SIL,"copos //	
☛bfamd104,101,SIL,"copos de Urano / que tem aí //	
☛bfamd104,102,KAT,"copos de quê //	
☛bfamd104,103,SIL,"urano //	%ill: [103] <i>conclusão</i>
☛bfamd104,104,KAT,"urano //	%ill: [104] <i>incredulidade</i>
☛bfamd104,105,SIL,"é //	
☛bfamd104,106,SIL,"urano //	%ill: [106] <i>confirmação</i>
☛bfamd104,107,SIL,"urano //	%ill: [107] <i>confirmação</i>

Em (4), temos em destaque a palavra *urano*, repetida em quatro enunciados distintos. Entretanto, esse conteúdo locutivo é realizado por ilocuções<sup>37</sup> diferentes. Na coluna da esquerda temos os enunciados, e na coluna da direita encontram-se as ilocuções realizadas por esses enunciados: *conclusão*, *incredulidade*, *confirmação* e *confirmação*. Cada enunciado acima apresenta uma novidade na ação comunicativa, considerando ilocuções distintas.

### 3.1.2.2. Tópico (TOP)

A unidade de Tópico (TOP)<sup>38</sup> possui a função de situar semanticamente o Comentário. Essa unidade possui um perfil prosódico do tipo Prefixo, o que significa que, além de situar-se à esquerda do COM, o TOP pode apresentar recursividade, constituindo, assim, uma *lista de tópicos* (TPL). Nesse caso, os TOPs são padronizados melodicamente e constituem um único domínio de aplicação da força ilocucionária presente no COM. Em (5a), abaixo, tem-se uma ocorrência de TOP, em (5b), dois TOP subsequentes, e, em (5c), a ocorrência de uma TLP:

- ☛ (5a) bpubcv01,10,FLA,"*aí depois disso /=TOP= a gente vem aqui pra esse caderno /=COM= né //PHA*
- ☛ (5b) bfammn05,51,CAR,"*essas criança até dez anos /=TOP= o [1]=EMP= o mundo que nós tamo vivendos hoje /=TOP= com dez ano já dá pa ver que dá trabalho //COM*
- ☛ (5c) bpubcv01,353,FLA,"*o [1]=SCA= o ceagaeme /=TPL(1)= o plasma /=TPL(2)= e a plaqueta /=TPL(3)= a gente armazena até o dia seguinte //COM*

<sup>37</sup> Para mais detalhes sobre a metodologia de investigação e classificação de cinco ilocuções encontradas no PB no corpus C-ORAL BRASIL, ver Rocha (2013).

<sup>38</sup> Para uma visão detalhada sobre o Tópico no corpus C-ORAL BRASIL, ver Deus (2008) e Mittmann (2012).

Assim como o COM, o TOP também pode carregar um foco funcional, isto é, um núcleo prosódico que indica o valor funcional da unidade. No caso do TOP, o foco funcional se encontra sempre à direita. Cabe destacar que não há necessariamente uma composicionalidade sintática entre o TOP e o COM, conforme pode ser visto na ocorrência a seguir:

☛ (5d) bfamcv01,11,EVN,"< porque o *Durepox* > /=TOP= pelo menos jogava bola //COM

Em (5d), o nome *Durepox* no TOP não está ligado ao predicado *jogava bola* no COM, ou seja, *Durepox* não é Sujeito desse predicado. A relação estabelecida entre eles é de natureza semântica e não sintática, uma vez que o TOP delimita o âmbito de referência do COM. Outro ponto a ser destacado sobre o TOP é que, do ponto de vista do conteúdo locutivo, ele pode ser realizado por sintagmas nominais, preposicionais, adjetivais, adverbiais e verbais ou, até mesmo, por uma sentença completa, conforme pode ser visto em (5e), abaixo, no qual temos uma sentença tradicional:

☛ (5e) bfamdl02,73,BAL,"que *eu dou um exemplo de porta* /=TOP= que é excelente //COM

### 3.1.2.3 Apêndices (APC e APT)

A função das unidades de Apêndice de Tópico (APT) e de Apêndice de Comentário (APC)<sup>39</sup> é a de promover uma integração textual às unidades de Tópico e de Comentário respectivamente. Essa integração pode ocorrer por meio de estratégias lexicais, correção ou repetição. Os Apêndices têm perfil de Sufixo, logo localizam-se imediatamente após a unidade por eles integrada, e não apresentam foco funcional, conforme os exemplos:

☛ (6a) bfamcv01,65,GIL,"da gente /=TOP= pra alguns setores da organização /=TOP= chamar o pessoal /=COM= *dos outro times* //APC

☛ (6b) bfammn05,84,CAR,"porque eu /=TOP= *também se fosse pela mãe* /=APT= nã levaria não //COM

### 3.1.2.4 O Parentético (PAR)

<sup>39</sup> Para mais detalhes sobre as unidades de Apêndice no *corpus* C-ORAL BRASIL, ver Jesus (2008) e, sobre o Apêndice de Comentário mais especificamente, ver Oliveira (2012).

A função do Parentético (PAR)<sup>40</sup> é metalinguística, ou seja, fornecer informações sobre o enunciado (ou parte dele), visando facilitar a compreensão do texto. Normalmente, é usado de forma modalizadora. O PAR pode se referir a todo o enunciado ou a outra unidade informacional: TOP, COM ou até outro PAR. Quanto ao seu perfil prosódico, pode ser nivelado ou modulado, sem núcleo funcional, com  $f_0$  mais baixa que a do restante do enunciado (mas há casos em que a  $f_0$  é mais alta). O PAR tende a ser realizado com velocidade um pouco superior à das demais UIs do mesmo enunciado. Do ponto de vista distribucional, ele pode ocorrer em quase todas as posições do enunciado (antes, depois ou mesmo inserido na unidade a que se refere), a única restrição é a de que não pode iniciar um enunciado. Observemos os exemplos abaixo: em (7a), tem-se dois PAR, cada um referente ao TOP que o precede; já em (7b), tem-se um PAR encaixado dentro da unidade de COM<sup>41</sup>.

☛ (7a) bpubmn01,65, SHE, 'porque /=DCT= o que acontece /=TOP= não sei como que é nas escolas /=PAR= é que o professor /=TOP= onde eu dava aula /=PAR= se vira com tudo //COM

☛ (7b) bfamcv04,118,BRU, "todo mundo olha /=i-COM= por exemplo /=PAR= do lado amarelo //COM

### 3.1.2.5 Introdutor Locutivo (INT)

A função do Introdutor Locutivo (INT)<sup>42</sup> é sinalizar que o conteúdo locutivo subsequente deve ser interpretado hierarquicamente em outro plano da enunciação, ou seja, fora do mundo real. Isso se efetiva por meio de *metailocução* via *discurso direto reportado*, *citação*, *exemplificação emblemática* e *pensamento falado* (CRESTI, 2000). Essa unidade introduz geralmente uma unidade de COM, mas pode introduzir também uma lista de TOP e PAR. Logo, distribucionalmente, o INT precede as unidades que ele introduz: COM, TOP e PAR. O INT apresenta um perfil prosódico descendente, velocidade de elocução alta,  $f_0$  baixa em relação ao conteúdo que o segue, contrastando assim com o valor da  $f_0$  do conteúdo seguinte. A velocidade de elocução alta e o contraste de  $f_0$  têm a função de indicar uma suspensão pragmática, ou seja, o

<sup>40</sup> Para mais detalhes sobre o Parentético no *corpus* C-ORAL BRASIL, ver Vale (2010).

<sup>41</sup> Vale salientar que, utilizando um *software* (*Audacity*) adequado, é possível extrair o PAR do enunciado. O resultado demonstra que não há prejuízo para a compreensão desse enunciado, ou seja, não há a impressão de “corte”. Isso se deve justamente às características prosódicas do PAR.

<sup>42</sup> Para mais detalhes acerca do Introdutor Locutivo no *corpus* C-ORAL BRASIL, ver Raso e Rocha (2011a).

*aqui* e o *agora* das unidades introduzidas é diferente daquele das unidades precedentes. Em (8a), abaixo, tem-se um INT introduzindo um discurso reportado:

☛ (8a) bfamd103,36,LUZ,"*ai cê ainda falou* /=INT= não /=COB\_r<sup>43</sup>= eu nũ vou fazer que nũ é uma /=SCA= disciplina que tem a ver comigo //COM

Cabe salientar que o INT pode inserir também uma ação oral não verbal e gestos.

Para ilustrar, apresentam-se ocorrências retiradas de Rocha (2016, p. 71):

☛ (8b) bfamcv04.174," BMR <se for> /=SCA= um passarinho /=TOP= *cê nũ pode fazer* /=INT= hhh //COM

☛ (8c) bfamcv04,464,HEL," mas primeiro cê nũ fez assim /=COB= *tipo* +=INT= [465] fez //COM

Em (8b), o INT insere uma ação oral não verbal (o assovio, transcrito como “hhh”). Já em (8c) é um gesto que é introduzido. Por se tratar de uma ação não verbal, esse gesto não pode ser transcrito. Nesse caso, o enunciado foi considerado um enunciado interrompido, marcado com o símbolo “+”, pois a falante não produz nenhuma sequência linguística após o INT. Isso se deve ao fato de que a sequência linguística que corresponde a esse enunciado não é interpretável em isolamento. Todavia, o conjunto formado pelo enunciado e o gesto que o segue deve ser considerado como um enunciado terminado, mesmo que não verbalmente, já que esse conjunto possui autonomia pragmática.

Para Raso (2012), ocorrências como essas são particularmente interessantes, já que ressaltam a multimodalidade da fala mesmo em um *corpus* que não é multimodal – no caso o C-ORAL BRASIL, cuja segmentação obedece a critérios pragmáticos. Além disso, ter o Comentário substituído por gesto em (8c) mostra como podem ser formados padrões informacionais complexos. Para o autor, o fato de que a unidade que carrega a força ilocucionária do enunciado (o COM) possa ser substituída por uma ação concreta constitui um forte argumento tanto a favor tanto da *Teoria dos Atos de Fala* (que concebe o enunciado como ação) quanto a favor dos critérios de segmentação da LAcT (que divide o enunciado em unidades que veiculam ações). Uma vez apresentadas as unidades textuais que compõem o texto do enunciado, passemos às unidades dialógicas responsáveis por regular a interação, quais sejam: Incipitário, Conativo, Fático, Alocutivo, Expressivo e Conector Discursivo.

<sup>43</sup> A anotação “\_r” indica discurso reportado.

### 3.1.2.6 Incipitário (INP)

A função do Incipitário (INP) é a de abrir o canal da comunicação de maneira a contrastar com o enunciado anterior. Contudo, esse contraste que a unidade do INP expressa não é de valor lógico-formal, mas é de valor afetivo, no sentido de um falante se opor a um interlocutor. O perfil prosódico do INP é ascendente, descendente ou ascendente-descendente, duração curta e intensidade alta. Do ponto de vista distribucional, a unidade de INP ocorre sempre no início do enunciado. Conforme exemplo (9b) abaixo

- ☛ (9a) bfamcv01,243,GIL,"< principalmente depois que eles tão > fazendo um campeonato e não nos chamaram /=TOP= eles < tão fora > //COM
- ☛ (9b) bfamcv01,244,EVN,"não /=INP= < Galáticos /=TOP= sem dúvida > //COM

### 3.1.2.7 Conativo (CNT)

A função do Conativo (CNT) é induzir o interlocutor a cumprir ou desistir de uma ação. Contudo, não apresenta autonomia prosódica e pragmática para que seja considerada uma ilocução. O Conativo possui perfil descendente, intensidade alta e duração curta. Não há restrições quanto a sua posição, assim pode ocorrer no início, no meio ou no fim de um enunciado. Em (10b), a seguir, tem-se o CNT que ocorre no início do enunciado:

- ☛ (10a) bfamdl02,37,BAL,"ela não conseguiu carregar a pilha por causa que isso aqui tava em duzentos-e-vinte //COM
- ☛ (10b) bfamdl02,38,BAL,"*tá vendo* /=CNT= a setinha tem que tá no cento-e-dez //COM

### 3.1.2.8 Fático (PHA)

A função do Fático (PHA) é a de abrir o turno ou manter aberto o canal comunicativo. Possui perfil nivelado, intensidade baixa e duração curta, frequentemente apresentando realização fonética reduzida. É uma das unidades dialógicas mais frequentes nos enunciados complexos. Aparecem em qualquer posição do enunciado. Tal como podemos ver respectivamente nos exemplos (10a), (10b), (10c):

- ☞ (10a) bfamdl02,209,BAL,"< porque /=PHA= isso aqui > /=TOP= < isso aqui > foi feito pra ser pregado aqui //COM
- ☞ (10b) bfamdl02,156,BAL,"na verdade /=TOP= < assim /=PHA= até viu > //COM
- ☞ (10c) bfamdl02,39,BEL,"apanhou e quase pôs fogo na casa /=COM= < não > //PHA

### 3.1.2.9 Alocutivo (ALL)

A função do Alocutivo (ALL) é marcar coesão social e individualizar o interlocutor. Tradicionalmente, o ALL corresponde ao que é chamado de *vocativo* pela tradição<sup>44</sup>. Contudo, a categoria do *vocativo* compreende também as ilocuções de *Chamamento*. Porém, há diferenças de natureza funcional e prosódica entre essas duas categorias. O ALL possui um perfil descendente, com baixa intensidade e nenhum foco prosódico, e é subordinado à unidade de Comentário de seu enunciado; já as ilocuções de Chamamento, além de possuírem uma duração, intensidade e variações de  $f_0$  maiores do que a do ALL, apresentam foco informacional, o que lhes confere autonomia prosódica e pragmática. Nos exemplos a seguir, tem-se, em (11a), um ALL e, em (11b), uma ilocução de Chamamento. Ambos apresentam o mesmo conteúdo locutivo *Bel*, porém, como já destacado, a função não é a mesma:

- ☞ (11a)bfamdl02,30,BAL,"um cuidado /=TOP= que cês têm que tomar /=APT= < Bel > +=ALL
- ☞ (11b) bfamdl02,246,BAL,"ô Bel //COM

### 3.1.2.10 Expressivo (EXP)

O Expressivo (EXP) possui uma função dupla: atuar como suporte emocional para a ilocução realizada no Comentário e estabelecer coesão social com o interlocutor ao tomar o turno sem marcar contraste afetivo. Entoacionalmente, o EXP apresenta perfil modulado, duração e intensidade média, sua posição é livre no enunciado. Contudo, apresenta forte tendência para ocorrer no começo do enunciado, em razão da função de tomada de turno.

---

<sup>44</sup> O vocativo é uma forma linguística usada para chamamento ou interpelação ao interlocutor no discurso direto, expressando-se por meio do apelativo. Desligado da estrutura argumental da oração e desta separado por curva de entoação exclamativa, cumpre uma função apelativa de 2ª pessoa (BECHARA, 2004, p. 460). A ilocução de Chamamento foi comparada ao vocativo, já que muitas teorias linguísticas ainda tratam a escrita dentro de um contínuo com a fala, entretanto, é preciso salientar que categorias de diamesias distintas não devem ser comparadas. Para mais detalhes, consultar Raso e Rocha (2011b).

- ☛ (12a) bfamcv04,9,CEL,"< que > burrice /=COM= *hein* //EXP
- ☛ (12b) bfamcv04,50,HEL,"*Nossa* /=EXP= vão mudar pro verde hhh //COM

### 3.1.2.11 Conector Discursivo (DCT)

A função do Conector Discursivo (DCT) é sinalizar que a sequência que se segue está em continuidade com o conteúdo da sequência anterior, seja essa sequência um enunciado, um subpadrão, uma unidade informacional ou outro turno. Nesse último caso, marca a continuidade com o que foi dito pelo interlocutor. Possui perfil modulado ou nivelado, duração longa e intensidade alta. Sua distribuição está restrita ao início de enunciado ou ao início de um subpadrão de *estrofe* – tal conceito será tratado na próxima seção. Para demonstração, observa-se a seguir, no enunciado (12c), a sua continuidade com (12a):

- ☛ (12a) bfamcv01,181,GIL,"< foi só na primeira > fase //COM
- ☛ (12b) bfamcv01,182,EVN,"< perdeu todas > //COM
- ☛ (12c) bfamcv01,183,GIL,"*porque* /=DCT= ele ficou naquele grupo difícil /=COM= e tal //APC

### *3.1.3 Os limites do isomorfismo entre unidades tonais e informacionais*

O isomorfismo entre o padrão prosódico e o padrão informacional do enunciado é um dos fundamentos da LAcT. Esse fundamento ampara-se no princípio ilocutivo que garante a relação biunívoca entre enunciado e ilocução, entre unidade tonal e unidade informacional, como já salientado na seção 3.1. No entanto, a teoria também reconhece que, apesar desse isomorfismo se realizar com alta regularidade, sobretudo em interações espontâneas de tipo dialógico ou conversacional, pode diminuir em contextos menos acionais como situações monológicas. Nesses casos, há grande ocorrência de unidades de *Escansão* (SCA), *Comentários Múltiplos* (CMM), *Comentários Ligados* (COB). Contudo, a LAcT também fornece os instrumentos para analisar esses casos, os quais estão ligados a certas tipologias discursivas e à forma como o discurso está nelas estruturado.

### 3.1.3.1 Unidade de Escansão (SCA)

A unidade de Escansão (SCA) ocorre quando uma unidade informacional (UI) se realiza em mais de uma unidade tonal. As UIs que geralmente são escansionadas são o COM, o TOP e o PAR – lembrando que as primeiras compõem o texto do enunciado e a última se dirige ao conteúdo textual deste. De acordo com Raso (2012, p. 114), a SCA pode ser ocasionada por diversas razões: (i) quando a dimensão silábica do conteúdo locutivo da unidade é muito grande e não é possível realizá-lo em uma única unidade tonal por razões fisiológicas; (ii) quando o falante possui pouca perícia na fala, como acontece frequentemente com falantes muito jovens ou de diastria baixa; (iii) por razões enfáticas; e (iv) por hesitação. Segundo o autor, a SCA não possui valor informacional. Somente a última porção de uma unidade escansionada carrega características prosódicas de um perfil próprio de unidade informacional, todas as outras unidades tonais anteriores à última apresentam perfil neutro, isto é, sem valor informacional. A ocorrência de SCA está restrita apenas às unidades textuais. É importante dizer que há composicionalidade sintática dentro de uma mesma UI em casos de Escansão, como se pode atestar em (13a) abaixo, ou seja, *quando* a SCA integra o conteúdo locutivo do Comentário:

☛ (13a) bfamcv03,137,CAR,"*quando* /=SCA= *o adversário só tem uma bola e a gente tem*  
/=SCA= *um monte* /=COM

### 3.1.3.2 Comentários Múltiplos (CMM)

Os Comentários Múltiplos (CMM)<sup>45</sup> configuram uma sequência de Comentários realizados via um padrão ilocucionário, cuja relação resulta num efeito retórico convencional. São duas ilocuções produzidas em apenas um padrão prosódico, sendo que cada ilocução apresenta sua própria força ilocucionária. Independentemente de tais ilocuções serem do mesmo tipo ou de tipos diferentes, elas são interpretadas holisticamente. Prosodicamente, cada elemento do CMM é do tipo Raiz. A lista de padrões ilocucionários do CMM ainda está em aberto. Contudo, já foram identificados padrões do tipo: *lista*, *comparação*, *pedido de confirmação* e *relação necessária*. Em (14a), tem-se um padrão de comparação e, em (14b), uma lista, conforme:

<sup>45</sup> Para mais detalhes sobre os Comentários Múltiplos no *corpus* C-ORAL BRASIL, ver Arruda (2013).

- ☛ (14a) bfamdl04,161,SIL,"ou é vinho bom caro /=CMM= ou é cerveja //CMM  
 ☛ (14b) bfamdl01,431,FLA,"gora é saco de /=INT= de lixo /=CMM= óleo /=CMM= arroz  
 /=CMM= e Sazon //CMM

### 3.1.3.3 Comentários Ligados (COB)

Em textos monológicos, dos quais narrações e argumentações são representantes, há baixa interatividade entre os interlocutores. O objetivo principal dessas situações é produzir um texto. Dessa forma, as unidades que compõem esse texto tendem a ser mais longas e, conseqüentemente, apresentam baixa acionalidade (MITTMANN, 2012). As ilocuções produzidas apresentam então uma prosódia de continuidade, indicando que o discurso ainda não terminou até que se chegue à última ilocução que sinalizará a finalização desse discurso. Tais sequências de ilocuções produzidas nesse padrão são chamadas de *Estrofe*. Por sua vez, cada parte de uma Estrofe contém um Comentário Ligado (COB). Assim como o CMM, o COB também possui perfil prosódico de Raiz. Contudo, diferentemente do CMM, em que há um padrão retórico entre duas ilocuções, o padrão prosódico de continuidade presente no COB gera um efeito de adjunção de ilocuções. Sendo assim, elas não formam um padrão retórico que deve ser interpretado holisticamente – diferentemente dos CMM, que apresentam padronização prosódica. Dessa forma, cada COB deve ser interpretado passo a passo até que se chegue ao fim da Estrofe. Além disso, segundo Cresti (2000), os COB possuem uma força ilocucionária mais fraca e homogênea, ou seja, são sempre da mesma classe ilocucionária.

Dentro de uma mesma Estrofe, podem surgir ainda subpadrões que envolvem cada um de seus COBs e outras UIs, frequentemente TOP e PAR. Os subpadrões são comumente ligados entre si por unidades de Conector Discursivo. As Estrofes podem ocorrer em qualquer tipo de texto, mas são comuns em tipologias com menor interatividade, como monólogos, marcados pela fraca interação entre o falante e o seu interlocutor. Em (15), a seguir, tem-se uma ocorrência de COB:

- ☛ (15) bfammn06,23,JOR” com as amigas adquirida /=SCA= que nós chamamos de network /=TOP= &he /=TMT= me apareceu uma outra /=SCA= hhh oportunidade dentro de uma multinacional /=COB= aonde eu fui desenvolver /=SCA= um trabalho de vendas /=COB= &he /=TMT= junto /=SCA= ao mercado /=SCA= concorrente dessa empresa onde eu estava /=COB= e lá eu fiquei um período /=COB= desenvolvendo o mesmo tipo de

trabalho /=PAR= logicamente com um salário melhor /=PAR= hhh e por amizade eu fui cair /=SCA= em uma multinacional /=SCA= que eu dei uma virada no produto //COM

Uma vez apresentada a LAcT, passa-se ao *corpus* de fala espontânea construído à luz de seus pressupostos: o *corpus* C-ORAL BRASIL.

### 3. 2 O *corpus* C-ORAL BRASIL

O *corpus* C-ORAL BRASIL (RASO; MELLO, 2012) é um *corpus* de fala espontânea e tem por objetivo representar a variação diafásica da fala espontânea do Português do Brasil. Sendo assim, segue os parâmetros de compilação fixados pela arquitetura proposta pelo C-ORAL-ROM (CREST; MONEGLIA, 2005), conjunto de *corpora* das principais línguas românicas, do qual o C-ORAL BRASIL é a quinta ramificação. O recorte diatópico do *corpus* é a região metropolitana de Belo Horizonte. A fim de garantir uma variação pragmática abrangente, o *corpus* foi compilado, considerando uma ampla variedade situacional. Realizado com base nas diretrizes do projeto C-ORAL-ROM<sup>46</sup>, o C-ORAL BRASIL é comparável aos *corpora* de Italiano, Português Europeu, Espanhol e Francês do mesmo projeto. Ou seja, graças ao princípio metodológico adotado, o estudo interlinguístico de tais línguas românicas é possível.

O *corpus* C-ORAL BRASIL (RASO, 2012) contém 139 textos de aproximadamente 1.500 palavras, totalizando 208.130 palavras. Destes, 75% dos textos são do domínio familiar/privado (159.364 palavras) e 25% são do domínio público (48.766 palavras). Cada um desses domínios tem um terço de gravações de caráter monológico, um terço de caráter dialógico e um terço de caráter conversacional. O C-ORAL BRASIL contará com um total de aproximadamente 400.000 palavras ao final do projeto. Sua arquitetura prevê duas partes: uma informal que já está concluída e a outra formal que está prestes a ser finalizada.

A arquitetura do C-ORAL BRASIL, como já salientado, espelha aquela do C-ORAL-ROM. Assim, a escolha das situações comunicativas gravadas foi determinada pelos mesmos fatores: a estrutura dialógica, o contexto social, o canal comunicativo, o registro linguístico, os parâmetros sociolinguísticos e, principalmente, a variação pragmática, assegurando, assim, a

<sup>46</sup> O C-ORAL-ROM é um *corpus* multilíngue das quatro principais línguas românicas europeias: Italiano, Português Europeu, Francês e Espanhol. Desenvolvido a partir da parceria entre quatro universidades europeias, é coordenado pelo Laboratório de Linguística da Università Degli Studi di Firenze (LABLITA) e financiado pela União Europeia. Para mais informações sobre o C-ORAL-ROM, ver Cresti e Moneglia (2005).

comparabilidade entre os *corpora* que compõem o projeto. Nesse quadro, encontram-se no *corpus* situações tão variadas como: aula de direção, partida de futebol, compra de calçados, compra de medicamentos, conversas entre colegas de trabalho em momento de descanso, *drag queens* se maquiando, reunião de partido político etc.

Além disso, o *corpus* apresenta um grande equilíbrio quanto à variação diastrática representada pela distribuição de gênero, idade e nível de escolarização. Com relação à distribuição entre gêneros, por exemplo, o *corpus*, considerando-se o seu número de palavras, possui 49,64% de palavras produzidas por informantes do sexo masculino e 50,36% do sexo feminino. Da mesma forma, 27,13% do total de palavras presentes no *corpus* foram proferidas por indivíduos entre 18 e 25 anos de idade, 30,28% por falantes entre 26 e 40 anos, 31,01% de palavras proferidas por indivíduos entre 40 e 60 anos, 8,05% por falantes com mais de 60, 1,61% por menores de idade, e, por fim, 1,91% das palavras foram pronunciadas por falantes de idade desconhecida.

Quanto ao contexto de interação, o C-ORAL BRASIL está dividido em dois domínios: familiar/privado e público. Cada um desses domínios está subdividido em três tipologias de interação: *conversações*, *diálogos* e *monólogos*. Por conversações, compreende-se a participação e as trocas linguísticas entre três ou mais participantes. Já os diálogos se caracterizam por textos em que as trocas linguísticas estão centradas em dois participantes, mesmo que eventualmente haja a intervenção de terceiros. Os monólogos, por sua vez, enquadram o evento linguístico em que há o predomínio de uma elaboração textual desenvolvida por um dos participantes (RASO, 2012).

O *corpus* C-ORAL BRASIL, assim como o C-ORAL-ROM, conta não só com as gravações e suas respectivas transcrições, mas também com os arquivos de alinhamento texto-som obtidos por meio do programa *WinPitch* (MARTIN, 2004). As transcrições são segmentadas em enunciados e unidades tonais, conforme previsto pela LAcT (CRESTI, 2000), e possuem tanto anotações prosódicas quanto anotações morfossintáticas. O *corpus* ainda possui 139 textos divididos em dois contextos cujas dimensões por palavras são: 159.364 palavras para o familiar/privado e 48.766 palavras para o público. Os textos foram separados em quantidades aproximadamente iguais entre conversações, diálogos e monólogos. Para cada texto, são fornecidos os seguintes arquivos:

- 1- Um arquivo de som em formato *wav*, na maioria dos casos, em estéreo, e, em alguns casos, em mono;
- 2- Um arquivo de transcrição em formato *rtf*;
- 3- Um arquivo de alinhamento em formato *xml*, utilizável com o *software WinPitch* (MARTIN, 2004);
- 4- Um arquivo de metadados em *txt*;
- 5- Um arquivo com anotações morfossintáticas.

A anotação morfossintática do C-ORAL BRASIL realizou-se por meio do *parser* PALAVRAS (BICK, 2000) que, além de acolher as formas não ortográficas de transcrição, permite: a adoção do enunciado como unidade de referência, as quebras prosódicas dentro dos enunciados (como marcadores de unidades internas) à unidade de referência e o domínio de aplicação das regras sintáticas a partir do escopo das unidades tonais (RASO, 2012). Para a constituição *corpus*, foram adotados os seguintes passos, conforme princípios metodológicos definidos pela LACT:

- 1- Gravação de interação espontânea em contexto natural, realizada com microfones monodirecionais e *mixer* em contextos de conversações. Esses equipamentos *wireless* de alta qualidade permitem captar material para análises segmentais, tanto como léxico e morfossintaxe quanto material para análises suprasegmentais, a exemplo da curva de  $F_0$ , fundamental para o estudo da prosódia;
- 2- Transcrição das gravações por transcritores treinados, segundo os critérios estabelecidos por Moneglia e Cresti (1997) e adaptados para o PB por e Raso e Mello (2009);
- 3- Primeira revisão das transcrições por revisores treinados, normalizados por meio do coeficiente Kappa<sup>47</sup>;
- 4- Segunda revisão das transcrições e alinhamento texto-som, realizado via programa *WinPitch* (MARTIN, 2004)<sup>48</sup>, por revisores com índice Kappa excelente (0,86);

---

<sup>47</sup> “Kappa de Fleiss (1971) é um teste de concordância inter e intra-observadores (ou integridade) que corrige por concordância o acaso. Esse coeficiente foi utilizado pelo projeto C-ORAL BRASIL para a validação dos segmentadores, antes que eles começassem a tarefa de transcrição. Dois grupos de segmentadores foram treinados, e o acordo interno entre eles foi medido repetidamente. Quando a medição alcançou um Kappa  $\geq 0,80$  para as quebras terminais e  $\geq 0,60$  para as quebras não terminais nos enunciados, a equipe foi considerada pronta para iniciar as transcrições e segmentações. Depois da primeira revisão, um novo teste de acordo mostrou um Kappa de 0,86, considerado índice final mínimo do *corpus*. Somente os segmentadores com acordo mais alto realizaram a última revisão” (RASO, 2012, p. 89).

- 5- Etiquetação morfossintática por meio do *parser* Palavras (BICK, 2000);
- 6- Etiquetação informacional de um *minicorpus* de 20 textos (contendo 30.000 palavras) realizada por etiquetadores treinados com base na LAcT.

A etiquetação informacional é o processo por meio do qual o etiquetador atribui, a cada unidade tonal, um valor informacional dentre aqueles descritos pela e LAcT – tais como Tópico, Comentário, Apêndice de Tópico e de Comentário, Parentético, Introdutor Locutivo, dentre outros (confira na seção 3.1.2). E o *minicorpus* representativo constituído pelo C-ORAL BRASIL é etiquetado informacionalmente, conforme os princípios da LAcT. Além dos estudos tradicionais de natureza morfossintática, o *minicorpus* permite a investigação da estrutura informacional e das ilocuções na fala. É sobre esse *minicorpus* que tratamos com mais detalhes a seguir, já que os dados apresentados nesta pesquisa são oriundos apenas dessa amostra. Com esse recorte, busca-se investigar qual a tendência de ocorrência das cláusulas relativas em termos da estrutura informacional e o que essa tendência pode influenciar na estruturação dessas cláusulas na diamesia falada, haja vista a proposição de uma definição funcional para esse tipo de cláusula na fala espontânea do PB.

### 3. 2. 1 O *minicorpus* de pesquisa

O *minicorpus* do C-ORAL BRASIL está disponível na plataforma DP – IPIC<sup>49</sup> (GREGORI; PANUNZI, 2011). Essa plataforma foi desenvolvida pelo LABLITA e contém dados e metadados do C-ORAL-ROM italiano, assim como uma porção representativa e balanceada do C-ORAL BRASIL<sup>50</sup>. Cada sessão do *minicorpus* contém áudio, seção de metadados, transcrição, e alinhamento de texto-som. A anotação da estrutura informacional de cada ilocução respeita as quebras prosódicas terminais e não terminais, requisito precípua da teoria dos padrões informacionais – *Information Patterning Theory* (CRESTI, 2000; MONEGLIA; CRESTI, 2006; SCARANO, 2009). Essas quebras terminais configuram, na estrutura informacional da fala, como já mencionado na seção 3.1 deste capítulo, a unidade de referência da fala espontânea: *o enunciado* (CRESTI, 2000; RASO, 2012).

---

<sup>48</sup> C.f. WinPitch ([www.winpitch.com](http://www.winpitch.com)).

<sup>49</sup> *Information Structure Database*: <<http://lablita.dit.unifi.it/app/dbipic/>>.

<sup>50</sup> Para mais detalhes, consultar o site do Laboratório LABLITA: <[http://lablita.dit.unifi.it/ipic/index\\_html](http://lablita.dit.unifi.it/ipic/index_html)>.

Em termos de tamanho, o *minicorpus* apresenta as seguintes proporções: 20 textos, 31.318 palavras e 5.512 sequências terminais (enunciados). Ele segue a mesma arquitetura do C-ORAL BRASIL. Nesse sentido, quanto ao contexto da interação, divide-se em dois domínios: familiar/privado e público. Cada um desses domínios está subdividido em três tipologias de interação: *conversações*, *diálogos* e *monólogos* (RASO, 2012). A seguir apresentamos em detalhes as características diafásicas e as proporções da amostra do *minicorpus*<sup>51</sup>. Para facilitar a leitura do Quadro 2 abaixo, cabe informar que os textos do *minicorpus* são identificados por siglas que indicam a seção na qual se encontra cada arquivo de texto do *corpus*, conforme o padrão estabelecido para o C-ORAL-ROM. Assim, temos:

Quadro 2 – Legenda da etiquetagem que identifica os arquivos no minicorpus do C-ORAL BRASIL

1. A primeira letra indica a língua	“b” para português brasileiro
2. As três letras seguintes indicam o contexto	“fam” para contexto familiar/privado e “pub” para contexto público
3. As duas últimas letras indicam a tipologia textual	“cv” para conversação, “dl” para diálogo “mn” para monólogo
4. O número sequencial de dois dígitos	identifica o arquivo dentro da seção a que pertence.

**Fonte:** Elaborado pela autora, 2016.

Os textos do *minicorpus* apresentam diversas situações comunicativas, bem como participantes variados. Isso pode ser observado detalhadamente no Quadro 3 a seguir, no qual identifica-se, respectivamente: o arquivo do *corpus*, a situação comunicativa, o número de participantes de cada sexo, a duração e o número de palavras de cada texto:

Quadro 3 – Características dos textos do minicorpus C-ORAL BRASIL

Texto	Situação	Sexo		Duração h:min:s	No de palavras
		Masc.	Fem.		
<b>Total</b>		<b>28</b>	<b>27</b>	<b>03:58:36</b>	<b>31318</b>
<b>Conversações</b>		<b>15</b>	<b>9</b>	<b>01:07:28</b>	<b>9774</b>
bfamcv01	Amigos avaliam um campeonato de futebol organizado por eles e planejam o próximo	4	0	00:07:00	1467
bfamcv02	Senhoras conversam sobre os preparativos	0	3	00:07:51	1725

<sup>51</sup> Essas proporções estão detalhadas em Raso e Mittmann (2012, p. 220-1)

bfamcv03	do casamento de uma parente	5	0	00:06:50	1390
bfamcv04	Amigos jogam sinuca Amigos jogam “Imagem e Ação”, após explicar as regras do jogo para uma das participantes	2	2	00:07:30	1766
bpubcv01		1	3	00:08:30	1798
bpubcv02	Funcionários de banco de sangue explicam como o sangue coletado é armazenado reunião ordinária em uma sede regional de partido político	3	1	00:29:47	1628
<b>Diálogos</b>		<b>6</b>	<b>8</b>	<b>01:45:28</b>	<b>11331</b>
bfamdl01	Colegas de apartamento fazem as compras do mês	0	2	00:14:39	2131
bfamdl02		1	1	00:07:26	1572
bfamdl03	Colegas de faculdade batem papo enquanto organizam o material de gravação	1	1	00:10:30	1637
bfamdl04	Casal faz uma viagem de carro Domésticas, mãe e filha fazem a limpeza da cozinha após o almoço	0	2	00:19:32	1249
bfamdl05	Corretor de imóveis leva a irmã para visitar apartamento	1	1	00:11:28	1736
bpubdl01	Engenheiro e pedreiro trabalham em uma obra	2	0	00:26:08	1568
bpubdl02		1	1	00:15:45	1438
	Cliente e vendedor interagem durante a compra de calçados				
<b>Monólogos</b>		<b>7</b>	<b>10</b>	<b>01:05:40</b>	<b>10213</b>
bfammn01	Senhor narra historia fantástica sobre uma cobra	2	0	00:05:02	1086
bfammn02		1	1	00:07:23	1677
bfammn03	Sobrinha de Carlos Drummond de Andrade conta histórias da família ao neto	3	3	00:07:08	1206
	Narrativa de “causos” divertidos para a família				
bfammn04	Senhora conta sua experiência no hospital após ter dado à luz no carro	0	1	00:06:57	1450
bfammn05	Senhora fala sobre a adoção da filha após a morte de sua filha biológica	0	2	00:09:52	1580
bfammn06	Pai conta seu percurso profissional a sua filha	1	1	00:10:02	1600
bpubmn01		0	2	00:19:16	1614
	Entrevista de avaliação sobre aulas de inglês				

na rede pública de ensino

Fonte: RASO; MITTMANN, 2012, p. 220-1.

Assim, temos, na amostra do *minicorpus*, 20 arquivos de textos que somam 31.318 palavras distribuídas em 3h58min36s de gravação. O número de informantes é de 55, dos quais 28 são do sexo masculino e 26 do sexo feminino (exceto os intervenientes). As conversações somam 1h7min28s de gravação, com 24 informantes (15 homens e 9 mulheres), os diálogos correspondem a 1h45min28s de gravação, com 14 informantes (6 homens e 8 mulheres), e os monólogos totalizam 1h5min40s de duração, com 17 informantes (7 homens e 10 mulheres).

Essa composição marca a significativa variação diafásica que caracteriza o C-ORAL BRASIL. Raso (2012) salienta que, nos textos monológicos, a estruturação da fala está ligada, sobretudo, à tipologia textual, ou seja: os recursos exigidos por uma piada são diferentes daqueles exigidos em uma explicação profissional. Já nos textos interativos, diálogos e conversações, a variação está mais ligada à atividade que os interlocutores estão desempenhando no momento da interação, ou seja: uma conversa entre amigos é bem diferente de um diálogo estabelecido entre um vendedor de sapatos e um cliente. Em outros termos, ao variar as situações, varia-se também a acionalidade presente nos diversos textos da amostra.

Na Tabela 1, abaixo, tem-se os números que compõem a amostra do *minicorpus*: 20 textos, divididos em contextos familiar/privado e público, dos quais 6 são conversações, 7 diálogos e 7 monólogos. Os textos em contexto familiar/privado totalizam 15 e estão divididos em 4 conversações, 5 diálogos e 6 monólogos. Já os textos em contexto público totalizam 5 somente e estão divididos em 2 conversações, 2 diálogos e 1 monólogo:

Tabela 1 – Número de textos por tipologia *minicorpus* C-ORAL BRASIL

Contexto	Conversações	Diálogos	Monólogos	Total
Familiar/privado	4	5	6	15
Público	2	2	1	5
Total	6	7	7	20

Fonte: RASO; MITTMANN, 2012, p. 220-1.

Vale salientar que a escolha dos textos para compor o *minicorpus* do C-ORAL BRASIL foi realizada considerando o alto nível de interatividade e a alta qualidade acústica dos arquivos.

Já na Tabela 2, temos o número de palavras dos textos por seção no *minicorpus*. Em relação aos contextos de interação, temos: 23.272 palavras (74%) pertencem aos textos em contexto familiar/privado; 8.046 palavras (26%) compõem os textos em contexto público. Quanto às tipologias interacionais, temos: 9.774 (ou 31%) das palavras pertencem às conversações; 11.331 (36%) foram produzidas em diálogos; e 10.213 (33%) palavras são de monólogos:

Tabela 2 – Número de palavras dos textos por seção no *minicorpus* C-ORAL BRASIL

Contexto	Conversações	Diálogos	Monólogos	Total
Familiar/privado	6348	8325	8599	23272
Público	3426	3006	1614	8046
Total	9774	11331	10213	31318

Fonte: RASO; MITTMANN, 2012, p. 220-1.

Diante da baixa representatividade dos dados em contexto público (26%) em comparação com os dados em contexto familiar/privado (74%) no *minicorpus*, não é possível estabelecer generalizações ou aferir alguma correlação entre a ocorrência de cláusulas relativas e contextos diferenciados (público vs. privado).

### 3.3 Extração e seleção dos dados

Para a extração e tratamento dos dados, combinou-se o uso da plataforma de buscas DB-IPIC (PANUNZI; GREGORI, 2011) com o uso de planilhas eletrônicas, as quais permitem a manipulação e a observação dos dados, bem como outros fenômenos complexos que podem emergir a partir destes e que, no entanto, não estão ainda implementados na plataforma de busca. Além dessas ferramentas, também foi empregado o concordanciador *AntConc* (ANTHONY, 2013)<sup>52</sup>, que permite vários tipos de operação em arquivos *txt* oriundos do *minicorpus*, e o

<sup>52</sup> É um *software* livre que funciona em sistemas operacionais como Windows, Mac OS X e Linux. Desenvolvido por Laurence Anthony da *Faculty of Science and Engineering - Waseda University*, o *AntConc* está disponível gratuitamente nos sites do LabLEX <<http://cel08.fclar.unesp.br>> e do website de Laurence Anthony <[http://www.antlab.sci.waseda.ac.jp/antconc\\_index.html](http://www.antlab.sci.waseda.ac.jp/antconc_index.html)>. Além disso, para baixá-lo, não é necessário fazer nenhuma instalação, pois o programa consiste em apenas um arquivo de 3,67MB. Disponível em: <<http://www.laurenceanthony.net/software/antconc/>>.

software *WinPitch* (MARTIN, 2004), que possibilita acesso ao alinhamento texto-som das ocorrências do objeto de pesquisa.

O material disponível na plataforma de buscas DB-IPIC, além de estar segmentado em enunciados, seguindo os princípios *Information Patterning Theory* (CRESTI, 2000; MONEGLIA; CRESTI, 2006; SCARANO, 2009), contém a anotação das unidades informacionais que estruturam os enunciados, permitindo, assim, a investigação da estrutura informacional, bem como a influência dos padrões informacionais na estruturação linguística da fala. O DB-IPIC possui quatro níveis de anotação: fronteiras prosódicas, estrutura informacional, anotação morfossintática e lematização. Entretanto, a anotação morfossintática e a lematização não estão disponíveis para os dados do PB até o momento, mas apenas para o *corpus* italiano.

Para proceder a uma busca na interface do DB-IPIC, basta definir o objeto de busca. Em seguida, o sistema faz uma triagem dos enunciados nos quais o objeto se encontra e apresenta as ocorrências desses enunciados na tela do computador. Abaixo (FIGURA 1), a interface na qual o *minicorpus* C-ORAL BRASIL é apresentado na plataforma:

Figura 1 – Visualização da interface do DB-IPIC



Fonte: CRESTI; MONEGLIA, 2005.

Nota: *Print* de tela da plataforma.

Dentro da plataforma DB-IPIC, ao abrir a página de cada arquivo, a linha de cada enunciado será apresentada da seguinte forma:

- (1) quebras terminais (/) e não terminais (//)
- (2) unidade informacional [COM, APC]
- (3) *link* de áudio ▶ 
- (4) *link* para o arquivo de alinhamento texto-som do programa *WinPitch* 

Tais elementos podem ser observados na Figura 2, a seguir:

Figura 2 – Visualização da interface dos arquivos do DB – IPIC



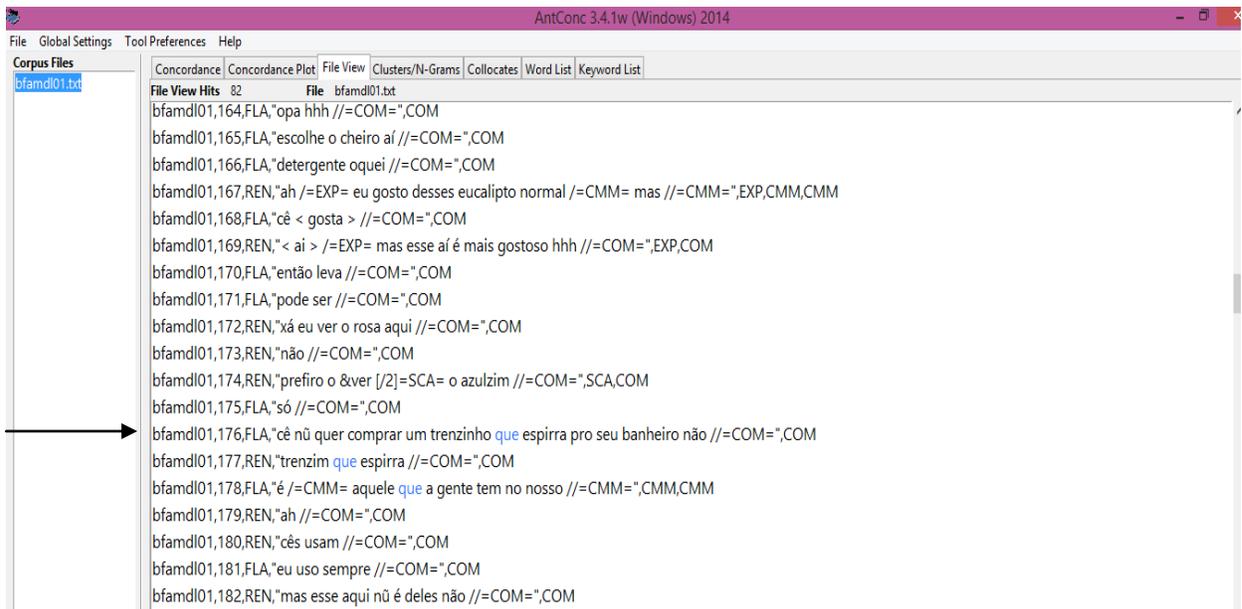
Fonte: Elaborado pela autora, 2016.

Na Figura 2, observa-se o enunciado 18 do arquivo bfamd104. Esse enunciado, marcado com o sinal de quebra não terminal (/) e terminal (//) respectivamente, é formado por mais de uma unidade informacional (UI): Comentário (COM) e Apêndice de Comentário (APC), anotadas acima deste. Já os enunciados 17 e 18, do mesmo arquivo, são marcados com o sinal de quebra terminal (//) e são formados por uma única UI e COM, anotada acima destes.

A plataforma ainda permite que os resultados, obtidos na busca, possam ser exportados para um documento no formato CSV, tal como apresentado na Figura 3 abaixo. Essa operação permite a manipulação posterior dos dados, por meio de planilhas eletrônicas. Com esse recurso, diferentes planilhas podem ser geradas, considerando a organização, classificação e tabulação dos dados:

Figura 3 – Visualização de documento CSV em planilha eletrônica





Fonte: ANTHONY, 2013.

Nota: *Print* de tela da ferramenta.

Para ter acesso ao alinhamento texto-som de cada ocorrência do objeto de pesquisa, foi utilizado o *software WinPitch* (MARTIN, 2004). É importante salientar que toda a amostra de pesquisa, no *minicorpus* C-ORAL BRASIL, foi processada por meio desse *software*. O *WinPitch* foi utilizado para verificação das quebras prosódicas que estruturam as cláusulas relativas.

Concluída esta seção sobre as ferramentas utilizadas para o tratamento dos dados, passemos para as perspectivas teóricas que orientam esta pesquisa no que concerne ao processo de subordinação que envolve as cláusulas relativas (seção 3.4), bem como para a explicitação da operação semântico-cognitiva que define a relativização que particulariza tais cláusulas (seção 3.5).

### 3.4 Cláusulas relativas, estrutura informacional e processos de subordinação na fala espontânea

Considerando a estrutura informacional da diamesia falada, explicitada nas seções anteriores, esta pesquisa propõe a seguinte definição para as cláusulas relativas restritivas e não restritivas na fala espontânea do PB:

- A *relativa restritiva* é um tipo de cláusula subordinada (B) encaixada em um SN (x) complexo via pronome relativo, ou seja (x) contém ( $\supset$ ) B. O SN complexo configura-se como um constituinte da cláusula matriz (A). A função dessa cláusula subordinada é delimitar semanticamente o núcleo do SN (x). Logo, a cláusula subordinada está contida ( $\subset$ ) na cláusula matriz. Em termos prosódicos, o SN referente e a cláusula subordinada ocorrem linearizados sintaticamente dentro de uma mesma unidade informacional no enunciado – simples ou complexo. Em outros termos:  $x \supset B / x \subset A /$  Logo,  $B \subset A$ . Ao passo que a *relativa não restritiva* é um tipo de cláusula justaposta (B) que está em relação de interseção ( $\cap$ ) semântica com a cláusula matriz (A) via pronome relativo, cuja função intra-oracional recupera anaforicamente o conteúdo semântico do núcleo do SN antecedente inserido na cláusula matriz. Logo, a cláusula justaposta **não** está contida sintaticamente ( $\not\subset$ ) na cláusula matriz como parte de um de seus constituintes. A função da cláusula justaposta **não** é delimitar o núcleo do SN referente, mas adicionar um comentário sobre ele. Em termos prosódicos, o núcleo do SN referente e a cláusula justaposta ocorrem padronizados em unidades informacionais diferentes dentro de um enunciado complexo. Em outros termos:  $B \cap A = \{X\} /$  Logo,  $B \not\subset A$ .

Como se pode observar nessa definição de cláusula relativa, os processos de ligação sintática que envolvem os dois tipos de cláusulas relativas, em razão de ocorrerem em estruturas informacionais distintas na fala espontânea, são diferentes: a restritiva envolve subordinação, pois todos os seus elementos ocorrem em uma única unidade informacional; ao passo que a não restritiva envolve a justaposição, já que os seus elementos ocorrem distribuídos em mais de uma unidade informacional. Essa definição para as cláusulas relativas da fala espontânea parte da observação empírica dos dados do C-ORAL BRASIL e das seguintes contribuições e postulados teóricos: a *unidade informacional* em Cresti (2014), a *noção de dependência* em Hopper e Traugott (1993), a *justaposição como procedimento sintático* em Rodrigues (2014, 2015), a *noção de assimetria cognitiva* em Langacker (1991). Os quais são apresentados a seguir.

### 3.4.1 Estrutura informacional das cláusulas relativas e os processos de subordinação

A fala espontânea possui um caráter *online*, ou seja, sua execução ocorre simultaneamente ao seu planejamento. Uma das consequências principais desse caráter é o fato da língua falada se organizar de uma forma bem diferente da língua escrita<sup>53</sup>. Como mencionado anteriormente, a unidade da escrita é a *sentença*, marcada por sinais de pontuação em superfícies como o papel ou a tela do computador; na fala, por sua vez, a unidade é o *enunciado*, definido e estruturado internamente por quebras prosódicas terminais e não terminais que se manifestam no nível informacional da fala, i.e., no nível suprasegmental da ação linguística realizada pelo falante. Diante desse fato, qualquer pesquisa que queira escrutinar os processos de subordinação na fala espontânea, precisa considerar, obrigatoriamente, a estrutura informacional. Do contrário, incorre em uma análise possivelmente enviesada dos parâmetros que determinam a língua escrita.

Sendo assim, a perspectiva da *Language into Act Theory* (CRESTI, 2014) defende duas possibilidades de realização da sintaxe na fala espontânea, quais sejam: (1) a *sintaxe padronizada* – configurada entre as unidades informacionais que compõem os enunciados, a qual estabelece padrões informacionais via processos de combinação –; e (2) a *sintaxe linearizada* – configurada dentro das unidades informacionais que compõem os enunciados, a qual concatena estruturas sintáticas de diversas complexidades via processos de composição (confira na seção 2.2 do capítulo 2). Considerando a estrutura informacional e a hierarquia entre enunciado > unidade informacional > estrutura sintática<sup>54</sup>, Cresti (2014) faz o seguinte comentário acerca dessas possibilidades de realização da sintaxe na fala espontânea:

Cada unidade informacional (UI) de um padrão informacional (IP), identificado por um unidade prosódica (PU), determina o limite do respectivo bloco semântico/sintático correspondente a ele na ativação locucionária. Dado que cada *chunk* linguístico é concebido para desenvolver uma função pragmática, e sua combinação dentro de um enunciado não segue necessariamente regras sintáticas, gerando uma frase bem formada: a sintaxe da expressão não corresponde a uma configuração hierárquica unitária, mas a combinação de cláusulas sintáticas locais, frases ou fragmentos<sup>55</sup>. (p.368)

<sup>53</sup> Para mais detalhes sobre a diferença entre fala e escrita, consultar Raso (2013).

<sup>54</sup> > sinal de *maior que*.

<sup>55</sup> Tradução minha. Original: “each IU of an IP, identified by a PU, determines the boundary of the respective semantic/syntactic chunk corresponding to it in the locutionary activation. Given that each linguistic chunk is conceived in order to develop a pragmatic function, their combination inside an utterance does not necessarily follow syntactic rules, generating a well-formed sentence: the syntax of the utterance does not correspond to a unitary

[...] o nível da composição ocorre somente dentro de cada unidade informacional (UI) e especificamente dentro de unidades textuais (UTs). Tanto sintaticamente como semanticamente falando, as UTs são ilhas. Ou seja, são cláusulas e, mais geralmente, frases ou mesmo coleções de fragmentos, sem qualquer estrutura. Não há claramente nenhuma restrição ao fato de que o preenchimento linguístico de uma UT seja uma sentença, mas em italiano isso é raro. Portanto, as relações sintáticas/semânticas básicas, tais como o escopo da predicação, regência, modificação, quantificação, subordinação e relações de coordenação, e os valores modais ocorrem dentro da ilha UT. O *output* linguístico final do enunciado é a combinação de ilhas semânticas/sintáticas<sup>56</sup>. (p. 370)

No contexto da LAcT, podemos concluir, então, que as cláusulas relativas restritivas que são compreendidas como termos integrantes do período, segundo a tradição, são resultado de *composicionalidade* – ou *linearização sintática* –; ao passo que as cláusulas relativas não restritivas que são tratadas como apositivas, portanto termos acessórios do período, conforme a tradição, são resultado do *combinatoriedade* – ou *padronização sintática*. Tais processos de subordinação da fala espontânea podem ser verificados nos seguintes enunciados (16a) e (17a):

- ☛(16a) bfammn05,32,CAR,"queria uma criança que nũ me desse trabalho /=COM= e tudo  
//=APC  
☛(17a) bfamdl02,73,BAL,"que eu dou um exemplo de porta /=TOP= que é excelente  
//=COM

Em (16a), temos um enunciado complexo formado pelas UIs de COM e APC, no qual há um período composto por subordinação *linearizado* na unidade de COM. Em outros termos, todos os elementos que *compõem* a cláusula relativa restritiva estão inseridos numa mesma unidade informacional (UI), bem como todos os elementos do período subordinado: cláusula principal com seu núcleo de regência, o conectivo que liga o constituinte dependente – i.e. o núcleo (N) do SN antecedente e a cláusula subordinada. Nesse contexto, tanto a sintaxe quanto a estrutura informacional confirmam que a relativa integra sintaticamente o objeto direto

---

hierarchical configuration, but to the combination of local syntactic clauses, phrases, or fragments” (CRESTI, 2014, p. 368)

<sup>56</sup> Tradução minha. Original: “the compositional level occurs only within each IU and specifically within TUs. Both syntactically and semantically speaking, TUs are islands. That is to say, they are clauses and more generally, phrases or even collections of fragments, without any structure. There are clearly no restrictions on the fact that the linguistic filling of a TU may also be a sentence, but in Italian this is rare. Therefore, basic syntactic/semantic relations such as scope of predication, regency, modification, quantification, subordination and coordination relations, and modal values fall inside the TU island. The final linguistic output of the utterance that we note is the combination of semantic/syntactic islands” (CRESTI, 2014, p. 370).

(*uma criança que não me desse trabalho*) da cláusula principal (*queria uma criança que não me desse trabalho*). Logo, a sua sintaxe resulta de processos de *composicionalidade* tradicional.

O mesmo não ocorre com o enunciado complexo em (17a), já que temos um enunciado complexo formado pelas UIs de TOP e COM, no qual há um período simples em TOP (*que eu dou um exemplo de porta*) padronizado com a cláusula relativa não restritiva em COM (*que é excelente*). Todos os elementos que configuram a cláusula relativa não restritiva estão *combinados* em unidades informacionais distintas, ou seja, a cláusula principal com seu núcleo de regência e o N relacionado à relativa encontram-se em uma UI (TOP), ao passo que a relativa com o conectivo que a liga ao N se encontra em outra UI (COM). Logo, a sua sintaxe resulta de processos de *combinatoriedade* informacional.

Diante da relação direta entre os níveis informacional e o sintático na fala espontânea, considerando a estrutura informacional distinta das cláusulas relativas restritiva e não restritiva, questiona-se: quais são as estratégias sintáticas que envolvem as estruturas linearizadas e as padronizadas na fala espontânea, dado que tais processos *não* se manifestam da mesma forma? Diante disso, quais são as alternativas que se tem quanto aos processos de ligação entre as cláusulas complexas, já que a noção tradicional de subordinação *não* responde a tais diferenças?

Tradicionalmente, a *subordinação* é definida com base em critérios sintáticos, nos termos da *dependência*, a qual é indicada no PB pela presença de uma conjunção particular (o *que* e o *porquê*) ou pela redução morfossintática do verbo da cláusula dependente, i.e., a eliminação de tempo, aspecto, modo expressos nas flexões do verbo – caso das *formas nominais* do verbo. Contudo, a utilização desses critérios para a definição da subordinação não explica todos os tipos de relações sintáticas que ocorrem na fala espontânea: composição/linearização vs. combinação/padronização (CRESTI, 2014). Para demonstrar essa impossibilidade, observemos as ocorrências a seguir, nas quais destacamos as cláusulas relativas em itálico:

☛(18) bfamcv01,32,GIL,"e &pr [/2]=EMP= e principalmente /=TOP= es tão querendo fazer /=INT= campeonato /=CMB= sem a gente /=CMB= também /=CMB= então assim /=INT= espero que /=SCA= isso não seja /=SCA= coisa *pros times que jogam com a gente* deixar de jogar com a gente //COM

☛(19) bfammn02,150,DFL,"então /=INP= nessas férias /=TOP= &q [/1]=EMP= a gente /=SCA= quando veio pra Belo Horizonte /=PAR= nas férias /=TOP= ele trazia *Maria Julieta* /=COB= *que era a única filha dele* /=PAR= porque os pais da Dolores /=TOP= os sogros dele /=PAR= passaram a morar nessa casa que ele morava //COM

☛(20) bfamd102,266,BAL,"< na > [/1]=EMP= na *quadradim que é maior* //COM

☛(21) bpubcv01,118,FLA,"< os nomes /=COB= que eu ponho hhh > //COM

- ☛(22a) bfamdl02,61,BAL,"imagina /=SCA= sei lá /=INT= cê tá com *um jarro d'água* // =COM
- ☛(22b) bfamdl02,62,BAL,"*que tem uma espessura assim* // =COM

Nas ocorrências (18) e (19), temos enunciados muito complexos, compostos de uma quantidade significativa de unidades informacionais, respectivamente: “EMP, TOP, INT, CMB, CMB, CMB, INT, SCA, SCA, COM” e “INP, TOP, EMP, SCA, PAR, TOP, COB, PAR, TOP, PAR, COM”. Dentro desses enunciados complexos, há uma série de *chunks* linguísticos de diversas ordens, inclusive a presença de sentenças que resultam de processos de composição sintática. Assim, temos, em (18), um período subordinado na UI de COM, na qual temos inserido uma cláusula relativa restritiva (*espero que isso não seja coisa pros [times que jogam com a gente] deixar de jogar com a gente // =COM*) que é resultante de composicionalidade sintática. Ao passo que em (19), a cláusula relativa não restritiva em (PAR) não se encontra inserida em um período subordinado, mas é resultado da combinação com uma outra cláusula em (COB), formando um padrão informacional “local” COB-PAR: ele trazia *Maria Julieta /=COB= que era a única filha dele /=PAR*.

Já nas ocorrências (20) e (21), temos cláusulas relativas, respectivamente linearizada e padronizada, funcionando isoladas no enunciado, desligadas de uma outra cláusula com as quais poderiam contrair relação sintática de encaixamento ou aposição. Por fim, em (22 a-b), há dois enunciados que estão relacionados semanticamente pois o núcleo de referência de (22b) está inserido em (22a). Contudo, não há integração sintática ou informacional entre eles, uma vez que ambos ocorrem em enunciados distintos – embora a oitiva cause a impressão de continuidade. Contudo, mesmo faltando o SN que funcionaria como Sujeito da cláusula, (22b) funciona isolada no enunciado. Portanto, sua ocorrência é legítima, tal como todos os exemplos analisados. Diante dessas possibilidades de realização das cláusulas relativas na fala espontânea, encontradas nos dados do C-ORAL BRASIL, é preciso considerar uma perspectiva mais abrangente dos processos de subordinação. É o que discutimos a seguir.

### 3.4.2 Processos de subordinação na fala espontânea: encaixamento, justaposição e insubordinação

O viés funcionalista compreende a gramática como um organismo maleável, que se adapta às necessidades comunicativas e cognitivas do falante. Nesse contexto, o falante se utiliza de estratégias ou escolhas que precipitam modificações na estrutura do sistema linguístico. Em outros termos, situações reais de comunicação influenciam diretamente a estruturação da língua.

A esse respeito, Hopper e Traugott (1993) salientam que não existem expressões isoladas, já que os *chunks* diversos, frases, cláusulas não estão livres do contexto (*context-free*), mas atreladas às unidades linguísticas que ocorrem dentro de uma atividade linguística particular. No caso das cláusulas, os autores lembram que as línguas naturais possuem dispositivos para conectá-las. Quando isso ocorre, temos as chamadas *cláusulas complexas*. As quais são sintaticamente definidas como unidades que podem ser constituídas de uma ou mais cláusulas. Sendo assim, as cláusulas complexas podem ser configuradas de um ou mais núcleos adicionais ou marginais (*margins*), estabelecendo relações de dependência que passam por diferentes graus em relação à cláusula nuclear. Nesses termos, há três possibilidades de realização dessas cláusulas complexas. De acordo com esses autores, a relação entre as cláusulas complexas se estabelece a partir da noção de dependência, na qual o encaixamento (*embedding*) expressa o grau máximo, conforme Quadro 4:

Quadro 4 – Relação de dependência e encaixamento

Parataxe	Hipotaxe	Subordinação
- dependência	+ dependência	+ dependência
- encaixamento	- encaixamento	+ encaixamento

**Fonte:** HOPPER; TRAUGOTT, 1993, p. 170.

Para explicitar os conceitos presentes no Quadro 4, analisemos as seguintes ocorrências retiradas do C-ORAL BRASIL (2012):

- (23a) bfamev22,157, BRU, ” o cara é professor de educação física e ela é professora de inglês numa escola rural na França hhh // =COM  
 (23b) o cara é professor de educação física  
 (23c) ela é professora de inglês numa escola  
 \*(23d) o cara é professor de educação física e  
 (23e) e ela é professora de inglês numa escola

(24a) bfammn06,37, JOR," e nós távamos entrando com outro tipo de aparelho de televisor no mercado /=COB= que era uma coqueluche /=PAR= era uma novidade /=PAR= e os próprios vendedores das loja nũ /=SCA= tinham experiência pra mostrar aquilo pro consumidor brasileiro //COM

(24b) e nós távamos entrando com outro tipo de aparelho de televisor no mercado /

(24c) que era uma coqueluche /

(25a) bpubdl01,233,ROG,"é /=INP= eu entendi direitinho o desenho que e' fez pra mim /=COM= uai //PHA

(25b) eu entendi direitinho o desenho

(25c) desenho que e' fez pra mim

Na ocorrência (23), temos um período coordenado linearizado na mesma unidade informacional no enunciado, no qual há um caso de *parataxe*, pois temos duas cláusulas que, a princípio, teriam independência sintática e semântica, já que ambas apresentam um núcleo verbal com os seus devidos constituintes, respectivamente (23b) e (23c). Contudo, dentro do funcionalismo, mesmo as ocorrências paratáticas (ou coordenadas para a tradição gramatical) possuem algum tipo de dependência, dado que uma estrutura como (23d) não seria possível isolada, pois o conector *e* com a sua função lógica só ocorreria entre duas cláusulas. Em posição inicial, o conector *e* é possível como em (23e), porque marca o início de um turno dialógico na língua falada. Em alguns desses casos, o conector *e* até mantém certos traços de sua função lógica. Mas essa relação seria de natureza pragmática e não sintática.

No caso de (24a), temos um enunciado complexo, cujas unidades informacionais são preenchidas por vários tipos de cláusulas, das quais destacamos a relação entre o objeto direto de (24b) – *outro tipo de aparelho de televisor no mercado* – com a relativa em (24c) – *que era uma coqueluche* –, a qual não mantém uma relação de constituência com a primeira, i.e., não é uma cláusula encaixada em (24b). Nesses termos, a relação seria de *hipotaxe*, pois há uma relação de dependência semântica entre (24c) e (24b), haja vista a presença de N referente nessa última, estabelecida pela padronização sintática das unidades informacionais, nas quais essas cláusulas se encontram no enunciado.

Já em (25a), temos um período subordinado linearizado na mesma unidade informacional no enunciado, no qual há um caso de subordinação, pois a cláusula relativa (25c) mantém uma relação de constituência com (25b), ou seja, a relativa é uma cláusula encaixada na cláusula nuclear. Isso ocorre, tanto no nível sintático quanto no nível informacional.

Considerando a realidade dos dados encontrados no C-ORAL BRASIL, uma questão se coloca: se a relativa restritiva é uma cláusula subordinada em razão de seu encaixamento, que

estratégia sintática definiria a relativa não restrita, uma vez que não se trata do mesmo fenômeno? A hipótese desta pesquisa é a de que as relativas não restritivas são um caso de *justaposição sintática*: cláusulas encadeadas cuja unidade é dada pela sequência no período, ou seja, não são articuladas via conector sintático (CRISTOFARO, 2003; RODRIGUES, 2015).

A justaposição como procedimento sintático ainda não é ponto pacífico nos estudos linguísticos. Entretanto, muitas pesquisas vêm apontando cada vez mais a existência de estruturas linguísticas que não correspondem aos procedimentos tradicionais de coordenação e subordinação, mas que se encontram entre esses polos, a exemplo do campo tipológico conforme Cristofaro (2003). Nesse contexto, destacamos, no Brasil, o trabalho de Rodrigues (2015) que, retomando os estudos dos gramáticos Oiticica (1942) e Ney (1955), e amparada no arcabouço funcionalista, defende a justaposição como um procedimento sintático<sup>57</sup>. Para tanto, a autora articula os conceitos de *cláusula* – a unidade que pode ou não conter núcleo verbal, considerada não a partir da forma, mas da capacidade discursiva de combinação de uma parte com a outra (vocábulo, oração ou período) em unidades informativas – com o de *proposição relacional*, a qual refere-se às leituras que emergem dentro do (con)texto por meio da combinação de cláusulas introduzidas ou não por um conector (MANN; THOMPSON, 1986, citados por Decat, 2001).

Nesse contexto, Rodrigues (2015) diferencia os casos de coordenação dos casos de justaposição a partir de um *corpus* constituído por propagandas compostas por cláusulas justapostas encontradas em portfólios de agências publicitárias, a exemplo de *Seu mundo é sem limites. Seu inglês também vai ser* – propaganda da escola de idiomas Cultura Inglesa destacada no estudo. Para isso, toma a noção de interdependência semântica, que marca as cláusulas hipotáticas, e os aspectos prosódicos como o contorno e a pausa. A autora conclui que as cláusulas justapostas são interdependentes semanticamente, não são introduzidas por conectivos e não possuem pausa significativa entre si. Por outro lado, apresentam um contorno prosódico ascendente por serem mais dependentes semanticamente umas das outras em comparação às coordenadas.

Assim, Rodrigues (2015) traz uma importante contribuição para a defesa da justaposição como procedimento sintático. Contudo, incorre em certa redução ao atribuir a interdependência semântica da justaposição apenas à ausência de um conectivo entre as cláusulas.

---

<sup>57</sup> Assim como a *correlação*. Para mais detalhes, consultar Rodrigues (2014).

Essa perspectiva deixa de fora do escopo desse procedimento certas cláusulas da fala espontânea informal que apresentam conectores após uma fronteira prosódica de tipo não terminal. No entanto, esses conectores não estabelecem, do ponto de vista do sentido, as relações lógicas tradicionais. Sua função é apenas a de conectar informações.

Além disso, como discutido anteriormente, na seção 2.1 do capítulo 2, o conceito de pausa remete a um efeito cognitivo na ausência de seu veículo físico, o que não corresponde à quebra que remete a uma ruptura que gera fronteiras entre unidades distintas. Logo não é o melhor parâmetro para estabelecer as fronteiras entre as unidades da fala. Entretanto, corroboramos a postulação de Rodrigues acerca da justaposição como procedimento sintático, haja vista os dados encontrados na fala espontânea. A única reconsideração que fazemos diz respeito à questão da presença do conector, ou seja, ele também pode ocorrer em cláusulas justapostas na fala espontânea, como advertem Raso e Mittmann (2012, p. 209):

Diferentemente do que ocorre na escrita, na fala espontânea, é muito comum o uso dessas conjunções com funções pragmáticas, como a abertura do turno ou a ligação entre enunciados, e, portanto, atos de fala diferentes. O valor linguístico desses operadores sintáticos irá variar de acordo com a posição que ocupam no enunciado.

Para demonstrar essa perspectiva, observemos os exemplos abaixo retirados do C-ORAL BRASIL (RASO; MELLO, 2012), nos quais destacamos o *conector* que:

- ☛(26a) bpubdl01,31,PAU,"< tem fincar os > vergalhões e passar a linha /=COM= né //PHA
- ☛(26b) bpubdl01,32,ROG,"< que aqui ainda vai pedra > //COM
- ☛(27) bfamnn01,72,MAI,"só até aí que eu sei o caso /=COM= que ele me contou //APC
- ☛(28) bpubdl01,233,ROG,"é /=INP= eu entendi direitinho o desenho que e' fez pra mim /=COM

Conforme Cresti e Moneglia (2005), em (26b), o conector ocorre em *posição inicial*, ou seja, logo após uma quebra prosódica terminal (26a), sua função é a de marcar o começo de um turno (típica função pragmática) ou de ligar unidades autônomas (os enunciados); em (27), o conector ocorre em *posição articulada*, após uma quebra prosódica não terminal, sua função é de conectar informação distribuída entre as unidades informacionais diferentes no enunciado (COM e APC), logo não pode ser confundido com os operadores lógicos que marcam subordinação sintática; já em (28), o conector ocorre em *posição linearizada*, i.e., faz fronteira com outras

palavras no interior de uma unidade informacional (COM) no enunciado, sua função é estabelecer as relações sintáticas tradicionais.

Sendo assim, podemos afirmar que o conector *que* das cláusulas relativas não restritivas ocorre em posição articulada, estabelecendo uma conexão semântica entre as informações distribuídas entre as unidades informacionais do enunciado. Ao passo que o conector *que* das cláusulas relativas restritivas ocorre em posição linearizada, estabelecendo relações de constituência entre os termos dentro do enunciado. De outro modo: a posição articulada do conector gera cláusulas justapostas, uma vez que as cláusulas do período se apresentam em sequência, cuja interdependência semântica é constituída nos limites do enunciado. Já a posição linearizada do conector gera cláusulas subordinadas, cuja dependência sintática é dada nos limites das unidades informacionais do enunciado.

Para corroborar essa hipótese de que a justaposição é um procedimento sintático que caracteriza as cláusulas relativas não restritivas na fala espontânea, considerando-se que tal distinção é fundamental para definir o fenômeno da relativização no PB, sobretudo porque se identificam, tradicionalmente, dois tipos de cláusulas (restritivas e não restritivas), consideramos a inflexão cognitivista de Langacker (1991) acerca da noção da *assimetria cognitiva* que relaciona a subordinação: às propriedades específicas da ligação entre as cláusulas; à maneira com a qual os estados de coisas<sup>58</sup>, expressos por cláusulas vinculadas, são percebidos e conceituados pelo falante; e ao *status* que tais estados de coisas (doravante, EsCo) alcançam no contexto do discurso. Nessa perspectiva, é feita uma distinção nítida entre o *nível conceitual* (semântico, cognitivo e pragmático) e o *nível morfossintático*. A subordinação é vista, então, mais como o resultado de situações conceituais particulares do que como um fenômeno especificamente morfossintático.

Diante disso, essa dimensão de subordinação desvela um aspecto fundamental da organização cognitiva das relações entre EsCos. Ao interpretar a conexão entre dois EsCos, do ponto de vista cognitivo, um falante tem duas opções básicas: (i) construir dois EsCos cognitivamente simétricos, de modo tal que ambos tenham perfis autônomos; ou (ii) construir

---

<sup>58</sup> Por estado de coisas se entende a concepção de algo que pode ser assunto de algum mundo, portanto pode ser avaliado em termos de sua existência. A noção de "estado de coisas" é feita a partir de gramática Funcional (SIEWIERSKA, 1991; DIK, 1997) e deve ser entendida como um hiperônimo para as entidades geralmente indicadas como "eventos", "estados", "situações" e outros semelhantes (CRISTOFARO, 2003, p. 36).

dois EsCos cognitivamente assimétricos, nesse caso o EsCo que prescinde do perfil autônomo, é construído com base na perspectiva do outro EsCo dominante. Vejamos os exemplos a seguir:

- (29) bfamcv22,157,BRU,"o cara é professor de educação física e ela é professora de inglês numa escola rural na França hhh // =COM  
 (30) bpubdl01,233,ROG,"é /=INP= eu entendi direitinho o desenho que e' fez pra mim // =COM  
 (31) bfammn01,72,MAI,"só até aí que eu sei o caso /=COM= que ele me contou // =APC

Na sentença (29), nenhum perfil oracional se impõe sobre o outro, portanto temos dois EsCos independentes: os estados de *ser professor de educação física* (EsCo<sup>1</sup>) e o de *ser professora de inglês numa escola rural na França* (EsCo<sup>2</sup>). O interessante é que as duas cláusulas que expressam os dois EsCos estão linearizadas na mesma unidade informacional (COM) no enunciado. Por outro lado, o mesmo não acontece na sentença (30). Apesar de as duas cláusulas ocorrerem na mesma unidade informacional (COM), o perfil do evento de *entender direito o desenho* (EsCo<sup>1</sup>) se impõe sobre o perfil do evento [*desenho*] *que e' fez pra mim* (EsCo<sup>2</sup>).

Na primeira situação, (29), temos uma *simetria cognitiva* perfeita entre os dois perfis, o que caracteriza a *coordenação*, na qual nenhum perfil oracional sobrepuja o outro. Já na situação descrita em (30), temos a subordinação, ou seja, um caso de *assimetria cognitiva* entre dois EsCos ligados, de modo que o perfil do EsCo<sup>1</sup> principal (*eu entendi direitinho o desenho*) se impõe sobre o perfil do EsCo<sup>2</sup> dependente (*[desenho] que e' fez pra mim*). Entretanto, não podemos afirmar que o mesmo ocorre em (31). Apesar de manter uma relação de interdependência semântica com o EsCo<sup>1</sup> descrito na unidade informacional de COM (*só até aí que eu sei o caso*), o EsCo<sup>2</sup> descrito em APC (*que ele me contou*) não pode ser caracterizado como um caso de *assimetria cognitiva* como em (15), dado que, sintaticamente, não é uma constituinte do EsCo<sup>1</sup> e, informacionalmente, possui função pragmática clara: comentar uma entidade inserida no EsCo<sup>1</sup>.

Em termos diagramáticos, podemos representar as relações entre os EsCos presentes na estrutura semântica dos enunciados (29-30-31) por meio da seguinte analogia: o enunciado (E) corresponde a um conjunto formado por uma coleção de elementos, ou seja, os EsCo<sup>1</sup> e EsCo<sup>2</sup>. Esses EsCos que configuram a estrutura semântica total do enunciado também correspondem a “pequenos” conjuntos, já que possuem uma estrutura semântica que se relaciona independente ou não de uma outra estrutura semântica dentro do enunciado, tais como representados na Figura 5:



**Fonte:** Elaborado pela autora a partir do Quadro 4, de Hopper e Traugott (1993), 2016.

De outro modo, além de observar a relação de dependência semântica e sintática das cláusulas nos termos do encaixamento, podemos ainda aferir a dependência entre as cláusulas nos termos da proeminência cognitiva, cotejando a presença ou não da assimetria cognitiva, cujo indício é o encaixamento sintático no PB. Contudo, tanto o encaixamento quanto a justaposição não enquadram perfeitamente um outro fenômeno que ocorre na fala espontânea: as cláusulas relativas que ocorrem isoladas da cláusula matriz. Tal como podemos conferir nas ocorrências (32f) e (33b) abaixo:

**Contexto I** (bpubcv01,121-26)<sup>59</sup>

@Place: Hemominas, Belo Horizonte/MG

@Situation: Três funcionários de um banco de sangue explicam a um estudante o que é feito com sangue doado

@Topic: Processos envolvidos na doação e tratamento de sangue

- ☞ (32a) bpubcv01,121,FLA,"porque vai rodar naquelas centrífugas /=CMB
- ☞ (32b) bpubcv01,122,BRU,"sei //=COM
- ☞ (32c) bpubcv01,123,FLA,"/ e vai separar daquele líquido //=COM
- ☞ (32d) bpubcv01,124,FLA,"que cê tá vendo //=COM
- ☞ (32e) bpubcv01,125,BRU,"< ah /=CMM= tá //=CMM
- ⇒ ☞ (32f) bpubcv01,126,FLA,"< uma parte vermelha que é só de hemácia > //=COM

**Contexto II** (bfamdl05,275-76):

@Place: Em trânsito, Belo Horizonte / MG

@Situation: Corretor de imóveis e cliente, irmãos, visitam um apartamento para venda em um edifício em construção

@Topic: Procurar endereço do edifício e visitar o apartamento

- ☞ (33a) bfamdl05,275,CES,"tem uma varandinha /=CMB= cozinha estilo americano //=COM
- ⇒ ☞ (33b) bfamdl05,276,ANE,"esse mesmo /=COM= que eu vim < ver > //=APC

Tanto (32f) quanto (33b) apresentam estrutura de uma cláusula relativa: [... N [QUE + verbo finito...]<sub>SAadj</sub>]<sub>SN</sub>, porém não há cláusulas matrizes nos enunciados em questão com as quais elas poderiam contrair relações de dependência sintática, seja na forma de um termo integrante (constituente) ou acessório (aposto). Diante disso, como explicar a independência de tais cláusulas no enunciado, já que não podem ser tomadas como constituintes de outras, apesar de apresentarem estrutura de subordinação? A resposta para essas ocorrências vem de um fenômeno chamado de *insubordinação* (EVANS, 2007).

<sup>59</sup> As descrições dos contextos das sequências dos enunciados foram retiradas da seção de metadados do C-ORAL BRASIL (RASO; MELLO, 2012).

A insubordinação, segundo Evans (2007), refere-se ao uso independente e convencionalizado de uma cláusula formalmente subordinada numa situação comunicativa. O critério *formalmente subordinado* se refere a qualquer traço formal associado às cláusulas subordinadas, tais como: formas verbais não finitas, conjunções subordinativas, pronomes logofóricos<sup>60</sup> e reflexivos de longa distância e ordem de palavras. Nesse sentido, quanto mais uma cláusula insubordinada é usada independentemente nos contextos de interação, menos suas características formais podem ser tomadas como traço distintivo e exclusivo de subordinação. Nesses termos, o argumento tradicional de que uma *cláusula X é subordinada porque tem características formais Y que são características das orações subordinadas* seria circular e não responde às ocorrências empíricas encontradas em várias línguas. Para demonstrar isso, Evans apresenta ocorrências desse fenômeno em diversas línguas naturais, a exemplo da cláusula condicional autônoma introduzida por *se* em espanhol, inglês, alemão; o uso do infinitivo como comando em italiano; até a cláusula subordinada finita, na qual cada palavra carrega um sufixo que se caracteriza como um complementizador oblíquo, marcando a cláusula como complemento de algum predicado principal em kayardild<sup>61</sup>.

No Brasil, esse fenômeno é reconhecido por Decat (2004, 2014) que explica o desligamento de certas estruturas clausais a partir da noção de *unidade de informação*<sup>62</sup>. Nesse contexto, apresenta o conceito de *desgarramento*, i.e., o caráter que certas orações subordinadas apresentam ao ocorrerem “soltas”, sem a cláusula matriz, como um enunciado independente. Esse tipo de fenômeno, conforme a autora, é mais uma evidência de que não existe um fenômeno único de subordinação, mas diferentes tipos de ligação entre as cláusulas que podem ser compreendidos nos termos de um contínuo entre o polo *mais subordinado* (dependência sintático/semântica: substantivas e relativas restritivas ) até o *menos subordinado* (independência sintático-semântica: coordenadas e assindéticas), entre os quais se estendem outras possibilidades de ligação (interdependência semântica: adverbiais e relativas não restritivas). Nesse contexto, as orações desgarradas se distanciam do polo subordinado.

---

<sup>60</sup> Anáforas que não são guiadas por restrições sintáticas ao utilizar informações extrassintáticas. Para mais detalhes, ver: Reinhart e Reuland (1993). Disponível em: <[http://www.dbnl.org/tekst/rein008refl01\\_01/rein008refl01\\_01\\_0001.php](http://www.dbnl.org/tekst/rein008refl01_01/rein008refl01_01_0001.php)>.

<sup>61</sup> *Kayardild* é uma língua aborígene falada pelo Kaiadilt nas Ilhas South Wellesley, noroeste de Austrália. Possui 23 falantes (2006). É famosa por apresentar um conjunto de casos verbais, marcados por desinências, que convertem substantivos em verbos. Para mais detalhes, consultar: <<https://www.ethnologue.com/language/gyd>>.

<sup>62</sup> *Idea unit: jato de linguagem* que contém toda a informação que pode ser “manipulada” pelo falante num único foco de consciência (CHAFE, 1988).

Nesta pesquisa, a crítica que cabe a esses estudos diz respeito ao fato de eles ignorarem ou subfocalizarem o papel da prosódia na definição dessas estruturas na língua falada. Ou seja, antes de considerar a forma linguística, é preciso observar a unidade ilocucionária nos termos do enunciado, a unidade informacional e, por fim, a estrutura sintática, circunscrita aos limites dessa última (confira na seção 3.4.1 do capítulo 3). De outro modo, o fato de essas cláusulas ocorrerem isoladas no enunciado é que legitima a sua independência. Afinal, o enunciado realiza o ato de fala, relacionando o domínio das ações à unidade linguística. Nessa direção, destacamos o trabalho de Mello, Bossaglia e Raso (2015)<sup>63</sup> que identificou a presença de cláusulas insubordinadas como um fenômeno sintático que também ocorre na fala espontânea informal do PB.

Aqui, não nos detemos nas diferenças entre essas abordagens, já que ambas reconhecem: (i) o *status* sintático independente das cláusulas que ocorrem desligadas de uma cláusula matriz, mas que funcionam comunicativamente no enunciado; e que tais estruturas são possíveis graças a (ii) possibilidade de recuperabilidade da referência expressa no SN dessas estruturas, circunscrita na situação comunicativa mais ampla. Nos termos de Halliday e Hasan (1976), tais estruturas seriam *alvo de pressuposição a partir de uma outra sentença*. Contudo, adotaremos o termo *insubordinação* de Evans (2007), uma vez que, apesar de desgarradas sintaticamente, tais cláusulas estão subordinadas ao enunciado onde ocorrem.

Para encerrar esta seção, a insubordinação tal como as estruturas paratáticas exibem os traços de: (-) *dependência*: apresentam autonomia sintática em relação a uma outra cláusula; (-) *assimetria cognitiva*: apresentam proeminência cognitiva. Entretanto, como as subordinadas exibem os traços de: (+) *encaixamento*: apresentam um conector que liga a cláusula ao SN. Sendo assim, pode-se afirmar que, dentro do contínuo de dependência Hopper e Traugott (1993), as insubordinadas podem ser compreendidas como estruturas hipotáticas.

### 3.5 Cláusulas relativas, estratégias linguísticas e o domínio da relativização

Como vimos no capítulo anterior, as abordagens linguísticas destacadas concordam que a relativização é um fenômeno linguístico que permite às línguas naturais delimitar/restringir

---

<sup>63</sup> *Syntactic phenomena in light of prosody-oriented segmentation in spoken Brazilian Portuguese*: estudo apresentado na 8es Journées Internationales de Linguistique de Corpus, em 2015, Orleans, França.

um elemento nominal – e, em boa parte dessas línguas, isso ocorre por meio de uma cláusula. Contudo, tais abordagens discordam quanto à natureza desse processo no que concerne ao tipo de dependência. Para algumas delas, a relativização é resultado de um processo sobretudo sintático, para outras é semântico. Além disso, muitas não tratam dessa questão na fala espontânea, quando mencionam, desconsideram a função da prosódia na constituição do fenômeno da relativização.<sup>64</sup> Diante disso, propomos uma definição de relativização para a fala espontânea que considera a informação prosódica como um de seus fundamentos. Para tanto, parte da observação empírica dos dados do C-ORAL BRASIL e das contribuições teóricas advindas dos trabalhos de Keenan e Comrie (1977), Langacker (1987) e Cresti (2014). Essa definição é expressa da seguinte forma<sup>65</sup>:

- A relativização clausal é uma estratégia semântico-sintática que permite às línguas naturais restringir/delimitar uma referência dentro de um conjunto virtual de elementos presumidamente semelhantes, inferido a partir de elementos linguísticos presentes na superfície sintática. Na maioria das línguas naturais, a cláusula relativa apresenta um correlato formal. É o caso do PB, cujo padrão sintático é *pós-nominal*: a cláusula relativa segue o referente. Na fala espontânea, essa operação de restrição da referência, bem como os elementos da cláusula, ocorre nos limites de uma única unidade informacional dentro de um enunciado simples ou complexo. Sendo assim, a cláusula relativa no enunciado estabelece um *domínio-escopo* para a interpretação do referente (N) subespecificado. Como a sua função é restringir, o cálculo de sua condição de verdade vincula-se ao estabelecimento desse domínio, configurado em um nível semântico subjacente, no qual o N está contido.

Os postulados que entram nessa definição são os seguintes: *domínio de relativização* vs. *subconjunto restringido* (KEENAN; COMRIE, 1977); a relação entre instanciação e *grounding* (LANGACKER, 1987); e a unidade informacional como *locus* dos processos de composicionalidade na fala espontânea (CRESTI, 2014). Tais postulados serão apresentados a seguir.

---

<sup>64</sup> Entendemos que há motivos razoáveis para isso, uma vez que, até meados do século XX, não havia tecnologia que permitisse a gravação e a reprodução da fala, bem como ferramentas computacionais que permitissem a visualização de parâmetros acústicos de sinal de áudio, os quais possibilitaram aos linguistas as condições necessárias para investigar a fala e, assim, propor metodologia empírica e quadros teóricos orientados para essa diamesia.

<sup>65</sup> O primeiro esboço dessa definição de relativização foi publicada em Carmo (2017).

### 3.5.1 Domínio de relativização, grounding e unidade informacional no estabelecimento da relativização

Keenan e Comrie (1977), como vimos, definem as cláusulas relativas a partir da (i) presença de um conjunto maior especificado chamado *domínio de relativização*, expresso na superfície da estrutura da cláusula pelo núcleo do sintagma nominal (SN) e da (ii) presença de um subconjunto restrito – a *cláusula de restrição*, que pode se apresentar como uma cláusula na estrutura sintática a depender da língua, cujo conteúdo precisa ser verdadeiro. Contudo, os autores não especificam quais são as estratégias linguísticas que estabelecem esse *domínio de relativização*.

Esta pesquisa, a partir dos estudos desses autores, compreende esse domínio de relativização como um domínio de referência que funciona em um nível subjacente, o qual é estabelecido cognitivamente via processos inferenciais desencadeados por elementos linguísticos presentes na superfície sintática. Contudo, tais inferências não são necessariamente de natureza lógica, logo podem ser sensíveis ao contexto (LEVINSON, 2007). Em outros termos, um falante pode restringir uma referência por meio de uma cláusula relativa, contudo o conteúdo locutivo em questão, expresso na superfície sintática, assim como o domínio de relativização evocado, pode não corresponder exatamente à realidade objetiva. Entretanto, esse aspecto contingencial não invalida a possibilidade de verificação das condições de verdade do conteúdo da cláusula de restrição, a qual está intrinsecamente relacionada com a verdade do domínio de relativização. Afinal, para que a restrição seja estabelecida, é necessário antes a circunscrição da referência. Contudo, domínio de relativização e cláusula de restrição são estabelecidos na mesma ação linguística do falante, embora em níveis distintos. Isso só é possível graças à potencialidade do signo linguístico que, numa perspectiva cognitiva, permite ancorar o sentido linguístico e o extralinguístico. Para efeitos de análise, observemos a sequência de enunciados (bfamdl01,476-482) a seguir, na qual falantes decidem sobre que produtos comprar no supermercado. Aqui destacamos o item *caldo de galinha*:

**Contexto III** (bfamdl01,476-82):<sup>66</sup>

@Place: Supermercado, Belo Horizonte / MG

@Situation: O diálogo entre dois amigos enquanto realizam as compras no supermercado

<sup>66</sup> As descrições dos contextos das sequências dos enunciados foram retiradas da seção de metadados do C-ORAL BRASIL (RASO; MELLO, 2012).

@Topic: O que comprar

- ☞(34a) bfamdl01,476,REN,"tá cheio de coisa diferente //COM
- ☞(34b) bfamdl01,477,REN,"antes era só *caldo de galinha* e caldo de //COM
- ☞(34c) bfamdl01,478,FLA,"noventa-e-cinco /=CMB= um e cinco //CMB
- ☞(34d) bfamdl01,479,FLA,"tradicional /=CMB= cinquenta-e-sete gramas //CMB
- ⇒☞(34e) bfamdl01,480,FLA,"*esse que cê tá aí na mão* são quantas gramas //COM
- ☞(34f) bfamdl01,481,REN,"não /=CMM= esse aqui é Sazon //CMM
- ☞(34g) bfamdl01,482,REN,"nũ tô com nenhum na mão não //COM

Em (34e), temos um N que é realizado por meio do pronome demonstrativo *esse*, o qual recupera anaforicamente o conteúdo semântico *caldo de galinha* inserido no enunciado (34b). Na perspectiva de Keenan e Comrie (1977), esse N estabelece o *domínio de relativização* que define os limites da referência no contexto das compras do supermercado: caldo de galinha. A cláusula de restrição *que cê tá aí na mão* define o subconjunto dentro do domínio de relativização. Em outros termos, nas possibilidades da referência *caldo de galinha* no contexto das compras de supermercado, restringe-se apenas àquele que está nas mãos de uma das falantes – segundo a crença da outra falante. Ou seja, o caldo de galinha, subconjunto restringido pela cláusula de restrição, está contido dentro de um conjunto maior, o domínio de relativização. Nesses termos, o conteúdo da cláusula relativa pode ter a sua condição de verdade atestada: *o caldo de galinha que cê tá aí na mão* é verdadeira porque é verdade que existe um conjunto composto por *caldos de galinha* diversos (nas prateleiras do supermercado, por exemplo). Nessa ocorrência, a estratégia linguística utilizada para desencadear a restrição de N é reforçada pelo advérbio *aí* que funciona como dêitico ao apontar a referência para fora do conteúdo locutivo, ou seja, o N referente está nas mãos de uma das falantes (REN). Além disso, o advérbio colabora com o estabelecimento da *pressuposição de existência*, i.e, só restringimos/delimitamos aquilo que existe em algum tipo de mundo – real ou não. Em outros termos, na mesma ação linguística, o falante estabeleceu a restrição de N e o domínio de relativização. Algo semelhante ocorre também com a cláusula relativa em (35):

**Contexto IV** (bfamcv04,403-413):

@Place: Cabina acústica em Labfon (Laboratório de Fonética),

@Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte / MG

@Situation: 04 estudantes participam de um jogo de mímica na cabine acústica da faculdade

@Topic: Jogo de mímica

☞(35a) bfamcv04,403,BRU,"< cê quer começar > +=EMP

- ☞(35b) bfamcv04,404,HEL,"não /=CMM= eu adivinho //CMM
- ☞(35c) bfamcv04,405,BRU,"adivinhandando //COM
- ☞(35d) bfamcv04,406,HEL,"é //COM
- ☞(35e) bfamcv04,407,HEL,"porque /=DCT= quero ver como é que cês faz //COM
- ☞(35f) bfamcv04,408,BRU,"tá //COM
- ☞(35g) bfamcv04,409,BRU,"então é objeto //COM
- ☞(35h) bfamcv04,410,CEL,"objeto //COM
- ⇒ ☞(35i) bfamcv04,411,BRU,"tem *um ali que é o mais difícil* //COM
- ☞(35j) bfamcv04,412,BRU,"lazer //COM
- ☞(35k) bfamcv04,413,HEL,"é //COM

Em (35i), o N *um* é um pronome indefinido que identifica um dos objetos que podem ser descritos no contexto do jogo de mímica. Esse N estabelece o domínio de relativização, ao passo que a cláusula relativa *que é o mais difícil* restringe um dos objetos desse domínio. No caso, aquele apontado pela falante por meio do advérbio dêitico *ali*, o qual está distante dos participantes, contudo presente no mesmo ambiente da cena comunicativa. Esse objeto é definido na relativa como *o mais difícil*. O quantificador *mais* colabora com a restrição dentro do domínio de relativização ao estabelecer uma certa oposição entre o N e os outros possíveis elementos do domínio. Ou seja, ao restringir o *objeto mais difícil*, o falante não só estabelece a oposição em relação a um outro, como também estabelece uma medida comparativa com esse outro possível objeto: o *menos difícil*. Diante disso, o conteúdo da cláusula relativa pode ter a sua condição de verdade atestada: *um ali que é o mais difícil* é verdadeira porque é verdade que existe um conjunto composto por vários *objetos* que podem entrar no jogo, os quais possuem graus de dificuldades diversos. Tal operação se assemelha à noção de escopo do quantificador, porém numa dimensão não linear – sobre isso, discutiremos posteriormente. Agora, analisemos a sequência em (36), na qual o N da relativa se realiza por meio de um nominal prototípico: *gente*.

**Contexto V** (bfamdl02,161-7):

@Place: Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte / MG

@Situation: BAL e BEL falam enquanto embalam do equipamento de gravação. Durante a conversa, comenta o primeiro processo de homofobia contra um homem em São Paulo que chamou um outro de *veado*

@Topic: Homofobia

- ☞(36a) bfamdl02,161,BAL,"*a minha igreja* /=TOP= o [/1]=EMP= isso aquele /=SCA= Marcelo Crivella /=PAR= < aquele bispo > lá /=PAR(1)= *a minha igreja não aceita homossexuais* //COM\_r
- ☞(36b) bfamdl02,162,BEL,"< hum hum > //COM

- ☛(36c) bfamdl02,163,BAL,"então /=DCT= se eu disser isso num culto /=TOP\_r= alguém tiver lá se sentir ofendido vai me processar //=COM\_r
- ☛(36d) bfamdl02,164,BEL,"não /=EXP= acho que é bem diferente //=COM
- ☛(36e) bfamdl02,165,BAL,"é bem diferente //=COM
- ☛(36f) bfamdl02,166,BAL,"ele ã entende isso //=COM
- ⇒ ☛(36g) bfamdl02,167,BAL,"só que tem *gente que vai interpretar assim* //=COM

Em (36g), o N *gente* é um substantivo. Esse N estabelece o *domínio de relativização* que define os limites da referência no contexto que, no caso, é uma *expressão nominal definida*<sup>67</sup> *minha igreja* em (36a), que se refere metonimicamente à *gente da igreja*. A cláusula de restrição define um subconjunto dentro desse domínio: apenas *aquela* (*gente*) *que vai interpretar assim*, ou seja, vai interpretar a palavra como uma ofensa cuja consequência pode ser um processo na justiça. Dessa forma, o conteúdo da cláusula relativa pode ter a sua condição de verdade atestada: *gente que vai interpretar assim* é verdadeira porque é verdade que existe um conjunto composto por membros da igreja, dos quais uma parte é preconceituosa e acredita que a homossexualidade é um pecado condenável. Aqui, o domínio da relativização é sustentado pela *pressuposição de existência* desse grupo que é homofóbico.

Diante disso, podemos afirmar que a intuição de Keenan e Comrie (1977) acerca da relativização é bastante robusta, bem como a verificação das condições de verdade da cláusula relativa como uma estratégia objetiva para a identificação da restrição. Entretanto, os autores não discutem de que forma essa verificação poderia ser realizada. Entra aqui uma das principais contribuições desta tese: a pesquisa empírica. Ou seja, a partir da observação dos dados no *minicorpus* do C-ORAL BRASIL, constatamos que o fenômeno da relativização na fala espontânea é estabelecido pela *pressuposição de existência* ou pela presença de quantificadores manifestados na cláusula relativa, tais como já mencionadas nos exemplos acima: (34)-(35)-(36).

Como a semântica da cláusula relativa é também operada em um nível subjacente à superfície sintática, encontra respaldo na noção de *grounding* de Langacker (1987) cuja natureza é cognitiva. Entretanto, para tratar dessa noção, é preciso salientar também a noção de *instância*. Antes, cabe uma consideração: a noção de referência nesta pesquisa não é entendida como algo ligado às condições de verdade ou realidade nos termos da semântica formal de Frege (1892), assim como as unidades e a estrutura linguística não são entendidas como se fossem entidades ou processos autônomos: a referência aqui é assumida como uma forma de se retratar

<sup>67</sup> Para mais detalhes, ver Koch (2002, p. 87).

linguisticamente as situações/objetos no mundo. Nesses termos, o N restringido pela relativa é tratado como uma entidade conceitual, já que é constituído sempre localmente. Ou seja, o N restringido é definido segundo as necessidades do falante no momento da ação da fala, marcada pelo processamento *online*.

Para Langacker (1987), a *instanciação* surge quando uma entidade ou um tipo (referência), perfilado em um dado estado de coisas, são considerados como um elemento que ocupa uma posição particular em um certo domínio, portanto distinto de outras possíveis instâncias – o que corresponde à ideia de restrição da cláusula relativa. O *grounding*, por sua vez, é definido nos termos de um *domínio* (conjunto) que pressupõe a instanciação de uma entidade perfilada, pois envolve a relação entre essa instância (e outras possíveis), os participantes do ato de fala, seu conhecimento de mundo e as circunstâncias imediatas da interação na fala espontânea. Todavia, Langacker (1987) utiliza a noção de *grounding* para tratar dos nominais. Contudo, entendendo que o padrão ‘N + cláusula relativa’ corresponde a um nominal complexo – já que a função da relativa, tal como a função tradicional do adjetivo, é a de modificador, essa noção explica a natureza da relação entre o domínio de relativização e o subconjunto restrito em Keenan e Comrie (1977) – postulados adotados e reconfigurados neste estudo.

No contexto dos nominais, Langacker (1987) reconhece que há termos que estabelecem *predicações de grounding*, identificando dois tipos: o *grau de definição* e os *quantificadores relativos*. O primeiro toma o *grounding* como seu principal ponto de referência; nos últimos, o *grounding* permite identificar a referência dentro de uma classe mais inclusiva. No contexto dos dados do *minicorpus* do C-ORAL BRASIL, tais predicações de *grounding* foram encontradas nas cláusulas relativas, ancoradas em itens linguísticos presentes na superfície sintática. Nos exemplos (37)-(38), abaixo, podemos constatar o estabelecimento do *grounding* por meio do N referente, o qual é particularizado via marcas de definitude, bem como atestamos a presença de quantificadores que demarcam a referência dentro de uma classe inclusiva nos termos do autor, a qual compreendemos como um tipo de domínio (conjunto).

☛(37) bfammn03,72,"tá parecendo aqueas história daquele livro que cê tava contando  
//=COM=

☛ (38) bpubcv01,238,"&he /=TMT= essa bolsa /=TOP= todas essas que cê tá vendo aqui  
hoje /=TOP= foram coletadas hoje //COM

☛ (39) bfammn02,51,"papai foi o irmão que mais deu [/1]=SCA= deu apoio a ele //COM

☛ (40) bpubdl02,154,"era [/1]=EMP= era a rasteira mais cara que tinha aqui // =COM

Em (37), temos um pronome demonstrativo *aqueas* (aquelas) retomando uma referência comum aos interlocutores (*história*), cujo espaço de localização é o conhecimento de mundo, a memória compartilhada entre os interlocutores. Já em (38), o pronome demonstrativo *essas* se refere a algo presente no espaço objetivo dos interlocutores (*bolsas*), ou seja, o falante está apontado para o interlocutor as bolsas que estão *in loco*, à sua vista. Isso é reforçado e definido pelo advérbio *todas* cujo valor é o de quantificador universal, i.e, envolve todas as bolsas presentes na cena comunicativa. Em outros termos, em (37)-(38), os itens linguísticos destacados *aqueas* e *todas essas* instanciam referências definidas, cujos *groundings* se constituem a partir de um dado espaço no qual há objetos distribuídos: subjetivo – no caso do primeiro exemplo – e objetivo – no segundo. Esses itens colaboram com o estabelecimento do *grounding*, nos termos da *pressuposição de existência* de um N referente compartilhado, mas que poderia ser confundido com outro, logo a cláusula de restrição. Já em (39)-(40), o advérbio *mais*, cujo valor é de quantificador, contribui com o estabelecimento de *groundings* formados, respectivamente, por um *conjunto de irmãos* e um *conjunto de rasteiras* (sandálias sem salto). Nesses conjuntos, são instanciados apenas *aquele irmão que mais deu apoio* à mãe e *aquela rasteira que é a mais cara*, contrastando com a existência de *irmãos que deram menos apoio* e de *rasteiras menos caras*, dentro dos respectivos conjuntos.

As predicções de *grounding*, tal como apresentadas por Langacker (1987), e os dados encontrados no *minicorpus* C-ORAL BRASIL, no que concerne aos itens linguísticos que estabelecem esse tipo de *background* linguístico, se aproximam de um fenômeno muito comum às línguas naturais: *o escopo*, já que envolve a *pressuposição de existência* e a *quantificação da referência*. O escopo semântico pode ser definido como um conjunto virtual<sup>68</sup> de elementos semelhantes, no qual uma referência particular pode ser delimitada ou restringida por meio de uma expressão linguística. Os elementos (objetos, indivíduos, entidades) que estão contidos nesse conjunto virtual são marcados por uma propriedade comum. Para tratar desse conceito, apresentamos outro conceito a ele relacionado e que também marca as línguas naturais: *o fenômeno da quantificação*. Enquanto o escopo evoca uma espécie de *background* para a

<sup>68</sup> Aqui entendido como um sistema de relações que se concretiza na fala.

interpretação da referência em termos de sua existência, a quantificação constrói um significado considerando a referência a partir de alternativas uma a uma.

Em geral, a quantificação diz respeito a expressões linguísticas que têm o poder de expressar generalizações nas línguas naturais. Por generalização, entende-se uma estratégia de raciocínio que consiste em reunir elementos (objetos, indivíduos, entidades) particulares dentro de um mesmo conjunto de referência, considerando pelo menos uma propriedade comum, subfocalizando as possíveis diferenças entre eles. Por exemplo, dentro do *conjunto dos mamíferos* estão contidos, entre outros, o *homo sapiens*, o morcego e a baleia. Contudo, os dois primeiros são animais terrestres – embora o segundo apresente a propriedade de voar e o último habite o meio aquático. Apesar das diferenças, tais animais estão contidos dentro de um grande conjunto (ou *classe*) que se caracteriza pela presença de glândulas mamárias entre outros traços: temperatura corporal, coluna vertebral vertical, a presença de pelos. Assim, a quantificação por meio de determinadas expressões linguísticas permite às línguas naturais destacar tanto certas propriedades que definiriam um elemento particular quanto a quantidade desse elemento dentro de um conjunto virtual marcado por uma dada propriedade (CHIERCHIA, MCCONNELL-GINET, 1990).

Segundo Barker (2015), há uma correspondência estreita e não acidental entre escopo e quantificação. Algumas das muitas expressões quantificacionais exigem escopo: sintagmas determinantes (todos, cada), advérbios (principalmente), adjetivos (igual, diferente, mesmo), comparativos e superlativos (mais que, menos que). Contudo, em geral, o escopo e a quantificação são fenômenos independentes: de um lado, existem expressões quantificacionais que ocorrem em posição de predicado e, assim, não veiculam escopo: tempo, auxiliares modais, negação etc.; de outro, existem expressões que apresentam escopo, mas não estão necessariamente quantificadas: partículas de negação, algumas proformas, entre outras.

De acordo com esses autores, as teorias sintáticas e semânticas, a fim de analisar o fenômeno da quantificação em uma língua, exploram a conexão entre: (i) o cálculo das condições de verdade das sentenças com sintagmas quantificacionais em posição de sujeito com o cálculo das condições de verdade das sentenças com (ii) a posição de sujeito ocupada por expressões referenciais, tais como nomes próprios e pronomes. Assim, o cálculo do valor de verdade de sentenças como (41), abaixo, na qual o sintagma quantificado *todo homem* ocupa a posição de

sujeito, tem algo em comum com o cálculo do valor de verdade de sentenças como (42), em que a posição de sujeito é ocupada por um Nome – *Inácio*:

(41) Todo homem é mortal.

(42) Inácio é mortal.

O cálculo do valor de verdade de sentenças como (41) é realizado a partir de sentenças como (42), na qual cada elemento (aqui, *Inácio*) que pertence ao grupo denotado por *mortal*, sintagma que expressa uma “restrição” (*range*) do quantificador, configura o domínio sobre o qual o quantificador *todo* opera. Nesses termos, o sentido das sentenças que contêm sintagmas quantificacionais é calculado a partir da premissa de que este contém duas partes: (1º) uma sentença simples cuja posição de sujeito é ocupada por um Nome (ou Pronome) e um predicado cuja condição de verdade só poderá ser avaliada a partir do valor atribuído ao Nome e (2º) um sintagma quantificacional, relacionado ao Nome, que indica o valor a ser computado. Ou seja, o sintagma quantificacional impõe os limites do conjunto de elementos marcado por uma dada propriedade, logo dos elementos computados. Dessa forma, as sentenças em (44), a seguir, podem ser analisadas nos termos das sentenças em (43):

(43a) Muitas mulheres entraram para a política na última eleição.

(43b) Nenhuma mulher entrou para a política na última eleição.

(43c) Três mulheres entraram para a política na última eleição.

(44a) (Muitas mulheres) Ela entrou para a política na última eleição.

(44b) (Nenhuma mulher) Ela entrou para a política na última eleição.

(44c) (Três mulheres) Ela entrou para a política na última eleição.

A sentença (44a) só será verdadeira se, no conjunto denotado por *mulheres*, encontrarmos *muitas* que podem ter a propriedade de *ter entrado para a política na última eleição* atribuída. Ou seja, (44a) só será verdadeira se (43a) for verdadeira. Esse mesmo cálculo deve ser executado para as sentenças (44b) e (44c). Contudo, (44b) não é verdadeira se (43b) for tomada como verdade. Já (44c) só será verdadeira se, no conjunto denotado por *mulheres*, encontrarmos *três mulheres* que apresentam a propriedade de *ter entrado para a política na última eleição* atribuída. Ou seja, (44c) só será verdadeira se (43c) for verdadeira.

Nos termos de Negrão (2003), a interpretação associada a sentenças que contêm sintagmas quantificacionais é derivada por mecanismos que dão a um deles a possibilidade de ter escopo sobre o resto da sentença. Ou seja, um dado sintagma quantificacional tem escopo sobre

outro sintagma quantificacional quando a interpretação do último depende da interpretação do primeiro. Segundo a autora, o fenômeno do escopo, resultante da relação entre sintagmas quantificacionais e/ou operadores numa dada sentença, torna-se visível por intermédio das possíveis interpretações associadas às sentenças nas quais eles estão encaixados. Dentre os tipos de interpretação para as relações de escopo, evidenciam-se: a *interpretação distributiva* associada aos quantificadores e a *interpretação da pressuposição de existência* do referente restringido.

Nessa mesma perspectiva, Szabolcsi (2000, p. 606) afirma que “o escopo de um operador é o domínio dentro do qual o operador tem a capacidade para afetar a interpretação de outra expressão”<sup>69</sup>. Para demonstrar esse fato, a autora apresenta alguns exemplos nos quais um operador tem escopo sobre uma expressão, afetando, assim, algum aspecto de sua interpretação. Para demonstrar, observemos os exemplos em (45):

- (45a) Cada aluno nomeou um planeta.
- (45b) O professor mostrou para cada aluno um planeta.
- (45c) Todo aluno perturba o professor.

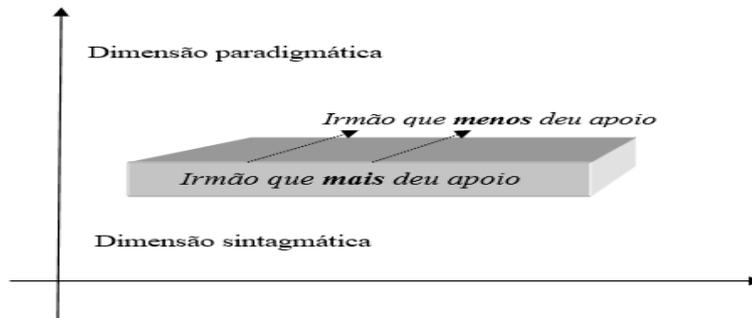
Em (45a-b), *cada aluno* afeta a interpretação de *um planeta* pela indução de variação referencial, ou seja: para cada aluno existe um planeta possivelmente diferente. Já em (45c), o *professor* não pode variar de acordo com *aluno*. Ou seja, há apenas um professor para um conjunto de alunos. Szabolcsi (2000) reconhece que essa definição é puramente sintática na medida em que identifica que o escopo de um operador é o domínio dentro do qual o operador tem a capacidade para afetar a interpretação de outra expressão. A nosso ver, a autora tem razão, uma vez que essa noção sintática de escopo se prende à superfície da expressão linguística e não explica esse tipo de raciocínio entre a expressão linguística de superfície e o seu *background* (nível semântico subjacente). Em outros termos, há uma relação intrínseca entre o N restringido na superfície sintática e uma outra expressão a ele relacionada, contida em seu background via mecanismos inferenciais, a qual é afetada pelo seu *status*. Por exemplo, quando se diz em um enunciado, como em (36) acima, *papai foi o irmão que mais deu apoio a ele*, não só subentende-se que há outros irmãos, como esses irmãos deram menos apoio, i.e., a cláusula relativa que especifica o N também instrui a especificação das referências relacionadas a ele no *background*,

---

<sup>69</sup> Tradução minha. Original: “The scope of an operator is the domain within which it has the ability to affect the interpretation of other expressions” (SZABOLCSI, 2000, p. 606).

contudo essa quantificação é distribuída numa dimensão paradigmática (SAUSSURE, 2002), tal como representada na Figura 6 abaixo:

Figura 6 – Representação do background da cláusula relativa



Fonte: Elaborada pela autora, 2016.

Nesse sentido, é preciso ampliar então a noção de escopo para além da superfície sintagmática. Diante disso, a perspectiva cognitiva de linguagem oferece subsídio, uma vez que concebe as unidades e as estruturas da língua não como entidades autônomas cujo sentido é resultante do cálculo da soma de suas partes no eixo sintagmático. Pelo contrário, a língua é entendida como uma manifestação de nossas capacidades cognitivas gerais que envolvem organização conceptual, categorização, processamento e experiência individual e social. Nesses termos, o nível sintático (segmental) é um entre outros níveis que entram no cálculo do sentido, a exemplo do nível suprasegmental (estrutura prosódica), destacado nesta pesquisa. Além disso, o significante linguístico nessa perspectiva funciona como uma espécie de âncora de onde parte o processamento da significação (LANGACKER, 1987; FAUCONNIER, TURNER, 2002; SALOMÃO, 1999; MIRANDA, 2001). Para demonstrar essa questão, observemos o exemplo (46) a seguir, no qual temos uma cláusula relativa restritiva da fala espontânea, destacada em itálico:

☞ (46) bfamcv01,127,LEO,"é /-INP= pelo menos /-TOP= &d [/1]=EMP= pelo menos /-TOP= sugestão /-COB= tipo /-INT= o povo que é &ma +=EMP= os cara que são bem mais /-SCA= boleiros /-TOP= eles /-SCA= com < certeza > vão saber alguma coisa //COM

Em (46), o SN *caras* está sendo restringido pela cláusula relativa restritiva *que são bem mais boleiros*. Para que essa delimitação seja estabelecida, é preciso partir do princípio de que existe *um conjunto de caras* que têm a propriedade de *serem boleiros*. Ou seja, todos os elementos (*caras*) estão reunidos em um mesmo conjunto, identificados por uma mesma propriedade (de *serem boleiros*). Todavia, dentro desse *conjunto de caras que são boleiros*, existem particularidades atribuídas a cada elemento, as quais foram subfocalizadas para o estabelecimento do conjunto. Entretanto, tais particularidades podem ser acionadas à medida que o objetivo é restringir ainda mais a referência em questão, haja vista a sua subdeterminação dentro de uma situação comunicativa. No exemplo em questão, é preciso acionar essa particularidade para restringir a referência, i.e., entre os elementos do *conjunto de caras que são boleiros* se restringem apenas os *caras que são bem mais boleiros* em oposição a outros que são *bem menos, menos, bem ou nada boleiros*.

Assim, pode-se afirmar que a cláusula relativa restritiva estabelece escopo nos termos de um conjunto virtual de elementos semelhantes (*os caras que são boleiros*). Tal conjunto não está expresso na superfície sintática, contudo é presumível por meio de itens linguísticos presentes na expressão (*bem mais*), via mecanismos inferenciais. Ou seja, em (46) a cláusula *os caras que são bem mais boleiros* só poderá ser tomada como verdadeira se também for tomada como verdadeira a existência de um *conjunto virtual de caras que são boleiros*. Dentro desse conjunto, existem outros que são afetados pelos *status* do N restringido, qual sejam: *os bem menos, os menos, o bem ou nada boleiros*. Dessa forma, a cláusula relativa, a partir de sua função restritiva, fecha o escopo da referência do N no nível da superfície linguística, conforme a necessidade comunicativa.

Diante dessa característica das cláusulas relativas, qual seja, delimitar ou restringir uma referência particular, a noção de escopo será adaptada nesta pesquisa, nos termos de um *domínio-escopo*, para explicar como funciona a semântica dessas cláusulas na fala espontânea. Nesses termos, acreditamos que a diferença entre cláusulas relativas restritiva e não restritiva passa pelo *domínio-escopo* estabelecido na interpretação da primeira e na sua ausência na interpretação da segunda, dado a presença de itens linguísticos que estabelecem esse tipo de *background*. Assim, temos a seguinte definição:

- A cláusula relativa será compreendida como restritiva somente quando estabelecer um domínio-escopo para a interpretação de um referente (N) subespecificado. Como

a sua função é restringir, o cálculo de sua condição de verdade vincula-se à existência desse domínio virtual em um nível semântico subjacente, no qual o N subespecificado, assim como outros elementos semelhantes, está contido. Do contrário, a compreensão dessa cláusula será não restritiva. Ou seja, se a cláusula não estabelecer o domínio-escopo para sua interpretação, haja vista a determinação de N, sua função é “não restringir”. Logo, o cálculo de sua condição de verdade não está vinculado à existência do domínio-escopo em um nível semântico subjacente.

Nessa perspectiva, a interpretação restritiva da cláusula relativa está vinculada aos seguintes parâmetros semântico-linguísticos:

(i) *A interpretação distributiva associada aos quantificadores:* para cada um dos membros de um conjunto ( $x, y, z...$ ) estabelecido por N, existem elementos que quantificam as variáveis desse conjunto ( $x, y, z...$ ), tanto na superfície quanto na estrutura subjacente da língua.

(ii) *A interpretação da pressuposição de existência da referência:* para cada N referencial, existe um referente potencial na estrutura subjacente da língua cujo valor de verdade ou falsidade pode ser atestado.

Cabe destacar que nem sempre tais parâmetros semântico-linguísticos estarão manifestados simultaneamente numa mesma ocorrência, assim como o domínio-escopo nem sempre será constituído por ambos os parâmetros. Sendo assim, passemos à análise de ocorrências de relativas em enunciados retirados do *minicorpus*, considerando o postulado acima. Conforme:

☛ (47) bfamdl01,176" cê nũ quer comprar *um trenzinho que espirra* pro seu banheiro não //

Em (47), tem-se o N *trenzinho* sendo restringido pela cláusula relativa *que espirra*. Ou seja, essa cláusula relativa estabelece domínio-escopo em relação ao N *trenzinho* porque este se trata de uma referência subdeterminada. Para que essa delimitação seja estabelecida, é preciso partir do princípio de que existe *um conjunto de trenzinho para banheiro*. Todavia, dentro desse *conjunto de trenzinho para banheiro* existem particularidades atribuídas a cada elemento, as quais foram subfocalizadas para o estabelecimento do próprio conjunto. Entretanto, tais particularidades podem ser acionadas quando o objetivo é restringir ainda mais a referência. Assim, entre os elementos do *conjunto de trenzinho para banheiro*, restringe-se apenas o

*trenzinho que espirra* em oposição a outros *que não espirram, que derretem, que borrifam* etc. Nesse contexto, a cláusula relativa restritiva estabelece o domínio-escopo (*trenzinho para banheiro*) que não está expresso na superfície da expressão linguística, mas que é perfeitamente presumível por meio de itens linguísticos presentes na expressão (*que espirra*). Ou seja, em (47), a cláusula *um trenzinho que espirra* só poderá ser tomada como verdadeira se também for tomada como verdadeira a existência de um *conjunto virtual de trenzinho para banheiro*. Dessa forma, a função da cláusula relativa restritiva é cumprida, qual seja, delimitar a referência.

Contudo, essa noção de domínio-escopo não está presente na interpretação das cláusulas relativas não restritivas. Para ilustrar, toma-se o seguinte exemplo:

☛ (48) bfamcv01,56,EVN,"tem o SESC /=COB= que é bom pa caramba //COM

Em (48), o N SESC não está sendo restringido pela cláusula que apresenta a estrutura sintática da relativa – *que é bom pa caramba*. Ou seja, essa cláusula não estabelece o domínio-escopo em relação ao N porque este já se trata de uma referência determinada, reforçada pelo fato de ser uma sigla, identificada como nome próprio<sup>70</sup>. Assim, essa cláusula não precisa de um cálculo para ter a sua condição de verdade assegurada, i.e., pode ser tomada como verdadeira independente da inferência de um domínio-escopo subjacente, pois o N referente já está determinado no nível da superfície linguística. A seguir, outros exemplos:

#### Contexto VI:

@Place: Loja de calçados, Belo Horizonte / MG

@Situation: Vendedor de sapato mostra para clientes vários modelos de sandálias e preços

@Topic: Escolhendo sandálias para comprar

☛ (49) bpubdl02,135,EUG,"as duas /=TOP= sai quase o preço que custa uma na Picadilly //COM

☛ (50) bpubdl02,235,EUG,"porque /=PHA= se você quisesse uma sapatilha /=TOP= que tá usando /=PAR= coleção de inverno agora tem mais variedade /=COM= né //PHA

#### Contexto VII

@Place: Em trânsito, Belo Horizonte / MG

@Situation: Corretor de imóveis e cliente, irmãos, vão visitar um apartamento para a venda em um edifício em canteiro de obras

@Topic: Procurar o endereço da construção e visitar um apartamento

☛ (51) bfamd105,58,CES,"uai /=PHA= mas essa rua aqui /=TOP= é a rua que a gente tava nela //COM

<sup>70</sup> SESC é a sigla de Serviço Social do Comércio.

☛ (52) bfamdl05,100,CES,"o caso é o seguinte /=INT= *naquela rua* /=TOP= *que nós entramos* /=TOP= nela /=TOP= lá embaixo +=EMP

Em (49), o N *preço* é restringido pela cláusula relativa *que custa uma na Picadilly*. Esse N relaciona-se com a referência *sandálias* na situação comunicativa. Para que a sua restrição ocorra, infere-se, a partir de N, a existência do *domínio-escopo*, nos termos de *um conjunto de sandálias de vários preços*. Dentro do domínio-escopo, há duas sandálias cuja a soma dos valores equipara-se ao preço de uma sandália *na Picadilly* – aqui temos uma metonímia: o termo *Picadilly* está empregado no lugar do termo *loja*. Ao destacar essa particularidade, restringe-se o N entre os outros possíveis elementos do domínio-escopo: sandálias que *são* e *não* são do mesmo preço das sandálias na loja da Picadilly. Dessa forma, (49) pode ser tomada como verdade, pois é verdade que existe um conjunto de *sandálias de vários preços*, no qual o N restringido também está contido. Já em (50), o N *sapatilha* não está sendo restringido pela cláusula relativa *que tá usando*. Logo, não estabelece o domínio-escopo. Essa cláusula fornece apenas uma informação acerca desse N. Nesses termos, a cláusula não precisa de um cálculo para ter a sua condição de verdade assegurada, i.e., a relativa em (50) pode ser tomada como verdadeira independente da inferência de um domínio-escopo subjacente, pois o N referente já está determinado no nível da superfície linguística.

Em (51), o N *rua* é restringido pela cláusula relativa *que a gente tava nela*. Para que a restrição ocorra, infere-se, a partir de N, a existência de um domínio-escopo composto pela referência de todas as ruas percorridas pelos interlocutores na procura do apartamento, no qual o N restringido também está contido. Dessa forma, a cláusula relativa em (51) pode ser tomada como verdade. Já em (52), o N *rua* não está sendo restringido pela cláusula relativa *que nós entramos*. Logo, não estabelece o domínio-escopo. Essa cláusula apenas fornece uma informação acerca de N. Isso é reforçado pela expressão *naquela*, pronome demonstrativo que recupera uma referência compartilhada entre os interlocutores. Nesses termos, a cláusula não precisa de um cálculo para ter a sua condição de verdade assegurada, i.e., (52) pode ser tomada como verdadeira independente da inferência de um domínio-escopo subjacente, pois o N referente já está determinado no nível da superfície linguística.

Diante desse achado, fica evidente a diferença semântico/pragmática entre relativas restritivas e não restritivas, apesar de ambas possuírem estruturas sintáticas similares. Para marcar tal diferença, passamos a nomear as cláusulas não restritivas de *cláusulas apositivas*. Isso

porque a restrição, além de ser um fenômeno semântico-sintático que se manifesta na língua, é uma propriedade cognitiva que permite a constituição da referência nos termos da restrição. Tal propriedade permite que a restrição seja realizada no PB, por meio de (i) cláusulas com pronome relativo subordinante – *frutas que apodrecem no caminho* –; (ii) redução morfossintática – *frutas apodrecendo no caminho* –; e (iii) adjetivo – *frutas podres no caminho*. É claro que a escolha por uma dessas estratégias obedece às necessidades do falante dentro de uma situação comunicativa. Nas duas primeiras, temos em destaque o processo de apodrecer, na última, o produto desse processo. Nesse sentido, as relativas não restritivas tratam-se de um outro fenômeno que não é o da restrição. Assim, rompemos com a tradição gramatical e com uma parte das teorias linguísticas que corroboram com essa dupla identificação de cláusulas relativas.

Por fim, apresentamos o último postulado que entra na definição da cláusula relativa para a fala espontânea: a *unidade informacional* (CRESTI, 2014). Para tanto, retomaremos alguns pontos que já foram discutidos nas seções 2.2, 3.1.1 e 3.1.2 deste estudo.

Como vimos, a unidade informacional (UI) pertence ao domínio pragmático-informacional da estrutura da fala. Sua função é conferir valor pragmático (textual ou dialógico) às unidades tonais que, por sua vez, são resultantes de quebras prosódicas (terminais/não terminais) e são configuradas em perfis prosódicos distintos (raiz, prefixo, sufixo e posfixo)<sup>71</sup>. Do pareamento entre unidade informacional e unidade tonal, definido pelas quebras prosódicas terminais, constitui-se o enunciado, a menor unidade linguística que possui autonomia pragmática e interpretabilidade em isolamento, a qual é tomada como unidade de referência da fala pela LAcT (CRESTI, 2000). Para fins didáticos, observemos o exemplo (53), no qual temos um enunciado complexo formado por duas unidades informacionais (TOP-COM), as quais estão relacionadas isomorficamente à duas unidades tonais (Prefixo-Raiz), ou seja, a UI de TOP corresponde ao perfil prosódico de Prefixo, ao passo que a UI de COM corresponde ao de Raiz:

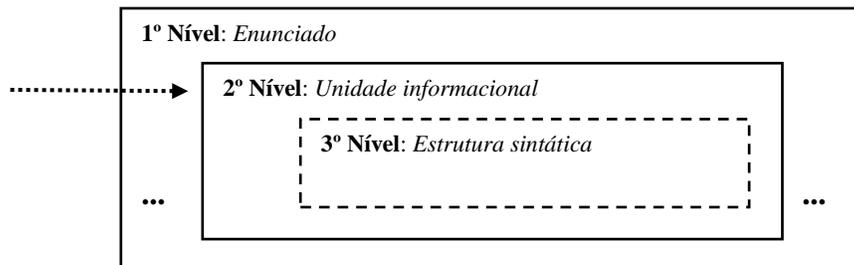
☛ (53) bfamcv01,11,"< porque o Durepox > /=TOP= pelo menos jogava bola //COM

<b>Padrão informacional</b>	Tópico	Comentário
Enunciado:	<i>porque o Durepox</i>	<i>pelo menos jogava bola</i>
<b>Perfil prosódico</b>	Prefixo	Raiz

<sup>71</sup> Em termos metafóricos: no esqueleto da fala, as unidades informacionais corresponderiam aos músculos que o revestem, ao passo que as unidades tonais corresponderiam aos ossos que formam esse esqueleto.

Como já salientado, a unidade informacional, nos termos de um *padrão informacional* (ou estrutura) simples ou complexo, corresponde ao *nível intermediário* entre a unidade ilocucionária, que se realiza por meio do enunciado, e a estrutura sintática, que está restrita aos seus limites. Essa relação é representada na Figura 7 a seguir:

Figura 7 – Estrutura do enunciado na fala



Fonte: Elaborado pela autora, 2016.

Nesses termos, uma definição de cláusula relativa para a fala espontânea, que se queira completa, precisa considerar a natureza e o comportamento da unidade informacional, a qual está mais ligada às relações informacionais específicas do que às regras sintáticas ou semânticas estritas. Para Cresti (2014), cada unidade informacional de um padrão informacional, inserido no contínuo da fala via enunciado, funcionaria como uma *ilha sintático-semântica*, dentro da qual o conteúdo locutivo é dado por *chunks* linguísticos de várias ordens. Isso significa assumir que tanto a sintaxe quanto a semântica do enunciado são, em primeira instância, local, ou seja, a *composicionalidade*, tal como advoga a tradição, ocorre somente dentro das ilhas. Dessa maneira, as estruturas sintático-semânticas que correspondem a uma sentença ou a uma proposição ocorrem dentro da unidade informacional.

Já a relação entre as ilhas se realiza em termos da *combinatoriedade*, i.e, a sintaxe da fala espontânea não opera em termos composicionais, mas informacionais. Dessa forma, o que está "perdido" a partir de um quadro tradicional de composicionalidade sintática e semântica entre as ilhas é "recuperado" a partir das funções pragmáticas desempenhadas pela estrutura informacional do enunciado. Contudo, seu *status* é de outra ordem (ver a relação entre TOP e COM na seção 2.2). Dessa forma, Cresti (2014) define a sintaxe na fala espontânea nos termos da linearização e da padronização entre as unidades informacionais. As relações sintáticas *stricto sensu*, marcadas pela composicionalidade, ocorrem em estruturas linearizadas, ao passo que a

combinatoriedade ocorre entre as unidades padronizadas do enunciado. O mesmo vale para a semântica: cada unidade informacional evoca um *domínio* (cena), o qual é combinado com os domínios das outras unidades informacionais para configurar a semântica do enunciado.

Nessa perspectiva, os elementos que compõem a cláusula relativa na fala espontânea, qual sejam “N+que verbo finito...//”, devem ocorrer dentro de uma mesma unidade informacional (ilha sintático-semântica), uma vez que a cláusula de restrição funciona como um componente ligado ao N referente. Do ponto de vista semântico, a restrição, que é uma propriedade cognitiva, deve ser estabelecida dentro do limite da unidade informacional. Nesses termos, a definição de relativa apresentada até aqui recebe o seguinte complemento:

- A cláusula relativa será compreendida como restritiva somente quando estabelecer um *domínio-escopo* para a interpretação de um referente (N) subespecificado. Como a sua função é restringir, o cálculo de sua condição de verdade vincula-se à existência desse domínio virtual em um nível semântico subjacente, do qual esse referente subespecificado, assim como outros elementos semelhantes, está contido. Na fala espontânea, essa operação de restrição da referência linguística, bem como os elementos da cláusula, ocorre nos limites de uma única unidade informacional dentro de um enunciado simples ou complexo.

Essa perspectiva de Cresti (2014) de definir a unidade informacional nos termos de uma *ilha sintático-semântica* possui também um caráter cognitivo. A nosso ver, a UI se aproxima de pressupostos da Linguística Cognitiva. Nessa abordagem, como já salientado, as unidades e as estruturas da linguagem são estudadas não como se fossem entidades autônomas, mas como manifestações de capacidades cognitivas gerais que envolvem os contextos de ação do falante. Nesses termos, o conceito de unidade informacional como ilha sintático-semântica resguarda todos os postulados apresentados para a definição de cláusula relativa para fala espontânea nesta pesquisa, quais sejam: domínio de relativização, *grounding* e escopo. Uma vez que todas essas noções evocam um domínio que não está na superfície linguística, mas numa dimensão subjacente que é estabelecida a partir de elementos linguísticos presentes nela – portanto, dentro das UIs. Afinal, a ideia de domínio de Cresti (2014) para explicar a semântica das ilhas informacionais se aproxima do conceito de *espaços mentais* de Fauconnier e Turner (2002). Definidos como domínios cognitivos, os espaços mentais operam no nível semântico-pragmático. Tais domínios são configurados durante o processamento discursivo e são ativados por

expressões linguísticas ou por mecanismos de reconhecimento de diferentes campos (psicológico, cultural, histórico, ficcional). Dessa forma, até a prosódia pode ser considerada como um mecanismo de estabelecimento de espaços mentais, haja vista seu conteúdo pragmático (perfil prosódico de pergunta, asserção, ordem, ironia, entre outros).

Por fim, a relativização clausal se configura como um processo de produção de referência, já que restringe um N referente dentro de uma situação comunicativa. Dessa forma, a cláusula relativa é estabelecida segundo uma necessidade emergencial do falante, por natureza, marcada temporalmente. Esse fato converge com o processamento dos espaços mentais nos termos do estabelecimento da referência. De acordo com Salomão (1999), as relações referenciais realizam-se via espaços mentais, os quais se constituem como ferramentas do processamento discursivo, por natureza temporários. Dessa forma, esses domínios são sempre parciais, instáveis e transitórios, atendendo exclusivamente às necessidades comunicativas de enquadramento ou especificação da cena comunicativa em curso. O que converge diretamente como o processamento da fala espontânea – é executada ao mesmo tempo em que é planejada. Ou seja, enquanto falamos, espaços mentais emergem, interligados em uma rede dinâmica e complexa, compondo os referentes dentro das sequências linguísticas – ou dos enunciados.

### 3.5.2 Procedimentos para identificação de cláusulas relativas

Para a identificação das cláusulas relativas na fala espontânea do PB, levantaram-se todas as ocorrências de enunciados no *minicorpus* do C-ORAL BRASIL que continham a seguinte estruturação sintática: [... N [QUE + verbo finito ...]<sub>SA<sub>adj</sub></sub>]<sub>SN</sub>

Em seguida, cumpriram-se os seguintes passos metodológicos:

#### I. Descrição morfossintática e informacional das cláusulas relativas:

- (1) Tabulação dos dados em uma planilha eletrônica;
- (2) Separação e agrupamento dos enunciados em planilhas conforme a distribuição sintática e informacional. A oitiva das ocorrências foi realizada concomitantemente, considerando-se a identificação das relativas. Dessa forma,

chegou-se a quatro agrupamentos distribuídos em quatro planilhas. No entanto, essas planilhas, considerando o contexto sintático, subdividem-se em dois grupos: (1) *contexto sintático complexo*: as planilhas 1 e 2 reúnem as cláusulas relativas que ocorrem relacionadas a uma cláusula matriz no enunciado simples ou complexo; (2) *contexto sintático simples*: as planilhas 3 e 4 reúnem as cláusulas relativas que não relacionam-se a uma cláusula matriz no enunciado simples ou complexo:<sup>72</sup>

#### Contexto sintático complexo

<b>Planilha 1:</b> Relativa linearizada	[N [QUE + verbo finito] <sub>SAdj</sub> + Cl.Matriz...]//=UI
<b>Planilha 2:</b> Relativa padronizada	[N /= UI [QUE + verbo finito] <sub>SAdj</sub> + Cl.Matriz...]//=UI

#### Contexto sintático simples

<b>Planilha 3:</b> Relativa linearizada	[N QUE + verbo finito] <sub>SAdj</sub> - Ø // =UI
<b>Planilha 4:</b> Relativa padronizada	[N / QUE + verbo finito] <sub>SAdj</sub> - Ø // =UI

- (3) Descrição sintática dos SNs antecedentes das cláusulas relativa – natureza dos determinantes do nome que podem estar presentes nesse sintagma nominal (artigo, pronome, quantificador, sintagma adjetivo, sintagma preposicionado) e natureza do próprio núcleo do SN, que pode ser nominal ou pronominal –;
- (4) Descrição sintática das cláusulas relativas – complexidade da configuração sintática: verbo, locução verbal, natureza dos sintagmas encaixados –;
- (5) Identificação da função sintática desempenhada pelas cláusulas relativas no escopo da cláusula matriz – sujeito, complemento verbal, adjunto adverbial –;
- (6) Distribuição das cláusulas relativas segundo a unidade informacional ou padrão informacional no qual elas ocorrem.

Para proceder aos passos (3)-(4) descritos acima, optou-se por uma descrição marcada pela especificidade das classes morfológicas e sintagmáticas das formas linguísticas

<sup>72</sup> Utilizaremos os termos *contexto sintático complexo* e *contexto sintático simples* em oposição, haja vista o contexto sintático de ocorrência da relativa: no primeiro caso, a relativa está ligada de alguma forma (sintática ou semanticamente) a uma cláusula matriz dentro do enunciado; ao passo que, no último, a relativa funciona independente de uma cláusula matriz no enunciado.

presentes nos domínios destacados: SN e cláusula relativa. A intenção foi evitar uma possível confusão entre os níveis sintático e funcional de análise. Para tanto, utilizou-se a orientação descritivista dos estudos Perini (2006). A seguir, no Quadro 6, as categorias discriminadas nos dados:

Quadro 6 – categorias morfológica e sintagmática para descrição das cláusulas do minicorpus

Classes morfológicas	Categorias sintagmáticas
Adjetivo (Adj)	Sintagma nominal (SN)
Artigo definido (Art Def)	Sintagma preposicional (SPrep)
Artigo indefinido (Art Ind)	Sintagma verbal (SV)
Advérbio (Adv)	
Conjunção (Conj)	
Pronome demonstrativo (Dem)	
Pronome indefinido (Ind)	
Nome (N)	
Pronome (Pron)	
Pronome possessivo (Poss)	
Pronome oblíquo (Obli)	
Verbo (V)	
Locução verbal (LocV)	
Locução prepositiva (LocP)	

**Fonte:** Elaborada pela autora, 2016.

## II. Descrição semântica das cláusulas relativas:

- Teste do domínio-escopo – a cláusula relativa será compreendida como *restritiva* somente quando estabelecer um *domínio-escopo* para a interpretação de um referente (SN) subespecificado. Como a sua função é restritiva, o cálculo de sua condição de verdade vincula-se à existência desse domínio virtual em um nível semântico subjacente, do qual esse referente subespecificado, assim como outros elementos semelhantes, está contido. Do contrário, a compreensão dessa cláusula será *não restritiva*. Na fala espontânea, essa operação de restrição da referência linguística, bem como os elementos da cláusula, ocorre nos limites de uma única unidade informacional dentro de um enunciado simples ou complexo. Se a cláusula relativa não estabelece o *domínio-escopo*, haja vista a determinação do

referente, sua função é não restritiva, logo o cálculo de sua condição de verdade não está vinculado à existência desse domínio virtual de elementos semelhantes em um nível semântico subjacente. Na fala espontânea, os elementos dessa cláusula ocorrem distribuídos em mais de uma unidade informacional dentro de um enunciado complexo, logo não estabelece a restrição. Nessa perspectiva, a interpretação restritiva da cláusula relativa está vinculada aos seguintes parâmetros semântico-linguísticos:

- (i) *A interpretação distributiva associada aos quantificadores:* para cada um dos membros de um conjunto ( $x, y, z...$ ) estabelecido pelo N, existem elementos que quantificam as variáveis desse conjunto ( $x, y, z...$ ), tanto na superfície quanto na estrutura subjacente da língua.
- (ii) *A interpretação da pressuposição de existência da referência:* para cada N referencial, existe um referente potencial na estrutura subjacente da língua cujo valor de verdade ou falsidade pode ser confirmado.

Posto isso, no próximo capítulo, procedemos à análise das cláusulas relativas do *minicorpus* do C-ORAL BRASIL, segundo os parâmetros teórico-metodológicos esboçados aqui.

### 3.6 Resumo do capítulo

Neste capítulo, apresentamos os procedimentos teórico-metodológicos que sustentam a presente pesquisa. Sendo assim, esboçamos os fundamentos da *Language into Act Theory*, o conjunto de postulados equacionados na definição da cláusula relativa (o *domínio de relativização* vs. *subconjunto restringido*; a *relação entre instanciação e grounding* e *escopo*; e a *unidade informacional como uma ilha sintático-semântica*), articulados aos princípios da Linguística Cognitiva e do Funcionalismo. Nesse contexto, descreve o *corpus* investigado (o C-ORAL BRASIL), as ferramentas computacionais envolvidas no processo de extração e seleção dos dados e os passos metodológicos utilizados para cumprir o objetivo: investigar as cláusulas relativas na fala espontânea do PB, e, a partir daí, propor uma definição funcional para tais cláusulas. Para tanto, considera, entre os vários níveis da fala, o nível *informacional* e o nível *sintático*, os quais circunscrevem os tipos de estratégias sintáticas que podem ocorrer na fala

espontânea nos termos da dependência clausal. O nível informacional realiza-se por meio da padronização sintática do conteúdo locutivo distribuído *entre* as unidades informacionais que compõem o enunciado – *combinatoriedade*. Já o nível sintático realiza-se por meio da linearização sintática do conteúdo locutivo *dentro* das unidades informacionais do enunciado – *composicionalidade*. No contexto das estratégias de conexão entre as cláusulas, o nível informacional é marcado pela justaposição sintática (*hipotaxe*), ou seja, cláusulas encadeadas, cuja unidade é dada pela sequência no período, as quais nem sempre estarão articuladas via conector sintático. Ao passo que o nível sintático é marcado pelo encaixamento (*subordinação*) das cláusulas. Quanto à semântica das cláusulas, considerando que cada UI evoca um *domínio* (cena), o qual é combinado com os domínios das outras unidades informacionais para configurar a semântica total do enunciado nos termos dos *espaços mentais*, as cláusulas relativas apresentam alguns itens no seu conteúdo locutivo que estabelecem um domínio cognitivo subjacente para a interpretação da relativização. A fim de atestar a presença da restrição nas cláusulas que apresentam a estrutura da relativização nos enunciados, esta pesquisa implementa o *Teste do domínio-escopo* que consiste em verificar as condições de verdade da cláusula relativa em relação ao nível subjacente para a interpretação da restrição clausal. Para isso, observa a presença de elementos linguísticos estabelecadores da *interpretação da pressuposição de existência* e da *interpretação distributiva associada aos quantificadores*. Nesses termos, somente a cláusula relativa restritiva pode ser considerada instância de relativização. Quanto à cláusula não restritiva, apesar de apresentar estrutura sintática semelhante à restritiva, trata-se de um outro fenômeno semântico-sintático. Para marcar tal diferença, passa-se a nomeá-las *cláusulas apositivas*.

#### **4 CLÁUSULAS RELATIVAS NA FALA ESPONTÂNEA DO PB: ANÁLISE DOS DADOS DO *MINICORPUS C-ORAL BRASIL***

Esta pesquisa tem por objetivo investigar as cláusulas relativas na fala espontânea do Português do Brasil (PB), e, a partir daí, propor uma definição funcional para a relativização clausal. Sendo assim, delinea os processos de subordinação envolvidos nessas cláusulas; explicita a operação semântico-sintática envolvida no processo de relativização; e, por fim, descreve as relativas na fala espontânea do PB morfossintaticamente. Para cumprir tais objetivos, apresentou as cláusulas relativas em diversas perspectivas (ver capítulo 2). Em seguida, traçou um quadro dos pressupostos teórico-metodológicos que a guiam (ver capítulo 3), destacando os postulados da *Language into Act Theory* (LAcT) (CRESTI, 2000; CRESTI; MONEGLIA, 2005; RASO, 2012) acerca da natureza da fala espontânea, bem como o entendimento sobre o funcionamento da sintaxe nessa diamesia, atravessada pelos níveis informacional e sintático. Nesse contexto, este capítulo analisa os dados sobre as cláusulas relativas extraídas do *minicorpus C-ORAL BRASIL*, cumprindo o seguinte trajeto analítico: exhibe os tipos de estruturação sintática e informacional que configuram as cláusulas relativas (ver seção 3.4 do capítulo 3); discute a semântica das relativas, utilizando a noção de *domínio-escopo*; formaliza os tipos de cláusulas encontradas por meio de diagramas; por fim, apresenta a distribuição dos dados das relativas conforme: (i) a estrutura sintagmática do termo antecedente; (ii) a estrutura sintagmática da cláusula; e (iii) o nível sintático do SN que antecede a cláusula. Nessa tarefa, optou por uma descrição marcada pela especificidade das classes morfológicas e sintagmáticas do SN e da cláusula relativa (ver seção 3.5.2 do capítulo 3).

Diante do exposto, considerando a natureza da fala espontânea, as contribuições de estudos anteriores e enfrentando as lacunas por eles deixadas, esta pesquisa parte da seguinte noção de relativização clausal para a fala espontânea:

- A relativização clausal é uma estratégia semântico-sintática que permite às línguas naturais restringir/delimitar uma referência dentro de um conjunto virtual de elementos presumidamente semelhantes, inferido a partir de elementos linguísticos presentes na superfície sintática. Na maioria das línguas naturais, a cláusula relativa exhibe um correlato formal. É o caso do PB, cujo padrão sintático

é *pós-nominal*: a cláusula relativa segue o referente. O procedimento sintático envolvido é a subordinação via encaixamento. Na fala espontânea, essa operação de restrição da referência, bem como os elementos da cláusula, ocorre nos limites de uma única unidade informacional dentro de um enunciado simples ou complexo. Sendo assim, a cláusula relativa no enunciado estabelece um *domínio-escope* para a interpretação do referente (N) subespecificado. Como a sua função é restringir, o cálculo de sua condição de verdade vincula-se ao estabelecimento desse domínio, configurado em um nível semântico subjacente, no qual o N está contido.

Antes de passamos à análise dos dados oriundos do *minicorpus* C-ORAL BRASIL, salientamos que, no PB, tradicionalmente são identificadas dois tipos de cláusulas relativas: *restritivas* e *não restritivas*. Diante da noção de relativização clausal para fala espontânea, assumida nesta pesquisa, excluem-se as últimas. Contudo, partimos do entendimento que, para compreender a natureza das restritivas, é preciso também entender a natureza das não restritivas, já que ambas apresentam uma estrutura linguística semelhante, muitas vezes, confundidas entre si. Assim, as cláusulas não restritivas nos serviram de contraponto. Nesses termos, metodologicamente, acompanhamos o postulado saussureano de que, na língua, só há diferenças:

Um sistema linguístico é uma série de diferenças de sons combinadas com uma série de diferenças de ideias; mas essa confrontação de um certo número de signos acústicos com outras tantas divisões feitas na massa do pensamento engendra um sistema de valores; e é tal sistema que constitui um vínculo efetivo entre os elementos fônicos e psíquicos no interior de cada signo. (SAUSSURE, 2002 [1916], p. 139)

#### **4.1 Cláusulas relativas no minicorpus C-ORAL BRASIL: cotejamento preliminar das ocorrências**

No português do Brasil, há duas estratégias para realização da relativização clausal: (i) o uso de pronome relativo – cuja função é repetir anaforicamente o conteúdo semântico do Nome externo à cláusula subordinada (*um professor que fala...*) –; e (ii) a redução morfossintática – as informações gramaticais referentes ao verbo da cláusula subordinada são substituídas por formas nominais (*um professor falando...*). Entretanto, no contexto do *minicorpus* C-ORAL

BRASIL, não foram encontradas relativas configuradas a partir da estratégia de redução morfossintática. Por outro lado, fazendo uma varredura em todo *corpus* C-ORAL BRASIL, foram encontradas somente 40 ocorrências que, em razão de não estarem etiquetadas informacionalmente, ficaram de fora do escopo desta pesquisa. Sendo assim, tem-se os seguintes números quanto à ocorrência de cláusulas relativas constituídas via pronome relativo no *minicorpus* conforme a Tabela 3 a seguir:

Tabela 3 – Números do minicorpus C-ORAL-BRASIL

Total	
5.512	Enunciados
1.821	Ocorrências do item “que”
148	Ocorrências de estrutura relativas

Fonte: Elaborada pela autora, 2016.

Na Tabela 3 acima, entre os 5.512 enunciados, 1.821 ocorrências apresentam o conector linguístico *que* indicador de subordinação. Contudo, o conector *que* se comporta como pronome relativo somente em 148 ocorrências. Dessa forma, as ocorrências com estruturação sintática semelhante, mas que não apresentavam a mesma semântica, ou seja, não restringia ou referia-se de alguma forma ao referente, foram descartadas. Para demonstrar essa situação, apresentamos ocorrências que, apesar da forma sintática, não correspondem às cláusulas relativas:

☛(1) bfamdl02,241" aí *na hora* que eu voltei / eu fiquei toda feliz que ela tinha dez quilos / e eu achando / que eu arrumei ela melhor / e por isso ela tava pesando menos //

☛(2) bfammn04,122" o Bernardo / aí ele falou assim / Regina / *do jeito* que eu te conheço / e sei que cê é tranqüila / eu falei / cê pode ir pro hospital sim //

☛(3) bfamdl04,136" nã é igualzim de *casa de pobre* / que tudo que tem põe pra fora não //

Em (1), a cláusula *na hora que eu voltei* tem valor adverbial de tempo: *quando*. Já em (2), *do jeito que eu te conheço* apresenta a expressão gramaticalizada *do jeito que*, cujo valor adverbial é de *modo*. Por fim, na ocorrência (3), a cláusula *casa de pobre que tudo que tem põe pra fora*, se refere ao agente pessoa pobre e não ao SN *casa de pobre*. É importante salientar que nenhum outro conectivo, com valor de relativo (qual, quem, quanto, cujo, onde e flexões), foi

encontrado nessa posição nos dados do *minicorpus*. De certa forma, isso é esperado, considerando-se que os dados em escrutínio são oriundos de um *corpus* de fala espontânea informal.

Uma vez limpos os dados, as cláusulas relativas foram agrupadas conforme a estruturação sintático-informacional dos enunciados nos quais se encontram. Dessa forma, dois grupos foram constituídos: (1º) cláusulas relativas que ocorrem sintaticamente linearizadas dentro de uma única unidade informacional; e (2º) cláusulas relativas que ocorrem sintaticamente padronizadas em mais de uma unidade informacional<sup>73</sup>. Assim, chegou-se aos seguintes números, expostos na Tabela 4:

Tabela 4 – Distribuição dos tipos de cláusulas relativas do minicorpus

<b>Total</b>	
<b>123</b>	cláusulas relativas linearizadas
<b>25</b>	cláusulas relativas padronizadas
<b>148</b>	<b>Ocorrências</b>

Fonte: Elaborada pela autora, 2016.

Contudo, tanto relativas linearizadas quanto relativas padronizadas ocorrem em dois tipos de contextos distintos, os quais cotejamos segundo o número de núcleos verbais inseridos no conteúdo locutivo do enunciado. Dessa forma, temos:

(1) *Contexto sintático complexo*: a cláusula relativa está ligada sintática ou semanticamente a uma cláusula matriz dentro de um enunciado simples ou complexo.

- Linearizada: N [QUE + verbo finito]<sub>CRel</sub> + Cl. matriz...]<sub>S</sub> // =UI
- Padronizada: N / [QUE + verbo finito]<sub>CRel</sub> + Cl. matriz...]<sub>S</sub> // =UI

(2) *Contexto sintático simples*: a cláusula relativa não está ligada sintaticamente a uma cláusula matriz dentro de um enunciado simples ou complexo.

- Linearizada: N [QUE + verbo finito]<sub>CRel</sub> - Ø // =UI
- Padronizada: N / [QUE + verbo finito]<sub>CRel</sub> - Ø // =UI

<sup>73</sup> Os primeiros dados sobre a estrutura informacional das cláusulas relativas do *minicorpus* C-ORAL BRASIL foram publicados em Carmo e Mello (2016).

Na Tabela 5 abaixo, temos os números de relativas seguidos de ocorrências que correspondem aos padrões sintático-informacionais delineados acima. As cláusulas relativas na Tabela 5 estão destacadas em itálico:

Tabela 5 – Distribuição das cláusulas relativas conforme o padrão sintático-informacional

<b>Total</b> Tipos de cláusulas da fala espontânea	
97	Linearizadas em contexto sintático complexo bfamdl01,176,"cê nũ quer comprar <sub>Cmatriz</sub> [ <i>um [trenzinho<sub>N</sub> que<sub>CRel</sub> espirra pro seu banheiro não]</i> ] <sub>CRel</sub> ] <sub>SN</sub> //
26	Linearizadas em contexto sintático simples bfamdl01,177,"[trenzim <sub>SN</sub> que espirra $\emptyset$ ] <sub>CRel</sub> //
21	Padronizadas em contexto sintático complexo bfamcv01,56,"tem <sub>Cmatriz</sub> [ <i>o SESC</i> ] <sub>SN</sub> / <i>que é bom pa caramba</i> ] <sub>CRel</sub> //
04	Padronizadas em contexto sintático simples bfamdl02,30,"[ <i>um cuidado</i> ] <sub>SN</sub> / <i>que cês têm que tomar</i> ] <sub>CRel</sub> $\emptyset$ //
<b>148 Ocorrências</b>	

Fonte: Elaborada pela autora, 2016.

Como se pode observar na Tabela 5 acima, foram encontradas 97 ocorrências de cláusulas relativas linearizadas e 21 ocorrências de cláusulas relativas padronizadas com a estrutura sintática tradicionalmente esperada, i.e., cláusulas que apresentam N [QUE + verbo finito]<sub>CRel</sub> + cláusula matriz. No entanto, foram encontradas 26 ocorrências de relativas linearizadas e 4 ocorrências de relativas padronizadas que não ocorrem ligadas sintaticamente a uma cláusula matriz, i.e., cláusulas que apresentam N [QUE + verbo finito]<sub>CRel</sub> –  $\emptyset$  funcionando informacionalmente.

#### 4.1.1 Estrutura informacional das cláusulas relativas no minicorpus C-ORAL BRASIL

Como visto na seção 3.1 do capítulo 3, a unidade de referência da fala espontânea é o enunciado, a menor unidade linguística que possui autonomia pragmática e interpretabilidade em isolamento no fluxo da fala. É nos limites do enunciado que as cláusulas relativas ocorrem enquanto conteúdo locutivo dentro de uma ilha sintático-semântica. Todavia, o enunciado é

constituído de unidades informacionais, logo pode se apresentar como simples ou complexo. Assim, a cláusula relativa pode ocorrer completa dentro de uma unidade informacional num enunciado simples ou complexo, ou pode ocorrer distribuída em mais de uma unidade informacional num enunciado complexo, formando padrões prosódicos.

Nesses termos, as tabelas que se seguem apresentam a estrutura informacional das relativas, enquadradas a partir dos dois contextos sintáticos distintos, já explorados na seção 4.1: o *contexto sintático complexo* – a cláusula relativa está ligada sintática ou semanticamente a uma cláusula matriz dentro de um enunciado simples ou complexo –; e o *contexto sintático simples* – a cláusula relativa não está ligada sintaticamente a uma cláusula matriz dentro de um enunciado simples ou complexo. Assim, a Tabela 6 apresenta as unidades informacionais em contexto sintático complexo; ao passo que a Tabela 7, as unidades informacionais em contexto sintático simples. O mesmo vale para as relativas padronizadas: a Tabela 8 apresenta os padrões informacionais em contexto sintático complexo, e a Tabela 9, os padrões informacionais em contexto sintático simples. Posto isso, vamos às tabelas:

Tabela 6 – Relativas linearizadas em contexto sintático complexo: distribuição por UIs

<b>Total</b>	
02	Apêndice de Comentário APC
01	Apêndice de Comentário Tópico APT
<b>54</b>	Comentário COM
07	Comentário Ligado COB
03	Comentário Ligado Múltiplo CMB
05	Comentário Múltiplo CMM
01	Introdutor Locutivo INT
01	Parentético PAR
23	Tópico TOP

### **97 Ocorrências**

Fonte: Elaborada pela autora, 2016.

Tabela 7 – Relativas linearizadas em contexto sintático simples: distribuição por UIs

<b>Total</b>	
<b>23</b>	Comentário COM
01	Comentário Múltiplo CMM
01	Tópico TOP

## 25 Ocorrências

Fonte: Elaborada pela autora, 2016.

Como se pode observar na Tabela 6, no PB, as cláusulas relativas linearizadas que ocorrem em contexto sintático complexo figuram na unidade de COM (54), ou em unidades resultantes de seus desdobramentos: COB (7), CMM (5), CMB (3) – ou seja, as relativas linearizadas ocorrem preferencialmente em COM (69 em 97). Em seguida, temos relativas linearizadas em TOP (23 em 97), APC (2) e APT (1), INT (1), PAR (1). Essa tendência de ocorrência das relativas na unidade informacional de COM também permanece entre as relativas que ocorrem em contexto sintático simples: na Tabela 7, podemos ver que essas relativas ocorrem em COM (24 de 25), seguido TOP (1).

Os dados das relativas padronizadas apresentam certa particularidade, dado que é preciso considerar os padrões informacionais (PI) resultantes da combinação entre as unidades informacionais que entram na composição das relativas. Em outros termos, é preciso observar o contexto sintático complexo, i.e., além do SN referente e da cláusula relativa, que obrigatoriamente estarão em unidades informacionais distintas, haverá uma outra cláusula que poderia ser definida como cláusula matriz, já que possui proeminência conceitual. Essa cláusula se relacionará informacionalmente com a relativa, uma vez que estão inseridas no mesmo enunciado. Nesses termos, as cláusulas relativas padronizadas também são organizadas em contexto sintático simples, contudo, nesse PI, não há uma outra cláusula com a qual a relativa poderia relacionar-se sintaticamente via processos de justaposição. Dessa maneira, temos as Tabelas 8 e 9:

Tabela 8 – Relativas padronizadas em contexto sintático complexo: distribuição por PIs

02	COB-COM	01	COM-COB	02	CMB-COM	01	TOP-COM
01	COB-COB	02	COM-APC	01	CMB-CMB	01	TOP-TOP
04	COB-PAR	01	COM-PAR	01	CMB-PAR	02	TOP-CMB
						01	TOP-APT
						01	TOP-PAR

## 21 Ocorrências

Fonte: Elaborada pela autora, 2016.

Tabela 9 – Relativas padronizadas em contexto sintático simples: distribuição por PIs

---

01	TOP-COM	01	COB-COM	01	COM-APC
01	TOP-APT				

---

#### 04 ocorrências

---

Fonte: Elaborada pela autora, 2016.

Na Tabela 8, vemos que os PIs das relativas padronizadas em contexto sintático complexo são formados em sua maioria pela unidade informacional de COM e seus desdobramentos (COB, CMB): 11 em 21, seguidos pelos PIs formados com TOP: 6 em 21. Quanto às relativas padronizadas em contexto sintático simples, conforme a Tabela 9, temos também o COM na maior parte dos padrões (3 em 4), seguido de TOP (2 em 4). Nesta pesquisa, não discutimos as consequências pragmáticas da configuração desses padrões, já que o nosso foco é a sintaxe no interior das unidades informacionais que os configuram. Os resultados encontrados aqui vão de encontro aos dados do italiano que mostram uma tendência de as cláusulas relativas padronizadas ocorrerem em padrões informacionais compostos preponderantemente na unidade informacional de TOP (CRESTI, 2014). A tendência encontrada no *minicorpus* do PB é de que as cláusulas relativas, tanto linearizadas quanto padronizadas, ocorrem preferencialmente em COM, unidade informacional necessária e suficiente para a constituição do enunciado, responsável por veicular a ilocução e, ainda, definir os atos de fala. Contudo, ressaltamos que a análise apresentada aqui parte apenas do *minicorpus* do C-ORAL BRASIL.

#### 4.2 Estrutura sintática das cláusulas relativas da fala espontânea

Os dados do *minicorpus* mostram que as cláusulas relativas na fala espontânea apresentam diferenças, tanto de natureza semântica (restritivas vs. não restritivas), quanto de natureza sintática (encaixamento vs. justaposição). Tais diferenças são impactadas diretamente pela estrutura informacional, na qual tais cláusulas se realizam: se em estruturas linearizadas ou se em estruturas padronizadas. Nesta seção, discutiremos particularmente as diferenças de natureza sintática. Para tanto, retomamos dois contextos sintáticos das cláusulas relativas na fala espontânea encontrados: *contexto sintático complexo* e *contexto sintático simples*.

#### 4.2.1 Cláusulas relativas que ocorrem em contexto sintático complexo

As cláusulas relativas que ocorrem em *contexto sintático complexo* ocorrem tanto dentro de enunciados simples quanto complexos. Assim, no contexto do enunciado, temos dois tipos de relativas que correspondem, em primeira instância, à estrutura de subordinação tradicional. Contudo, a subordinação que envolve relativas linearizadas e padronizadas não se realiza da mesma forma, uma vez que a estrutura informacional se impõe à estrutura sintática na fala espontânea (confira na seção 3.4.1 do capítulo 3). Para demonstrar essa diferença entre os tipos de relativas, tomamos as ocorrências (4)-(5)-(6) a seguir, que correspondem a relativas que ocorrem linearizadas dentro de uma unidade informacional em um enunciado simples ou complexo, ao passo que, em (7)-(8)-(9) abaixo, temos estruturas relativas que ocorrem padronizadas entre as unidades informacionais em um enunciado sempre complexo.

##### *Relativas linearizadas ligadas a matriz*

☛(4) bfamdl02,90,BEL,"porque nã tem *tanta gente que sabe isso* //COM

☛(5) bfamdl05,58,CES,"uai /=PHA= mas essa rua aqui /=TOP= *é a rua que a gente tava nela* //COM

☛(6) bfamdl01,525,REN,"é porque esse daqui foi *o bolso que eu tirei* /=SCA= pra /=SCA= pagar o táxi //COM

##### *Relativas padronizadas ligadas a matriz*

☛(7) bfammn02,143,DFL,"que a *Dodora* /=i-COB= *que era a mamãe* /=PAR= ia ficar < muito > feliz /=SCA= de morar /=SCA= perto da *dona Terezinha* /=COB= *que era minha* &b [2]=SCA= *minha avó* //PAR

☛(8) bpubcv01,336,MAR,"porque você tem *um período* /=TOP= *que você pode deixar a bolsa em repouso* /=CMB= pa poder centrifugar //COM

☛(9) bpubdl02,235,EUG,"porque /=PHA= se você quisesse *uma sapatilha* /=TOP= *que tá usando* /=PAR= coleção de inverno agora tem mais variedade /=COM= né //PHA

A seguir, temos o contexto sintático complexo de ocorrência das cláusulas relativas. Para explicitar a forma sintática em questão, retomamos os enunciados apresentados acima, agora em (4a)-(5a)-(6a)-(7a)-(8a)-(9a), e segmentamos quanto às cláusulas que os constituem: cláusula relativas (4b)-(5b)-(6b)-(7b)-(8b)-(9b) e cláusulas matriz (4c)-(5c)-(6c)-(7c)-(8c)-(9c). Para facilitar o entendimento dessa tarefa: separamos as ocorrências em termos da linearização e padronização informacional; retiramos as marcas da etiquetagem informacional dos exemplos;

destacamos as relativas em itálico; e, por fim, colocamos o sinal  $\emptyset$  (conjunto vazio) no lugar da cláusula constituinte extraída do contexto sintático complexo, nessa primeira análise.

*Relativas linearizadas*

☛ (4a) bfamdl02,90,BEL,"porque nũ tem tanta gente que sabe isso //  
 (4b) Relativa: "  $\emptyset$  gente que sabe isso //  
 (4c) Matriz: "porque nũ tem tanta gente  $\emptyset$  //

☛ (5a) bfamdl05,58,CES,"uai / mas essa rua aqui / é a rua que a gente tava nela //  
 (5b) Relativa: "uai / mas essa rua aqui /  $\emptyset$  rua que a gente tava nela //  
 (5c) Matriz: "uai / mas essa rua aqui / é a rua  $\emptyset$  //

☛ (6a) bfamdl01,525,REN,"é porque esse daqui foi o bolso que eu tirei pra = pagar o táxi //  
 (6b) Relativa: "  $\emptyset$  o bolso que eu tirei / pra / pagar o táxi //  
 (6c) Matriz: "é porque esse daqui foi o bolso  $\emptyset$  / pra / pagar o táxi //

Como podemos ver, a extração da relativa do contexto sintático complexo prejudica a compreensão do conteúdo locutivo do enunciado em questão. Isso ocorre porque a relativa integra sintaticamente um dos constituintes da cláusula matriz. No caso de (4a - *porque nũ tem tanta gente que sabe isso*), a relativa compõe o constituinte (SN: *tanta gente  $\emptyset$* ) que serve de Objeto Direto da cláusula matriz (*porque nũ tem  $\emptyset$* ). Em (5a - *é a rua que a gente tava nela*), a relativa integra-se sintaticamente ao predicativo do sujeito (SN: *é a rua  $\emptyset$* ) da cláusula matriz (*é  $\emptyset$* ). Contudo, o SN que constitui o Sujeito em (5a) está elidido, contudo é perfeitamente recuperável como referência, haja vista o contexto informacional, pois o enunciado em questão é formado por duas unidades informacionais que se relacionam muito particularmente: o COM, onde se encontra o contexto sintático complexo no qual a relativa está integrada, e o TOP, onde se encontra a referência do contexto da cláusula complexa: *a rua*. Contudo, não se trata de um Sujeito. Essa relação de interdependência semântica entre TOP e COM se estabelece, sobretudo, em razão de o primeiro funcionar como a representação linguística de uma proeminência pragmática/contextual que atua sobre a interpretação do conteúdo locutivo do último (confira na seção 2.2 do capítulo 2). Já em (6a - *é porque esse daqui foi o bolso que eu tirei pra pagar o táxi*), a relativa está integrada ao Predicativo do Sujeito (SN: *o bolso  $\emptyset$* ) da cláusula matriz (*esse daqui foi  $\emptyset$* ) cujo Sujeito é o SN *esse daqui*, no qual o demonstrativo *esse* funciona como um dêitico que recupera uma referência extralinguística próxima do falante (*bolso*) reforçada pelo advérbio *daqui*.

Isso ocorre porque o conectivo *que* nessas cláusulas funciona como pronome relativo, i.e., ocorre em *posição linearizada*, fazendo fronteira com outras palavras no interior de uma unidade informacional no enunciado. Dessa forma, estabelece o procedimento sintático esperado: a subordinação via encaixamento. Diante disso, podemos afirmar que a cláusula relativa linearizada é uma cláusula subordinada que resulta do encaixamento da relativa a um constituinte obrigatório da cláusula matriz no enunciado, respectivamente os SNs: (4a) *tanta gente que sabe isso*, (5a) *a rua que a gente tava nela*, (6a) *o bolso que eu tirei*. Nesses termos, do ponto de vista da estrutura da sentença do *contexto sintático complexo*, a relativa ocupa a posição de Modificador do núcleo do SN da cláusula matriz, i.e, a relativa funciona como um Adjetivo que, para modificar um N, em lugar de se manifestar na forma sintética (mórfica), o faz na forma analítica (sentença). Diante disso, a cláusula relativa é descrita estruturalmente nos seguintes termos: [...N [QUE + verbo finito]<sub>SAdj</sub> + Cl. matriz...]<sub>S</sub>// UI.

Embora as próximas ocorrências de relativas (7a)-(8a)-(9a), a seguir, apresentem aparentemente a mesma forma sintática que as relativas linearizadas, não podem ser caracterizadas como parte de um dos constituintes da cláusula matriz. O comportamento sintático dessas cláusulas é de outra natureza: a *justaposição* – cláusulas encadeadas cuja unidade é dada pela sequência no período, e não via conector sintático. Aqui, também retiramos as marcas da etiquetagem informacional dos exemplos; destacamos as relativas em itálico; e, por fim, colocamos o sinal  $\emptyset$  (conjunto vazio) no lugar da cláusula extraída do contexto sintático complexo, assim temos:

### *Relativas padronizadas*

☛(7a) bfammn02,143,DFL, "que a Dodora /=i-COB= que era a mamãe /=PAR= ia ficar < muito > feliz /=SCA= de morar /=SCA= perto da dona Terezinha /=COB= que era minha &b [2]=SCA= minha avó //PAR

(7b) Relativa: " que a *Dodora* / *que era a mamãe* /  $\emptyset$  / *perto da dona Terezinha* / *que era minha &b* / *minha avó* //

(7c) Principal: " que a Dodora /  $\emptyset$  / ia ficar muito feliz / de morar / perto da dona Terezinha /  $\emptyset$  //

☛(8a) bpubcv01,336,MAR, "porque você tem um período /=TOP= que você pode deixar a bolsa em repouso /=CMB= pa poder centrifugar //COM

(8b) Relativa: "porque você tem *um período* / *que você pode deixar a bolsa em repouso* /  $\emptyset$  //

(8c) Principal: "porque você tem um período /  $\emptyset$  / pa poder centrifugar //

☛(9a) bpubd102,235,EUG,"porque /=PHA= se você quisesse uma sapatilha /=TOP= que tá usando /=PAR= coleção de inverno agora tem mais variedade /=COM= né //PHA

(9b) Relativa: "porque / se você quisesse *uma sapatilha / que tá usando / Ø / né //*

(9c) Principal: "porque / se você quisesse uma sapatilha / Ø / né //

A extração da relativa do contexto sintático complexo não prejudica a compreensão do conteúdo locutivo dos enunciados em questão, como podemos atestar nesses exemplos. Isso ocorre porque a relativa não integra sintaticamente um dos constituintes da cláusula matriz. Na realidade, a relativa funciona como um termo *aposto* do SN constituinte da cláusula matriz, i.e, termo de caráter nominal, aqui manifestado na forma analítica, cuja função é comentar (ou esclarecer) um termo nominal anterior. Nessas cláusulas, o conectivo *que* ocorre em posição articulada no enunciado, ou seja, após uma quebra prosódica não terminal. Nessa posição, o conector funciona ligando informações distribuídas em unidades informacionais diferentes no enunciado. Portanto, não pode ser confundido com os operadores lógicos que marcam a subordinação sintática das relativas linearizadas.

No caso de (7a - *que a Dodora / que era a mamãe / ia ficar muito feliz / de morar / perto da dona Terezinha / que era minha avó / minha avó*), há duas relativas, *que era a mamãe* e *que era minha avó*, as quais não integram o constituinte Sujeito (SN: a Dodora Ø) e nem o Adjunto Adverbial (Sprep: da dona Terezinha Ø) da cláusula matriz (*que a Dodora Ø ia ficar muito feliz de morar perto da dona Terezinha Ø*), tanto do ponto de vista sintático, quanto informacional. Isso porque o SN a Dodora, apesar de estar inserido em uma unidade informacional diferente daquela onde está inserida a cláusula matriz, respectivamente COB e COB, é tomado como constituinte (Sujeito) da cláusula matriz, uma vez que há um Parentético (PAR) inserido entre os COBs. Esse PAR, no qual ocorre a relativa, não promove um “corte” no padrão informacional do enunciado, pois sua  $f_0$  é mais baixa que as unidades informacionais em jogo (confira na seção 3.1.2.4 do capítulo 3). Dessa forma, mantém-se a composicionalidade sintática entre Sujeito e Predicado na mesma unidade informacional.

Em (8a - *porque você tem um período / que você pode deixar a bolsa em repouso / pa poder centrifugar*), a relativa não se integra sintaticamente ao objeto direto (SN: um período Ø) da cláusula matriz (*porque você tem um período / Ø / pa poder centrifugar*), a relativa funciona como um aposto desse SN. Isso se confirma também em termos informacionais dado que o SN e a relativa ocorrem em unidades informacionais distintas: TOP e CMB. Já em (9a - *porque / se você quisesse uma sapatilha / que tá usando / coleção de inverno agora tem mais variedade / né*),

a relativa não se integra sintaticamente ao objeto direto (SN: uma sapatilha Ø) da cláusula matriz (se você quisesse uma sapatilha / Ø / coleção de inverno agora tem mais variedade / né), ela funciona como um termo aposto do SN constituinte da cláusula matriz. Fato que é atestado informacionalmente, já que o SN e a relativa ocorrem em unidades informacionais distintas: TOP e PAR.

Diante dessas análises, podemos afirmar que, enquanto as relativas linearizadas estão subordinadas à cláusula matriz como parte de um de seus constituintes sintáticos, dado que ambas se encontram na mesma unidade informacional, o mesmo não ocorre com as relativas padronizadas já que funcionam como cláusulas apositivas que expressam um comentário acerca de um termo nominal inserido em uma cláusula matriz em um enunciado complexo. Dessa forma, as relativas padronizadas não podem ser consideradas como parte de um dos constituintes da cláusula matriz. Assim sendo, considerando a natureza sintática e a estrutura informacional, podemos afirmar que a ligação entre a relativa padronizada e a cláusula matriz não é a de subordinação sintática nos termos de encaixamento clausal, tal como nas relativas linearizadas, mas a de *interdependência semântica* estabelecida entre as unidades informacionais que configuram o padrão prosódico do enunciado complexo nos termos da *justaposição* de cláusulas (ver seção 3.4 do capítulo 3).

Diante desses dados, podemos afirmar que os conectores das cláusulas relativas na fala espontânea informal parecem ser obrigatórios, contudo sua função é distinta: na relativa restritiva, que ocorre linearizada sintaticamente, o conector converte a relativa em um constituinte do N antecedente; ao passo que, na relativa não restritiva, que ocorre padronizada sintaticamente, o conector apenas recupera anaforicamente o conteúdo semântico do N para a cláusula relativa numa relação de justaposição. Em princípio, o conector poderia até ser omitido uma vez que a relação de justaposição é suficiente para qualificar o N antecedente sem restringi-lo. Como salientado anteriormente, na fala espontânea, é muito comum o uso do conector *que* com funções pragmáticas, como a abertura do turno ou a ligação entre enunciados, portanto, atos de fala diferentes. Sendo assim, o valor linguístico desses operadores sintáticos irá variar de acordo com a posição que ocupam no enunciado.

#### 4.2.2 Cláusulas relativas que ocorrem em contexto sintático simples

As relativas que ocorrem em *contexto sintático simples* constituem-se como enunciados legítimos que funcionam perfeitamente em situações comunicativas, tal como pode ser constatado via oitiva das ocorrências abaixo. Para efeitos de demonstração, temos cláusulas relativas desligadas do contexto da cláusula matriz nos enunciados a seguir. Contudo, em (4)-(5)-(6), temos relativas que ocorrem linearizadas em enunciados simples, ao passo que, em (7)-(8)-(9), temos relativas padronizadas em enunciados complexos:

- ☛(4) bfamd102,178,"aqueles postinhos que ficam bebendo e tal //COM
- ☛(5) bfamd102,266,"< na > [/1]=EMP= na quadradim que é maior //COM
- ☛(6) bfammn01,15,"tipo /=INT= aquela lagarta que anda assim de compasso /=COM= sabe //PHA
- ☛(7) bfamcv03,111,"< treze > /=TOP= que aliás é um número de sorte /=COM= né //PHA
- ☛(8) bfamd102,30,"um cuidado /=TOP= que cês têm que tomar /=APT= < Bel > +=ALL
- ☛(9) bpubcv01,118,"< os nomes /=COB= que eu ponho hhh > //COM

O pressuposto tradicional afirma que a relativa é uma cláusula subordinada, portanto dependente da cláusula matriz. Mesmo apresentando um núcleo verbal no contexto da cláusula matriz, a relativa é um constituinte da matriz, por isso não pode ocorrer em isolamento, ao passo que a matriz pode<sup>74</sup>. Entretanto, como apontado nas ocorrências (4)-(9) acima, existem cláusulas relativas desligadas da cláusula matriz nos dados do C-ORAL BRASIL. No entanto, esse fenômeno de desligamento da cláusula subordinada não é desconhecido pelos estudos linguísticos contemporâneos, tal como vimos nos trabalhos de Evans (2007) acerca da estratégia de *insubordinação*, Decat (2001) com o conceito de *desgarramento* e as pesquisas de Mello, Bossaglia e Raso (2015) que identificaram esse tipo de cláusula na fala espontânea do PB.

Cabe destacar que tanto Evans quanto Decat conseguem descrever, em parte, as cláusulas relativas que ocorrem em *contexto sintático simples* encontradas do *minicorpus* C-ORAL BRASIL na medida em que reconhecem: (i) o *status* sintático independente que essas estruturas apresentam, pois ocorrem desligadas da cláusula matriz, funcionando comunicativamente no enunciado; e que tais estruturas são possíveis graças à (ii) possibilidade de recuperabilidade da referência, expressa no SN dessas estruturas, circunscrita na situação comunicativa mais ampla, pois são alvo da pressuposição oriunda do cálculo de uma outra

<sup>74</sup> Aqui, cabe uma ressalva importante: nas referências consultadas para compor a revisão teórica desta pesquisa, nenhuma fonte apontou a possibilidade de uma cláusula relativa ocorrer isolada da cláusula matriz.

sentença sintaticamente mais próxima ou por estarem ligadas a referências da situação comunicativa que não estejam *imediatamente* tão próximas. Todavia, o que define realmente a independência das cláusulas relativas na fala espontânea é o fato de elas ocorrerem isoladas no enunciado, unidade responsável por realizar o ato de fala, relacionando o domínio das ações à unidade linguística. Assim, usaremos o termo *insubordinada* de Evans (2007) para nos referirmos a esse tipo de relativa, pois entendemos que, apesar de desgarradas sintaticamente, tais cláusulas estão subordinadas ao enunciado onde ocorrem, ou seja, participam de uma unidade prosódica que circunscreve uma ação linguística. Apresentadas essas considerações, retomemos os exemplos acima em seus contextos de ocorrência. Contudo, os separamos em dois grupos, haja vista a natureza de sua sintaxe: relativas linearizadas sem matriz em (1) e relativas padronizadas sem matriz em (2).

(1) *Relativas linearizadas sem matriz*

- (10) bfamdl02  
 (10a) 177,BEL,"eles tavam num *posto de gasolina* /=COM= eu acho // =PAR  
 ⇒ (10b) 178,BEL,"*aqueles postinhos que ficam bebendo e tal* // =COM
- (11) bfamdl02  
 (11a) 265,BEL,"hhh as recarregáveis estão na / < *na quadradim* > // =COM  
 ⇒ (11b) 266,BAL,"< na > / *na quadradim que é maior* // =COM
- (12) bfammn01  
 (12a) 14,MAI,"e /=DCT= essa cobra ea /=SCA= ea /EMP= ea anda é assim o' // =COM  
 ⇒ (12b) 15,MAI,"tipo /=INT= *aquela lagarta que anda assim de compasso* /=COM= sabe // =PHA  
 (12c) 16,MAI,"ea não anda rastejando no chão // =COM  
 (12d) 17,MAI,"ea faz assim /=CMM= e /=EMP= e pula na frente lá // =CMM

Em (10b)-(11b)-(12b), temos cláusulas linearizadas que não ocorrem integradas estruturalmente a uma cláusula matriz. Entretanto, é clara a relação de interdependência semântica entre os núcleos dessas cláusulas e o núcleo dos SNs dos enunciados imediatamente anteriores, respectivamente (10a)-(11b)-(12a). Na perspectiva tradicional, as cláusulas nesses últimos funcionariam como a matriz das relativas em questão. Entretanto, nesse contexto, essa cláusula anterior serve apenas como pressuposto semântico para a cláusula relativa. Diante disso, podemos afirmar que (10b)-(11b)-(12b) tratam-se de cláusulas relativas insubordinadas.

Isso pode ser verificado em (10b) *aqueles postinhos que ficam bebendo* e (11b) *na quadradim que é maior*, os quais estão ligados semanticamente ao N dos enunciados anteriores,

respectivamente (10a) *posto de gasolina* e (11a) *quadrado*. Contudo, tal operação não ocorre nos mesmos termos: em (12b), *aquela lagarta que anda assim de compasso*, a recuperação dessa referência é um pouco mais complexa, já que não temos o uso de Ns idênticos e/ou assemelhados como em (10a-b) *aqueles postinhos ~ postinhos* e (11a-b) *quadrado ~ quadrado*, mas uma analogia que recupera o modo como a cobra anda, expresso em (12a) *essa cobra ea / ea / ea anda é assim o'*. Essa complexidade de construção da referência também vale para (10b) *aqueles postinhos que ficam bebendo*, afinal não são os *postinhos* que bebem, mas as pessoas que frequentam esses postos de gasolina, nos quais compram bebidas e ficam ouvindo música ao final da madrugada, após saírem de outras festas. Ou seja, *aqueles postinhos que ficam bebendo* é resultante de processos metafóricos e metonímicos de um cena comunicativa muito comum em certos grupos de jovens.

Interessante notar que as relativas linearizadas sem matriz recuperam a referência por meio de um SN completo, ou seja, apresentam um determinante e um núcleo: (10b) *aqueles*<sub>Det</sub> *postinhos*<sub>N</sub>, (11b) *na*<sub>Det</sub> *quadrado*<sub>N</sub> e (12b) *aquela*<sub>Det</sub> *lagarta*<sub>N</sub>, ao passo que, na relativa tradicional, integrada à cláusula matriz, a recuperação estrutural é apenas do núcleo do SN da cláusula matriz, por exemplo: em uma cláusula como *as recarregáveis estão no quadrado que é maior*, teríamos a matriz *as recarregáveis estão no quadrado*  $\emptyset$ , na qual o SN é obrigatoriamente constituído por um Det + N, ao passo que a relativa só recupera o N desse constituinte  $\emptyset$  *quadrado que é maior*. Por isso, a possibilidade de as cláusulas subordinadas produzirem referências ainda mais especificadas *postinhos e aqueles postinhos* não se tratam exatamente da mesma coisa.

Esse princípio de independência da relativa subordinada não só é corroborado informacionalmente, já que todos os elementos dessas cláusulas relativas ocorrem isolados de uma matriz, dentro da mesma unidade informacional no enunciado, mas também cognitivamente, uma vez que essas cláusulas possuem proeminência conceitual, haja vista a noção de assimetria cognitiva em Langacker (1991). Ou seja, apesar de apresentarem a estrutura de uma subordinada, possuem perfil autônomo enquanto estado de coisa (EsCo) independente.

## (2) Relativas padronizadas sem matriz

(13) bfamcv03

☛(13a) 107,TON, "agora é só matar aquela <ali e dar > [/1]=SCA

☛(13b) 108,CAR, "< mata > o onze /=CMM= depois mata o quinze /=CMM= < e perde com o treze > //CMM

- ☛(13c) 109,TON,"/ < matar um &se //EMP= dar uma senuca > na /=SCA= na /=EMP= < na [/1]=EMP= na > /=EMP= atrás da quinze /=CMM= < e ocê > //CMM
- ☛(13d) 110,CAR,"< treze > //COM
- ⇒ ☛(13e) 111,CAR,"< treze > /=TOP= *que aliás é um número de sorte* /=COM= né //PHA
- (14) bfamdl02
- ☛(14a) 19,BEL,"< isso é o > recarregador //COM
- [...]
- ☛(14b) 23,BEL,"< pode guardar junto > < delas > //COM
- [...]
- ⇒ ☛(14c) 30,BAL,"*um cuidado* /=TOP= *que cês têm que tomar* /=APT= < Bel > +=ALL
- ☛(14d) 31,BEL,"< ah > //COM
- ☛(14e) 32,BEL,"fio //COM
- ☛(14f) 33,BEL,"né //COM
- ☛(14g) 34,BAL,"não /=CMM= nem é só isso não //CMM
- (15) bpubcv01
- ☛(15a) 116,FLA,"bom /=INP= aí a bolsa chega /=CMB= aí /=DCT= a gente /=SCA= homogeniza /=CMB= desgruda as plaquetinhas da parede < dela assim > /=PAR= faz tipo uma /=SCA= cinturinha +=COB
- ☛(15b) 117,BRU,"< hum hum > //COM
- ⇒ ☛(15c) 118,FLA,"< os nomes /=COB= que eu ponho hhh > //COM
- ☛(15d) 119,BRU,"< ocê tem nome pra tudo /=COM= né hhh > //EXP

Na ocorrência (13e), o SN da relativa retoma *treze*, apresentado anteriormente nos enunciados (13b)-(13d). A cláusula que segue a unidade informacional em foco, na qual o conteúdo locutivo *treze* está expresso, apresenta um conteúdo que não restringe o N *treze*, apenas traz um comentário sobre ele: *que cês têm que tomar*. Dessa forma, não temos o encaixamento da cláusula, mas a justaposição sintática em relação ao SN que lhe serve de referência semântica. Então, temos a conexão entre o conteúdo locutivo do SN em TOP e da cláusula em COM, no contexto do enunciado, cuja unidade é conferida pela função pragmática.

Já em (14c), o SN da relativa *um cuidado* não retoma uma referência formalmente idêntica (*cuidado*), mas se refere ao modo como a referência em questão, o SN *o recarregador* em (14c), deve ser tratada. A cláusula que segue a unidade informacional onde está expresso o SN, *que cês têm que tomar*, traz um comentário sobre o SN *um cuidado*, sem restringi-lo do ponto de vista da referência, já que apresenta apenas uma consideração acerca dele. Como o SN e cláusula estão distribuídos em unidades informacionais distintas no contexto do enunciado, temos a justaposição como o processo que os liga na situação comunicativa. Por sua vez, em (15c), o SN *os nomes* em COB é a primeira ocorrência do termo no contexto da cena comunicativa, cujo tópico é “processos envolvidos na doação e tratamento de sangue” (ver seção 3.4.2 do capítulo

3). No entanto, o SN é usado para se referir a uma das etapas dispensadas ao tratamento do sangue recebido por meio de doação, tal como fica explicitado em (15a): *bolsa chega / aí / a gente / homogeniza / desgruda as plaquetinhas da parede dela assim / faz tipo uma / cinturinha /*. A cláusula relativa em COM não restringe o SN, apenas traz um comentário acerca dele. Tanto sintática quanto informacionalmente, (15c) é mais um caso de justaposição sintática que reflete a estrutura informacional do enunciado.

Diante disso, podemos concluir que as cláusulas relativas desligadas de uma cláusula matriz na língua falada são legitimadas tanto pela prosódia, por intermédio da autonomia dos enunciados nos quais essas estruturas se realizam, quanto pela recuperabilidade da referência via situação comunicativa, dada a pressuposição a que são alvos, seja por meio de enunciados imediatamente anteriores, seja por meio do processamento da referência da situação comunicativa mais ampla. Entretanto, as cláusulas relativas padronizadas estabelecem, dentro do enunciado, um processo de *subordinação assimétrico* no qual temos uma cláusula que se subordinada a um SN via um conectivo (*que*) que não tem necessariamente valor de pronome relativo. Apesar de ocupar uma posição próxima a de um Adjetivo, essa cláusula não restringe o SN em termos da particularização, marca da cláusula relativa. Entretanto, há uma diferença fundamental entre *relativas linearizadas sem matriz* e *relativas padronizadas sem matriz*: os níveis de recuperabilidade da referência, expressa no SN envolvido, e a natureza da subordinação. Se, na primeira, a recuperabilidade da referência se dá a partir da situação comunicativa mais ampla, no mínimo, a partir do enunciado anterior; na última, além da situação comunicativa mais ampla, estabelece-se um outro tipo de recuperabilidade de referência que é mais local, uma vez que ocorre entre as unidades informacionais que formam o padrão informacional do enunciado complexo no qual se encontram distribuídos SN e a cláusula. Quanto à natureza da subordinação, se, na primeira, a cláusula está integrada ao SN, via encaixamento sintático, dentro da unidade informacional no enunciado, i.e., uma cláusula subordinada *stricto sensu*; na segunda, a cláusula está associada ao SN via justaposição sintática, já que ambos se encontram em unidades informacionais distintas no enunciado, i.e., a relação entre a cláusula e o SN é apenas de interdependência semântica.

A consequência disso é que as *relativas padronizadas sem matriz* não podem ser classificadas da mesma forma. Além dos argumentos elencados, níveis de recuperabilidade da referência (contexto extraenunciado vs. contexto intraenunciado), procedimento sintático

(encaixamento vs. justaposição), há o argumento da assimetria conceitual: enquanto as *relativas linearizadas sem matriz* apresentam apenas uma proeminência conceitual, ou seja, apenas um EsCo é estabelecido dentro do enunciado, no caso das *relativas padronizadas sem matriz*, não é só a cláusula que possui proeminência conceitual, i.e, apresenta perfil autônomo enquanto EsCo, mas também o SN com a qual a cláusula se relaciona dentro do enunciado. Tais fatos encontram respaldo na estrutura informacional, já que ambos, SN e cláusula, constituem-se como duas ilhas semântico-sintáticas independentes (CRESTI, 2000). Diante disso, podemos afirmar que as *relativas linearizadas sem matriz* são um caso de insubordinação (EVANS, 2007; MELLO; BOSSAGLIA; RASO, 2015), ao passo que *relativas padronizadas sem matriz*, não.

Além desse tipo de cláusula insubordinada, há outro fenômeno encontrado no *minicorpus*: a cláusula relativa que parece se realizar fora dos limites do enunciado, ou seja, a cláusula se apresenta em um enunciado enquanto o SN referente ocorre em um outro. Tal como podemos observar nos exemplos (17a-b) e (18a-b) a seguir:

- (17a) bfamdl02,61,BAL,"imagina /=SCA= sei lá /=INT= cê tá com *um jarro d'água* //COM  
 (17b) bfamdl02,62,BAL,"*que tem uma espessura assim* //COM  
 (18a) bfamdl04,1,KAT,"que sio' arrumou no *seu cabelo* //COM=",COM  
 (18b) bfamdl04,2,KAT,"*que espetou de novo* //COM=",COM

A relação entre os enunciados (17a-b) e (18a-b) geram dúvidas em razão da oitiva, cuja percepção é de uma aparente *continuidade* entre eles. Esse fenômeno foi apontado por Mello, Bossaglia e Raso (2015) no estudo das cláusulas completivas do PB. A hipótese é a de que talvez haja uma espécie de *enfraquecimento* entre a quebra prosódica terminal do enunciado anterior, que contém o N antecedente, e o enunciado posterior, que contém a cláusula relativa. Tal achado ainda está em escrutínio. Caso haja confirmação desse fenômeno, o pressuposto da LAcT no qual a sintaxe tradicional estaria restringida apenas aos limites da unidade informacional, como uma ilha sintático-semântica, seria contrariado. Apesar de não explorar esse fenômeno mais amiúde nesta pesquisa, acreditamos que seja importante mostrar toda a variabilidade de construções sintáticas que parecem expressar algum tipo de relativização na diamesia falada, considerando-se futuras investigações.

### 4.3 Estrutura semântica das cláusulas relativas no minicorpus C-ORAL BRASIL

A maior parte das abordagens linguísticas, como vimos no capítulo 2, identificam duas estratégias de cláusulas relativas: *restritivas e não restritivas*. Apesar de ambas apresentarem configuração morfosintática semelhante – [...SN [QUE + verbo finito]...]s<sup>75</sup>, semanticamente, no entanto, restritivas delimitam o referente, e as relativas não restritivas não delimitam o referente.

Nesse contexto, somente as restritivas se encaixam dentro do conceito tradicional de cláusula relativa. Diante desse impasse, ou se alarga o conceito de cláusula relativa ou se reconsidera o *status* de relativização das chamadas relativas não restritivas. Este estudo opta pelo segundo posicionamento, considerando: (i) a diferença cognitiva entre os dois tipos de relativa, já que uma delimita e a outro não; e (ii) a insuficiência do próprio significante linguístico no que se refere às formas disponíveis, já que estruturas morfosintáticas se repetem para expressar significados distintos (a exemplo de fenômenos como homonímias, polissemias etc.). Ademais, a partir da observação dos dados do *minicorpus* C-ORAL BRASIL, constatou-se que, além de restritivas e não restritivas apresentarem estruturas informacionais, sintáticas e perfis cognitivos distintos (linearizada/encaixamento/perfil dependente vs. padronizada/justaposição/perfil autônomo), as relativas restritivas na fala espontânea exibem itens linguísticos que estabelecem uma espécie de *background* para a interpretação do SN delimitado pela relativa. Esse *background* é definido nos termos do *domínio-escopo* (ver. seção 3.5 do capítulo 3).

Como vimos, o domínio-escopo pode ser definido como um conjunto virtual de elementos semelhantes, subjacente à superfície linguística, no qual uma referência particular pode ser delimitada ou restringida por meio de uma expressão linguística. Esse domínio é estabelecido via *expressões quantitativas* e a *pressuposição de existência da referência*. Nesses termos, o domínio-escopo envolve o cálculo do valor de verdade de sentença em relação ao seu *background*. Posto isso, formula-se a noção de o domínio-escopo das cláusulas relativas nos seguintes termos:

- A cláusula relativa será compreendida como **restritiva** somente quando estabelecer um *domínio-escopo* para a interpretação de um referente (N) subespecificado. Como a sua função é restringir, o cálculo de sua condição de verdade vincula-se à existência desse domínio virtual em um nível semântico

---

<sup>75</sup> Diferenciadas na escrita por sinais de pontuação e na fala por aquilo que a tradição identifica como “pausa prosódica”.

subjacente, no qual o N subespecificado, assim como outros elementos semelhantes, está contido. Do contrário, a compreensão dessa cláusula será **não restritiva**. Ou seja, se a cláusula não estabelecer o *domínio-escopo* para sua interpretação, haja vista a determinação de N, sua função é “não restringir”. Logo, o cálculo de sua condição de verdade não está vinculado à existência do domínio-escopo em um nível semântico subjacente.

Nessa perspectiva, a interpretação restritiva da cláusula relativa está vinculada aos seguintes parâmetros semântico-linguísticos:

(i) *A interpretação distributiva associada aos quantificadores*: para cada um dos membros de um conjunto ( $x, y, z...$ ) estabelecido por N, existem elementos que quantificam as variáveis desse conjunto ( $x, y, z...$ ), tanto na superfície quanto na estrutura subjacente da língua.

(ii) *A interpretação da pressuposição de existência da referência*: para cada N referencial, existe um referente potencial na estrutura subjacente da língua cujo valor de verdade ou falsidade pode ser atestado.

Partindo dessa noção, este estudo elabora o *teste de domínio-escopo para relativização clausal* que consiste em verificar se a cláusula estabelece ou não o domínio-escopo para a interpretação do núcleo do SN referente.<sup>76</sup> Se a cláusula com a estrutura sintática N [QUE + verbo finito]<sub>CRel</sub> + Cl. matriz...]<sub>S</sub> // =UI estabelecer domínio-escopo é relativa, do contrário não será relativa. Esse tipo de cláusula será identificado como *cláusula apositiva*, pois, apesar de exibir uma forma sintática semelhante a de uma relativa, apresenta semântica, perfil cognitivo, estrutura sintática e informacional diferentes. Nesse contexto, apresentamos o *teste de domínio-escopo* das ocorrências (19)-(20)-(21)-(22)-(23)-(24)-(25)-(26)-(27)-(28) distribuídas em fichas a seguir:

#### Ficha 1 – Teste do domínio-escopo

---

(19) bfamnn02,51,DFL, "papai foi o irmão que mais deu apoio a ele // =COM

---

<sup>76</sup> De outro modo: se a cláusula vincular-se à existência de um conjunto virtual em nível semântico subjacente, no qual o seu referente está contido, o cálculo de sua condição de verdade será possível. Logo, essa cláusula que fecha escopo será relativa, haja vista subdeterminação de seu referente; ao passo que, se a cláusula *não* vincular-se à existência desse conjunto virtual, o seu referente não está contido, haja vista a sua determinação (então, não precisa ser delimitado), o cálculo de condição de verdade não será possível. Logo, essa cláusula que não fecha escopo não será relativa.

**Referente:** *irmão que mais deu apoio*

**Domínio-escopo:** conjunto de irmãos

A cláusula *que mais deu apoio* estabelece o domínio-escopo do referente subespecificado *irmão*, o qual se opõe aos *outros irmãos que menos deu apoio* no conjunto virtual. Essa oposição é estabelecida pelo quantificador adverbial *mais*. Logo, a cláusula *irmão que mais deu apoio* pode ser tomada como verdadeira.

**Natureza sintática:** cláusula encaixada

**Natureza informacional:** linearizada

**Tipo:** cláusula relativa

Fonte: Elaborada pela autora, 2016.

## Ficha 2 – Teste do domínio-escopo

(20) bfamcv03,227,CAR,"qualquer lugar que cê ficar aí /=TOP= o' /=CNT= < ele nũ > mata  
//=COM

**Referente:** qualquer lugar que cê ficar aí

**Domínio-escopo:** conjunto de lugares

A cláusula *qualquer lugar que cê ficar aí* estabelece o domínio-escopo do referente subespecificado *lugar*, o qual se opõe aos *outros lugares* dentro do conjunto virtual. Essa oposição é estabelecida pelo quantificador *qualquer* (pronomes), ou seja, um elemento que não possui especificação ou determinação em um dado conjunto. Logo, a cláusula *qualquer lugar que cê ficar aí* pode ser tomada como verdadeira.

**Natureza sintática:** cláusula encaixada

**Natureza informacional:** linearizada

**Tipo:** cláusula relativa

Fonte: Elaborada pela autora, 2016.

## Ficha 3 – Teste do domínio-escopo

(21) bfamcv04,82,LUC,"< hhh é porque tem uma > moçada que fica falando a mesma palavra  
/=SCA= o tempo inteiro /=COM

**Referente:** moçada que fica falando a mesma palavra o tempo inteiro

**Domínio-escopo:** conjunto de moçada

A cláusula *que fica falando a mesma palavra o tempo inteiro* estabelece o domínio-escopo do referente subespecificado *moçada*, o qual se opõe à moçada de outros tipos, via pressuposição de existência, i.e, para cada N referencial existe um referente potencial na estrutura subjacente da língua. Logo, a cláusula *moçada que fica falando a mesma palavra o tempo inteiro* pode ser tomada como verdadeira.

**Natureza sintática:** cláusula encaixada

**Natureza informacional:** linearizada

**Tipo:** cláusula relativa

Fonte: Elaborada pela autora, 2016.

## Ficha 4 – Teste do domínio-escopo

---

(22) bfamnn01,31,MAI,"chapéu /=SCA= que es lá no interior fala chapéu de barreta //COM

---

**Contexto do enunciado:**

*Place:* casa de DUD, Brumadinho / MG

*Situation:* o homem conta uma história sobre uma cobra extraordinária em Araçuaí / MG

*Topic:* a história da cobra de Araçuaí

**Referente:** chapéu que es lá no interior fala chapéu de barreta

**Domínio-escopo:** conjunto de chapéus

A cláusula *que es lá no interior fala chapéu de barreta* estabelece o domínio-escopo do referente subespecificado *chapéu*, o qual se opõe a chapéu de outros tipos, via pressuposição de existência, i.e, para cada N referencial existe um referente potencial na estrutura subjacente da língua. Logo, a cláusula *que es lá no interior fala chapéu de barreta* pode ser tomada como verdadeira.

**Natureza sintática:** cláusula encaixada

**Natureza informacional:** linearizada

**Tipo:** cláusula relativa insubordinada

---

Fonte: Elaborada pela autora, 2016.

Ficha 5 – Teste do domínio-escopo

---

(23) bfamnn01,99,MAI,"ele que me contou //COM

---

**Contexto do enunciado:**

*Place:* casa de DUD, Brumadinho / MG

*Situation:* o homem conta uma história sobre uma cobra extraordinária em Araçuaí / MG

*Topic:* a história da cobra de Araçuaí

**Referente:** ele que me contou

**Domínio-escopo:** conjunto de pessoas que poderiam ter contado o caso da cobra de Araçuaí

A cláusula *ele que me contou* estabelece o domínio-escopo do referente subespecificado *ele*, o qual se opõe a outras possíveis pessoas que poderiam ter contado o caso da cobra de Araçuaí, via pressuposição de existência, ou seja, para cada N referencial existe um referente potencial na estrutura subjacente da língua. Logo, a cláusula *ele que me contou* pode ser tomada como verdadeira.

**Natureza sintática:** cláusula encaixada

**Natureza informacional:** linearizada

**Tipo:** cláusula relativa insubordinada

---

Fonte: Elaborada pela autora, 2016.

Ficha 6 – Teste do domínio-escopo

---

(24) bfamdl04,16,SIL,"pode ser o creme /=COM= que ã deu certo com ele //APC

---

**Referente:** o creme

**Domínio-escopo:** Ø

A cláusula *que ã deu certo com ele* não estabelece o domínio-escopo. O referente *creme* já está especificado, portanto não se opõe a nenhum outro elemento e o determinante “o” colabora nesse contexto. Assim, o cálculo da condição de verdade da cláusula não precisa ser realizado, dado que é apenas um comentário acerca do referente.

**Natureza sintática:** cláusula justaposta

**Natureza informacional:** padronizada [COM-APC]

---

**Tipo:** cláusula apositiva

Fonte: Elaborada pela autora, 2016.

Ficha 7 – Teste do domínio-escopo

---

(25) bfamnn02,159,DFL,"então /=TOP= &he /=TMT= tinha uma certa hora /=TOP= que a Maria Julieta ia de manhã lá pra casa /=CMB= almoçava lá em casa /=CMB= e ficava //COM

---

**Referente:** uma certa hora

**Domínio-escopo:** Ø

A cláusula *que a Maria Julieta ia de manhã lá pra casa* não estabelece o domínio-escopo. O referente *uma certa hora* já está especificado, portanto não se opõe a nenhum outro elemento e o determinante *uma* e o adjetivo *certa* que compõem o SN colaboram nesse contexto. Assim, o cálculo da condição de verdade da cláusula não precisa ser realizado, dado que é apenas um comentário acerca do referente.

**Natureza sintática:** cláusula justaposta

**Natureza informacional:** padronizada [TOP-CMB]

**Tipo:** cláusula apositiva

Fonte: Elaborada pela autora, 2016.

Ficha 8 – Teste do domínio-escopo

---

(26) bpubcv01,12,EMM,"a data /=CMB= né /=PHA= essa data /=TOP= é um [/2]=EMP= a gente põe o dia /=COB= que tá sendo coletado /=COB= < e /=DCT= nós > temos o dia juliano //COM

---

**Referente:** o dia

**Domínio-escopo:** Ø

A cláusula *que tá sendo coletado* não estabelece o domínio-escopo. O referente o dia já está especificado, portanto não se opõe a nenhum outro elemento e o determinante “o” colabora nesse contexto. Assim, o cálculo da condição de verdade da cláusula não precisa ser realizado, dado que é apenas um comentário acerca do referente.

**Natureza sintática:** cláusula justaposta

**Natureza informacional:** padronizada [COB-COB]

**Tipo:** cláusula apositiva

Fonte: Elaborada pela autora, 2016.

Ficha 9 – Teste do domínio-escopo

---

(27) bpubcv01,118,FLA,"< os nomes /=COB= que eu ponho hhh > //COM

---

**Referente:** os nomes

**Domínio-escopo:** Ø

A cláusula *que eu ponho* não estabelece o domínio-escopo. O referente os nomes já está especificado, portanto não se opõe a nenhum outro elemento e o determinante “os” colabora nesse contexto. Assim, o cálculo da condição de verdade da cláusula não precisa ser realizado, dado que é apenas um comentário acerca do referente.

**Natureza sintática:** cláusula justaposta ao SN referente

**Natureza informacional:** padronizada [COB-COM]

---

**Tipo:** cláusula apositiva insubordinada

Fonte: Elaborada pela autora, 2016.

Ficha 10 – Teste do domínio-escopo

(28) bfamcv03,111,CAR,"< treze > /=TOP= que aliás é um número de sorte /=COM= né  
//=PHA

**Referente:** treze

**Domínio-escopo:** Ø

A cláusula que aliás é um número de sorte não estabelece o domínio-escopo. O referente treze já está especificado, portanto não se opõe a nenhum outro. Assim, o cálculo da condição de verdade da cláusula não precisa ser realizado, dado que é apenas um comentário acerca do referente.

**Natureza sintática:** cláusula justaposta ao SN

**Natureza informacional:** padronizada [COM-APC]

**Tipo:** cláusula apositiva

Fonte: Elaborada pela autora, 2016.

A partir do *teste de domínio-escopo para relativização clausal* aplicado às cláusulas relativas encontradas no *minicorpus* do C-ORAL BRASIL, tal como demonstrado nas ocorrências acima, distribuídas em fichas, chegou-se aos seguintes números (TABELA 10):

Tabela 10 – Distribuição das cláusulas quanto aos tipos semânticos

<b>Total</b>	
123	Cláusulas relativas
25	Cláusulas apositivas
<b>148</b>	<b>Ocorrências</b>

Fonte: Elaborada pela autora, 2016.

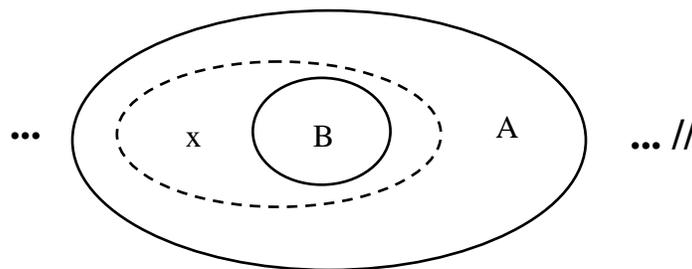
Dentro do C-ORAL BRASIL, 123 ocorrências são de cláusulas relativas, tais como os exemplos: (19)-(20)-(21)-(22)-(23), ao passo que 25 ocorrências são de cláusulas apositivas, ou seja, semelhantes aos exemplos: (24)-(25)-(26)-(27)-(28). Ou seja, apesar de apresentarem estrutura sintática semelhante [...N [QUE + verbo finito]...]SN, essas cláusulas são distintas quanto a: estruturação informacional (linearizada vs. padronizada); procedimento sintático envolvido (encaixamento vs. justaposição); proeminência cognitiva (perfil dependente vs. perfil autônomo); e a estratégia linguístico-semântica utilizada (restrição vs. não restrição). Tais resultados corroboram o postulado de Cresti (2014) acerca das cláusulas relativas do italiano: a *relativa restritiva linearizada* corresponde a uma ilha sintático-semântica e ocorre dentro de uma

única unidade informacional num enunciado simples ou complexo; já a *relativa não restritiva padronizada* corresponde à combinação de pelo menos duas ilhas sintático-semânticas distribuídas em diferentes unidades informacional, cada uma cumprindo a sua função informacional num enunciado complexo. Essa última equivale à cláusula que estamos denominando de *apositiva*.

Para demonstrar a diferença semântica, sintática e informacional desses dois tipos de cláusulas na fala espontânea do PB, qual sejam, *cláusula relativa* e *cláusula apositiva*, formalizamos os conceitos via diagramas, pois consideramos que essa é a estratégia mais didática para a demonstração do fenômeno:

(1) *Cláusula relativa*: é um tipo de cláusula subordinada (B) integrada a um SN (x) complexo via pronome relativo, ou seja (x) contém ( $\supset$ ) B. Tal SN complexo configura-se como um constituinte de uma cláusula matriz (A). A função dessa cláusula subordinada é delimitar semanticamente o núcleo do SN (x). Logo, a cláusula subordinada está contida ( $\subset$ ) na cláusula matriz. Em termos prosódicos, o SN referente e a cláusula subordinada ocorrem linearizados sintaticamente dentro de uma mesma unidade informacional no enunciado – simples ou complexo. Em outros termos:  $x \supset B / x \subset A /$  Logo,  $B \subset A$ .

Diagrama 1 – Cláusula relativa



Fonte: Elaborado pela autora, 2016.

Abaixo, seguem exemplos de cláusulas relativas, conforme a descrição proposta:

☛(29) bfamd104,18,SIL,"tem creme que nã dá com o cabelo não //COM

☛(30) bfammn01,55,MAI,"o bote que ea deu nele /=SCA= derrubou ele /=CMM= tão forte que ela era //CMM

☛(31) bfammn03,79,ANA,"e aquela < história > /=COB= da conta /=COB= que /=SCA= &va [1]=EMP= veio a &fam [2]=SCA= os familiares de uma dona aí que tinha falecido /=COB= pra pagar uma conta //COM

☛(32) bfammn02,56,DFL,"/ aquilo que o /=SCA= professor achava mais importante //COM

☛(33) bpubdl02,9,JAN,"uma sandália que dê pra eu usar de dia e de noite //COM

Na ocorrência (29), a relativa (*que nũ dá com o cabelo nãõ*) é uma cláusula subordinada integrada a um SN complexo (*creme que nũ dá com o cabelo nãõ*) via pronome relativo (*que*). Esse SN complexo configura-se como um constituinte de uma cláusula matriz (predicativo do sujeito). A função dessa cláusula subordinada é delimitar semanticamente o núcleo do SN (*creme que nũ dá com o cabelo nãõ*  $\subset$  no Conjunto Creme). Logo, a cláusula subordinada está contida na cláusula matriz. Em termos prosódicos, o SN referente e a cláusula subordinada ocorrem linearizados sintaticamente dentro de uma mesma unidade informacional: COM – enunciado simples (COM).

Em (30), a relativa (*que ea deu nele*) é uma cláusula subordinada integrada a um SN complexo (*o bote que ea deu nele*) via pronome relativo (*que*). Esse SN complexo configura-se como um constituinte de uma cláusula matriz (sujeito). A função dessa cláusula subordinada é delimitar semanticamente o núcleo do SN (*bote que ea deu nele*  $\subset$  no Conjunto Bote<sup>77</sup>). Logo, a cláusula subordinada está contida na cláusula matriz. Em termos prosódicos, o SN referente e a cláusula subordinada ocorrem linearizados sintaticamente dentro de uma mesma unidade informacional: CMM – enunciado complexo (CMM-CMM).

Na ocorrência (31), a relativa (*que tinha falecido*) é uma cláusula subordinada integrada a um SN complexo (*os familiares de uma dona aí que tinha falecido*) via pronome relativo (*que*). Esse SN complexo configura-se como um constituinte de uma cláusula matriz (sujeito). A função dessa cláusula subordinada é delimitar semanticamente o núcleo do SN (*familiares de uma dona aí que tinha falecido*  $\subset$  no Conjunto Familiares). Logo, a cláusula subordinada está contida na cláusula matriz. Em termos prosódicos, o SN referente e a cláusula subordinada ocorrem linearizados sintaticamente dentro de uma mesma unidade informacional: COB – enunciado complexo (COB-COB-COM).

Por sua vez (32), a relativa (*que o professor achava mais importante*) é uma cláusula subordinada integrada a um SN complexo (*aquilo que o professor achava mais importante*) via

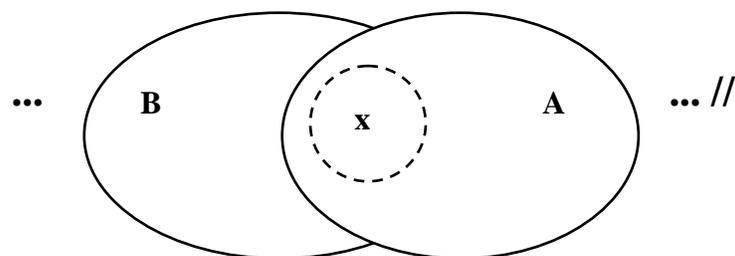
<sup>77</sup> O “Conjunto Bote” refere-se às tentativas de bote que a cobra tentou dar, englobando as tentativas que deram e não deram certo.

pronome relativo (*que*). A função dessa cláusula subordinada é delimitar semanticamente o núcleo do SN (*aquilo que o professor achava mais importante*  $\subset$  Conjunto Ações do Professor). Entretanto, o SN e a relativa ocorrem num contexto em que não há uma cláusula matriz, ou seja, é uma estrutura insubordinada. Em termos prosódicos, o SN e a relativa ocorrem linearizados sintaticamente na mesma unidade informacional: COM – enunciado simples (COM).

Isso se mantém em (33), na qual a relativa (*que dê pra eu usar de dia e de noite*) é uma cláusula subordinada integrada a um SN complexo (*uma sandália que dê pra eu usar de dia e de noite*) via pronome relativo (*que*). A função dessa cláusula subordinada é delimitar semanticamente o núcleo do SN (*uma sandália que dê pra eu usar de dia e de noite*  $\subset$  Conjunto Sandálias). Entretanto, o SN e a relativa ocorrem num contexto em que não há uma cláusula matriz, ou seja, é uma estrutura insubordinada. Em termos prosódicos, o SN e a relativa ocorrem linearizados sintaticamente na mesma unidade informacional: COM – enunciado simples (COM).

(2) *Cláusula apositiva*: é um tipo de cláusula justaposta (B) que está em relação de interseção ( $\cap$ ) semântica com a cláusula matriz (A) via pronome relativo (*que*), cuja função intraoracional recupera anaforicamente o conteúdo semântico de um N antecedente posto na cláusula matriz. Logo, a cláusula justaposta **não** está contida sintaticamente ( $\not\subset$ ) na cláusula matriz como parte de um de seus constituintes. A função da cláusula justaposta **não** é delimitar o N referente, mas adicionar um comentário sobre ele. Em termos prosódicos, o N e a cláusula justaposta ocorrem padronizados em unidades informacionais diferentes dentro de um enunciado complexo. Em outros termos:  $B \cap A = \{X\}$  / Logo,  $B \not\subset A$

Diagrama 2 – Cláusula informativa



Fonte: Elaborado pela autora, 2016.

A seguir exemplos de cláusulas apositivas, conforme a descrição proposta:

- ☛(34) bfamd102,168,BAL,"aquelas [/1]=EMP= tipo a [/2]=EMP= tá parecendo a [/1]=SCA= na mulher [/2]=EMP= na &f [/1]=EMP= mãe do menino que [/1]=i-COM= que tava co Michael Jackson /=COB= que ela inventou que ele foi abusado //COM
- ☛(35) bpubcv01,41,FLA,"aí registra aqui /=CMB= registra /=SCA= o número do doador /=CMB= registra /=SCA= esse número /=SCA= de macarrão /=CMB= que é um número /=SCA= super específico //COM
- ☛(36) bpubcv01,242,FLA,"porque quando colhe o sangue /=TOP= colhe o sangue /=CMB= e colhe uns tubinhos /=SCA= que vão pra outro setor /=CMB= que chama Sorologia /=PAR
- ☛(37) bfamcv03,111,CAR,"< treze > /=TOP= que aliás é um número de sorte /=COM= né //PHA
- ☛(38) bfamd102,30,BAL,"um cuidado /=TOP= que cês têm que tomar /=APT= < Bel > +=ALL

Em (34), a apositiva é uma cláusula justaposta (*que tava co Michael Jackson*) que está em relação de interseção semântica com a cláusula matriz (*tá parecendo a mulher / a mãe do menino*) via pronome relativo (*que*), o qual recupera anaforicamente o conteúdo semântico do SN antecedente (*a mãe do menino*) inserido na cláusula matriz que corresponde ao seu sujeito. Logo, a cláusula justaposta *não* está contida sintaticamente na cláusula matriz como parte de um de seus constituintes. A função da cláusula justaposta não é delimitar o N referente, mas adicionar um comentário sobre ele. Em termos prosódicos, o N e a cláusula justaposta ocorrem padronizados em unidades informacionais diferentes dentro de um enunciado complexo: COM-COB.

A apositiva em (35) é uma cláusula justaposta (*que é um número superespecífico*) que está em relação de interseção semântica com a cláusula matriz (*aí registra aqui / registra / o número do doador / registra / esse número / de macarrão*) via pronome relativo (*que*), o qual recupera anaforicamente o conteúdo semântico do N antecedente (*número de macarrão*) inserido na cláusula matriz que corresponde ao seu objeto direto. Logo, a cláusula justaposta *não* está contida sintaticamente na cláusula matriz como parte de um de seus constituintes. A função da cláusula justaposta não é delimitar o N referente, mas adicionar um comentário sobre ele. Em termos prosódicos, o N e a cláusula justaposta ocorrem padronizados em unidades informacionais diferentes dentro de um enunciado complexo: CMB-COM.

Na ocorrência (36), a apositiva é uma cláusula justaposta (*que vão pra outro setor*) que está em relação de interseção semântica com a cláusula matriz (*colhe o sangue / e colhe uns tubinhos*) via pronome relativo (*que*), o qual recupera anaforicamente o conteúdo semântico do N antecedente (*uns tubinhos*) inserido na cláusula matriz que corresponde ao seu objeto direto. Logo, a cláusula justaposta *não* está contida sintaticamente na cláusula matriz como parte de um de seus constituintes. A função da cláusula justaposta não é delimitar o N referente, mas

adicionar um comentário sobre ele. Em termos prosódicos, o N e a cláusula justaposta ocorrem padronizados em unidades informacionais diferentes dentro de um enunciado complexo: CMB-CMB.

Por sua vez em (37), a apositiva é uma cláusula justaposta (*que aliás é um número de sorte*) que está em relação de interseção semântica com o SN (*treze*) via pronome relativo (*que*), o qual recupera anaforicamente o conteúdo semântico deste. Logo, a cláusula justaposta *não* está inserida sintaticamente no SN. A função da cláusula justaposta não é delimitar o SN referente, mas adicionar um comentário sobre ele. Em termos prosódicos, o SN e a cláusula justaposta ocorrem padronizados em unidades informacionais diferentes dentro de um enunciado complexo: TOP-COM.

O mesmo ocorre em (38), já que a apositiva é uma cláusula justaposta (*que cês têm que tomar*) que está em relação de interseção semântica com o SN (*um cuidado*) via pronome relativo (*que*), o qual recupera anaforicamente o conteúdo semântico deste. Logo, a cláusula justaposta *não* está contida sintaticamente no SN. A função da cláusula justaposta não é delimitar o SN referente, mas adicionar um comentário sobre ele. Em termos prosódicos, o SN e a cláusula justaposta ocorrem padronizados em unidades informacionais diferentes dentro de um enunciado complexo: TOP-APT.

Para concluir esta sessão, é bom lembrar que tanto os estudos que se alinham ao Cognitivismo quanto ao Funcionalismo postulam a escassez da forma linguística, o contexto de ocorrência como fundamento para os processos de significação e os sentidos partilhados pelos falantes como configuradores de sentido. Nesses termos, corroboram a afirmativa de Saussure ([1916] 2002) acerca da língua como um sistema de diferenças. Sendo a forma linguística escassa, às vezes, as diferenças ocorrerão a partir de um detalhe da forma linguística, seja no nível segmental, suprasegmental ou contextual. No caso das cláusulas relativas, em relação às suas *parentes* cláusulas apositivas, essa diferença na fala espontânea é desencadeada por uma simples quebra prosódica não terminal. Mas isso basta para conceber uma nova estrutura linguística no dicionário mental dos falantes, haja vista sua semântica diferenciada. Posto isso, passamos à última seção deste estudo, na qual apresentamos a descrição morfossintática e a distribuição das cláusulas relativas e apositivas do *minicorpus* C-ORAL BRASIL.

#### 4.4 A estruturação sintagmática dos constituintes da relativização na fala espontânea do português do Brasil: os dados do minicorpus C-ORAL BRASIL

Nesta seção, apresentamos a descrição morfossintática da estrutura da relativização [N [QUE + verbo finito]<sub>Cláusula ...</sub>]<sub>S</sub> //UI na fala espontânea do PB. Para tanto, optou-se por uma descrição fina, marcada pela especificidade das classes morfológicas do sintagma nominal (SN) antecedente e da cláusula vinculada a este (relativa e apositiva), bem como identificou-se a função sintática do SN que antecede a cláusula vinculada (sujeito, complemento ou adjunto). O objetivo é apresentar um retrato das cláusulas em foco, extraídas do *minicorpus* C-ORAL BRASIL, quanto à sua estruturação morfossintática. Ou seja, essa tarefa não foi realizada observando o comportamento funcional desses termos em contexto, já que tal postura implicaria assumir um determinado quadro teórico. Assim, discriminamos as classes morfológicas e sintáticas nos termos do Quadro 6 (conforme já citado na seção 3.5.2 do capítulo 3):

Quadro 6 – Categorias morfológica e sintagmática para descrição das cláusulas do *minicorpus*

Classes morfológicas	Categorias sintagmáticas
Adjetivo (Adj)	Sintagma nominal (SN)
Artigo definido (Art Def)	Sintagma Adverbial (SA)
Artigo indefinido (Art Ind)	Sintagma verbal (SV)
Advérbio (Adv)	Sintagma preposicional (SPrep)
Conjunção (Conj)	
Pronome demonstrativo (Dem)	
Pronome indefinido (Ind)	
Nome (N)	
Pronome (Pron)	
Pronome possessivo (Poss)	
Pronome oblíquo (Obli)	
Verbo (V)	
Locução verbal (LocV)	
Locução preposiiva (LocP)	

Fonte: Elaborado pela autora, 2016.

Com essa descrição marcada pela granularidade dos elementos que compõem a estrutura da relativização, obteve-se um mapa dos padrões compostos pelo SN das cláusulas

relativas da fala espontânea do PB, o qual apresentamos na forma das Tabelas 11, 12, 13, e 14. A produção das tabelas colaborou para a observação comparativa e a contagem dos dados, bem como demonstrou a variedade de padrões dos SNs. Para efeitos de demonstração, seguem as tabelas abaixo, a partir das quais toda a discussão apresentada nesta seção foi desenvolvida:

Tabela 11 – Estrutura do SN antecedente da cláusula relativa em contexto complexo

<b>Total</b>	
01	[Adj N ] <sub>SN</sub>
03	[Adv N] <sub>SN</sub>
03	[Art Def Adj N] <sub>SN</sub>
01	[Art def Poss N] <sub>SN</sub>
01	[Art Def Adj [prep N] <sub>Sprep</sub> ] <sub>SN</sub>
<b>20</b>	<b>[Art Def N ]<sub>SN</sub></b>
01	[Art Def N Adv Adj] <sub>SN</sub>
01	[Art Def N [prep N Adj] <sub>Sprep</sub> ] <sub>SN</sub>
01	[Art Def N [prep Pron] <sub>Sprep</sub> ] <sub>SN</sub>
02	[Art Def Num N] <sub>SN</sub>
01	[Art Def Pron ] <sub>SN</sub>
<b>10</b>	<b>[Art Ind N ]<sub>SN</sub></b>
01	[Art Ind N [prep Art def Pron N] <sub>Sprep</sub> ] <sub>SN</sub>
01	[Art Ind N Adj [prep Art ind N] <sub>Sprep</sub> ] <sub>SN</sub>
01	[Art Ind Pron N Adv] <sub>SN</sub>
<b>07</b>	<b>[Dem]<sub>SN</sub></b>
01	[Dem Adj N] <sub>SN</sub>
01	[Dem Adv] <sub>SN</sub>
02	[Dem Adv] <sub>SN</sub>
01	[Dem N [prep Dem N] <sub>Sprep</sub> ] <sub>SN</sub>
01	[Dem N Adj Conj V [prep Art def N] <sub>Sprep</sub> ] <sub>SN</sub>
<b>06</b>	<b>[N]<sub>SN</sub></b>
01	[N[prep N ] <sub>Sprep</sub> ] <sub>SN</sub>
01	[N[prep Art def N ] <sub>Sprep</sub> ] <sub>SN</sub>
01	[Num N] <sub>SN</sub>
<b>03</b>	<b>[Pron]<sub>SN</sub></b>
01	[Pron N ] <sub>SN</sub>
<b>01</b>	<b>[Pron Ind N]<sub>SN</sub></b>
03	[Pron Ind N] <sub>SN</sub>
01	[Pron Ind Dem] <sub>SN</sub>
01	[Pron Adv] <sub>SN</sub>
<b>02</b>	<b>[prep Art Def N]<sub>Sprep</sub></b>
01	[prep Art Def N [prep Art def N ] <sub>Sprep</sub> ] <sub>Sprep</sub>

- 01 [prep Art Def N Adj]<sub>Sprep</sub>  
 01 [prep Art Def Adj N]<sub>Sprep</sub>  
**02** [prep Art Def Num N]<sub>Sprep</sub>  
**03** [prep Art Ind N]<sub>Sprep</sub>  
 01 [prep Art Ind N Adv]<sub>Sprep</sub>  
 01 [prep Dem]<sub>Sprep</sub>  
**02** [prep N]<sub>Sprep</sub>  
 01 [prep N[prep Art Def N]<sub>Sprep</sub>]<sub>Sprep</sub>  
 01 [prep Pron]<sub>Sprep</sub>  
 01 [Locução prepositiva Art def N]<sub>Sprep</sub>

---

**97 Ocorrências**

Fonte: Elaborada pela autora, 2015.

Tabela 12 – Estrutura do SN antecedente da cláusula relativa em contexto simples

---

**Total**

---

- 01 [Adv N]<sub>SN</sub>  
**03** [Art def N]<sub>SN</sub>  
**02** [Art ind N]<sub>SN</sub>  
 01 [Art ind N Adj]<sub>SN</sub>  
**04** [Dem]<sub>SN</sub>  
**03** [Dem N]<sub>SN</sub>  
 01 [Dem Adv]<sub>SN</sub>  
 01 [Dem Adv]<sub>SN</sub>  
 01 [Dem Adv [prep N]<sub>Sprep</sub>]<sub>SN</sub>  
**02** [N]<sub>SN</sub>  
 01 [N[prep N]<sub>Sprep</sub>]<sub>sv</sub>  
 01 [Num N]<sub>SN</sub>  
**03** [prep N]<sub>Sprep</sub>  
 01 [prep N Dem]<sub>Sprep</sub>  
 01 [Pron]<sub>SN</sub>

---

**26 Ocorrências**

Fonte: Elaborada pela autora, 2015.

Tabela 13 – Estrutura do SN antecedente da cláusula apositiva (não restritiva) em contexto complexo

---

**Total**

---

- 07** [Art Def N]<sub>SN</sub>  
 01 [Art Ind Adj N]<sub>SN</sub>

---

<b>02</b>	[Art Ind N] <sub>SN</sub>
01	[Art Ind N [prep N] <sub>Sprep</sub> ] <sub>SN</sub>
01	[Dem N ] <sub>SN</sub>
01	[Dem N [prep N] <sub>Sprep</sub> ] <sub>SN</sub>
01	[N] <sub>SN</sub>
01	[N [prep Art Def N] Sprep ] <sub>SN</sub>
01	[N [prep N [prep Art Def N N] <sub>Sprep</sub> ] <sub>SN</sub>
01	[prep Art Def N ] <sub>Sprep</sub>
01	[prep Dem N] <sub>Sprep</sub>
01	[prep N] <sub>Sprep</sub>
01	[Pron ind] <sub>SN</sub>
01	[Pron N] <sub>SN</sub>

## **21 Ocorrências**

Fonte: Elaborada pela autora, 2015.

Tabela 14 – Estrutura do SN antecedente da cláusula apositiva (não restritiva) em contexto simples

---

### **Total**

---

01	[Art Def N] <sub>SN</sub>
01	[Art Ind N] <sub>SN</sub>
01	[Dem Adj] <sub>SN</sub>
01	[Num] <sub>SN</sub>

## **04 Ocorrências**

Fonte: Elaborada pela autora, 2015.

### *4.4.1 O SN da estrutura de relativização na fala espontânea do português do Brasil*

Para compreender a estrutura sintática da relativização na fala espontânea, além da própria cláusula, foi preciso investigar o sintagma nominal (SN) a ela vinculado, já que é do núcleo (N) do SN que se extrai o referente alvo da restrição. Nessa etapa, a estrutura informacional da fala também foi considerada, ou seja, observou-se se o SN e a cláusula vinculada ocorriam linearizados ou padronizados no enunciado. Nesse rastreamento, a composição do SN mostrou-se variada nos dados do *minicorpus C – ORAL BRASIL*. Contudo, essa composição não se constitui como uma variável fundamental na definição da cláusula quanto ao tipo de procedimento sintático (encaixamento ou justaposição) ou à semântica distintiva (se a

cláusula vinculada restringia ou não o N do SN antecedente). Dessa forma, somente a estrutura da cláusula vinculada propriamente dita, que entra como modificadora, estabelece tal diferença. Nesses termos, os SNs das cláusulas relativas e apositivas foram tratados como elementos do mesmo fenômeno, qual seja: cláusulas que exibem estrutura da relativização. Para efeitos de demonstração, extraiu-se, dos enunciados (39) ao (70), os SNs para averiguação, os quais estão destacados em negrito abaixo:

➤ *Cláusulas linearizadas no enunciado*

- ☛ (39) bfammn01,58,"ea mordia e picava com / com **o ferrão** que ea tem no cabo também //
- ☛ (40) bfammn01,30,"e' /aí ele /pr' ea não /não avançar ele de uma vez / ele tirou **um chapéu** que ele tinha lá //
- ☛ (41) bfamdl01,480,"esse **que** cê tá aí na mão são quantas gramas //
- ☛ (42) bfamdl05,103,"aí nã é **aquele prédio** que eu falei com ocê não //
- ☛ (43) bfamdl05,406,"**a única diferença** que tem nesse aqui / é essa aqui o' //
- ☛ (44) bpubdl02,81,"olha /eu peguei **as três caixas** que eu achei trinta-e-nove lá / mas /todas três são desse modelo de cruzar // =CMM
- ☛ (45) bpubdl02,60,"eu peguei esse modelo primeiro pr' ocê aqui / esse modelo de / borracha /que enquanto cê distrai com esse modelo aqui / eu vou ver se eu acho / **os outros** que cê me pediu //
- ☛ (46) bfamdl02,167,"só que tem **gente** que vai interpretar assim //
- ☛ (47) bpubmn01,51,"agora / se eu for olhar tempo mesmo / né / de / de / de sentar e escrever / aquilo / pra dar aquela aula ideal / né / quela /**quela aula igual se dá no EDUCONLE** que cê acha que é &o / é tudo de bom / né / nã tem / porque também eu acho que / &he / depende muito dos alunos de tar preparado / por exemplo /cê prepara aquela aula / maravilhosa /e acha que vai dar tudo certo / de repente ocê encontra lá o aluno / né / que / &he / &he / nã / nã / foi pra escola /nã almoçou / tá / tá com fome / ou brigou com o pai / ou **aquelas questões todas familiares** que vão influenciar //
- ☛ (48) bpubcv01,303"tem **pouquíssimo** que faz esse congelamento rápido //
- ☛ (49) bfamdl05,335,"**desses** que a gente olhou /eu prefiro **aqueles** que a gente já olhou //
- ☛ (50) bfammn01,70,"&he / a dona foi atrás dele / de alguém / as pessoa veio com arma / forte / espingarda / de cartucho / e teve que atirar **no corpo da /do cara** que ea tava enrolada no corpo pa poder matar ela //
- ☛ (51) bfamdl02,90,"porque nã tem **tanta gente** que sabe isso //
- ☛ (52) bfammn06,43,"e isso foi uma coisa muito / diferente / porque / a gente implantava determinados projeto no país / dentro dessa área /e / e / dava /às vezes um pouco errado **em virtude da experiência dos brasileiro** que nã era muito / de tecnologia pra adquirir //
- ☛ (53) bfammn05,69,"meu filho é especial / **a minha filha** que foi é especial / mas você é muito especial //
- ☛ (54) bpubdl02,60,"eu peguei esse modelo primeiro pr' ocê aqui / esse modelo de / borracha /que enquanto cê distrai com esse modelo aqui / eu vou ver se eu acho / **os outros** que cê me pediu //
- ☛ (55) bpubdl01,254,"ah / tem **um outro lugar aqui** que vai gastar muita pedra também //
- ☛ (56) bfammn02,88,"a filha do tio Carlos chamava Maria Julieta / tinha uma filha do meu /do meu tio que &chama / chama Julieta / até que é viva / mora lá em Itabira / mas &e / eu / era **a única** que tinha o nome da mãe dela //

- ☛ (57) bpubcv01,238,"&he / essa bolsa / **todas** essas que cê tá vendo aqui hoje /foram coletadas hoje//  
 ☛ (58) bfammn02,56,"/ **aquilo** que o professor achava mais importante //  
 ☛ (59) bfammn03,17,"**a mulher** que ele tá mulher morando com ela /  
 ☛ (60) bpubcv01,75,"**uma coisa** que fica mais confiável > //  
 ☛ (61) bfamdl01,177"**trenzim** que espirra //

➤ *Cláusulas padronizadas no enunciado*

- ☛ (62) bfamcv04,246,"cê vai falar / "" **um** "" / que é a primeira &pa / a primeira letra da palavra //  
 ☛ (63) bfamcv01,56"tem **o SESC** / que é bom pa caramba //  
 ☛ (64) bpubdl02,235,"porque / se você quisesse **uma sapatilha** / que tá usando /coleção de inverno agora tem mais variedade / né //  
 ☛ (65) bfammn06,33,"e **esse caso** / que acontecia / marcava muito //  
 ☛ (66) bfammn06,37"e nós távamos entrando com **outro tipo de aparelho de televisor no mercado** / que era uma coqueluche / era uma novidade / e os próprios vendedores das loja nã / tinham experiência pra mostrar aquilo pro consumidor brasileiro //  
 ☛ (67) bfammn02,143,"que **a Dodora** / que era a mamãe / ia ficar muito feliz /de morar / perto da dona Terezinha / que era minha &b / minha avó //  
 ☛ (68) bpubcv01,118,"**os nomes** /que eu ponho hhh //  
 ☛ (69) bfamdl02,30,"**um cuidado** /que cês têm que tomar /  
 ☛ (70) bfamcv03,111,"**treze** /que aliás é um número de sorte //

Os sintagmas acima foram segmentados no Quadro 7 a seguir, a partir da posição do núcleo, em elementos *pré-nucleares* e *pós-nucleares*:

Quadro 7 – Estrutura do SN das cláusulas relativas

	PREP	Elementos pré-nucleares	NÚCLEO	Elementos pós-nucleares
<i>Cláusulas linearizadas</i>				
39	-	<i>O</i>	FERRÃO	-
40	-	<i>Um</i>	CHAPÉU	-
41	-	-	ESSE	-
42	-	<i>Aquele</i>	PRÉDIO	-
43	-	<i>a única</i>	DIFERENÇA	-
44	-	<i>as três</i>	CAIXAS	-
45	-	<i>Os</i>	OUTROS	-
46	-	-	GENTE	-
47a	-	<i>Quela</i>	AULA	<i>igual se dá no EDUCONLE</i>

47b	-	<i>Aquelas</i>	QUESTÕES	<i>todas familiares</i>
48	-	-	POUQUÍSSIMO	-
49	-	-	DESSES	-
50	<b>Em</b>	<i>O</i>	CORPO	<i>do cara</i>
51	-	<i>Tanta</i>	GENTE	-
52	<b>em virtude de</b>	<i>A</i>	EXPERIÊNCIA	<i>dos brasileiro</i>
53	-	<i>a minha</i>	FILHA	-
54	-	<i>Os</i>	OUTROS	-
55	-	<i>um outro</i>	LUGAR	<i>aqui</i>
56	-	<i>A</i>	ÚNICA	-
57	-	<i>Todas</i>	ESSAS	-
58	-	-	AQUILO	-
59	-	<i>A</i>	MULHER	-
60	-	<i>Uma</i>	COISA	-
61	-	-	TRENZIM	-
<b>Cláusulas padronizadas</b>				
62	-	-	UM	-
63	-	<i>O</i>	SESC	-
64	-	<i>Uma</i>	SAPATILHA	-
65	<i>E</i>	<i>Esse</i>	CASO	-
66	-	<i>Outro</i>	TIPO	<i>de aparelho de televisor no mercado</i>
67	<b>Que</b>	<i>A</i>	DODORA	-
68	-	<i>Os</i>	NOMES	-
69	-	<i>Um</i>	CUIDADO	-
70	-	-	TREZE	-

**Fonte:** Elaborado pela autora, 2016.

Na Quadro 7, considerando a materialidade dos dados, tem-se as seguintes classes morfológicas ocupando as posições do sintagma nominal:

(i) Nos enunciados nos quais as cláusulas estão linearizadas:

- Núcleo: *nome* (ferrão, chapéu, diferença, caixas, gente, aula, questões, corpo, experiência, filha, mulher, coisa, trenzim); *pronomes diversos* (esse, aquilo, outros); *advérbio* (pouquíssimo);

- Elementos pré-nucleares: *artigo* (o, os, a, as, um, uma); *pronomes diversos* (minha [Poss]; aquele, aquela, aquela (s) [Dem]; outro [Ind]); *numeral* (três); *advérbio* (tanta); *adjetivo* (única); quantificados (todas). Esses elementos ainda ocorrem: (a) *isolados* (o nome [Art Def N]); (b) *acompanhados de outros pré-determinantes* (a minha filha [Art Def Poss N]); ou ainda (c) *dentro de sintagmas preposicionais antes do núcleo* (no corpo do cara [Prep Art Def N [prep. Art Def N]]; *locução prepositiva* (em virtude da experiência [Art def N [ prep Art def N ]]);
- Elementos pós-nucleares: *advérbios* (aqui, ali); *sintagmas adjetivais* (aquelas questões todas familiares [Dem N [Adj N]]; aquela aula igual se dá no EDUCONLE [Dem N Adj Conj V [prep Art def N]]; *sintagmas preposicionais* (no corpo do cara [prep Art def N [prep Art def N ]]).

(ii) Nos enunciados nos quais as cláusulas estão padronizadas:

- Núcleo: *nomes* (SESC, sapatilha, caso, tipo, Dodora, nomes, cuidado, treze); *pronome* (um);
- Elementos pré-nucleares: *artigos* (o, os, a, as, um, uma); *pronomes* (outro). Esses elementos ainda ocorrem antecidos por conjunções dentro da unidade informacional;
- Elementos pós-nucleares: *sintagma preposicional* (outro tipo de aparelho de televisor no mercado [[Pron N [prep N [prep N [prep Art Def N]]]]).

Antes de discutir os resultados encontrados nessa pequena amostra do *minicorpus*, cabe destacar que os estudos tradicionais da gramática (BECHARA, 2004; CINTRA; CUNHA, 2001; ROCHA LIMA, 1992), em grande parte, ignoram esse nível intermediário que se encontra entre a palavra e a cláusula. Ou seja, esses estudos saltam do estudo da palavra, por meio da investigação da classe, para o nível da cláusula sem se deterem na discussão dos *sintagmas*. Sobre esse nível, os estudos gramaticais trazem apenas uma discussão indireta, breve e incompleta quando tratam dos *termos acessórios da oração* no tópico *adjunto adnominal*. De modo geral, tais estudos dizem que pode juntar-se ao núcleo substantivo um termo de valor adjetivo para acrescentar-lhe um dado novo à significação, independentemente de qual seja a sua função da cláusula: sujeito, objeto, adjunto adverbial. Salienta-se que, por *valor adjetivo*,

entende-se o adjetivo (cavalo *bravo*), a locução adjetiva (cavalo *de raça*), o artigo definido ou indefinido (*o* cavalo vs. *um* cavalo), o pronome adjetivo (*minhas* filhas, *aquela* filha, *algumas* filhas, filha *cujo* exemplo deve-se seguir, *que* filha deseja chamar) ou numeral adjetivo (*duas* filhas, *terceira* filha).

A nosso ver, esses termos que acompanham o núcleo nominal, em razão de sua interação com outros possíveis constituintes do sintagma, adquirem outros valores. Assim, interpretá-los apenas sob o hiperônimo de *adjunto adnominal* causa não só confusão na definição de muitos fenômenos sintáticos, como também obscurece uma série de propriedades desencadeadas por certos termos que acompanham o núcleo nominal. Tal realidade vale tanto para os dados da língua escrita quanto para os dados de fala espontânea. Sobre os últimos, ainda pesa o fato de serem pouco explorados ou, ainda, analisados a partir dos resultados vindos do campo da escrita ou da introspecção acerca destes dados. Assim, a investigação do sintagma se restringe à sua descrição e às possibilidades de constituição, sem a devida observação concreta de sua efetivação na fala espontânea. Nesse sentido, esta pesquisa apresenta uma pequena contribuição.

Sendo assim, recorre-se aos estudos de Perini (2006) para a investigação do SN das cláusulas relativas na fala espontânea. Embora o autor discuta uma variedade padrão do PB na diamesia escrita (aquela utilizada em textos jornalísticos e técnicos: revistas semanais, jornais, livros didáticos e científicos), e esta pesquisa tenha como campo a fala espontânea informal do PB, Perini reconhece que há muito mais dentro desse constituinte do que um núcleo e simples adjuntos adnominais, bem como preocupa-se em fazer um trabalho de natureza descritiva, ou seja: sem o aporte de uma teoria anterior à definição dos dados – o que corrobora a postura desta pesquisa. Em seus termos: “há um conjunto de fatos que se colocam na sintaxe por consenso mais ou menos geral dos linguistas, e esses se chamam, na gíria do ofício,” “fatos sintáticos”. Esses fatos dizem respeito: (a) à posição linear na sequência; (b) ao agrupamento em constituintes; (c) às manifestações de relações de regência; (d) à correspondência; e (e) à retomada anafórica. (PERINI, 2006, p. 43). Ou seja, fatos que também podem ser verificados na fala espontânea.

Perini (2006) define os sintagmas como grupos de unidades que fazem parte de sequências maiores, mas que mostram certo grau de coesão entre eles. Como agrupamentos dentro de uma cláusula, há, entre os elementos que constituem o sintagma, uma relação definida nos termos da dependência e da ordem linear e hierárquica, as quais são constituídas nos termos:

da posição do elemento na sequência dos constituintes, das relações de regência e concordância estabelecidas entre os constituintes e de suas possibilidades de retomada pronominal. Além disso, o SN apresenta algumas propriedades específicas: (i) potencial funcional – pode desempenhar as funções de sujeito, objeto e complemento de preposição –; e (ii) potencial referencial – não é possível fazer referência a uma entidade do mundo real ou imaginário por meio da língua sem fazer uso de um SN.

Conforme Perini (2006), o SN apresenta estruturalmente um *núcleo* (N), que é o seu centro referencial, i.e, a palavra que determina o seu referente no mundo (ou sobre o que se está falando), o qual é acompanhado pelos chamados *limitadores*. Contudo, o SN possui uma dinâmica interna: alguns termos apresentam posições fixas, logo não podem ser trocados de posição sem que se perca o sentido, já outros possuem alguma possibilidade de movimento. Dessa forma, pode-se concluir que o SN apresenta certa estabilidade em relação à movimentação de seus termos, permitindo exibir a sua estrutura interna. Para isso, basta considerar a natureza posicional de seus possíveis elementos em relação ao núcleo. Assim, conforme o autor, tem-se as seguintes funções:

- *Elementos pré-nucleares*: estão à esquerda do SN e cumprem pelos menos cinco funções, quais sejam: **pré-determinantes** – são os elementos que ocorrem no início do SN, antes do determinante (*ambos, todos*) –; **determinantes** – são os elementos que aparecem depois dos pré-determinantes e, na ausência dele, aparecem como primeiro elemento no SN (*o, um, esse, aquele, algum, nenhum, cada, que, qual*) –; **quantificadores**: *quantos, tantos, poucos, muitos, vários, qualquer, certos, meio*; **possessivos sintáticos** – *meu, seu, nosso* –; e **numerais** – *todos os números ordinais e cardinais*.
- *Elementos pós-nucleares*: estão à direita do SN e ocorrem depois do núcleo do SN e constituem-se numa classe aberta, de número indefinido e composição interna muito variada, são os elementos modificadores. Alguns desses modificadores podem aparecer antes do núcleo, provocando mudança de significado.

Perini (2006) ainda lembra que o N do SN possui algumas propriedades no nível sintático que determina: (i) as condições de concordância dentro do SN – em *a minha filha* (53) tanto o artigo definido *a* quanto o pronome possessivo *minha* estão no feminino singular pois o N *filha* é feminino. O mesmo ocorre com *um outro lugar* (55), só que no masculino. Isto é, o N

*lugar* determina a concordância do artigo indefinido *um* e do pronome indefinido *outro*; (ii) o ponto de referência para descrever a maioria das relações de ordem dentro do SN – pode-se falar em limitadores que aparecem antes de N e depois de N. Em (53), o arranjo sintático ainda pode ser *a filha minha*, mas não *filha minha a*. Isto é, *minha* pode vir antes ou depois de N, entretanto o *a* somente pode ser inserido antes do N; e ainda (iii) tais propriedades explicam também fenômenos como o SN *quela aula igual se dá no EDUCONLE* (47), ou seja, apesar de os últimos componentes do SN estarem no gênero masculino (*EDUCONLE* refere-se a um curso de atualização para professores de inglês da rede pública e particular de ensino de Minas Gerais), o seu N possui traços que determinam o seu *status* de sintagma feminino e singular.

Nas próximas seções, trataremos mais particularmente da natureza dos elementos que constituem o SN das cláusulas que apresentam a estrutura da relativização na fala espontânea, encontradas no *minicorpus*. São eles: *núcleo*, *elementos pré-nucleares* e *pós-nucleares*.

#### 4.4.1.1 O Núcleo do SN da estrutura de relativização na fala espontânea do PB

Como vimos nos dados do Quadro 7, acima, o núcleo do SN que serve às cláusulas em foco pode ser preenchido por nomes, pronomes diversos, adjetivo, numeral e até advérbio na fala espontânea. Considerando a classe do núcleo nos dois contextos informacionais de ocorrências da relativa na fala espontânea (linearizado e padronizado), essa posição no sintagma é ocupada preferencialmente pelas classes<sup>78</sup> de nome (98), seguido de pronomes diversos (21). Contudo, registramos a presença de advérbios (03), adjetivos (02) e numeral (01), conforme pode ser visto na Tabela 15:

Tabela 15 – Natureza mórfica do núcleo do SN das cláusulas relativas

<b>Natureza do núcleo</b>	Nome	Pronome	Advérbio	Adjetivo	Num
<b>Contexto</b>					
Cláusulas linearizadas	<b>98</b>	<b>20</b>	<b>03</b>	<b>02</b>	-
Cláusulas					-

<sup>78</sup> Conforme o Perini (2004), uma *classe* é um conjunto, não necessariamente finito, de formas linguísticas. Já uma *função* é um princípio organizacional da linguagem.

padronizadas	22	01	-	01	01
<b>Total</b>	<b>120</b>	<b>21</b>	<b>03</b>	<b>03</b>	<b>01</b>

Fonte: Elaborada pela autora, 2016.

Considerando os contextos informacionais, linearizado e padronizado das cláusulas, discriminados na Tabela 15, o resultado mostra que a posição do núcleo nos dados do *minicorpus* é preenchida preferencialmente por termos que apresentam valor nominal, ou seja, nomes (que expressam prototipicamente a referência) em 120 ocorrências, seguido de pronomes (que acompanham ou retomam a referência) em 21 ocorrências. Nos exemplos abaixo, tem-se nomes como núcleo do SN em (70)-(72) e pronomes em (71)-(73):

- (70) bfammn01,58,"(...) o [ferrão] que ea tem no cabo também //
- (71) bpubdl02,60,"(...) os [outros] que cê me pediu //
- (72) bpubdl02,235,"(...) uma [sapatilha] / que tá usando (...) //
- (73) bfamcv04,246,"(...) [um] / que é a primeira &pa / a primeira letra da palavra //

Entretanto, como já adiantado, o N do SN também aparece ocupado por outras classes morfológicas. Isso pode ser observado nos exemplos (74)-(75 [de a até m])-(76 [de a até e]) abaixo:

- (74) bfammn02,88,"a **filha** do tio Carlos chamava Maria Julieta / tinha uma filha do meu /do meu tio que &chama / chama Julieta / até que é viva / mora lá em Itabira / mas &e / eu / era **a** [única] que tinha o nome da mãe dela //

#### **Contexto VIII** (bpubcv01,291-303)

@Place: Hemominas, Belo Horizonte/MG

@Situation: Três funcionários de um banco de sangue explicam a um estudante o que é feito com sangue doado

@Topic: Processos envolvidos na doação e tratamento de sangue

- (75a) bpubcv01,291,MAR,"cê falou com ele que o plasma congelado ali *freezer* de menos oitenta //
- (75b) bpubcv01,292,FLA,"não //
- (75c) bpubcv01,293,EMM,"no mínimo //
- (75d) bpubcv01,294,FLA,"*ele* congela a menos oitenta-e-três graus //
- (75e) bpubcv01,295,BRU," Nossa //
- (75f) bpubcv01,296,BRU,"que isso / cara //
- (75g) bpubcv01,297,FLA," é rapidão //
- (75h) bpubcv01,298,BRU,"menos que isso não congela //
- (75i) bpubcv01,299,FLA,"não / congela / mas tem que congelar rápido //
- (75j) bpubcv01,300,BRU," ô //
- (75k) bpubcv01,301,MAR," congela / mas é mais lento //
- (75l) bpubcv01,302,BRU,"ah /porque congela rápido //
- ☛ (75m) bpubcv01,303"tem [pouquíssimo] que faz esse congelamento rápido //

**Contexto VIII** (bfamcv03, 107-111)

@Place: Casa de CAR, Betim/MG

@Situation: Conversa entre amigos enquanto jogam sinuca

@Topic: O jogo em sim

(76a) bfamcv03,107,TON,"agora é só matar *aquela ali* e dar /

(76b) bfamcv03,108,CAR," mata *o onze* / depois mata *o quinze* /e perde com *o treze* //

(76c) bfamcv03,109,TON," matar *um &se* / dar uma senuca *na / na / na / atrás da quinze* / e ocê //

(76d) bfamcv03,110,CAR,"*treze* //

☛ (76e) bfamcv03,111,"[*treze*] /que aliás é um número de sorte //

A questão que surge diante de tais dados é a seguinte: esses sintagmas nominais apresentam núcleo ou não, já que são constituídos por termos que não são nominais? Numa primeira análise, considerando o potencial referencial desses termos que funcionam como antecedente da cláusula vinculada, pode-se dizer que:

- a) Em (74), o adjetivo *única*, que por sua natureza ocorreria antes ou depois do N (*a única filha* ou *a filha única*), refere-se à *filha* – termo inserido em uma outra unidade informacional no contexto do próprio enunciado;
- b) Em (75m), o advérbio *pouquíssimo*, que ocorreria antes do N (*pouquíssimos freezers*), refere-se a *freezer* – termo inserido em (75a), retomado em (75d) via pronome pessoal (*ele*), antecedendo o N em foco. Ou seja, *pouquíssimo* refere-se a um termo inserido no contexto mais amplo da situação comunicativa;
- c) Em (76e), tem-se uma situação mais complexa: *treze*, que ocorreria depois do N (*bola treze*), refere-se ao número de uma entidade que não está presente na materialidade sintática da situação comunicativa, mas que é perfeitamente recuperável em seu contexto: a referência *bola*. Esse contexto amplo envolve o jogo de sinuca, no qual é sabido que cada bola recebe um número específico.

Licenciados pelo contexto *online* da fala espontânea informal, esses termos, que não são originariamente nominais, assumem valores nominais como núcleos dos SNs. Ou seja, esses elementos adquirem potencial referencial em razão de retomarem elementos já inseridos no contexto comunicativo, via cadeia anafórica. O falante faz uso desse tipo de estratégia para salientar um traço da referência que julga o mais importante para aquele momento da interação comunicativa, ou por “economia” linguística, uma vez que a referência já é conhecida no contexto mais amplo. Considerando, ainda, potencial referencial, é interessante notar os tipos de

“flutuação” que ocorrem nesses dados de fala, tanto com as classes de palavras usadas no núcleo do SN (uma vez que prescinde-se do nome em favor de outras classes) quanto com a forma dos limitadores que não acompanham o núcleo no que concerne à concordância das informações gramaticais.

Em relação à flutuação da categoria tomada como núcleo do N, tem-se, no núcleo em (75), um advérbio no superlativo absoluto sintético (*pouquíssimo*) que retoma anaforicamente a referência *freezer* em (bpubcv01,291), antes retomada, na cadeira referencial, pelo pronome pessoal *ele* no enunciado (bpubcv01,294). Por outro lado, são os *limitadores pré-nucleares* que acompanham as anáforas do núcleo *treze* em (76) que sofrem flutuação na cadeia referencial quanto às informações de gênero. Nesse caso, o falante usa o demonstrativo no feminino em (bfamcv03,107 – *agora é só matar [aquela] ali*) e artigos definidos no masculino em (bfamcv03,108 – *mata [o] onze / depois mata [o] quinze / e perde com [o] treze*). Contudo, essa flutuação na retomada da referência não inviabiliza a situação comunicativa na fala espontânea, apesar das escolhas ou de certa imperícia no comportamento linguístico do falante ou do aparente prejuízo à gramaticalidade na estrutura interna do SN. Esse último fato contraria, em parte, algumas das propriedades mencionadas por Perini (2006) acerca das condições de concordância nominal dentro do SN. Ou seja, numa situação comunicativa de fala espontânea, esse tipo de concordância nem sempre será estabelecido, haja vista a emergência do contexto *online*, que resolve a maior parte das lacunas.

Quanto ao potencial funcional, em (74) e (75m), temos dois SNs que atuam como termos de uma sentença: ambos são *predicativos do sujeito* pois estão linearizados sintaticamente na mesma unidade informacional onde estão inseridas as cláusulas matrizes no enunciado – respectivamente: *era*  $\emptyset$  e *tem*  $\emptyset$ . O mesmo não ocorre com (76e), ou seja, o SN *treze* não pode ser tomado como *sujeito* da cláusula *que aliás é um número de sorte*, uma vez que se encontra numa unidade informacional diferente dessa última. Conforme a LAcT, as relações sintáticas *stricto sensu* só ocorrem dentro das ilhas sintático-semânticas. Contudo, como previsto pela teoria, as UIs podem ser formadas por diversos tipos de material linguístico, inclusive, SNs. Em outros termos, se, em (74) e (75m), os SNs apresentam potencial funcional e referencial, (76e) possui potencial referencial, ou seja, atua como referência semântica para a cláusula que se encontra padronizada em uma outra unidade informacional no mesmo enunciado. Essa é uma das particularidades da fala espontânea: a unidade semântica dos vários tipos de *chunks* linguísticos

que podem ocorrer padronizados no enunciado dá-se, em última instância, pelo fato deste caracterizar-se como um ato de fala. Em outras palavras, o enunciado garante o cálculo do sentido de todos os elementos que o compõem. Mesmo aqueles que pareçam não fazer sentido dentro do contexto, dado as limitações do falante.

Diante dessas ocorrências, pode-se afirmar que o SN na fala espontânea obrigatoriamente apresenta um núcleo. Embora este nem sempre seja preenchido pelos termos prototípicos: nome e pronome. Assim, considerando a materialidade dos dados, corroboramos a perspectiva de Perini (2006, p. 111-112) a esse respeito:

(a) todo SN tem núcleo; (b) certos itens da área esquerda podem também ocorrer como núcleo do SN – ou seja, não há uma relação biunívoca total entre classes e funções na área esquerda. [...] a propriedade de ocorrer sozinho no SN não vale para todos os elementos que podem ser determinantes. Por exemplo o, este, aquele só podem constituir SNs em situações anafóricas.

Dessa forma, os termos *única* (74), *pouquíssimo* (75m) e *treze* (76e), respectivamente um adjetivo, um advérbio e um numeral, correspondem a núcleos de SNs, uma vez que podem constituir sozinhos um SN na fala espontânea.

#### 4.4.1.2 Os elementos pré e pós-nucleares do SN na estrutura de relativização da fala espontânea do PB

Como visto anteriormente, os *elementos pré-nucleares* ocorrem à esquerda do SN. Tradicionalmente, são identificados também como adjuntos adnominais. Entretanto, como já destacado, tal conceito não explica a natureza variada de seu comportamento dentro dos SNs. Sendo assim, recorre-se novamente ao trabalho de Perini (2006) que identifica pelos menos quatro funções desempenhadas por esses elementos dentro de um sintagma ideal: *pré-determinantes*, *determinantes*, *quantificadores/possessivos* e *sintáticos/numerais*, os quais correspondem a três posições antes do núcleo: *primeira* (1º), *segunda* (2º) e *terceira* (3º). Nesse contexto, retoma-se os SNs, extraídos dos enunciados (39) a (70), agora Quadro 8, a seguir, segmentados conforme as funções destacadas:

Quadro 8 – Estrutura do SN das cláusulas relativas segundo a função dos termos componentes

	PREP	Elementos pré-nucleares			NÚCLEO	Elementos pós-nucleares
		Pré-det (1°)	Det (2°)	Adj/Quant/Poss/Num (3°)		
<b>Cláusulas linearizadas</b>						
39	-	-	<i>o</i>	-	FERRÃO	-
40	-	-	<i>um</i>	-	CHAPÉU	-
41	-	-	-	-	ESSE	-
42	-	-	<i>aquele</i>	-	PRÉDIO	-
43	-	-	<i>a</i>	<i>única</i>	DIFERENÇA	-
44	-	-	<i>as</i>	<i>três</i>	CAIXAS	-
45	-	-	<i>os</i>	-	OUTROS	-
46	-	-	-	-	GENTE	-
47a	-	-	<i>quela</i>	-	AULA	<i>igual se dá no EDUCONLE</i>
47b	-	-	<i>aquelas</i>	-	QUESTÕES	<i>todas familiares</i>
48	-	-	-	-	POUQUÍSSIMO	-
49	-	-	-	-	DESSES	-
50	<b>em</b>	-	<i>o</i>	-	CORPO	<i>do cara</i>
51	-	-	<i>tanta</i>	-	GENTE	-
52	<i>em virtude de</i>	-	<i>a</i>	-	EXPERIÊNCIA	<i>dos brasileiro</i>
53	-	-	<i>a</i>	<i>minha</i>	FILHA	-
54	-	-	<i>os</i>	-	OUTROS	-
55	-	-	<i>um</i>	<i>outro</i>	LUGAR	<i>aqui</i>
56	-	-	<i>a</i>	-	ÚNICA	-
57	-	<i>todas</i>	-	-	ESSAS	-
58	-	-	-	-	AQUILO	-
59	-	-	<i>a</i>	-	MULHER	-
60	-	-	<i>uma</i>	-	COISA	-
61	-	-	-	-	TRENZIM	-
<b>Cláusulas padronizadas</b>						
62	-	-	-	-	UM	-
63	-	-	<i>o</i>	-	SESC	-
64	-	-	<i>uma</i>	-	SAPATILHA	-
65	<i>e</i>	-	<i>esse</i>	-	CASO	-
66	-	-	<i>outro</i>	-	TIPO	<i>de aparelho de televisor no mercado</i>
67	<b>que</b>	-	<i>a</i>	-	DODORA	-
68	-	-	<i>os</i>	-	NOMES	-

69	-	-	<i>um</i>	-	CUIDADO	-
70	-	-	-	-	TREZE	-

**Fonte:** Elaborado pela autora, 2016.

Na Quadro 8, pode-se observar que as ocorrências (50)-(52)-(65)-(67) apresentam elementos preposicionais (*em, em virtude de*) e conjunções (*e, que*) antes do sintagma nominal. Tais elementos, apesar de se encontrarem linearizados com o SN dentro da mesma unidade informacional, não podem ser considerados elementos constituintes do SN, haja vista a natureza sintática dos primeiros (ligam constituintes da cláusula) e a natureza informacional dos últimos (ligam enunciados).

No caso de (50)-(52), tem-se os SNs *o corpo do cara* e *a experiência dos brasileiro* dentro de sintagmas preposicionais [**no** corpo do cara]<sub>SPrep</sub> e [**em virtude da** experiência dos brasileiro]<sub>SPrep</sub> que inserem constituintes como objeto indireto e adjunto adverbial às cláusulas inseridas nos exemplos (50)-(52), respectivamente: e [teve que atirar [**no corpo do cara** que ea tava enrolada no corpo pa poder matar ele]<sub>Obj. ind.</sub>Cláusula e [dava às vezes um pouco errado [**em virtude da experiência dos brasileiro** que nã era muito]<sub>Adj. Adv.</sub>Cláusula. Ou seja, sintaticamente o SN se encontra em um constituinte hierarquicamente superior a ele: no nível funcional da cláusula, ou seja, como um constituinte imediato desta última. Nessa configuração, observando as ocorrências das cláusulas que apresentam estrutura de relativização, tem-se (29) ocorrências em (148) enunciados.

Já nas ocorrências (65) e (67), as conjunções que antecedem os SNs, ou seja, que se encontram na *posição inicial* do enunciado, após uma quebra prosódica terminal, marcam o começo de um turno. Nessa posição, os conectores ou marcam o começo de um turno – função tipicamente pragmática na fala espontânea – ou ligam os enunciados na interação comunicativa (ver Cresti e Moneglia (2005) seção 3.4.2 do capítulo 3). Nos dados das cláusulas que apresentam estrutura de relativização, foram encontradas apenas (02) ocorrências em (148) enunciados. Por outro lado, na ocorrência (57), o SN *todas essas* da cláusula que apresenta estrutura de relativização é formado pelo N *essas* (demonstrativo que recupera a referência *bolsa* – de sangue, inserida em uma outra unidade informacional do enunciado (bpubcv01,238) –), o qual vem antecedido pelo pronome *todas*, cuja função no SN é a de quantificar o agrupamento nominal, ou seja, refere-se à quantidade de bolsas coletadas naquele dia.

De acordo com Perini (2006), trata-se de um termo **pré-determinante**, externo ao SN, pois semanticamente especifica o significado de todo o agrupamento nominal, quantificando-o: *todos* e *ambos*. Tais termos antecedem o núcleo do SN, na primeira posição, e não são obrigatórios. Conforme Perini, o pré-determinante pode ocorrer após o núcleo do SN da cláusula vinculada, como em (77) abaixo, extraído do *minicorpus*:

(77) bpubmn01,51,"(...) ou *aquelas questões [todas] familiares* que vão influenciar//  
 \* (78) bpubmn01,51,"(...) ou *aquelas questões familiares* que vão influenciar *[todas]* //

Em (77), o quantificador ocorre após o núcleo do SN *questões*. Perini (2006) afirma que a movimentação do quantificador apresenta muita liberdade dentro da cláusula. Aqui, observamos esse movimento dentro do SN da relativa. As restrições que envolvem esse movimento do quantificador são em geral de caráter semântico como em (78), no qual o quantificador, em razão da distância, perde seu escopo sobre o sentido do N *questões* no SN *aquelas questões familiares*. Para o autor, isso comprova o caráter externo desse elemento em relação ao SN. Tal situação é diferente do comportamento de certos termos que ocorrem também antes do núcleo do SN, mas que não possuem a mesma mobilidade: *os determinantes*. Por outro lado, em (79), abaixo, tem-se o quantificador *todos* que ocorre antes do N, mas que poderia ocorrer após como na simulação em (80). Contudo, o mesmo não ocorreria com o artigo *os* do SN em (81), sem o prejuízo para a gramaticalidade. Salienta-se que, nos dados das cláusulas em foco, foram encontradas apenas (03) ocorrências do quantificador *todos*. Conforme:

(79) bfammn02, 63, mas ele quis que *[todos] os filhos* estudassem //  
 (80) bfammn02, 63, mas ele quis que *os filhos [todos]* estudassem //  
 \*(81) bfammn02, 63, mas ele quis que *[todos] filhos [os]* estudassem //

O **determinante**, assim como o pré-determinante, antecede o núcleo do SN e ocupa a 2º posição em um sintagma ideal. Sua função é a de determinar ou indeterminar o N do SN. Nos (148) enunciados que exibem cláusulas com estrutura de relativização, foram encontradas (77) ocorrências cuja posição de determinante é preenchida. Dentre essas, (39) são preenchidas por artigos definidos, (15) por artigos indefinidos e (27) por pronomes demonstrativos. Nos exemplos abaixo, tem-se artigos definidos em (82)-(85), indefinidos em (83)-(84) e pronomes demonstrativos em (86)-(87)-(88):

(82) bfammn01,58,"(...) / *[o] ferrão* que ea tem no cabo também //

- (83) bfamnn01,30," (...) / [um] chapéu que ele tinha lá //
- (84) bpubcv01,75,"[uma] coisa que fica mais confiável //
- (85) bpubcv01,118,"[os] nomes /que eu ponho hhh //
- (86) bfamd105,103," (...) [aquele] prédio que eu falei com ocê não //
- (87) bpubmn01,51," (...) / [quela] aula igual se dá no EDUCONLE que cê acha que é &o / (...) ou [aquelas] questões todas familiares que vão influenciar //
- (88) bfamnn06,33,"e [esse] caso / que acontecia /(...) //

Após o determinante, outros elementos aparecem na (3<sup>o</sup>) posição antes do núcleo do SN, dentre os quais, destacam-se os **pronomes possessivos**. De acordo com Perini (2006), tais elementos apresentam uma maior mobilidade dentro da estrutura do SN, podendo ocupar a (1<sup>o</sup>), a (2<sup>o</sup>) e até a (3<sup>o</sup>) posição: [minhas] filhas, as [minhas] filhas e todas as [minhas] filhas. Contudo, a ocorrência do possessivo dentro do SN possui algumas restrições: (i) se um pronome ou artigo indefinido ocupa a posição de um Det, o possessivo ocupará a posição final do SN – [muitas] filhas [minhas] e não \*[muitas] [minhas] filhas; [uma] filha [minha] e não \*[uma] [minha] filha – ; (ii) se um pronome demonstrativo ocupa a posição de um Det, o possessivo pode anteceder ou ocupar a posição final do SN – [esta] filha [minha] ou [esta] [minha] filha. Nos dados em foco, encontrou-se apenas (01) ocorrência em (148) de possessivo ocupando a (2<sup>o</sup>) posição do SN, antes do N *filha* e depois do determinante *a*, a qual pode ser vista em (89):

- (89) bfamnn05,69," (...) a [minha] filha que foi é especial (...) //

Outro elemento que ocorre após o determinante são os **numerais** (ou *quantificadores*). Estes se manifestam por intermédio dos numerais cardinais e ordinais e de alguns pronomes indefinidos (*quantos, tantos, poucos, muitos vários, certos*). Como os possessivos, possuem grande mobilidade, podendo ocupar a (1<sup>o</sup>), a (2<sup>o</sup>) e até a (3<sup>o</sup>) posição SN, tais como: [três] caixas, as [três] caixas, as minhas [três] caixas, a [terceira] caixa, a minha [terceira] caixa, [muitas] caixas, as minhas [várias] caixas, aquelas [poucas] caixas. Nos dados em análise, o numeral na função de quantificador, dentro do SN, apareceu em apenas (04) ocorrências e todas em posição pré-nuclear. Para efeitos de demonstração, em (90), a seguir, o quantificador cardinal ocorre na segunda posição, ou seja, antes do N *caixas* e depois do determinante *as*. Já o quantificador ordinal em (91) ocorre na primeira posição antes do N *modelo*:

- (90) bpubdl02,81," (...) as [três] caixas que eu achei trinta-e-nove lá (...) //
- (91) bpubdl02,11,EUG,"[primeiro] modelo que eu vou te mostrar (...) //

O último elemento, que pode ocorrer antes ou depois do núcleo do SN, é o **sintagma adjetival** (SA). A função desse elemento dentro do SN é qualificar o seu núcleo. Assim, pode variar em gênero e número conforme a natureza do N. Contudo, o SA possui algumas particularidades. De acordo com Perini (2006), apesar de poder se realizar antes ou depois do núcleo, alguns adjetivos acarretam diferenças de significados: se posicionados antes do núcleo, o sentido é abstrato – [*grande*] *mulher* (forte, bom caráter), [*pobre*] *mulher* (frágil) –; se posicionados depois do núcleo, o sentido é objetivo – *mulher* [*grande*] (alta), *mulher* [*pobre*] (pouco poder aquisitivo). Outros adjetivos apresentam posição fixa, ou seja, sua movimentação acarretaria em diferenças de significado ou gramaticalidade. Alguns se realizam apenas em posição pós-nuclear: camisas [*vermelhas*], vestido [*azul*], poltrona [*preta*], comida [*ruim*], vestido [*comum*], cantor [*esnobe*], cobra [*macho*], cobra [*fêmea*], carnaval [*brasileiro*], invasão [*japonesa*]. Por outro lado, outros adjetivos só se realizam em posição pré-nuclear: [*baita*] livro, [*mero*] acordo, [*suposta*] verdade, [*reles*] mortal.

Quanto aos (148) enunciados que exibem cláusulas com estrutura de relativização, foram encontradas (13) ocorrências. Entretanto, considerando a posição, (05) ocorriam antes e (05) após o núcleo. Esse fato pode ser observado nos exemplos (92) a (99) abaixo:

- (92) bfamdl05,406,"a [*única*] *diferença* que tem nesse aqui (...) //
- (93) bfamcv03,227,"[*qualquer*] *lugar* que cê ficar aí (...) //
- (94) bpubcv01,79,"(...) *esse* [*novo*] *programa* que vai vim /
- (95) bfammn02,159,"(..) *uma* [*certa*] *hora* /que a Maria Julieta ia de manhã lá pra casa (...) //
- (96) bpubcv01,126," *uma parte* [*vermelha*] que é só de hemácia //
- (97) bfamdl05,276,"*esse* [*mesmo*] / que eu vim ver//
- (98) bpubmn01,51," (...) *quela aula* [*igual*] *se dá no EDUCONLE* que cê acha que é &o / (...) ou aquelas questões todas familiares que vão influenciar //
- (99) bpubmn01,51," (...) *quela aula igual se dá no EDUCONLE* que cê acha que é &o / (...) ou aquelas questões todas [*familiares*] que vão influenciar //

Em (92)-(93)-(94)-(95), o SA ocorre em posição pós-nuclear. Contudo, apenas em (93) o adjetivo ocorre na primeira posição do SN, os outros ocorrem na segunda posição. Já em (96)-(97), o SA ocorre em posição pós-nuclear. Entretanto, os sintagmas nominais em (98)-(99) apresentam certa complexidade: a posição pós-nuclear do adjetivo *igual* em (98), modificador do N *aula*, estabelece uma comparação com o N *EDUCONLE*, inserido em um sintagma preposicional que também faz parte desse SN – voltaremos a esse dado. Já em (99), o adjetivo *familiares* que modifica o N *questões* ocorre após o quantificador *todas* posposto ao núcleo.

Interessante notar que ambos são adjetivos que, em tese, apresentam restrições de ocorrências em posição preposta ao N: *\*quela [igual] aula se dá no EDUCONLE*, *\*aquelas [familiares] questões todas*.

Por fim, os elementos que podem ocorrer à direita do SN: os *pós-nucleares*. Como já sinalizado, estes constituem-se numa classe aberta, de número indefinido e composição interna variada, cuja função é a de *modificadores*. Alguns desses modificadores podem aparecer antes do núcleo, provocando mudança de significado (*enorme da cobra vs. cobra enorme*). Nesse grupo, encontram-se os *sintagmas preposicionais* e as *cláusulas*.

O **sintagma preposicional** (SP) introduz um outro sintagma nominal à direita do SN [SN [Sprep [SN]]]. Sua função é caracterizar o SN antecedente. A depender da preposição que o introduz, o SP indica diferentes circunstâncias, tais como: posse (livro [*de Inácio*]), qualidade (livro [*de capa vermelha*]), procedência (cedro [*de Marrocos*]), finalidade (livro [*para comprar*]). No Quadro 8 acima, tem-se a ocorrência de SPs em (47a)-(50)-(52)-(66). Para efeitos de análise, retoma-se tais ocorrências no contexto da cláusula subordinada conforme os exemplos (100), (101), (102) e (103) abaixo:

- (100) bpubmn01,51," (...) / *quela aula igual se dá [no EDUCONLE]* que cê acha que é tudo de bom / né (...) //
- (101) bfammn01,70," (...) / *no corpo [do cara]* que ea tava enrolada no corpo pa poder matar ela //
- (102) bfammn06,43," (...) / *em virtude da experiência [dos brasileiro]* que nã era muito (...) //
- (103) bfammn06,37" (...) *outro tipo [de aparelho [de televisor [no mercado]]]* / que era uma coqueluche (...) //

No exemplo (100), tem-se um SN complexo cujo núcleo é *aula*. O SP *no EDUCONLE* modifica esse N apenas indiretamente, uma vez que o SP é um constituinte da cláusula adverbial comparativa, encaixada dentro do SA, introduzida pela conjunção *se*: [*igual [se [dá [em [o EDUCONLE]<sub>SN</sub>]<sub>Sprep</sub>]<sub>SV</sub>]<sub>Comp</sub>]<sub>SA</sub>. Portanto, o SP está modificando o núcleo *igual* do SA encaixado no SN em destaque. Entretanto, a cláusula completa funciona como modificador do núcleo *aula* no SN. Já nos exemplos (101)-(102), tem-se SPs encaixados nos SNs, modificando os núcleos *corpo* e *experiência*, respectivamente. Em (101), o SP acrescenta o sentido de posse (o corpo [*do cara*]<sub>Sprep</sub>), ao passo que, em (102), o sentido é de procedência (experiência [*dos brasileiro*]<sub>Sprep</sub>). Por fim, o SN em (103), cujo o núcleo é *tipo*, possui três SPs encaixados entre si: o (1º) modifica o N opaco do SN identificando-o: [*tipo [de aparelho]*]<sub>Sprep1</sub>; o (2º) modifica o N *aparelho* do primeiro SP qualificando-o: [*tipo [de aparelho [de televisor]*]<sub>Sprep1</sub>*

<sub>Sprep2</sub>]; e o (3º) modifica o N *televisor* do segundo SP indicando sua procedência/local: [tipo [*de aparelho [de televisor [no mercado]* <sub>Sprep1</sub> <sub>Sprep2</sub> <sub>Sprep3</sub>].

Outra ocorrência interessante diz respeito ao SN com SP que apresenta a estrutura de genitivo<sup>79</sup>, ou seja, um constituinte nominal modificado por argumentos nominais introduzidos pela preposição *de*, a exemplo de: *cepo de perna* (perna que possui a propriedade de ser grossa ou perna grossa), *amigo da Bahia* (o *seu* amigo que mora na Bahia ou amigo baiano). Em (104), abaixo, o sintagma *a enorme da cobra* indica uma relação de posse, na qual a cobra possui a propriedade de ser enorme, grande:

(104) bfamnn01,50,"(...) *a enorme [da cobra]* que lá envinha atrás dele (...) //

Nos dados em análise, foram encontradas (18) ocorrências de SPs à direita do SN no conjunto dos (148) enunciados do *minicorpus*. Assim sendo, trata-se do último termo que pode entrar na composição do SN no português do Brasil à direita: **a sentença**. Vale lembrar que essa sentença refere-se às cláusulas relativas ou orações adjetivas, objeto desta pesquisa. Classificadas em restritivas e explicativas (ou não restritivas) pela tradição, essas cláusulas no PB são introduzidas via (i) pronome relativo (*que, qual, cujo* e suas flexões) – cuja função é repetir anaforicamente o conteúdo semântico do N externo à cláusula subordinada (*um professor que fala...*) –; ou (ii) redução morfossintática do verbo – as informações gramaticais referentes ao verbo da cláusula subordinada são substituídas por formas nominais acopladas ao N (*um professor falando...*). Nesse contexto, a cláusula relativa é um modificador complexo do núcleo do sintagma nominal – uma espécie de “superadjetivo”. A seguir, tem-se ocorrências de cláusula relativas da fala espontânea, nos quais (105)-(106) são de relativas restritivas e (107)-(108c) de relativas não restritivas:

(105) bpubdl02,81,"olha /eu peguei [*as três caixas [que eu achei trinta-e-nove lá]* <sub>Relativa</sub> ]<sub>SN</sub> / mas /todas três são desse modelo de cruzar //

(106) bfamnn03,17,"[*a mulher [que ele tá mulher morando com ela]* <sub>Relativa</sub> ]<sub>SN</sub> //

(107) bpubdl02,235,"porque / se você quisesse [*uma sapatilha*]<sub>SN</sub> / [*que tá usando]* <sub>Relativa</sub> /coleção de inverno agora tem mais variedade / né //

**Contexto:** bpubcv01,116-121

(108a) bpubcv01,116,FLA,"bom / aí a bolsa chega / aí / a gente / homogeniza / desgruda as plaquetinhas da parede dela assim / faz tipo uma / cinturinha

(108b) bpubcv01,117,BRU," hum hum //

<sup>79</sup> Para mais detalhes ver Müller (1996).

- ☛ (108c) bpubcv01,118," [os nomes ]<sub>SN</sub> / [que eu ponho ]<sub>Relativa</sub> hhh //
- (108d) bpubcv01,119,BRU,"ocê tem nome pra tudo / né hhh //
- (108e) bpubcv01,120,FLA,"e aí /encaçapa nesses / nessas caçapas aqui //
- (108f) bpubcv01,121,FLA,"porque vai rodar naquelas centrífugas /

Os estudos tradicionais da gramática afirmam que a diferença fundamental entre essas cláusulas recai no fato de que a relativa restritiva não pode ser excluída do contexto, haja vista o prejuízo para o sentido da cláusula na delimitação do N referente. Isto é, a referência *as três caixas* em (105) não é a mesma coisa que *as três caixas que eu achei trinta-e-nove lá*. Assim como, *a mulher* em (106) não é a mesma coisa que *a mulher que ele tá morando com ela*. Por outro lado, a tradição afirma que a relativa não restritiva não interfere na delimitação do N referente. Dessa forma, ela poderia ser excluída sem nenhum prejuízo ao enunciado. Assim, pode-se dizer, em (107), tanto *sapatilha* como *sapatilha / que tá usando* ou alternar, em (108c), *nomes* com *nomes / que eu ponho*. Entretanto, esse postulado não é verdadeiro, já que os comentários realizados por meio das relativas não restritivas são importantes para a situação comunicativa, porém de outro modo. Em (107), por exemplo, o falante quer vender um produto (*uma sapatilha*), para convencer a interlocutora, ele informa que esse produto está na moda (*que tá usando*), apresentando mais variedades do produto. Tal argumento aumenta, hipoteticamente, a possibilidade da venda. Já em (108), comentar com o interlocutor a esse respeito (*que eu ponho*) é uma forma de o falante ensiná-lo sobre o processo de tratamento do sangue doado, uma vez que, no contexto dos “processos envolvidos na doação e tratamento de sangue” (ver seção 4.4.1.1 deste capítulo), as bolsas de sangue não chegam com nomes no setor de triagem.

Ademais, na fala espontânea, ainda existe um agravante em relação a essa premissa: a supressão de uma unidade informacional pode comprometer o enunciado, mesmo sendo a UI que contém a relativa não restritiva, dado que esta pode ser a UI que veicula o núcleo da ilocução (confira a seção 3.1 do capítulo 3). Em outros termos, excluí-la inviabilizaria o próprio ato de fala. Para demonstrar esse fato, manipulamos os enunciados (109a) e (110a) por meio de uma ferramenta de tratamento de áudio – o *Audacity*. Por meio dessa ferramenta, extraímos as UIs que apresentam relativas não restritivas como conteúdo locutivo. O experimento pode ser constatado logo abaixo:

- ☛ (109a) bfamdl02,73,BAL,"que eu dou um exemplo de porta /=TOP= que é excelente //COM
- ☛ (109b) bfamdl02,73,BAL,"que eu dou um exemplo de porta /=TOP
- ☛ (109c) bfamdl02,73,BAL," que é excelente //COM

- ☛ (110a) bfammn06,33,JOR,"e esse caso /=TOP= que acontecia /=APT= marcava muito //COM
- ☛ (110b) bfammn06,33,JOR,"e esse caso /=TOP= que acontecia /=APT
- ☛ (110c) bfammn06,33,JOR marcava muito //COM

Os resultados foram os seguintes: em (109b), ao excluirmos a relativa não restritiva, extraímos o COM, ou seja, a UI responsável por carregar o núcleo da ilocução. Dessa forma, temos a percepção de que (109b) não é um enunciado completo, ao passo que o mesmo não ocorre com (109c). Neste último, a primeira parte do enunciado, a UI do TOP que contém o N antecedente da cláusula, apesar de extraído do enunciado, não compromete a percepção de sua totalidade como ato de fala. Todavia, o mesmo não ocorre com a manipulação do enunciado (110a). Apesar de a relativa não restritiva não ter sido excluída em (110b), há um prejuízo para a percepção do enunciado, visto que o núcleo da ilocução se encontra na UI de COM extraída. Entretanto, a percepção da ação linguística não foi comprometida em (110c), uma vez que a UI extraída foi a de APT que continha a relativa não restritiva.

#### 4.4.1.2.1 Sobre os itens linguísticos que estabelecem a relativização clausal

Nesta pesquisa, com já destacado, os SNs das cláusulas relativas restritivas e não restritivas foram tratados como elementos do mesmo fenômeno: termos integrantes de cláusulas que apresentam a estrutura da relativização. Contudo, a investigação demonstrou que a composição dos SNs dessas cláusulas, apesar de rica, não é uma variável fundamental para a distinção semântica, sintática e informacional dessas cláusulas. Exceto quando o núcleo do SN é ocupado por uma expressão definida como um nome próprio, tal como a ocorrência (63) – *tem o SESC / que é bom pa caramba //* (ver seção 4.4.1 deste capítulo)<sup>80</sup>. Contudo, esse tipo de ocorrência não foi tão frequente nos dados. A análise evidenciou que, além da subordinação definida pelo encaixamento sintático da cláusula ao SN dentro da mesma unidade informacional e da definitude do N na situação comunicativa, é a presença ou ausência de certos itens linguísticos na superfície sintática da cláusula vinculada que desencadeia o domínio subjacente para delimitar

---

<sup>80</sup> Todavia, um enunciado como *Jeová que é o deus dos judeus é implacável*, constituído por uma relativa restritiva, é possível se considerarmos um cenário hipotético, no qual uma comunidade politeísta e antropomórfica não conheça *Jeová* como deus, mas conheça a existência de um povo identificado como *judeus*. Assim, a especificação é estabelecida pela informação na cláusula e não pelo núcleo do SN.

o N antecedente dessa cláusula. Tais itens envolvem advérbios de vários tipos, expressões quantificadoras e adjetivos.

A partir da descrição morfossintática granular dos dados, descobriu-se que as cláusulas relativas restritivas na fala espontânea, na maioria dos casos, exibiam itens linguísticos que colaboram com estabelecimento de um *background*, nos termos de um domínio subjacente, para a interpretação do N delimitado pela cláusula. Por outro lado, tais itens não são frequentes no grupo das cláusulas não restritivas do *minicorpus*. Em ambos os casos, a função desenvolvida por esses itens não é a mesma. Para efeito de demonstração, tomam-se as ocorrências (111e)-(111f) em seu contexto mais amplo, após as (111a), (111b), (111c) e (111d) a seguir, nas quais existem advérbios de negação:

**Contexto:** bfamdl04,12-19

(111a) bfamdl04,12,KAT,"depois que a siora fez aquela /=SCA= hidratao com aloe que ele ficou assim //COM

(111b) bfamdl04,13,KAT,"espetado pos lados //COM

(111c) bfamdl04,14,KAT,"antes de passar *aquele creme* ele nũ tava assim /=COM= espetado pos lados não //APC

(111d) bfamdl04,15,SIL,"tava não //COM

☛ (111e) bfamdl04,16,SIL,"pode ser *o creme* /=COM= que **nũ** deu certo com ele //APC

bfamdl04,17,SIL,"depois arruma outro creme //COM

☛ (111f) bfamdl04,18,SIL,"tem creme que **nũ** dá com o cabelo não //COM

bfamdl04,19,SIL,"uns aceita /=CMM= outros nũ aceita //CMM

Em (111e), a cláusula relativa não restritiva não delimita o N *creme*, uma vez que se trata da retomada de uma referência no enunciado anterior (111c). O advérbio de negação *nũ* nessa cláusula se refere à propriedade desse *creme* não ter feito bem para o cabelo da interlocutora SIL. Por outro lado, *nũ* em (111f) funciona como quantificador de exclusão na relativa restritiva, i.e., ao usar a referência *creme que nũ dá com o cabelo não*, a cláusula relativa estabelece um domínio subjacente para a interpretação da referência *creme*. Contudo, essa referência dentro desse domínio apresenta uma propriedade diferente dos outros cremes: *que nũ dá com o cabelo não*. Essa diferença de sentido também ocorre com os advérbios. Isso pode ser observado nos exemplos a seguir:

☛(113) bpubcv01,206,MAR,"aqui /=TOP= fica *o plasma* /=CMB= que é *aquele ali* /=CMB= e aqui no fundim /=TOP= fica a *plaqueta* /=CMB= que é *aquela* que cê vê //COM

☛(114)bpubcv01,238,FLA,"&he /=TMT= essa bolsa /=TOP= *todas essas que cê tá vendo aqui hoje* /=TOP= foram coletadas hoje //COM

☛(115) bfammn01,18,MAI,"e aí /=DCT= segundo o [/1]=SCA= *o parente dele que é mais chegado* /=TOP= contou pra nós o seguinte pra mim //COM

**Contexto:** bfammn02,152-153

(116a) bfammn02,152,DFL,"então a *Maria Julieta* vinha //COM

(116b) bfammn02,153,DFL,"e ela nũ ficava na casa dos avós /=SCA= velhos /=CMB= né /=PHA= ela ia < lá pra > casa /=CMB= que tinha aquela meninada //

[...]

☛(116c) bfammn02,159,DFL,"então /=TOP= &he /=TMT= tinha *uma certa hora* /=TOP= que a *Maria Julieta* ia **de manhã lá pra casa** /=CMB= almoçava lá em casa /=CMB= e ficava //COM

Na ocorrência (113), o N da relativa restritiva é uma expressão definida, específica (*plasma*), logo a cláusula vinculada não é responsável pela sua delimitação. O advérbio *ali* serve para localizar esse elemento no espaço onde os interlocutores se encontram, já que o referente *plasma* (parte líquida do sangue constituída pelo soro e pelo fibrinogênio) faz parte do conhecimento de mundo de uma pessoa escolarizada ou especialista do campo da saúde. Por outro lado, em (116c), o sintagma adverbial *de manhã lá pra casa* apenas indica o momento da ação de *Maria Julieta*, uma vez que a função dessa cláusula é a de acrescentar mais um comentário sobre ela – tema desse fragmento do monólogo, mencionado anteriormente em (116a). Todavia, o mesmo não ocorre com os advérbios em (114) e (115). Em (114), a expressão adverbial *aqui hoje* contribui com a delimitação do N referente no espaço onde os interlocutores se encontram. O N *essas* no SN refere-se a *bolsas*, termo expresso na unidade informacional anterior. Esse termo evidencia que há outras bolsas no mesmo espaço. Já em (115), o advérbio de intensidade *mais* estabelece o domínio subjacente para a interpretação da referência por meio da comparação entre *o parente que é mais chegado* (mais próximo) em relação ao *parente que é menos chegado* (menos próximo). Embora essa última informação não esteja veiculada na superfície sintática da relativa restritiva.

Diante disso, e considerando as discussões e os resultados expostos ao longo deste capítulo, pode-se afirmar que a diferença entre cláusulas relativas restritivas e relativas não restritivas na fala espontânea do PB é estabelecida a partir de três variáveis: (1) itens linguísticos presentes na superfície sintática da cláusula que desencadeiam *a interpretação distributiva associada aos quantificadores* e *a interpretação da pressuposição de existência da referência* (ver seção 4.3 deste capítulo); (2) subordinação definida pelo encaixamento sintático da cláusula vinculada ao N dentro da mesma unidade informacional (ver seção 4.2 deste capítulo); (3) definitude do N do SN na situação comunicativa. No Quadro 9 abaixo, considerando-se a

composição e os tipos de relativas encontradas no *minicorpus*, identificam-se as variáveis presentes (X) ou ausentes (Ø) em cada um desses tipos de cláusulas que apresentam a estrutura da relativização:

Quadro 9 – Variáveis envolvidas na definição da cláusula relativa na fala espontânea

Total	Tipos de cláusulas	(1) Itens linguísticos que estabelecem domínio subjacente	(2)Encaixamento sintático na mesma UI do N do SN	(3)Definitude do N do SN na situação comunicativa
		X	X	Ø
97	R. restritivas complexas	X	X	Ø
26	R. restritivas simples	Ø	Ø	X
21	R. não restritivas complexas	Ø	Ø	X
04	R. não restritivas simples			

#### **148 Ocorrências**

**Fonte:** Elaborado pela autora, 2016.

Conforme o Quadro 9 acima, as cláusulas relativas restritivas complexas e as relativas restritivas simples apresentam as variáveis (1) e (2), ao passo que a variável (3) não se confirma nos dados. Por outro lado, as cláusulas relativas não restritivas complexas e as relativas não restritivas simples não exibem as variáveis (1) e (2), mas apresentam variável (3), dependente do contexto da situação comunicativa. Assim sendo, podemos concluir que apenas as cláusulas restritivas, independentemente do tipo de contexto sintático, simples ou complexo, dentro do enunciado, são instâncias verdadeiras de relativização.

#### 4.4.1.3 Nível sintático do sintagma nominal que antecede a cláusula relativa em contexto complexo

Considerando os procedimentos sintáticos envolvidos na constituição das cláusulas relativas encontradas na fala espontânea, qual sejam, o encaixamento sintático da relativa restritiva em contexto sintático complexo no enunciado e a justaposição sintática da relativa não restritiva em contexto sintático complexo, resultado de encaixamento sintático num enunciado sempre complexo (ver seção 4.2 deste capítulo), apresentam-se a seguir os números quanto à função sintática do sintagma nominal que antecede as cláusulas relativas em contexto complexo, ou seja, que tipo de constituinte é a relativa no contexto da cláusula matriz – vale lembrar que as

cláusulas relativas que ocorrem em contexto sintático simples são resultado de insubordinação sintática, diante disso, essa informação acerca delas é inviabilizada. A seguir, as Tabelas 16 e 17:

Tabela 16 – Nível sintático do SN que antecede a cláusula relativa em contexto complexo

<b>Total</b>	
<b>18</b>	<b>Sujeito</b>
09	Predicativo do sujeito
<b>44</b>	<b>Objeto direto</b>
04	Objeto indireto
<b>22</b>	<b>Adjunto adverbial</b>
<b>97 Ocorrências</b>	

Fonte: Elaborada pela autora, 2016.

Na Tabela 16, tem-se a nível sintático do SN que antecede a cláusula relativa em contexto sintático complexo. Do total de (97) ocorrências de relativas restritivas, (44) encontra-se na posição de *Objeto direto*, (22) de *Adjunto adverbial* e (18) de *Sujeito*. Tais constituintes estão representados, respectivamente, nos exemplos (116)-(117)-(118):

- ☛ (116) bfammn01,50,MAI,"tava chegando no terreiro /=COB= e aí a mulher viu **a enorme da cobra que lá envinha atrás dele** /=TOP= ea fechou a porta //COM
- ☛ (117) bfammn01,65,MAI,"&he /=TMT= **no outro dia que** /=SCA= o sol tava [/1]=SCA= já tinha saído e tava tudo bem /=TOP= ea pegou e &f [/2]=SCA= e foi atrás de [/1]=SCA= de alguém /=COM= pa vim matar a cobra //APC
- ☛ (118) bfammn01,55,MAI,"**o bote que ea deu nele** /=SCA= derrubou ele /=CMM= tão forte que ela era //CMM

Importante assinalar que as cláusulas relativas restritivas acompanham os SNs, dado que elas são parte de sua estrutura. O mesmo não ocorre com as relativas não restritivas.

Tabela 17 – Nível sintático do SN que antecede a cláusula não restritiva em contexto complexo

<b>Total</b>	
<b>06</b>	<b>Sujeito</b>
<b>10</b>	<b>Objeto direto</b>
01	Objeto indireto
01	Predicativo do sujeito
01	Discurso reportado
<b>02</b>	<b>Adjunto adverbial</b>
<b>21 Ocorrências</b>	

Fonte: Elaborada pela autora, 2016.

Na Tabela 17 acima, tem-se a nível sintático do SN que antecede a cláusula relativa não restritiva em contexto sintático complexo. Do total de (21) ocorrências, (10) são de *Objeto direto*, (10) de *Sujeito* e (02) de *Adjunto adverbial*. Tais realizações podem ser observadas, respectivamente, nos exemplos (119)-(120)-(121):

- ☛ (119) bfammn02,150,"então /=INP= nessas férias /=TOP= &q [/1]=EMP= a gente /=SCA= quando veio pra Belo Horizonte /=PAR= nas férias /=TOP= ele trazia **Maria Julieta** /=COB= *que era a única filha dele* /=PAR= porque os pais da Dolores /=TOP= os sogros dele /=PAR= passaram a morar nessa casa que ele morava //COM
- ☛ (120) bfammn02,143,"que a **Dodora** /=i-COB= *que era a mamãe* /=PAR= ia ficar < muito > feliz /=SCA= de morar /=SCA= perto da dona Terezinha /=COB= *que era minha* &b [/2]=SCA= *minha avó* //PAR
- ☛ (121) bfammn02,143,"que a **Dodora** /=i-COB= *que era a mamãe* /=PAR= ia ficar < muito > feliz /=SCA= de morar /=SCA= perto da **dona Terezinha** /=COB= *que era minha* &b [/2]=SCA= *minha avó* //PAR

Os dados mostram que tanto os SNs das cláusulas relativas restritivas quanto dos SNs das relativas não restritivas ocorrem preferencialmente na posição de *Objeto direto*: os primeiros (44 em 97) e os últimos (10 em 21). Contudo, a segunda posição preferencial dos SNs das relativas restritivas é a de *Adjunto adverbial* (22 em 97) e dos SNs das relativas não restritivas é a de *Sujeito* (10 em 21). Já a terceira posição sintática dos SNs das relativas restritivas é a de *Sujeito* (18 em 97), seguida de *Predicativo do sujeito* (09 em 97) e *Objeto indireto* (04 em 97). Já a terceira posição dos SNs das relativas não restritivas é a de *Adjunto adverbial* (02 em 21), seguida de *Objeto indireto* (1), *Predicativo do sujeito* (1) e *Discurso reportado* (1). Este último, está exemplificado em (122):

- ☛ (122) bfamcv04,246,"cê vai falar /=INT= "" **um** "" /=COB= *que é a primeira* < &pa [/3]=SCA= *a primeira* > letra da < palavra > //COM

Esses dados demonstram que, no português do Brasil, tanto as relativas restritivas quanto as não restritivas ocorrem preferencialmente nas funções de: (i) *Objeto Direto* – relativas (44) e não relativas (10) –; (ii) *Sujeito* – relativas (18) e não relativas (06) –; (iii) *Adjunto Adverbial* – relativas (22) e não relativas (02) –; seguidas de outras com poucas ocorrências: (iv) *Predicativo do sujeito* – relativas (09) e não relativas (01) –; (v) *Objeto Indireto* – relativas (04) e não relativas (01) –; (vi) *Discurso reportado* – não relativas, com (01) ocorrência. Tais resultados demonstram que ambas ocorrem preferencialmente na posição de *Objeto Direto*.

Contudo, esse comportamento sintático parece não influenciar a natureza da relativização da cláusula – se restritiva ou não.

#### 4.5 Resumo do capítulo

Neste capítulo, apresentamos a análise dos dados do *minicorpus* C-ORAL BRASIL acerca das cláusulas relativas na fala espontânea do PB, conforme os parâmetros teórico-metodológicos advindos da *Language into Act Theory*, da Linguística de *Corpus* e dos postulados da Linguística Cognitiva e do Funcionalismo. Assim, a análise partiu de um conceito de relativização clausal para a fala espontânea que considera a estrutura informacional da fala em primeira instância, seguida das estruturas sintática e semântica envolvidas na configuração dessas cláusulas. Nesse contexto, excluíram-se do escopo da relativização as tradicionais cláusulas relativas não restritivas, já que estas apresentam estrutura informacional distinta. No entanto, por razões metodológicas, ambos os tipos de cláusulas foram escrutinados juntos, já que, para definir a natureza das relativas restritivas – portanto, da relativização –, foi preciso diferenciá-las das então chamadas relativas não restritivas, as quais apresentam estrutura sintática semelhante (N [QUE + verbo finito]<sub>CRel</sub> + Cl. matriz...]<sub>S</sub>), bem como estrutura semântica aproximada (ambas se referem ao núcleo do SN). Os resultados da análise do *minicorpus* C-ORAL BRASIL são os seguintes: num total de **5.512** enunciados, **1.821** ocorrências apresentam o conector linguístico *que* indicador de subordinação. Contudo, o conector *que* se comporta como pronome relativo somente ocorre em **148** ocorrências, das quais **123** são cláusulas relativas linearizadas (os elementos da cláusula ocorrem dentro de uma mesma unidade informacional no enunciado) e **25** cláusulas relativas ocorrem padronizadas (os elementos da cláusula ocorrem distribuídos entre as unidades informacionais no enunciado). Não foi encontrado nenhum outro conectivo com valor de relativo na *posição linearizada* (qual, quem, quanto, cujo, onde e flexões), bem como outro tipo de estratégia de relativização (redução morfossintática) nos dados do *minicorpus*. Nesse contexto, as cláusulas relativas encontradas no *minicorpus* C-ORAL BRASIL apresentam as seguintes características: (1) *estrutura sintático-informacional*: as cláusulas relativas restritivas apresentam-se linearizadas no padrão: N [QUE + verbo finito]<sub>CRel</sub> + Cl. matriz...]<sub>S</sub> // = UI (**123** ocorrências em 148); ao passo que as relativas não restritivas apresentam-se padronizadas na configuração: N / [QUE + verbo finito]<sub>CRel</sub> + Cl. matriz...]<sub>S</sub> // = UI (**25** ocorrências em 148); (2)

*estrutura informacional*: as cláusulas relativas linearizadas (ou restritivas) que ocorrem em contexto sintático complexo figuram, na grande maioria, na unidade de COM (**54**), ou em unidades resultantes de seus desdobramentos: COB (**07**), CMM (**05**), CMB (**03**) – i.e. –, as relativas linearizadas ocorrem preferencialmente em COM (**69** em 97). Em seguida, tem-se relativas linearizadas em TOP (**23** em 97), APC (**02**) e APT (**01**), INT (**01**), PAR (**01**). Essa tendência de ocorrência das relativas na unidade informacional de COM também permanece entre as relativas que ocorrem em contexto sintático simples: COM (**24** de **25**), seguido de TOP. Já as relativas padronizadas (não restritivas), configuradas a partir de padrões informacionais (PI), i.e., em mais de uma unidade informacional, em contexto sintático complexo, são formadas a partir da unidade informacional de COM e seus desdobramentos (COB, CMB) com outras UIs: **11** em 21, seguido pelo PI formados com TOP: **5** em 21. Quanto às relativas padronizadas em contexto sintático simples, temos também o COM na maior parte dos padrões (**3** em 4), seguido de TOP (**2** em 4); (3) *contexto sintático dentro do enunciado*: tanto as relativas restritivas (linearizadas) quanto as relativas não restritivas (padronizadas) ocorrem tanto em *contexto sintático complexo* (vinculadas a uma cláusula matriz no enunciado – linearizada: **97** em 148 *versus* padronizada: **21** em 148 –) quanto em *contexto sintático simples* (isoladas de uma cláusula matriz no enunciado – linearizada: **21** em 148 *versus* padronizada: **04** em 148 –); (4) *procedimento de subordinação*: as relativas linearizadas que ocorrem em *contexto sintático complexo* (cláusula vinculada a matriz no enunciado) são resultado de *encaixamento sintático*, ao passo que as relativas padronizadas são resultado de *justaposição sintática*. No entanto, as relativas linearizadas que ocorrem em *contexto sintático simples* (cláusula isolada da matriz no enunciado) são resultado de *insubordinação*, ao passo que as relativas padronizadas são cláusulas justapostas a um SN; (5) *estrutura semântica das cláusulas*: a partir do *teste de domínio-escopo para relativização clausal* (i.e, a verificação da presença de itens linguísticos que estabelecem um *background* para a interpretação do N delimitado pela cláusula), chegou-se aos seguintes números: em **148** ocorrências de estruturas de relativização, apenas **123** são de fato cláusulas relativas, ao passo que **25** cláusulas não o são. Nesse contexto, no cotejo dos resultados, apenas as cláusulas relativas restritivas, que ocorrem linearizadas na fala, são instâncias de relativização. As chamadas cláusulas relativas não restritivas, que ocorrem padronizadas na fala, não são relativas; e por fim, (6) *a estruturação do SN das cláusulas relativas na fala espontânea do PB*: tanto relativas restritivas mostraram quanto não restritivas apresentaram variedade de

estruturação do SN semelhante. Contudo, as relativas não restritivas apresentaram ocorrências nas quais N exibe um maior grau de definitude: nomes próprios (*Dorora, Maria Julieta, SESC*) e nomes mais especificados (*plasma, plaqueta*) ligados ao campo semântico especializado. Os resultados demonstraram que a composição do SN, no que concerne ao seu núcleo e aos vários tipos de elementos que podem ser alocados à sua esquerda ou ao SN à sua direita, não é uma variável fundamental para a sua classificação nos dois tipos. Tal função fica a cargo do outro elemento que pode ser acoplado à sua direita: a cláusula do tipo relativa. Mais especificamente, os itens linguísticos apresentados em sua superfície sintática, capazes de estabelecer um domínio subjacente para a interpretação da delimitação do N antecedente, nos termos da interpretação distributiva associada a determinados termos e da interpretação da pressuposição de existência da referência. Em relação ao nível sintático do SN que antecede a cláusula vinculada, os das relativas restritivas (97 ocorrências) apresentam uma preferência maior pela posição de *objeto direto* (44), seguido pela de *adjunto adverbial* (22) e a de *sujeito* (18). Enquanto os das relativas não restritivas (21 ocorrências) apresentam mais equilíbrio, ou seja, estão distribuídos igualmente nas posições *objeto direto* (10) e *sujeito* (10), seguidas do *discurso reportado* (01). Diante desses resultados, pode-se afirmar que a relativização só é estabelecida via cláusulas relativas restritivas. As cláusulas relativas não restritivas correspondem a outro tipo de fenômeno sintático, denominadas, então, nesta pesquisa, de *cláusulas apositivas*. Os resultados desta pesquisa, realizada no contexto do *minicorpus C-ORAL BRASIL*, demonstram que, embora a relativização se expresse apenas por meio das tradicionais cláusulas relativas restritivas, essas cláusulas apresentam uma complexidade considerável em termos de estruturação sintática na fala espontânea do português do Brasil.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O primeiro desafio enfrentado nesta pesquisa foi a escolha do objeto, já que as cláusulas relativas é um dos fenômenos das línguas naturais mais investigados pelas diversas abordagens linguísticas, mesmo dentro da diamesia da fala espontânea, campo ainda pouco explorado pelas pesquisas linguísticas. Além disso, como enfrentar algo que parecia ser ponto pacífico nos estudos tradicionais: o conceito e a classificação das relativas em restritivas e não restritivas, nas quais a vírgula (na língua escrita) e a pausa (na língua falada) eram o parâmetro óbvio para identificação de tal diferença. Ledo engano! A começar pela noção de pausa e pela própria definição de relativa. O segundo desafio veio com o embate entre as cláusulas em foco e as metodologias tradicionalmente usadas para tratá-las. Em razão de seu caráter *online* e de sua estrutura informacional determinada pela Prosódia, o conteúdo locutivo da fala espontânea nem sempre se apresenta de “forma comportada”. Na realidade, a maioria das produções linguísticas nessa diamesia é realizada via fragmentos diversos, restringidos às unidades informacionais diversas. Nesses termos, como utilizar testes que servem para identificar os constituintes da sentença (tais como o da negação, da clivagem ou da substituição) para as cláusulas relativas na fala espontânea que, embora funcionem pragmaticamente, exibem itens linguísticos nem sempre tão estruturados ou que respeitem a forma esperada? Somado a isso, a definição tradicional de cláusula relativa exhibe certa opacidade, já que abarca dois tipos distintos: a relativa restritiva (que delimita a referência) e a relativa não restritiva (que não a delimita a referência). O argumento forte para a tradição respalda-se apenas na forma sintática assemelhada (N [QUE + verbo finito]) das duas cláusulas, quando, na realidade, todos os outros traços dizem o contrário: *semântica* (restringe vs. não restringe), *procedimento sintático* (encaixamento vs. justaposição), *contexto cognitivo* (estabelece domínio-escopo vs. não estabelece domínio-escopo). E, na fala espontânea, ainda existe *a presença vs. a ausência de quebras prosódicas* separando os constituintes da cláusula no interior do enunciado.

Diante desses desafios, foi preciso “desadestrar o olhar” (moldado pela abordagem tradicional adquirida ao longo de uma formação cuja base de análise era a escrita) para apreender uma abordagem nova, marcada pela empiria, na qual a fala espontânea era o ponto de partida – a *Language into Act Theory* (LAct) –, bem como desenvolver uma metodologia que possibilitasse

o escrutínio da natureza fragmentada desse tipo de fala. Especialmente, porque os dados pertenciam a um *corpus* pensado para essa diamesia – o C-ORAL BRASIL. Nesse contexto, o *signo* considerado em primeiro plano para a descrição da fala é a *prosódia*, constituinte encontrado no nível suprasegmental do fenômeno linguístico, responsável pela segmentação, entre outras coisas, do contínuo da língua fala em *enunciados* – a unidade de referência da fala que realiza os atos de fala. Apesar de sermos capazes de perceber o valor distintivo dos tipos de quebras prosódicas que podem ocorrer no fluxo da fala, foi preciso um breve treinamento<sup>81</sup> para aprender a distinguí-las para fins de pesquisa.

Em seguida, procedemos à extração das ocorrências que exibiam a estrutura da relativização no *minicorpus*. Para isso, usamos a plataforma de busca na qual o *minicorpus* do C-ORAL BRASIL, etiquetado informacionalmente, estava alocado. O produto dessa coleta resultou em planilhas eletrônicas, as quais possibilitaram o uso de uma ferramenta computacional (o *AntConc*) para observação e contagem dos dados. Após essa etapa, ouvimos cada ocorrência repetidamente, uma a uma. Haja vista que nem toda cláusula que apresenta estrutura de relativização no enunciado é uma cláusula relativa, o resultado é que um grande número de enunciados foi descartado. Uma vez reunidas as relativas “verdadeiras”, separamos as cláusulas em dois grupos: o Grupo (1) reunia as cláusulas que não apresentavam quebra prosódica entre os constituintes da relativa – as linearizadas –; e o Grupo (2) reunia as cláusulas que apresentavam uma quebra entre os elementos da relativa – as padronizadas. Após, aferimos entre os grupos se as quebras prosódicas marcavam realmente diferença de sentido. As análises realizadas comprovaram que a estrutura informacional afetava a semântica e a sintaxe dessas cláusulas nos enunciados. Em outros termos, a semântica da restrição ocorria em cláusulas que exibiam encaixamento sintático entre a cláusula vinculada e o SN antecedente, os quais ocorriam linearizados dentro das UIs. Ao passo que, a semântica da não restrição ocorria em cláusulas que exibiam justaposição sintática entre as constituintes da cláusula, os quais ocorriam padronizados entre as UIs do enunciado. Ou seja, na língua falada, quando o falante deseja restringir uma referência, o conteúdo locutivo da cláusula ocorrerá linearizado dentro de uma única UI; por outro lado, quando o falante deseja apenas comentar uma referência, o conteúdo locutivo da cláusula ocorrerá padronizado em mais de uma UI. Em outros termos, na fala espontânea, é no

---

<sup>81</sup> Dirigido por um segmentador experiente que compunha a equipe do LEEL, o treinamento funcionava por meio de exercícios de oitivas de dados do corpus C-ORAL BRASIL, os quais eram comparados para ver o nível de acertos e a discussão das possíveis dúvidas.

signo linguístico, expresso na superfície sintagmática da língua, que se conforma a informação prosódica.

O desafio seguinte foi enfrentar as diferenças sintática e semântica encontradas nessas cláusulas. Nessa tarefa, postulados funcionalistas e cognitivistas foram incorporados. Assim, chegamos ao contínuo sintático de subordinação defendido pelo Funcionalismo, o qual reconhece que, entre os polos extremos desse contínuo ( encaixamento sintático vs. coordenação sintática), existe o fenômeno da *hipotaxe* (definida nos termos da dependência parcial que pode ser de natureza semântica ou sintática). Esse contínuo explica o encaixamento sintático das relativas restritivas que ocorrem linearizadas dentro das UIs no enunciado e a justaposição sintática das relativas não restritivas, padronizadas entre as UIs. Quanto à semântica dessas cláusulas, partimos da premissa cognitivista de que o significante linguístico é apenas uma âncora para o processamento do significado. Nesse contexto, postulamos o estabelecimento de um domínio cognitivo, subjacente à superfície sintática, para a interpretação das relativas quanto à delimitação do N antecedente da relativa. Esse *domínio-escopo* foi pensado a partir dos postulados do domínio de relativização vs. subconjunto restringido, da relação entre instanciação e *grounding*, dos processos envolvidos no conceito de escopo, da unidade informacional que, dentro da LAct, é compreendida como uma ilha sintático-semântica, na qual todos os processos sintáticos e semânticos estão circunscritos.

Ao investigar mais a natureza dos constituintes das cláusulas que apresentavam a estrutura da relativização, visando verificar a função real N e da cláusula vinculada, os dados confirmaram que apenas as cláusulas linearizadas, por meio de itens linguísticos, expressos na superfície sintática, estabeleciam domínio-escopo para interpretação/delimitação da referência. Nesse contexto, as relativas padronizadas foram excluídas do fenômeno da relativização. Apesar da forma sintática semelhante, tais cláusulas apresentavam estrutura informacional, semântico-cognitiva e procedimento sintático distintos. Diante disso, foram nomeadas de *cláusulas apositivas*, dado que se tratavam de outro tipo de cláusula. Assim, considerando-se os níveis linguísticos envolvidos na produção das cláusulas relativas, quais sejam o informacional, o sintático, o semântico-cognitivo, pode-se afirmar que há mais diferenças entre essas cláusulas do que semelhanças. Nesses termos, seria uma incongruência teórica classificá-las sob o mesmo fenômeno. Tal achado corrobora as abordagens linguísticas não sintatocentristas. Assim sendo, considerando os esforços utilizados para o estudo

das *cláusulas relativas na fala espontânea informal do PB*, acreditamos que esta pesquisa traz as seguintes contribuições:

- Para os estudos em cláusulas relativas: (1) assevera os trabalhos que afirmam a cláusula relativa restritiva como a única estratégia de relativização clausal nas línguas naturais; (2) apresenta uma descrição fina dos constituintes da cláusula relativa (SN e cláusula vinculada) na fala espontânea, esclarecendo a função de cada no processamento da relativização clausal; (3) explicita a natureza dos itens linguísticos presentes na cláusula relativa, responsáveis por desencadear a estratégia de relativização clausal (que, em última instância, é um processo de produção de referência nas línguas naturais), desvelando a operação envolvida – o estabelecimento do domínio-escopo –; (4) confirma a existência de cláusulas relativas isoladas da cláusula matriz no enunciado.
  
- Para os estudos em fala espontânea: (5) realiza (talvez) a primeira pesquisa sobre cláusulas relativas na fala espontânea no PB; (6) corrobora os postulados da *Language into Act Theory* (CRESTI, 2000) acerca da sintaxe da fala espontânea; (7) colabora com os estudos do Laboratório Experimental de Linguagem (LEEL) da UFMG sobre as construções sintáticas da fala espontânea presentes no C-ORAL BRASIL.
  
- Para as abordagens linguísticas não sintatocentristas: (8) colabora com os estudos funcionalistas que defendem a justaposição como procedimento sintático para a ligação de cláusulas no PB; (9) confirma a presença de cláusulas insubordinadas na fala espontânea no PB; (10) sustenta o postulado cognitivista de que a língua é uma manifestação das capacidades cognitivas amplas do gênero humano, as quais envolvem organização conceptual, categorização, processamento e experiência individual e social; (11) reforça o caráter empírico das pesquisas centradas na objetividade dos dados – a *Linguística de Corpus* e a *Linguística Descritiva* –, particularmente.

Além das contribuições elencadas, considerando o confronto ou a confirmação dos achados acerca da relativização, esta tese abre algumas trincheiras para pesquisas futuras, quais sejam: (a) descrever as cláusulas relativas na fala espontânea formal do PB; investigar mais acuradamente a ocorrência e o processamento das (b) cláusulas apositivas (“irmãs na forma” das relativas) e das (c) relativas insubordinadas encontradas na fala espontânea. Para além desses novos temas, salientamos que algumas perguntas deste estudo podem ter ficado sem respostas. Algumas, talvez, nem passaram pelo nosso horizonte. Contudo, em nenhum momento, esperamos encerrar a questão. Assim, deixamos essas e outras perguntas como um desafio para os próximos que quiserem se aventurar no tema aqui tratado. Para concluir: acredita-se que a Ciência é o espaço do confronto. E a arena da pesquisa é uma luta travada entre o que foi deixado e o que será construído, haja vista a possibilidade de novas perguntas aos fenômenos que envolvem a linguagem humana. É essa tensão permanente entre o novo e o velho que faz mover o conhecimento e a nossa própria natureza. O tempo é uma demanda. Assim, respostas que parecem contundentes em um momento podem ser questionadas em um outro. A Ciência, por mais que se queira, não é alijada de uma perspectiva de mundo – assim como as respostas. Como li em algum lugar por aí: “não há nenhum sentido morto de maneira absoluta que não possa festejar um dia o seu renascimento”.

C'est la vie!

## REFERÊNCIAS

- ADGER, D. *Core Syntax: a minimalist approach*. Oxford: Oxford University Press, 2003.
- ANTHONY, L. *Lawrence Anthony Website (AntConc)*. Disponível em: <<http://www.laurenceanthony.net/software/antconc/>>. Acesso em: 23 maio 2013.
- AOUN, J.; LI, A. *Essays on the representational and derivational nature of grammar: the diversity of wh-constructions*, 2001. Disponível em: <[http://dornsife.usc.edu/error/?path=/ealc/chinling/aoun\\_li.htm](http://dornsife.usc.edu/error/?path=/ealc/chinling/aoun_li.htm)>. Acesso em: set. 2015.
- ARRUDA, A. *A unidade informacional de Comentários Múltiplos: um trabalho baseado em corpus*. 2013. Monografia (Aperfeiçoamento/Especialização em Letras) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.
- AUSTIN, J. *How to do things with words*. Oxford: Oxford University Press, 1962.
- BAKHTIN, M. Gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 12. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006. [Publicado originalmente em 1929].
- BARKER, C. Scope. In: LAPPIN, S.; FOX, C. *The handbook of Contemporary Syntactic Theory*. 2. ed. New Jersey, USA: John Wiley & Sons, Inc., 2015. p. 40-76.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- BERBER SARDINHA, T. A. *Linguística de corpus*. São Paulo: Manole, 2004. 410p.
- BIBER, D. *et al. The Longman grammar of spoken and written English*. London: Longman, 1999.
- BICK, E. *The parsing system palavras: automatic grammatical analysis of portuguese in a constraint grammar framework*. Aarhus: Aarhus University Press, 2000.
- BOSSAGLIA, G. Orientação pragmática da sintaxe na fala: uma análise corpus-based da subordinação completiva e adverbial no português do Brasil. *Domínios de Linguagem*, v. 9, n. 5, p. 309-335, dez. 2015. Disponível em <<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/29246>>. Acesso em: jan. 2016.
- BOSSAGLIA, G. Interface entre sintaxe e articulação informacional na fala espontânea: uma comparação baseada em corpus entre português e italiano. *Caligrama*, v. 19, n. 2, p. 35-60, 2014. Disponível em <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/caligrama/article/view/6205>> Acesso em: jun. 2015.
- CARMO, C. B. S. Relative Clauses in spontaneous speech: a definition based on the Language into Act Theory. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, v.14, n. 2, p. 2.061-2.075, abr./jun. 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2017v14n2p2061>>. Acesso em: maio 2017.
- CARMO, C. B. S.; MELLO, H. Cláusulas relativas na fala espontânea do português do Brasil: um estudo exploratório baseado no corpus C-ORAL-BRASIL. *Signun: Estudos da Linguagem*.

- v. 19, n. 2, p. 342-367, dez. 2016. Disponível em:  
<<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/25097>>. Acesso em: jan. 2017.
- CARONE, F. B. *Morfossintaxe*. 9. ed. São Paulo: Ática, 2005.
- CINTRA, L.; CUNHA, C. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- CHAFE, W. Linking intonation units in spoken English. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. (Ed.). *Clause combining in grammar and discourse*. Amsterdam: Benjamins, 1988. p. 1-27.
- CHIERCHIA, G.; McCONNELL-GINET, S. *Meaning and grammar: an introduction to semantics*. Cambridge (EUA): MIT Press, 1990.
- CHOMSKY, N. Remarks on nominalization. In: JACOBS, R.; ROSENBAUM, P. (Org.). *Reading in English Transformational Grammar*. Waltham: Ginn, 1970.
- COMRIE, B. *Language universals and linguistic typology*. 2. ed. Chicago: University of Chicago, 1989.
- CRESTI, E.; MONEGLIA, M. (Ed.). *C-ORAL-ROM: integrated reference corpora for spoken romance languages*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2005.
- CRESTI, E. Syntactic properties of spontaneous speech in the language into act theory: data on italian complements and relative clauses. In: RASO, T.; MELLO, H. (Org.). *Spoken corpora and linguistic studies: problems and perspectives*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2014.
- CRESTI, E. The definition of focus in language into Act Theory (LAcT). In: MELLO, H.; PANUNZI, A.; RASO, T. (Ed.). *Pragmatics and prosody: illocution modality, attitude, information patterning and speech annotation*. Firenze: Firenze University Press, 2011.
- CRESTI, E. *Corpus di Italiano parlato*. Firenze: Accademia della Crusca, 2000.
- CRISTOFARO, S. *Subordination*. Oxford: University Press, 2003.
- CROFT, W. *Typology and universal*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- DEUS, Luciano César Alves. *A unidade informacional de tópico no português do Brasil*. 2008. 230 f. Dissertação (Mestrado em Língua Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.
- EVANS, N. Insubordination and its uses. In: NIKOLAEVA, Irina. *Finiteness: theoretical and empirical foundations*. Oxford: Oxford University Press, 2007. p. 366- 431.
- DECAT, M. B. N. A noção de unidade informacional no tratamento da subordinação. *Veredas*, Juiz de Fora, On-Line – Atemática –, v. 18, n. 2, p. 123-135, 2014. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2015/04/8-DECAT.pdf>>. Acesso em: jun. 2015. [PPG-LINGUÍSTICA/UFJF – Juiz de Fora (MG) - ISSN: 1982-2243]
- DECAT, M. B. N. Orações relativas apositivas: SNs ‘soltos’ como estratégia de focalização e argumentação. *Veredas: Rev. Est. Ling.*, Juiz de Fora, v. 8, n. 1 e n. 2, p. 79-101, jan./dez. 2004. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/cap06.pdf>>. Acesso em: jun. 2015.

- DECAT, M. B. N. Orações adjetivas explicativas no português brasileiro e no português europeu: aposição rumo ao ‘desgarramento’. *Scripta* (Linguística e Filologia), PUC Minas, Belo Horizonte, v. 5, n. 9, p. 104-118, 2º sem. 2001. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/11728>>. Acesso em: jun. 2015.
- DE VRIES, M. The Fall and Rise of Universals on Relativization. *Journal of Universal Language*, v. 6, n. 1, p. 125-157, jan. 2005. Disponível em: <<http://www.let.rug.nl/~dvries/pdf/2005-rc-universals-jul>>. Acesso em: jun. 2015.
- DE VRIES, M. *The syntax of relativization*. Amsterdam: Utrecht, 2002.
- DIK, S. C. *The Theory of Functional Grammar: part 2: complex and derived constructions*. 2. nd (revised edition). Kees Hengeveld. Berlin /New York: Mouton de Gruyter, 1997.
- FAUCONNIER, G.; TURNER, M. *The way we think*. New York: Basic Books, 2002.
- FREGE, Gottlob. *Sobre sentido e referência* (1892). Disponível em: <[http://gelogica.weebly.com/uploads/2/6/6/1/26617550/frege\\_sobre\\_o\\_sentido\\_e\\_a\\_referencia.pdf](http://gelogica.weebly.com/uploads/2/6/6/1/26617550/frege_sobre_o_sentido_e_a_referencia.pdf)>. Acesso em: out. 2016.
- FIRENZUOLI, V. *Forme intonative di valore illocutivo dell'italiano parlato: analisi sperimentale di un corpus di parlato spontaneo*. 2003. Tese (Doutorado em Linguística) – Università degli Studi di Firenze, Florença, 2003.
- GREGORI, L.; PANUNZI, A. DB-IPIC: an XML database for the representation of information structure in spoken language. In: MELLO, H.; PANUNZI, A.; RASO, T. (Ed.). *Pragmatics and prosody: illocution, modality, attitude, information patterning and speech annotation*. Firenze: Firenze University Press, 2011. p. 133-149.
- HALLIDAY, M. A. K. *Spoken and written language*. Geelong, Vic.: Deakin University Press, 1985.
- HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. *Cohesion in english*. New York: Longman, 1976.
- HARDIE, A.; McENERY, T. *Corpus linguistics*. Cambridge: University Press, 2002.
- HARRIS, Z. S. *String analysis of sentence structure*. The Hague: Mouton, 1962.
- HART, J.; COLLIER, R.; COHEN, A. *A perceptual study on intonation: an experimental approach to speech melody*. Cambridge: CUP, 1990.
- HOPPER, P. J.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- JESUS, Andréa Cristina Ulisses. *A unidade informacional de apêndice no português do Brasil*. 2008. 242 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.
- KAYNE, R. *The antisymmetry of syntax*. Cambridge, Mass: The MIT Press, 1994.
- KEENAN, E. Relative clauses. In: SHOPEN, T. (Ed.). *Language typology and syntactic description*. Cambridge: University Press, 1985. v. 2.

- KEENAN, E. L.; COMRIE, B. Noun phrase accessibility and universal grammar. *Linguistic Inquiry*, Cambridge, v. 8, n. 1, p. 63-99, 1977. Disponível em: <<http://lingo.stanford.edu/sag/L222B/papers/KeenanComrie.pdf>>. Acesso em: ago. 2015.
- KENEDY, E. *Aspectos estruturais da relativização em português: uma análise baseada no modelo raising*. 2002. 158 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.
- KENT, R. O.; READ, C. *The acoustic analysis of speech*. San Diego: Singular, 1992.
- KOCH, I. G. V. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.
- LANGACKER, R.W. *Foundations of cognitive grammar: descriptive application*. Stanford, California: Stanford University Press, 1991. v. 2.
- LANGACKER, R.W. *Foundations of cognitive grammar: theoretical prerequisites*. Stanford, California: Stanford University Press, 1987. v. 1.
- LEHMANN, C. Towards a typology of clause linkage. In: HAIMAN, John; THOMPSON, Sandra A. (Ed.). *Clause combining in grammar and discourse*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1988. p. 181-225. Disponível em: <<http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.457.4278&rep=rep1&type=pdf>>. Acesso em: jun. 2015.
- LEHMANN, C. On the typology of relative clauses. *Linguistics: an interdisciplinary journal of the language sciences*, v. 24, 4. ed., p. 663-680, 1986. Disponível em: <[http://www.christianlehmann.eu/publ/typology\\_relative\\_clauses.pdf](http://www.christianlehmann.eu/publ/typology_relative_clauses.pdf)>. Acesso em: jun. 2015.
- LEVINSON, Stephen C. *Pragmática*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- MANN, W. C.; THOMPSON, S. A. Relational propositions in discourse. *Discourse Processes*, v. 9, p. 57-90, 1986. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/01638538609544632>>. Acesso em: jun. 2015.
- MARTIN, Ph. WinPitch. [Programa com diversas funções para trabalhar com áudio]. Disponível em: <[www.winpitch.com](http://www.winpitch.com)>. Acesso em: fev. 2014.
- MARTIN, Ph. *WinPitch Corpus: a text to speech alignment tool for multimodal corpora*. Lisboa: LREC, 2004.
- MATEUS, M. H. M. *et al.* *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial, 2003.
- MELLO, H. What Corpus Linguistics can offer Contact Linguistics: The C-oral-Brasil corpus experience. *PAPIA: Revista Brasileira de Estudos do Contato Linguístico*, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 407-427, jul./dez. 2014. Disponível em: <<http://revistas.fllch.usp.br/papia/article/view/2204>>. Acesso em: fev. 2016.
- MELLO, H.; BOSSAGLIA, G.; RASO, T. Syntactic phenomena in light of prosody: oriented segmentation in spoken Brazilian Portuguese. In: JOURNÉES INTERNATIONALES DE LINGUISTIQUE DE CORPUS. 8., 2-4 sept. 2015, Orleans, França. Disponível em: <[https://jlc2015.sciencesconf.org/conference/jlc2015/jolico\\_orleans\\_2015\\_melloetal.pdf](https://jlc2015.sciencesconf.org/conference/jlc2015/jolico_orleans_2015_melloetal.pdf)>. Acesso em: ago. 2016.
- MILLER, J.; WEINERT, R. *Spontaneous spoken language: syntax and discourse*. New York: Oxford University Press, 1998.

- MIRANDA, N. S. O caráter partilhado da construção do significado. *Veredas*, EDUFJF, Juiz de Fora, v. 5, n. 1, p. 57-81, jun./jul. 2001.
- MITTMANN, M. M. *O corpus C-ORAL-BRASIL e a análise da fala informal: um novo olhar sobre o Tópico no Português do Brasil*. 2012. 248 f. Tese (Doutorado em Linguística Teórica e Descritiva) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.
- MONEGLIA, M.; CRESTI, E. C-ORAL-ROM: prosodic boundaries for spontaneous speech analysis. In: KAWAGUCHI, Y., ZAIMA, Y.; TAKAGAKI, T. (Ed.). *Spoken language corpus and linguistics informatics*. Amsterdam: John Benjamins, 2006. p. 89-112.
- MONEGLIA, M.; CRESTI, E. L'intonazione e i criteri di trascrizione del parlato adulto e infantile. In: BORTOLINI, U.; PIZZUTO, E. *Il Progetto CHILDES Italia*. Pisa: Del Cerro, 1997. p. 57-90.
- MÜLLER, Ana Lúcia. A estrutura do sintagma nominal com argumentos genitivos. *Cad. Est. Ling.*, Campinas, v. 31, p. 71-89, jul./dez. 1996. Disponível em: <<http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/cel/article/view/1676/1246>>. Acesso em: mar. 2016.
- NEGRÃO, E. V. Forma lógica e quantificação. In: MULLER, A. L.; NEGRÃO, E. V.; FOLTRAN, M. J. *Semântica Formal*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 173-188
- NENCIONI, G. *Di scritto e di parlato: discorsi linguistici*. La Parola Letterana. Bologna: Zanichelli, 1983.
- NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Fundação Editora Unesp, 2000.
- NEY, João Luiz. *Guia de análise sintática*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1955.
- OITICICA, J. *Manual de análise léxica e sintática*. 6. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1942.
- OLIVEIRA, C. J. F. *O apêndice de comentário no português do Brasil: uma análise baseada em corpus*. 2012. 270 f. Tese (Doutorado em Linguística Teórica e Descritiva) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.
- PERINI, M. A. *Gramática descritiva do português*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006.
- PERINI, M.A. *Para uma nova gramática do português*. 10. ed. São Paulo: Ática, 2004.
- RASO, T.; MITTMANN, M. M.; MENDES, A. C. O. O papel da pausa na segmentação prosódica de corpora de fala. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 23, n. 3, p. 883-922, 2015. [Edição Especial]. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/9536>>. Acesso em: set. 2016.
- RASO, T.; MELLO, H. (Org.). *C-ORAL-BRASIL I: corpus de referência do português brasileiro falado informal*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.
- RASO, T.; MELLO, H. Parâmetros de compilação de um corpus oral: o caso do C-ORAL-BRASIL. *Veredas*, Juiz de Fora, v. 2, p. 20-35, 2009. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/11/ARTIGO-Tommaso-Raso-e-Heliana-Mello.pdf>> Acesso em: ago. 2016.

- RASO, T.; MITTMANN, M. M. As principais medidas da fala. C-ORAL-BRASIL I. In: RASO, T.; MELLO, H. (Org.). *C-ORAL-BRASIL I: corpus de referência do português brasileiro falado informal*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. p. 177-222.
- RASO, T.; ROCHA, B. M. A unidade informacional de Introdutor Locutivo no português do Brasil: uma primeira descrição baseada em corpus. *Domínios de Lingu@Gem*, Uberlândia, v. 5, n. 1, p. 327-343, 1º semestre 2011a. ISSN 1980-5799. Disponível em: <<<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/viewFile/12479/8070>> Acesso em: jul. 2016.
- RASO, T.; ROCHA, B. M. Estudo contrastivo do uso de alocutivos em português brasileiro, italiano e em italianos bilíngues em contato prolongado com o português do Brasil. *Revista de Italianística*, São Paulo, n. 21-22, p. 53-64, 2011b. Disponível em: <[http://www.c-oral-brasil.org/preprints/BMR&TR\\_RevItalianistica.pdf](http://www.c-oral-brasil.org/preprints/BMR&TR_RevItalianistica.pdf)>. Acesso em: jul. 2016.
- RASO, T. Fala e escrita: meio, canal, consequências pragmáticas e linguísticas. *Domínios de Lingu@Gem*, Uberlândia, v. 7, n. 2, p. 12-46, jul./dez. 2013. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/23730>>. Acesso em: jul. 2016.
- RASO, T. O C-ORAL-BRASIL e a teoria da língua em ato. In: RASO, T.; MELLO, H. (Org.). *C-ORAL-BRASIL I: corpus de referência do português brasileiro falado informal*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. p. 91-124.
- REINHART, T.; REULAND, E. Reflexivity. *Linguistic Inquiry*, v. 24, p. 657-720, 1993. Disponível em: <[http://www.dbnl.org/tekst/rein008refl01\\_01/rein008refl01\\_01\\_0001.php](http://www.dbnl.org/tekst/rein008refl01_01/rein008refl01_01_0001.php)>. Acesso em: jun. 2015.
- ROACH, P. *English Phonetics and Phonology*, 2011. (Pdf.). Disponível em: <<https://www.peterroach.net/uploads/3/6/5/8/3658625/english-phonetics-and-phonology4-glossary.pdf>>. Acesso em: jul. 2015.
- ROCHA, B. N. R. M. *Uma metodologia empírica para a identificação e descrição de ilocuções e a sua aplicação para o estudo da Ordem em PB e Italiano*. 2016. 266 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.
- ROCHA, B. Metodologia empírica para o estudo de ilocuções do português brasileiro. *Domínios de Lingu@Gem*, Uberlândia, v. 7, n. 2, p. 12-46, jul./dez. 2013. ISSN 1980-5799. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/viewFile/23747/13574>>. Acesso em: jul. 2015.
- ROCHA LIMA. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 31. ed. [1º impressão]. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.
- RODRIGUES, V. V. Comprou, levou? Justaposição: procedimento sintático comum em propagandas. *Revista Letrônica: Revista Digital do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS*, Porto Alegre, v. 8, n. 2, p. 409-421, jul.-dez. 2015. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/>>. Acesso em: nov. 2016.
- RODRIGUES, V. V. Em foco a correlação. *Revista Diadorim: Revista de Estudos Linguísticos e Literários*, Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de

Janeiro, Rio de Janeiro, v. 16, p. 122-139, dez. 2014. Disponível em:  
<<http://www.revistadiadorim.lettras.ufrj.br>>. Acesso em: nov. 2016.

SALOMÃO, M. M. M. A questão da construção do sentido e a revisão da agenda dos estudos da linguagem. *Veredas*, EDUFJF, Juiz de Fora, v. 3, n. 1, p. 61-79, 1999.

SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2002[1916].

SCARANO, A. The prosodic annotation of C-ORAL-ROM and the structure of information in spoken language. In: MEREU, L. (Ed.). *Information structures and its interfaces*. Berlin and New York: Mouton de Gruyter, 2009. p. 51-74;

SHEPHERD, T. M. G. O estatuto da linguística de corpus: metodologia ou área da linguística? *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 24, p. 150-172, jan./jun. 2009.

SOUZA, E. S. A. C. *A interpretação das cláusulas relativas no português do Brasil: um estudo funcional*. 2009. 260 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

SZABOLCSI, A. The Syntax of Scope. In: BALTIN, Mark; COLLINS, Chris. *The handbook of Contemporary Syntactic Theory*. Oxford: Blackwell handbooks in linguistics, 2000. p. 606-633.

VALE, H. P. *A unidade informacional de parentético no português do Brasil: uma análise baseada em corpus*. 2010. 262 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Teórica e Descritiva) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

## APÊNDICE A

### Estrutura sintagmáticas das cláusulas relativas linearizadas em contexto sintático complexo do C-ORAL Brasil

97_ Enunciados	Estrutura sintagmática do termo que antecede a cláusula relativa	Nível sintático do sintagma nominal que antecede a cláusula relativa	Estrutura sintática da cláusula relativa
bfamcv01,32,GIL,"e &pr [/2]=EMP= e principalmente /=TOP= es tão querendo fazer /=INT= campeonato /=CMB= sem a gente /=CMB= também /=CMB= então assim /=INT= espero que /=SCA= isso nũ seja /=SCA= coisa pros times que jogam com a gente deixar de jogar com a gente //COM=",EMP, TOP, INT, CMB, CMB, INT, SCA, SCA, COM	[N [prep N ] <sub>Sprep</sub> ] <sub>SN</sub>	Sujeito	que [V [prep Art def N] Spre] SV
-bfamcv01,35,LEO,"como o Chub fala /=INT= es vão pegar os caras que /=i-COB= tipo /=PAR= tavam reclamando /=COB= e tal /=COB= es vão pegar /=COB= es vão pegar tentar fazer um negócio desse /=COB= e eu aposto que cê vai ver os caras que já conhecem a gente há mais tempo /=COB= tipo José [/1]=SCA= Zé Mourinho /=PAR= falando assim /=INT= não /=CMB_r= o /=SCA= campeonato d' ocês é bem melhor //COM_r=",INT,i-COB, PAR, COB, COB, COB, COB, COB, SCA, PAR, INT, CMB_r, SCA, COM_r	[ Art Def N ] <sub>SN</sub>	Objeto direto	que [ Adv V Art def N [V Adv N] SV' ] SV
bfamcv01,97,GIL,"nũ teve um que nũ reclamou //COM=",COM	[ Pron ] <sub>SN</sub>	Objeto direto	que [ Neg V ] SV
bfamcv01,125,EVN,"< é > /=CMM= concordo /=CMM= isso aí que cê falou //APC=",CMM,CMM,APC	[Dem Adv ] <sub>SN</sub>	Objeto Indireto	que [ Pron V ]SV
bfamcv01,127,LEO,"é /=INP= pelo menos /=TOP= &d [/1]=EMP= pelo menos /=TOP= sugestão /=COB= tipo /=INT= o povo que é &ma +=EMP= os cara que são bem mais /=SCA= boleiros /=TOP= eles /=SCA= com < certeza > vão saber alguma coisa //COM=",INP, TOP, EMP, TOP, COB, INT, EMP, SCA, TOP, SCA, COM	[Art def N ] <sub>SN</sub>	Sujeito	que [ V Adv Adv Adj ]SV
bfamcv01,136,LUI,"< eu acho que /=SCA= o nome /=SCA= do > [/1]=EMP= do [/1]=EMP= do [/1]=EMP= do [/1]=EMP= do [/1]=EMP= da modalidade esportiva que a gente criou /=TOP= que foi Futebol Arte /=PAR= ficou /=SCA= queimado /=COB= por causa dessa taça /=APC= pra mim é uma < coisa que > < é [/1]=SCA= foi triste > /=COB= é triste > falar /=COB= mas /=DCT= cê fala que é Futebol Arte /=CMM= a galera começa a zoar/=CMM= já //APC=SCA, SCA, EMP, EMP, EMP, EMP, EMP, EMP, TOP, PAR, SCA, COB, APC, SCA, COB, COB, D CT, CMM,	[Art def N [prep N Adj ] <sub>Sprep</sub> ] <sub>SN</sub>	Sujeito	que [ Art def N V]SV
bfamcv01,150,LEO,"< e acima de tudo /=TOP= eu acho que a gente tem > que chamar os times que /=i-COM= tipo /=PAR= o [/1]=EMP= realmente os times que /=SCA= merecem a [/1]=SCA= a nossa //COM=",TOP,i-COM, PAR, EMP, SCA, SCA, COM	[Art def N ] <sub>SN</sub>	Objeto direto	que [ V Art def Poss ]SV
bfamcv03,227,CAR,"qualquer lugar que cê ficar aí /=TOP= o' /=CNT= < ele nũ > mata //COM=",TOP,CNT,COM	[Adj N ] <sub>SN</sub>	Sujeio	que [ Pron V Adv]SV

bfamcv04,75,LUC,"< se na primeira vez que cê falou uma palavra /=SCA= não > for /=TOP= nunca mais vai ser /=COM= entendeu //=-PHA=" ,SCA, TOP, COM, PHA	[prep Art def Num N ]Sprep	Sujeito	que [ Pron V Art ind N ]SV
10-bfamcv04,82,LUC,"< hhh é porque tem uma > moçada que fica falando a mesma palavra /=SCA= o tempo inteiro /=COM= < xxx > //=-UNC=" ,SCA, COM, UNC	[Art ind N ]SN	Objeto direto	que [ V Part Art def N Adv N ] SV
bfamev04,161,HEL,"mas esse é novo /=CMM= no < que eu jogava nã tinha isso não > //=-CMM=" ,CMM, CMM	[prep Pron] Sprep	Sujeito	que [ Pron V] SV
bfamcv04,411,BRU,"tem um ali que é o mais difícil //=-COM=" ,COM	[Pron Adv ]SN	Objeto direto	que [V Pron Adv Adj] SV
bfamd101,176,FLA,"cê nã quer comprar um trenzinho que espirra pro seu banheiro não //=-COM=" ,COM	[Art ind N ]SN	Objeto direto	que [V [pre Art def Adj N Neg] Sprep] SV
bfamd101,266,FLA,"ai /=EXP= eu lembrei de um que tinha lá em casa //=-COM=" ,EXP, COM	[ Pron ]SN	Objeto direto	que [V Adv [prep N]Sprep] SV
bfamd101,480,FLA,"esse que cê tá aí na mão são quantas gramas //=-COM=" ,COM	[ Dem ]SN	Sujeito	que [Pron V Adv [prep Art def N]Sprep] SV
bfamd101,525,REN,"é porque esse daqui foi o bolso que eu tirei /=SCA= pra /=SCA= pagar o táxi //=-COM=" ,SCA, SCA, COM	[Art def N ]SN	Predicativo do sujeito	que [ Pron V] SV /que [Pron V [prep V Art def N]Sprep] SV
bfamd102,64,BAL,"tá saindo de uma garrafinha que tem um bico muito pequeno //=-COM=" ,COM	[Art ind N ]SN	Adjunto adverbial	que [V Art def N Adv Adj] SV
bfamd102,90,BEL,"porque nã tem tanta gente que sabe isso //=-COM=" ,COM	[Adv N ]SN	Objeto direto	que [ V Dem ]SV
bfamd102,134,BAL,"mas até achar < alguém que vai > < soldar isso > /=SCA= cobrando só cinco reais //=-COM=" ,SCA, COM	[ Ind ] SN	Objeto direto	que [ Loc Verbal Dem ]SV
20-bfamdl02,167,BAL,"só que tem gente que vai interpretar assim //=-COM=" ,COM	[ Nome ]SN	Objeto direto	que [Loc Verbal Adv ]SV
bfamd103,11,LUZ,"porque quando cê chega num lugar que cê se sente em casa /=TOP= cê sabe imediatamente //=-COM=" ,TOP, COM	[prep Art ind N ]Sprep	Adjunto adverbial	que [ Pron Verbo Reflexivo[prep N ]Sprep ]SV
bfamd103,36,LUZ,"aí cê ainda falou /=INT= não /=COB_r= eu nã vou fazer que nã é uma /=SCA= disciplina que tem a ver comigo //=-COM_r=" ,INT, COB_r, SCA, COM_r	[Art def N ]SN	Adjunto adverbial	que [Locução verbal [pre ]Spreo ]SV
bfamd103,40,LAU,"tem duas disciplinas que têm a ver comigo //=-COM=" ,COM	[Num N ]SN	Objeto direto	que [V Locução verbal [pre ]Spreo ]SV
bfamd103,104,LUZ,"aqui o' /=CNT= eu topei cum caminhão aqui /=COB= o dia que eu vim sozinha /=PAR= ele /=TOP= fazendo a curva /=APT= subindo /=TOP= me &es [/2]=EMP= me espremeu ali /=COB= quase que eu caí na vala //=-COM=" ,CNT, COB, PAR, TOP, APT, TOP, EMP, COB, COM	[Art def N ]SN	Adjunto adverbial	que [ Pron V Adv ]SV

bfamd103,276,LUZ,"apesar que &a [/1]=SCA= várias vezes que a gente avia aqui /=TOP= fez esse tempo e choveu lá /=COB= noutra lugar /=COM= né //PHA=",SCA, TOP, COB, COM, PHA	[Adv N ]SN	Adjunto adverbial	que [ Art def N V Adv ]SV
bfamd104,18,SIL,"tem creme que nã dá com o cabelo nã //COM=",COM	[ Nome ]SN	Predicativo do sujeito	que [ Neg V [prep Art def N Neg]Sprep ]SV
bfamd105,38,ANE,"eh /=PHA= se cê nã tiver um carrinho que [/1]=SCA= que sobe aqui //COM=",PHA,SCA,COM	[Art ind N ]SN	Objeto direto	que [V Adv ] SV
bfamd105,58,CES,"uai /=PHA= mas essa rua aqui /=TOP= é a rua que a gente tava nela //COM=",PHA, TOP, COM	[Art def N ]SN	Predicativo do sujeito	que [Pron V [prep Pron]Sprep ] SV
bfamd105,84,CES,"e essa é a que nós subimos //COM=",COM	[Pron ]SN	Predicativo do sujeito	que [Pron V ] SV
bfamd105,103,ANE,"aí nã é aquele prédio que eu [/2]=SCA= que eu falei com ocê nã //COM=",SCA,COM	[ Dem N ]SN	Sujeito	que [Pron V [prep Pron NEG ]Sprep ] SV
30-bfamd105,335,ANE,"desses que a gente olhou /=TOP= eu prefiro aqueles que a gente já olhou //COM=",TOP,COM	[prep Dem ]Sprep	Adjunto adverbial	que [Pron V ] SV
bfamd105,335,ANE,"desses que a gente olhou /=TOP= eu prefiro aqueles que a gente já olhou //COM=",TOP,COM	[ Dem ] SN	Objeto direto	que [ Pron Adv V ] SV
bfamd105,406,CES,"a única diferença que tem nesse aqui /=TOP= é essa aqui o' //COM=",TOP,COM	[Art def Adj N ]SN	Sujeito	que [ V Dem Adv] SV
bfammn01,18,MAI,"e aí /=DCT= segundo o [/1]=SCA= o parente dele que é mais chegado /=TOP= contou pra nós o seguinte pra mim //COM=",DCT,SCA, TOP, COM	[Art def N [prep Pron]Sprep ]SN	Sujeito	que [ V Adv Adj] SV
bfammn01,21,MAI,"n' é matinha igual essas capoeirinha aqui nã /=COB= é mata mesmo /=COB= de /=SCA= madeira /=SCA= da grossura que /=SCA= quato homem nã abarca um pau //COM=",COB,COB,SCA,SCA,SCA,COM	[prep Art def N ]Sprep	Adjunto adverbial	que [ Num N Neg V Art ind N ] SV
bfammn01,30,MAI,"e' [/1]=EMP= aí ele /=TOP= pr' ea nã [/1]=SCA= nã avançar ele de uma vez /=TOP= ele tirou um chapéu que ele tinha lá //COM=",EMP, TOP, SCA, TOP, COM	[Art ind N ]SN	Objeto direto	que [ Pron V Adv] SV
bfammn01,50,MAI,"tava chegando no terreiro /=COB= e aí a mulher viu a enorme da cobra que lá envinha atrás dele /=TOP= ea fechou a porta //COM=",COB, TOP, COM	[Art def Adj [prep N ]Sprep ]SN	Objeto direto	que [Adv V Adv [prep Pron] Spre] SV
bfammn01,55,MAI,"o bote que ea deu nele /=SCA= derrubou ele /=CMM= tão forte que ela era //CMM=",SCA, CMM, CMM	[Art def N ]SN	Sujeito	que [ Pron V [prep Pron] Spre] SV

bfammn01,58,MAI,"ea mordida e picava com [1]=SCA= com o ferrão que ea tem no cabo também //COM=",SCA,COM	[Art def N ]SN	Objeto indireto	que [ Pron V [prep Art def N Adv] Sprep ] SV
bfammn01,65,MAI,"&he /=TMT= no outro dia que /=SCA= o sol tava [1]=SCA= já tinha saído e tava tudo bem /=TOP= ea pegou e &f [2]=SCA= e foi atrás de [1]=SCA= de alguém /=COM= pa vim matar a cobra //APC=",TMT,SCA,SCA,TOP,SCA,SCA,COM,APC	[prep Art def Adj N ]Sprep	Adjunto adverbial	que [ Art def N V Adv Locução verbal ] SV
40-bfammn01,70,MAI,"&he /=TMT= a dona foi atrás dele [1]=SCA= de alguém /=COB= as pessoa veio com arma /=SCA= forte /=COB= espingarda /=SCA= de cartucho /=COB= e teve que atirar no corpo da [1]=SCA= do cara que ea tava enrolada no corpo pa poder matar ela //COM=",TMT,SCA,COB,SCA,COB,SCA,COB,SCA,COM	[prep Art def N [prep Art def N ]Sprep ]Sprep	Objeto indireto	que [Pron Locução verbal [prep Art def N]Sprep ] SV
bfammn01,86,MAI,"só ni lugar /=SCA= que tem [1]=SCA= tem mata mata muito /=SCA= forte /=COB= mata /=SCA= perigosa /=COB= que tem < esses tipo > de cobra /=COM= né //PHA=",SCA,SCA,SCA,COB,SCA,COB,COM,PHA	[prep N ]Sprep	Sujeito	que [V N Adv Adj ] SV
bfammn01,98,MAI,"o rapaz que me contou era parente do cara que morreu /=COM= uai //PHA=",COM,PHA	[Art def N ]SN	Sujeito	que [ Pron Obl V ] SV
bfammn01,98,MAI,"o rapaz que me contou era parente do cara que morreu /=COM= uai //PHA=",COM,PHA	[N [prep Art def N ]Sprep ]SN	Predicativo do sujeito	que [ V ] SV
bfammn02,19,DFL,"e o outro caso interessante foi quando /=INT= há muitos anos atrás /=TOP= eu fui [2]=EMP= pela primeira vez que eu fui no angiologista /=TOP= ele &pedi [1]=SCA= perguntou meu nome //COM=",INT,TOP,EMP,TOP,SCA,COM	[prep Art def Num N ]Sprep	Adjunto adverbial	que [ Pron V [prep Art def N]Sprep ] SV
bfammn02,51,DFL,"papai foi o irmão que mais deu [1]=SCA= deu apoio a ele //COM=",SCA,COM	[Art def N ]SN	Predicativo do sujeito	que [ Adv V N [prep Pron] Sprep ] SV
bfammn02,88,DFL,"a filha do tio Carlos chamava Maria Julieta /=CMB= < tinha uma > filha do meu [2]=SCA= do [1]=EMP= do meu tio que &chama [1]=SCA= chama Julieta /=CMB= até que é viva /=PAR= mora lá em Itabira /=PAR= mas &e [1]=SCA= eu /=TOP= era a única que tinha o nome da mãe dela //COM=",CMB,SCA,EMP,SCA,CMB,PAR,PAR,SCA,TOP,COM	[Art ind N [prep Art def Pron N ]Sprep ]SN	Objeto direto	que [ V N ] SV
bfammn02,88,DFL,"a filha do tio Carlos chamava Maria Julieta /=CMB= < tinha uma > filha do meu [2]=SCA= do [1]=EMP= do meu tio que &chama [1]=SCA= chama Julieta /=CMB= até que é viva /=PAR= mora lá em Itabira /=PAR= mas &e [1]=SCA= eu /=TOP= era a única que tinha o nome da mãe dela //COM=",CMB,SCA,EMP,SCA,CMB,PAR,PAR,SCA,TOP,COM	[Art def Pron ]SN	Predicativo do sujeito	que [ V Art def N [prep Art def N [ pred Pron] Sprep ] Sprep ] SV
bfammn03,11,ALO,"eu nũ vou falar nome da cidade não /=COB= só pa nũ [1]=SCA= nũ compricar a coisa /=COB= porque /=DCT= a dona Elvira tá viva ainda hhh /=COB= depois ea fica sabendo disso /=TOP= e pode querer acertar comigo /=COB= então /=DCT= melhor ficar	[prep Art def N ]Sprep	Aposto	que[ V Adv ] SV
bfammn03,72,LUA,"tá parecendo aqueas história daquele livro que cê tava contando	[Dem N [prep Dem N]Sprep ]SN		

//=COM=",COM		Predicativo do sujeito	que [ Pron Locução verbal ] SV
50_bfammn03,79,ANA,"e aquela < história > /=COB= da conta /=COB= que /=SCA= &va [1]=EMP= veio a &fam [2]=SCA= os familiares de uma dona aí que tinha falecido /=COB= pra pagar uma conta //COM=",COB,COB,SCA,EMP,SCA,COB,COM	[prep Art ind N Adv ]Sprep ]SN	Sujeito	que [ Locução verbal ] SV
bfammn04,18,REG,"porque tinha um neném que já tinha nascido //COM=",COM	[Art ind N ]SN	Objeto direto	que [ Adv Locução verbal ] SV
bfammn04,69,REG,"aí eu falei assim /=INT= que roupa que cê tem da Bruna aí /=COB_r= qualquer coisa /=SCA= que cê tiver /=SCA= de neném /=SCA= lavada /=SCA= cê manda /=COB_r= porque minhas coisa tá tudo sem lavar /=COB_r= e preciso de roupa //COM_r=",INT,COB_r,SCA,SCA,SCA,SCA,COB_r,COB_r,COM_r	[Pron Nome]	Objeto direto	que [ Pron V [prep N Adj]Sprep ] SV
bfammn04,156,REG,"correu comigo pra sala que é do < lado /=COB= né > /=PHA= aí o Paulim até vê a fita /=COB= e fica assim /=INT= cadê o que o médico fala //COM_r=",COB,PHA,COB,INT,COM_r	[prep Art def N ]Sprep	Adjunto adverbial	que [ V [prep Art def N ]Sprep ] SV
bfammn05,17,CAR,"quando fez mais ou menos /=SCA= uma semana que ela tava comigo /=TOP= o [1]=EMP= a mãe mandou buscar //COM=",SCA,TOP,EMP,COM	[Art ind N ]SN	Adjunto adverbial	que [ Pron V [prep Pron] SV
bfammn05,32,CAR,"queria uma criança que nũ me desse trabalho /=COM= e tudo //APC=",COM,APC	[Art ind N ]SN	Objeto direto	que [ Neg Pron Obli V N] SV
bfammn05,44,CAR,"do jeito que eu pedi a Deus /=TOP_r= ela veio pra mim //COM_r=",TOP_r,COM_r	[prep Art def N ]Sprep	Adjunto adverbial	que [ Pron V [prep N] SV
bfammn05,49,CAR,"uma criança que nũ me &dai [3]=SCA= nũ ia me dar trabalho /=COB_r= até então tá com dez ano ainda nũ me deu /=SCA= um [1]=EMP= nenhum //COM=",SCA,COB_r,SCA,EMP,COM ver arquivo	[Art def N ]SN	Qual	que [ Neg V Pron Obli V N] SV
bfammn05,51,CAR,"essas criança até dez anos /=TOP= o [1]=EMP= o mundo que nós tamo vivendos hoje /=TOP= com dez ano já dá pa ver que dá trabalho //COM=",TOP,EMP,TOP,COM	[Art def Adj N ]SN	Adjunto adverbial	que [ Pron Locução verbal Adv] SV
bfammn05,53,CAR,"a única coisa que eu fiquei muito triste que eu não falo perto dela /=TOP= Maira /=ALL= é que /=APT= quando fez oito dia que ela tava com a gente /=TOP= eu /=SCA= não falo perto dela /=PAR= porque /=SCA= isso ela não sabe /=PAR= é que /=SCA= &he /=TMT= a mãe /=TOP= mandou buscar porque tinha vendido ela por seiscentos reais //COM=",TOP,ALL,APT,TOP,SCA,PAR,SCA,PAR,SCA,TMT,TOP,COM	[Art def Adj N ]SN	Objeto direto	que [ Pron V Adv Adj] SV
60-bfammn05,69,CAR,"meu filho é especial /=CMB_r= a minha filha que foi é especial /=CMB_r= mas você é muito especial //CMM_r=",CMB_r,CMB_r,CMM_r	[Art def Adj N ]SN	Sujeito	que [V] SV
	[prep Art ind N ]Sprep		

bfammn06,14,JOR,"informei a ele que eu tava preste a me formar /=COB= e /=DCT= estava trabalhando dentro duma /=SCA= área que eu gostava //COM=",COB,DCT,SCA,COM	[prep Art ind N ]Sprep	Adjunto adverbial	que [Pron V] SV
bfammn06,17,JOR,"e aí /=TOP= eu consegui /=i-COB= a [/1]=EMP= com a experiência que eu tinha dentro da multinacional /=PAR= concorrer à vaga e &f isso me facilitou /=COB= e eu passei pra área comercial da empresa pra vender /=COB_s= disjuntores /=CMB= transformadores /=CMB= motores de /=INT= corrente contínua /=CMB= corrente alternada /=CMB= isoladores /=CMB= e /=DCT= relés de proteção secundária /=CMB= e assim foi iniciando a minha vida comercial //COM=",TOP,i-COB,EMP,PAR,COB,COB_s,CMB,CMB,INT,CMB,CMB,CMB,DCT,CMB,COM	[prep Art def N Adj]Sprep	Adjunto adverbial	que [ Pron V Adv [prep Art def N]Sprep] SV
bfammn06,23,JOR,"com as amizades adquirida /=SCA= que nós chamamos de network /=TOP= &he /=TMT= me apareceu uma outra /=SCA= hhh oportunidade dentro de uma outra multinacional /=COB= aonde eu fui desenvolver /=SCA= um trabalho de vendas /=COB= &he /=TMT= junto /=SCA= ao mercado /=SCA= concorrente dessa empresa onde eu estava /=COB= e lá eu fiquei um período /=COB= desenvolvendo o mesmo tipo de trabalho /=PAR= logicamente com um salário melhor /=PAR= hhh e por amizade eu fui cair /=SCA= em uma multinacional /=SCA= que eu dei uma virada no produto //COM=",SCA,TOP,TMT,SCA,COB,SCA,COB,TMT,SCA,SCA,COB,COB,PAR,PAR,SCA,SCA,COM	[Art ind Pron N ]SN	Adjunto adverbial	que [ Pron V [pred N]Sprep] SV
bfammn06,35,JOR,"e na /=SCA= multinacional de linha branca e linha marrom /=TOP= eu me lembro muito bem /=COB= que a gente era muito treinado dentro das empresas /=COB= e quando chegava nos clientes /=TOP= o [/1]=EMP= o brasileiro não tem /=SCA= a [/1]=EMP= o &conhe [/2]=EMP= a vontade de que ler o manual [/4]=SCA= ler o manual de [/1]=SCA= de &ins [/1]=SCA= instruções dos aparelhos eletroeletrônicos ou de &q [/2]=SCA= do seu carro que compra de um modo &ge [/4]=EMP= de um outro &equi [/3]=SCA= um outro produto que ele adquira //COM=",SCA,TOP,COB,COB,TOP,EMP,SCA,EMP,EMP,SCA,SCA,SCA,SCA,EMP,SCA,COM	[prep N ]Sprep	Objeto direto	que [Pron V] SV
bfammn06,59,JOR,"aonde a gente tem muito problema de liquidez /=TOP= até em empresas que têm /=SCA= &he /=TMT= formação de família /=TOP= na segunda pa terceira geração /=TOP= já começa a dar problema e &f [/2]=SCA= e [/1]=EMP= e fecha //COM=",TOP,SCA,TMT,TOP,TOP,SCA,EMP,COM	[Art ind N Adj [prep Art ind N ]Sprep ]SN	Adjunto adverbial	que [ V N [pred N][prep N]Sprep [prep Num N]Sprep Sprep] SV
bfammn06,70,JOR,"e assim nós fizemos a nossa /=SCA= experiência profissional /=COB= aonde eu tô até hoje /=PAR= eu &d [/2]=EMP= eu gerencio uma /=SCA= filial mineira /=COB= de uma empresa /=SCA= que pertence a um grupo de empresários de São Paulo /=COB= onde tem /=SCA= dezoenove filiais espalhada pelo país e uma trade que cuida de importar e exportar no Porto de Tubarão //COM=",SCA,COB,PAR,EMP,SCA,COB,SCA,COB,SCA,COM	[Locução preposiiva Art def N ]Sprep	Objeto indireto	que [ V [prep Art Ind N [prep N] Sprep ]Sprep ] Sprep] SV
bfammn06,73,JOR,"porque dá uma rentabilidade muito boa em cima da [/1]=SCA= do markup que a gente trabalha /=SCA= das indústria no mercado //COM=",SCA,SCA,COM	[Pron Ind N ]SN	Adjunto adverbial	que [Pron V] SV
bpubcv01,37,EMM,"quando a gente vai pesquisar o [/1]=SCA= alguma amostra /=SCA= que um outro setor /=SCA= pede /=TOP= a gente olha /=SCA= principalmente o dia juliano		Objeto direto	que [Art Ind Pron N V] SV

//=COM=",SCA,SCA,SCA,TOP,SCA,COM	[Dem Adj N] SN		
bpubcv01,79,EMM,"esperamos < que esse > novo programa < que > vai vim /=TOP= ele /=TOP=",TOP,COM	[Art ind N ]SN	Objeto direto	que [Locução verbal] SV
70_bpubcv01,144,FLA,"por [/1]=EMP= por esse /=SCA= processo de centrifugação /=TOP= vai descer /=SCA= a hemácia /=CMB= e vai ficar um negócio /=SCA= que chama /=INT= < plasma > /=SCA= rico em plaqueta //=COM=",EMP,SCA,TOP,SCA,CMB,SCA,INT,SCA,COM	[ Dem ]SN	Objeto direto	que [V N] SV
bpubcv01,226,EMM,"a gente não [/3]=EMP= a gente só cadastrava aqui /=SCA= aquilo que foi produzido //=COM=",EMP,SCA,COM	[Pron Ind Dem ]SN	Objeto direto	que [Locução verbal] SV
bpubcv01,238,FLA,"&he /=TMT= essa bolsa /=TOP= todas essas que cê tá vendo aqui hoje /=TOP= foram coletadas hoje //=COM=",TMT,TOP,COM	[Pron Ind]SN	Sujeito	que [Pron Locução verbal Adv Adv] SV
bpubcv01,303,MAR,"tem pouquíssimo < que faz esse congelamento rápido > //=COM=",COM	[ Pron Ind ] SN	Objeto direto	que [V Dem N Adv] SV
bpubcv01,358,BRU,"No' /=EXP= nũ tem < nada que pode ser aproveitado > //=COM=",EXP,COM	[ Pron Ind ]SN	Objeto direto	que [Locução verbal] SV
bpubcv01,360,BRU,"nũ tem nada que pode ser aproveitado //=COM=",COM	[ Dem N ]SN	Objeto direto	que [Locução verbal] SV
bpubcv02,272,OSV,"se for o caso só dela mesmo /=TOP= esses caso que /=SCA= não tiver jeito /=TOP= da [/1]=EMP= da gente fazer /=APT= tira ela então /=COM= né /=PHA= no caso //=APC=",TOP,SCA,TOP,EMP,APT,COM,PHA,APC	[ Nome ] SN	Objeto direto	que [Neg V N [prep Pron V] SV
bpubdl01,159,ROG,"hora que cabar lá diz e' que ia vim cá //=COM=",COM	[ Dem ]SN		que [V Adv] SV
bpubdl01,184,ROG,"sior fala aqueas que tá ali //=COM=",COM	[ Nome ] SN	Adjunto adverbial	que [V Adv] SV
bpubdl01,224,ROG,"a gente faz jeito que a pessoa pede /=COM= uai /=PHA=",COM,PHA	[prep Art def N ]Sprep	Objeto direto	que [Art def N V] SV
80_bpubdl01,230,ROG,"do jeito que e' falou /=CMM= e' tá /=CMM= uai /=PHA= e' fez /=COM= uai /=PHA=",CMM,CMM,PHA,COM,PHA	[Art def N ]SN	Adjunto adverbial	que [Pron V] SV
bpubdl01,233,ROG,"é /=INP= eu entendi direitinho o desenho que e' fez pra mim /=COM= uai /=PHA=",INP,COM,PHA	[ Nome ]SN	Objeto direto	que [Pron V [prep Pron] Sprep] SV
bpubdl01,249,ROG,"mas tem gente que desmancha /=COM= sô Paulo //=ALL=",COM,ALL	[Art ind Pron N Adv ]SN		Sprep] SV
bpubdl01,254,PAU,"ah /=EXP= tem um outro lugar aqui que vai gastar muita pedra também //=COM=",EXP,COM	[ Nome ]SN	Objeto direto	que [ V ] SV
bpubdl02,30,JAN,"depende da forma /=COB_s= tem forma que é trinta-e-nove /=CMM= tem forma		Objeto direto	

que é quarenta //CMM=",COB_s,CMM,CMM	[ Nome ]SN	Objeto direto	que [ Locução verbal Adv N Adv ] SV
bpubd102,30,JAN,"depende da forma /=COB_s= tem forma que é trinta-e-nove /=CMM= tem forma que é quarenta //CMM=",COB_s,CMM,CMM	[Art def Pron ]SN	Objeto direto	que [ V Num ] SV
bpubd102,60,EUG,"eu peguei esse modelo primeiro pr' ocê aqui /=COB= esse modelo de /=SCA= borracha /=COB= que enquanto cê distrai com esse modelo aqui /=TOP= eu vou ver se eu acho /=SCA= os outros que cê me pediu //COM=",COB,SCA,COB,TOP,SCA,COM	[Art def Num N ]SN	Objeto direto	que [ V Num ] SV
bpubd102,81,EUG,"olha /=CNT= eu peguei as três caixas que eu achei trinta-e-nove lá /=CMM= mas /=DCT= todas três são desse modelo de cruzar //CMM=",CNT,CMM,DCT,CMM	[Art def N ]SN	Objeto direto	que [ Pron Pron Obl V ] SV
bpubd102,135,EUG,"as duas /=TOP= sai quase o preço que custa uma na Picadilly //COM=",TOP,COM	[Art def N Adv Adj ]SN	Objeto direto	que [ Pron V Num Adv ] SV
bpubd102,154,EUG,"era [/1]=EMP= era a rasteira mais cara que tinha aqui //COM=",EMP,COM	[ Dem ]SN	Predicativo do sujeito	que [ V Art Ind [prep Art def N ]Sprep ] SV
90_bpubd102,174,EUG,"< esse que cê tá > experimentando grafite /=TOP= tem preto /=CMB= e /=DCT= grafite assim //COM=",TOP,CMB,DCT,COM	[Art def Num N ]SN	Sujeito	que [ V Adv ] SV
bpubmn01,1,LUA,"bom /=CNT= e aí /=DCT= então /=DCT= acho que a primeira pergunta que eu queria fazer /=TOP= é aquela /=INT= né /=PHA= quais que são as dificuldades que cê /=SCA= &he /=TMT= enfrenta /=SCA= assim /=PAR= na escola /=COB= &he /=TMT= na aplicação das coisas que cê vê no EDUCONLE //COM=",CNT,DCT,DCT,TOP,INT,PHA,SCA,TMT,SCA,PAR,COB,TMT,COM	[prep N [prep Art def N ]Sprep ]Sprep	Objeto direto	que [ Pron Locução verbal ] SV
bpubmn01,1,LUA,"bom /=CNT= e aí /=DCT= então /=DCT= acho que a primeira pergunta que eu queria fazer /=TOP= é aquela /=INT= né /=PHA= quais que são as dificuldades que cê /=SCA= &he /=TMT= enfrenta /=SCA= assim /=PAR= na escola /=COB= &he /=TMT= na aplicação das coisas que cê vê no EDUCONLE //COM=",CNT,DCT,DCT,TOP,INT,PHA,SCA,TMT,SCA,PAR,COB,TMT,COM		Adjunto adverbial	que [ Pron Locução verbal ] SV
bpubmn01,51,SHE "agora /=PHA= se eu for olhar tempo mesmo /=TOP= né /=PHA= de [/1]=EMP= de [/1]=EMP= de sentar e escrever /=APT= aquilo /=APT(1)= pra dar aquela aula ideal /=APT= né /=PHA= quea [/1]=EMP= quea aula igual se dá no EDUCONLE que cê acha que é &o [/1]=SCA= é tudo de bom /=PAR= né /=PHA= nũ tem /=COB= porque também eu acho que /=SCA= &he /=TMT= &v [/1]=EMP= depende muito dos alunos de tar preparado /=COB= por exemplo /=INT= cê prepara aquela aula /=COB= maravilhosa /=COB= e acha que vai dar tudo certo /=COB= de repente ocê encontra lá o aluno /=COB= né /=PHA= que /=INT= &he /=TMT= &he /=TMT= nũ [/1]=EMP= nũ [/1]=EMP= foi pra escola /=CMB= nũ almoçou /=CMB= tá [/1]=EMP= tá com fome /=CMB= ou brigou com o pai /=CMB= ou aquelas questões todas familiares que vão influenciar //COM=",PHA,TOP,PHA,EMP,EMP,APT,APT(1),APT,PHA,EMP,SCA,PAR,PHA,COB,SCA,TMT,EMP,COB,INT,COB,COB,	[Dem N Adj Conj V [prep Art def N] Sprep ]SN	Objeto direto	que [ Pron V [prep Art Ind N ]Sprep ] SV
	[Art def N]SN	Objeto direto	que [Pron V [ Comp V Pron [prep Adj] ] SV

COB,COB,PHA,INT,TMT,TMT,EMP,EMP,CMB,CMB,EMP,CMB,  
CMB,COM

[ Dem ]SN

bpubmn01,56,SHE,"&e [1]=EMP= é gente /=CMM= &t [1]=EMP= cê tá mexendo com gente  
/=CMM= e /=DCT= nem sempre cê tá disposto a assistir uma aula /=COB= né /=PHA= &he  
/=TMT= animado a fazer aquilo que o professor te propõe /=COM= né  
//=PHA=",EMP,CMM,EMP,CMM,DCT,COB,PHA,TMT,COM,PHA

[Art def N ]SN

Objeto direto

que [ Neg V [prep N] Neg V  
V[prep N Conj V [prep Art def  
N] Conj Dem N Peon N Pron  
rel Locução verbal] Sprep] SV

bpubmn01,87,SHE,"então /=INP= na escola que eu tenho a coordenadora /=TOP= eu vejo que  
/=SCA= a parte de /=INT= conversar com o aluno /=CMB= né /=PHA= em relação à disciplina  
/=CMB= problema familiar /=CMB= &he /=TMT= problema de material /=CMB= o aluno que tá  
desinteressado /=CMB= tudo /=APC= acontece /=SCA= super bem  
//=COM=",INP, TOP, SCA, INT, CMB, PHA, CMB, CMB, TMT, CMB, CMB, APC, SCA, COM [oitiva]

[Art def N ]SN

QUAL

que [ Art Def N Pron Obli V]  
SV

que [ Locução verbal ] SV

bpubmn01,125,SHE,"o livro que eu adotei /=TOP= não compra //=-COM=",TOP,COM

[Art def N ]SN

Objeto direto

que [ V Adj ] SV

97\_bpubcv01,338,MAR,"caso você exceda esse tempo /=TOP= você começa também perder os  
fatores que são interessantes no +=EMP=",TOP,EMP

Objeto direto

**APÊNDICE B – Estrutura sintagmáticas das cláusulas relativas padronizadas em contexto sintático complexo do C-ORAL Brasil**

<b>Enunciado</b>	<b>Estrutura sintagmática do termo que antecede a cláusula relativa</b>	<b>Nível sintático da cláusula relativa no período</b>	<b>Estrutura sintática da cláusula relativa</b>
21 bfamcv01,56,EVN,"tem o SESC /=COB= que é bom pa caramba //COM=",COB,COM	[ Art def N ] <sub>SN</sub>	Objeto direto	que [V Adj [prep N] Sprep] SV
bfamcv04,246,BRU,"cê vai falar /=INT= "" um "" /=COB= que é a primeira < &pa [/3]=SCA= a primeira > letra da < palavra > //COM=",INT,COB,SCA,COM	[ Pron ind ] <sub>SN</sub>	Discurso reportado	que [V Art def Num N [prep Art def N]Sprep] SV
bfamdl02,73,BAL,"que eu dou um exemplo de porta /=TOP= que é excelente //COM=",TOP,COM	[ Art ind N [prep N] Sprep ] <sub>SN</sub>	Objeto direto	que [V Adj]SV
bfamdl02,168,BAL,"aquelas [/1]=EMP= tipo a [/2]=EMP= tá parecendo a [/1]=SCA= na mulher [/2]=EMP= na &f [/1]=EMP= mãe do menino que [/1]=i-COM= que tava co Michael Jackson /=COB= que ela inventou que ele foi abusado //COM=",EMP,EMP,SCA,EMP,EMP,i-COM,COB,COM	[N [prep Art def N] Sprep ] <sub>SN</sub>	Pred. do sujeito	que [V [prep N] Sprep] SV
bfamdl04,16,SIL,"pode ser o creme /=COM= que ã deu certo com ele //APC=",COM,APC	[ Art def N ] <sub>SN</sub>	Sujeito	que [Neg V Adv [prep Pron]Sprep] SV
bfamdl05,100,CES,"o caso é o seguinte /=INT= naquela rua /=TOP= que nós entramos /=TOP= nela /=TOP= lá embaixo +=EMP=",INT,TOP,TOP,TOP,EMP	[ prep Dem N ]Sprep	Sujeito	que [Pron V ]SV
bfammn01,72,MAI,"só até aí que eu sei o caso /=COM= que ele me contou //APC=",COM,APC	[ Art def N ] <sub>SN</sub>	Objeto direto	que [Pron V Pron Obl V ]SV
bfammn02,143,DFL,"que a Dodora /=i-COB= que era a mamãe		Sujeito	

<p>/=PAR= ia ficar &lt; muito &gt; feliz /=SCA= de morar /=SCA= perto da dona Terezinha /=COB= que era minha &amp;b [/2]=SCA= minha avó //=-PAR=" ,i-COB,PAR,SCA,SCA,COB,SCA,PAR</p>	[prep Art def N ]Sprep	que [V Art def N ]SV	Adjunto adverbial
<p>bfammn02,143,DFL,"que a Dodora /=i-COB= que era a mamãe /=PAR= ia ficar &lt; muito &gt; feliz /=SCA= de morar /=SCA= perto da dona Terezinha /=COB= que era minha &amp;b [/2]=SCA= minha avó //=-PAR=" ,i-COB,PAR,SCA,SCA,COB,SCA,PAR</p>	[ N ]SN	que [V Poss N ]SV	Objeto direto
<p>bfammn02,150,DFL,"então /=INP= nessas férias /=TOP= &amp;q [/1]=EMP= a gente /=SCA= quando veio pra Belo Horizonte /=PAR= nas férias /=TOP= ele trazia Maria Julieta /=COB= que era a única filha dele /=PAR= porque os pais da Dolores /=TOP= os sogros dele /=PAR= passaram a morar nessa casa que ele morava //=-COM=" ,INP, TOP,EMP,SCA,PAR, TOP,COB,PAR, TOP,PAR,COM</p>	[Art ind Adj N ]SN	que [V Art def Adj N [prep Pron]Sprep ]SV	Objeto direto
<p>bfammn02,159,DFL,"então /=TOP= &amp;he /=TMT= tinha uma certa hora /=TOP= que a Maria Julieta ia de manhã lá pra casa /=CMB= almoçava lá em casa /=CMB= e ficava //=-COM=" ,TOP,TMT, TOP,CMB,CMB,COM</p>	[Pron N [prep N [prep N [prep Art Def N ]Sprep ]Sprep ]Sprep	que [Art def N V [prep N Adv [prep N]Sprep ]SV	Sujeito  Objeto indireto
<p>bfammn06,33,JOR,"e esse caso /=TOP= que acontecia /=APT= marcava muito //=-COM=" ,TOP,APT,COM</p>	[prep N]Sprep	que [V ]SV	
<p>bfammn06,37,JOR,"e nós távamos entrando com outro tipo de aparelho de televisor no mercado /=COB= que era uma coqueluche /=PAR= era uma novidade /=PAR= e os próprios vendedores das loja nã /=SCA= tinham experiência pra mostrar aquilo pro consumidor brasileiro //=-COM=" ,COB,PAR,PAR,SCA,COM</p>		que [V Art Ind N]SV	Adjunto adverbial
<p>bfammn06,53,JOR,"e na área de exportação /=TOP= a gente /=SCA= &amp;he /=TMT= se envolvia com /=SCA= a [/1]=EMP= os bancos</p>			

<p>/=CMB= e etcetera /=CMB= as /=SCA= cartas de crédito /=CMB= pra poder /=SCA= fazer as exportações /=COB= no mercado de montadora tinham [1]=SCA= tinham /=SCA=contrato /=SCA= que nós assinávamos pra poder prestar /=SCA= &amp;he /=TMT= a serviço de /=SCA= &amp;te [1]=EMP= tecnologia /=SCA= e fornecimento de produto /=COB= e no aftermarket /=i-COM=que é o mercado de reposição /=PAR= a gente colocava aquilo pra poder dar suporte /=SCA= aos consumidores quando comprasse seus carros  //=COM=",TOP,SCA,TMT,SCA,EMP,CMB,CMB,SCA,CMB,SCA,COB,SCA,SCA,SCA,SCA,TMT,SCA,EMP,SCA,COB,i-COM,PAR,SCA,COM</p>	[ Art def N ]SN	[Dem N [prep N]Sprep ]SN	que [V Art ind N]SV	Objeto direto
<p>bpubcv01,12,EMM,"a data /=CMB= né /=PHA= essa data /=TOP= é um [2]=EMP= a gente põe o dia /=COB= que tá sendo coletado /=COB= &lt; e /=DCT= nós &gt; temos o dia juliano  //=COM=",CMB,PHA,TOP,EMP,COB,COB,DCT,COM</p>	[ Art def N ]SN	[ Art def N ]SN	Objeto direto	que [Locução verbal ]SV
<p>bpubcv01,41,FLA,"aí registra aqui /=CMB= registra /=SCA= o número do doador /=CMB= registra /=SCA= esse número /=SCA= de macarrão /=CMB= que é um número /=SCA= super específico  //=COM=",CMB,SCA,CMB,SCA,SCA,CMB,SCA,COM</p>	[ Art ind N ]SN	Sujeito	que [V Art ind N Adv Adj]SN	Sujeito
<p>bpubcv01,206,MAR,"aqui /=TOP= fica o plasma /=CMB= que é aquele ali /=CMB= &lt; e aqui no fundim /=TOP= fica a plaqueta /=CMB= que é aquela &gt; que &lt; cê vê &gt;  //=COM=",TOP,CMB,CMB,TOP,CMB,COM</p>	[ Pron N ]SN	Objeto direto	que [V Dem Adv]SV	Objeto direto
<p>bpubcv01,206,MAR,"aqui /=TOP= fica o plasma /=CMB= que é aquele ali /=CMB= &lt; e aqui no fundim /=TOP= fica a plaqueta /=CMB= que é aquela &gt; que &lt; cê vê &gt;  //=COM=",TOP,CMB,CMB,TOP,CMB,COM</p>	[ Art ind N ]SN	Objeto direto		

---

<p>bpubcv01,242,FLA, "porque quando colhe o sangue /=TOP= colhe o sangue /=CMB= e colhe uns tubinhos /=SCA= que vão pra outro setor /=CMB= que chama Sorologia /=PAR=",TOP,CMB,SCA,CMB,PAR</p>	<p>Objeto direto</p>	<p>que [V Dem Conj Pron V ]SV</p>
<p>bpubcv01,336,MAR, "porque você tem um período /=TOP= que você pode deixar a bolsa em repouso /=CMB= pa poder centrifugar //COM=",TOP,CMB,COM</p>		<p>que [V [prep Pron N REL V N ]SV</p>
<p>bpubdl02,235,EUG, "porque /=PHA= se você quisesse uma sapatilha /=TOP= que tá usando /=PAR= coleção de inverno agora tem mais variedade /=COM= né //PHA=",PHA,TOP,PAR,COM,PHA</p>		<p>que [V N ]SV</p>
		<p>que [Pron Locução verbal Art def N [prep N[Sprep ]SV</p>

## APÊNDICE C

## Estrutura sintagmáticas das cláusulas relativas linearizadas em contexto sintático simples do C-ORAL Brasil

Número	Enunciado	Estrutura sintagmática do termo que antecede a cláusula relativa	Estrutura sintática da cláusula relativa
26			
	bfamcv03,121,CEL,"melhor coisa que cê faz //COM=",COM	[ Adv N ] <sub>SN</sub>	que [ Pron V ] SV
	bfamd101,177,REN,"trenzim que espirra //COM=",COM	[ N ] <sub>SN</sub>	que [ V ] SV
	bfamd101,178,FLA,"é /=CMM= aquele que a gente tem no nosso //CMM=",CMM,CMM	[ Dem ] <sub>SN</sub>	que [ Pron V [prep Art def Poss ] SV
	bfamd102,178,BEL,"aqueles postinhos que ficam bebendo e tal //COM=",COM	[ Dem N ] <sub>SN</sub>	que [ Locução adjetiva Conj tal ] SV
	bfamd102,266,BAL,"< na > [/1]=EMP= na quadradim que é maior //COM=",EMP,COM	[prep N]Sprep	que [ V Adv ] SV
	bfamd103,134,LUZ,"essa que cê falou que cê faria //COM=",COM	[ Dem ] <sub>SN</sub>	que [ Pron V Conj Pron V ] SV
	bfammn01,15,MAI,"tipo /=INT= aquela lagarta que anda assim de compasso /=COM= sabe //PHA=",INT,COM,PHA	[ Dem N ] <sub>SN</sub>	que [ V Adv [prep N]Sprep ] SV
	bfammn01,31,MAI,"chapéu /=SCA= que es lá no interior fala chapéu de barreta //COM=",SCA,COM	[ N ] <sub>SN</sub>	que [ Pron Adv [prep N] V N [prep N] Sprep ] Sprep] SV
	bfammn01,46,MAI,"assim pelo tamanho que ea era //COM=",COM	[prep N]Sprep	que [ Pron V ] SV
	bfammn01,99,MAI,"ele que me contou //COM=",COM	[ Pron ] <sub>SN</sub>	que [ Pron Obli V ] SV
		[Dem] <sub>SN</sub>	que [ Art def N V Adv Adj ] SV
		[Art def N ] <sub>SN</sub>	que [ Pron V N V [prep Pron] Sprep ] SV
		[Dem N] <sub>SN</sub>	que [ Pron Locução Verbal] SV

bfammn02,56,DFL,"/ aquilo que o /=SCA= professor achava mais importante //COM=",SCA,COM	[N [prep N]Sprep ]SV	que [V] SV
bfammn03,17,ALO,"a mulher que ele tá mulher morando com ela /=TOP= nũ +=EMP=",TOP,EMP	[prep N]Sprep	que [Pron Locução Verbal] SV
bfammn03,76,LUA,"aquele livro que cê tava < lendo > //COM=",COM	[Art def N]SN	que [V Adv Adj] SV
bfammn03,127,ALO,"certim do jeito que foi hhh //COM_r=",COM_r	[Art ind N Adj]SN	que [V Adv [prep N]Sprep] SV
bfammn06,34,JOR,"hhh pela experiência que eu ia adquirindo //COM=",COM	[prep N Dem]Sprep	que [Pron Locução Verbal] SV
bpubcv01,75,FLA,"uma coisa que fica mais confiável > //COM=",COM	[Art ind N ]SN	que [V [prep Pron V [prep N Conj Pron N]Sprep] SV
bpubcv01,126,FLA,"< uma parte vermelha que é só de hemácia > //COM=",COM	[Num N ]SN	que [Pron V Pron Obli V] SV
bpubdl02,2,EUG,"do jeito dessa que cê tá usando //COM=",COM	[Dem Adv]SN	que [V Adv] SV
bpubdl02,9,JAN,"uma sandália que dê pra eu usar de dia e de noite //COM=",COM	[Dem Adv]SN	que [Pron V [prep Pron Adv]Sprep] SV
bpubdl02,11,EUG,"primeiro modelo que eu vou te mostrar /=COM= né //PHA=",COM,PHA	[Dem]SN	que [V [prep Poss N V Num] SV
	[Art ind N ]SN	que [Neg V N [prep N]Sprep] SV
	[Art def N ]SN	que [V] SV

---

bpubdl02,123,EUG,"agora /=INP= essa aqui que era interessante  
//=COM=",INP,COM

bpubdl02,156,EUG,"aqui o' /=CNT= essa aqui que eu achei dela  
pretinha //=COM=",CNT,COM

bpubdl02,212,EUG,"esse que tá na sua mão é oito  
//=COM=",COM

bpubmn01,90,SHE,"uma escola que nã tem /=SCA= limite pra  
nada //=COM=",SCA,COM

bpubmn01,104,SHE,"a hora que quiser //=COM=",COM

bfamcv02,329,RUT,"o Guilherme /=TOP= com esse tanto de  
problema < que e' > tá enfrentando //=COM=",TOP,COM

---

### APÊNDICE D

#### Estrutura sintagmáticas das cláusulas relativas padronizadas em contexto sintático simples do C-ORAL Brasil

Número	Enunciado	Estrutura sintagmática do termo que antecede a cláusula relativa	Estrutura sintática da cláusula relativa
04			
	bfamcv03,111,CAR,"< treze > /=TOP= que aliás é um número de sorte /=COM= né //PHA=",TOP,COM,PHA	[Num]SV	que[Adv V Art Ind N[prep N]Sprep]SV
	bfamdl02,30,BAL,"um cuidado /=TOP= que cês têm que tomar /=APT= < Bel > +=ALL=",TOP,APT,ALL	[Art Ind N]SV	que[Pron V Comp V]SV
	bpubcv01,118,FLA,"< os nomes /=COB= que eu ponho hhh > //COM=",COB,COM	[Art Def N]SV	que[Pron V]SV
	bfamdl05,276,ANE,"esse mesmo /=COM= que eu vim < ver > //APC=",COM,APC	[Dem Adj]SV	que[Pron Locução Verbal]SV

## APÊNDICE E

### Cláusulas relativas linearizadas do C-ORAL Brasil

bfamcv01 24: [LEO] <se bem que tinha> [/1] tinha uns dois que falaram assim / gente / a gente perdeu no campo //

bfamcv01 35: [GIL] espero que / isso nã seja / coisa pros times que jogam com a gente deixar de jogar com a gente //

bfamcv01 38: [LEO] como o Chub fala / es vão pegar os caras que / tipo / tavam reclamando / e tal / es vão pegar / es vão pegar tentar fazer um negócio desse / e eu aposto que cê vai ver **os caras que já conhecem a gente** há mais tempo / tipo José [/1] Zé Mourinho / falando assim / não / o / campeonato d' ocês é bem melhor //

bfamcv01 100: [GIL] nã teve um que nã reclamou //

bfamcv01 128: [EVN] <é> / concordo / isso aí que cê falou //

bfamcv01 139: [LUI] <eu acho que / o nome / do> [/1] do [/1] do [/1] do [/1] do [/1] do [/1] da **modalidade esportiva que a gente criou** / que foi Futebol Arte / ficou / queimado / por causa dessa taça / pra mim é uma <coisa que> <é [/1] foi triste> / é triste> falar / mas / cê fala que é Futebol Arte / a galera começa a zoar / já //

bfamcv02 292: [RUT] mas **do jeito que a <Paulinha é>** / do jeito que a Paulinha é <capaz até que ela> vai querer ir só lá na igreja / ela <e o> padre / e eu e o pai hhh //

bfamcv04 74: [LUC] <se na primeira vez que cê falou uma palavra / não> for / nunca mais vai ser / entendeu //

bfamcv03 121: [CEL] melhor coisa que cê faz //

bfamcv03 227: [CAR] qualquer lugar que cê ficar aí / o' / <ele nã> mata // REDUPLICAÇÃO

bfamcv04 82: [LUC] <hhh é porque tem uma> moçada que fica falando a mesma palavra / o tempo inteiro / <xxx> //

bfamcv04 162: [HEL] mas esse é novo / no <que eu jogava nã tinha isso não> //

bfamcv04 415: [BRU] tem um ali que é o mais difícil //

bfamdl01 133: [FLA] **semana que vem** / <mês que vem> a gente faz outra <compra> // 2

bfamdl01 134: [REN] <mês que vem> //

bfamdl01 135: [REN] <mês que> vem / é / coco //

bfamdl01 176: [FLA] cê nã quer comprar um trenzinho que espirra pro seu banheiro não //

bfamdl01 177: [REN] trezim que espirra //

bfamdl01 266: [FLA] ai / eu lembrei de um que tinha lá em casa //

bfamdl01 480: [FLA] esse que cê tá aí na mão são quantas gramas //

bfamdl01 525: [REN] é porque esse daqui foi o bolso que eu tirei / pra / pagar o táxi //

bfamdl02 64: [XYZ] tá saindo de uma garrafinha que tem um bico muito pequeno //

bfamdl02 90: [BEL] porque nã tem tanta gente que sabe isso //

bfamdl02 109: [XYZ] ah / &p [1] deixa do jeito que <tá> / minha filha //

bfamdl02 134: [XYZ] mas até achar <alguém que vai> <soldar isso> / cobrando só cinco reais //

bfamdl02 167: [XYZ] só que tem gente que vai interpretar assim //

bfamdl03 11: [LUZ] porque quando cê chega num lugar que cê se sente em casa / cê sabe imediatamente //

bfamdl03 36: [LUZ] aí cê ainda falou / não / eu nã vou fazer que nã é uma / disciplina que tem a ver comigo //

bfamdl03 40: [LAU] tem duas disciplinas que têm a ver comigo //

bfamdl03 104: [LUZ] aqui o' / eu topei cum caminhão aqui / o dia que eu vim sozinha / ele / fazendo a curva / subindo / me &es /2 me espremeu ali / quase que eu caí na vala //

bfamdl03 134: [LUZ] essa que cê falou que cê faria //

bfamdl03 276: [LUZ] apesar que &a [1] várias vezes que a gente tava aqui / fez esse tempo e choveu lá / noutro lugar / né //

bfamdl04 18: [SIL] tem creme que nã dá com o cabelo não //

bfamdl04 108: [SIL] é **um negócio que tem** / que es fazem na Itália / que custa caríssimo //

bfamdl04 235: [SIL] dez e meia / onze hora / meia-noite / desliga a televisão / tudo que tiver lá dentro do seu quarto //

bfamdl05 58: [CES] uai / mas essa rua aqui / é a rua que a gente tava nela // **REDUPLICAÇÃO**

bfamdl05 84: [CES] e essa é a que nós subimos // pareceria clivada mas é relativa

bfamdl05 123: [ANE] aqui <o'> / essa é a rua que nós <vimo> // parece clivada mas é rel

bfamdl05 259: [CES] voltou no /1 no /1 no /1 no /1 no que cê já viu hhh //

bfamdl05 335: [ANE] **desses que** a gente olhou / eu prefiro aqueles que a gente já olhou // 2

- bfamdl05 368: [CES] ele vai o /1 &tau /1 na hora que terminar / fecha de Blindex aqui / <então a &s> /2 aí vai virar uma sala //
- bfamdl05 406: [CES] a única diferença que tem nesse aqui / é essa aqui o' //
- bfammn01 15: [MAI] tipo / aquela lagarta que anda assim de compasso / sabe //
- bfammn01 18: [MAI] e aí / segundo o /1 o parente dele que é mais chegado / contou pra nós o seguinte pra mim //
- bfammn01 19: [MAI] que / **na hora que** ele lá envinha voltando do /1 do comércio / que e' foi fazer a compra dele / a cobra percebeu o cheiro dele / **na hora que** ele lá envinha no /1 no trilho // 2
- bfammn01 30: [MAI] e' /1 aí ele / pr' ea não /1 não avançar ele de uma vez / ele tirou um chapéu que ele tinha lá //
- bfammn01 36: [MAI] igual animal / forte mesmo / a quebração que ea tava fazendo no meio do mato //
- bfammn01 46: [MAI] assim pelo tamanho que ea era //
- bfammn01 50: [MAI] tava chegando no terreiro / e aí a mulher viu a enorme da cobra que lá envinha atrás dele / ea fechou a porta //
- bfammn01 55: [MAI] o bote que ea deu nele / derrubou ele / tão forte que ela era //
- bfammn01 58: [MAI] ea mordida e picava com /1 com o ferrão que ea tem no cabo também //
- bfammn01 63: [MAI] segundo ele falou comigo / o / parente dele / que &m /2 desse que morreu //
- bfammn01 70: [MAI] &he / a dona foi atrás dele /1 de alguém / as pessoa veio com arma / forte / espingarda / de cartucho / e teve que atirar no corpo da /1 do cara que ea tava enrolada no corpo pa poder matar ela //
- bfammn01 98: [MAI] **o rapaz que** me contou era parente do **cara que morreu** / uai // 2
- bfammn02 19: [DFL] e o outro caso interessante foi quando / há muitos anos atrás / eu fui /2 pela primeira vez que eu fui no angiologista / ele &pedi /1 perguntou meu nome //
- bfammn02 88: [DFL] a filha do tio Carlos chamava Maria Julieta / <tinha uma> filha do meu /2 do /1 do meu tio que &chama /1 chama Julieta / até que é viva / mora lá em Itabira / mas &e /1 eu / era a **única que tinha o nome** da mãe dela //
- bfammn02 150: [DFL] então / nessas férias / &q /1 a gente / quando veio pra Belo Horizonte / nas férias / ele trazia Maria Julieta / que era a única filha dele / porque os pais da Dolores / os sogros dele / passaram a morar **nessa casa que ele morava** //
- bfammn03 10: [ALO] dá pa buscar o Pedro lá em /2 lá na cidade / pa enterrar na cidade que ele tava //
- bfammn03 11: [ALO] eu nã vou falar nome da cidade não / só pa nã /1 nã complicar a coisa / porque / a dona Elvira tá viva ainda hhh / depois ea fica sabendo disso / e pode querer acertar comigo / então / melhor ficar assim / do jeito que tá aí //

bfammn03 72: [XYZ] tá parecendo aqueas história daquele livro que cê tava contando //

bfammn03 76: [XYZ] aquele livro que cê tava <lendo> //

bfammn03 79: [ANA] e aquela <história> / da conta / que / &va /1 veio a &fam /2 os familiares de **uma dona aí que tinha falecido** / pra pagar uma conta //

bfammn03 127: [ALO] certim do jeito que foi hhh //

bfammn04 18: [REG] porque tinha um neném que já tinha nascido //

bfammn04 64: [REG] arrepiava / na hora que falava //

bfammn04 69: [REG] aí eu falei assim / que **roupa que cê tem da Bruna** aí / qualquer coisa / que cê tiver / de neném / lavada / cê manda / porque minhas coisa tá tudo sem lavar / e preciso de roupa //

bfammn04 131: [REG] aí na hora que eu chego no Otaviano Neves / tá bem sentadinho //

bfammn04 140: [REG] ele falou assim / na hora que cê sentir uma pressãozinha +

bfammn04 142: [REG] na hora que cê sentir uma pressão / lá na sala / do lado da sala de parto / já tava deitada / esperando / cê me fala / que a gente vai //

bfammn04 156: [REG] correu comigo pra sala que é do <lado / né> / aí o Paulim até vê a fita / e fica assim / cadê o que o médico fala //

bfammn04 159: [REG] aí / na hora que o doutor Fernando &f [1] põe [1] assim / que e' passa aqueles trem &ama [1] alaranjado / &he / <luvas / nũ> sei o quê / o Bernardo já tá / ué //

bfammn04 172: [REG] então na hora que eu ligo pra ele / primeira coisa que eu falo assim / ô língua / hein //

bfammn05 9: [CAR] eu / sou muito feliz por ela estar / &he / &e /1 &e /1 criando ela da maneira que eu estou criando / né //

bfammn05 39: [CAR] o que tivesse de ser minha / vinha na minha mão //

bfammn05 44: [CAR] do jeito que eu pedi a Deus / ela veio pra mim //

bfammn05 51: [CAR] essas criança até dez anos / o [1] o mundo que nós tamo vivendos hoje / com dez ano já dá pa ver que dá trabalho //

bfammn05 53: [CAR] a única coisa **que eu fiquei** muito triste **que eu não falo** perto dela / Maira / é que / quando fez oito dia que ela tava com a gente / eu / não falo perto dela / porque / isso ela não sabe / é que / &he / a mãe / mandou buscar porque tinha vendido ela por seiscentos reais // 2

bfammn05 69: [CAR] meu filho é especial / a minha filha que foi é especial / mas você é muito especial //

bfammn05 72: [CAR] quando / a pessoa veio buscar ela / choramo muito / chorou eu / chorou o pai / chorou o irmão / né / porque a gente nã queria devolver / quando chegou lá / a gente sentamo lá / a irmã dela tava com a gente / **que é a tia** / biológica / tava com a gente / a tia deu uma força muito grande / pa ela que ea devolvesse ela pra nós / aí ela devolveu / falou assim / não quero isso não //

bfammn06 14: [JOR] informei a ele que eu tava preste a me formar / e / estava trabalhando dentro duma / área que eu gostava //

bfammn06 17: [JOR] e aí / eu consegui / a /1 com **a experiência que eu tinha** dentro da multinacional / concorrer à vaga e &f [/1] isso me facilitou / e eu passei pra área comercial da empresa pra vender / disjuntores / transformadores / motores de / corrente contínua / corrente alternada / isoladores / e / relés de proteção secundária / e assim foi iniciando a minha vida comercial //

bfammn06 23: [JOR] com as amizades adquirida / que nós chamamos de "network" / &he / me apareceu uma outra / hhh oportunidade dentro de uma outra multinacional / aonde eu fui desenvolver / um trabalho de vendas / &he / junto / ao mercado / concorrente **dessa empresa onde eu estava** / e lá eu fiquei um período / desenvolvendo o mesmo tipo de trabalho / logicamente com um salário melhor / hhh e por amizade eu fui cair / em uma multinacional / que eu dei uma virada no produto //

bfammn06 35: [JOR] e na / multinacional de linha branca e linha marrom / eu me lembro muito bem / que a gente era muito treinado dentro das empresas / e quando chegava nos clientes / o /1 o brasileiro não tem / a /1 o &conhe /2 a vontade de que ler o manual /4 ler o manual de /1 de &ins /1 instruções dos aparelhos eletroeletrônicos ou de &q /2 do seu carro que compra de um modo &ge /4 de um outro &equi /3 **um outro produto que ele adquira** //

bfammn06 42: [JOR] quer dizer / o brasileiro não tem a cultura / de ler / de &aum [/2] de melhorar a tecnologia / e ter uma coisa que o satisfaça com melhor / &he / atendimento / a nível de audiovisual //

bfammn06 43: [JOR] e isso foi uma coisa muito / diferente / porque / a gente implantava determinados projeto no país / dentro dessa área / e [/1] e / dava / às vezes um pouco errado em virtude da &e [/2] da experiência dos brasileiro que nã era muito / de tecnologia pra adquirir //

bfammn06 59: [JOR] **aonde a gente tem muito** poblema de liquidez / até em empresas que têm / &he / formação de família / na segunda pa terceira geração / já começa a dar poblema e &f [/2] e [/1] e fecha //

bfammn06 70: [JOR] e assim nós fizemos a nossa / experiência profissional / **aonde eu tô até hoje** / eu &d [/2] eu gerencio uma / filial mineira / de uma empresa / que pertence a um grupo de empresários de São Paulo / onde tem / dezenove filiais espalhada pelo país e uma **trade que cuida** de importar e exportar no Porto de Tubarão // 2

bfammn06 73: [JOR] porque dá uma rentabilidade muito boa em cima da [/1] do markup que a gente trabalha / das indústria no mercado //

bpubcv01 75: [FLA] <uma coisa que fica mais confiável> //

- bpubcv01 79: [EMM] esperamos <que esse> novo programa <que> vai vim / ele /
- bpubcv01 126: [FLA] <uma parte vermelha que é só de hemácia> //
- bpubcv01 156: [BRU] <que é aquilo que tá ali> / atrás //
- bpubcv01 226: [EMM] a gente não [/3] a gente só cadastrava aqui / aquilo que foi produzido //
- bpubcv01 238: [FLA] &he / essa bolsa / todas essas que cê tá vendo aqui hoje / foram coletadas hoje //
- bpubcv01 303: [MAR] tem pouquíssimo <que faz esse congelamento rápido> //
- bpubcv01 344: [EMM] <o> plasma / a <partir> do momento que ele começa a <descongelar> / ele / <ele> já perde o &s [/4]
- bpubcv01 358: [BRU] No' / ã tem <nada que pode ser aproveitado> //
- bpubcv01 360: [BRU] ã tem nada que pode ser aproveitado //
- bpubcv02 150: [TIQ] n' aonde que es visitaram / es já coloca assim assim //
- bpubdl01 15: [PAU] tá dando a altura / daquele que a <Isa> marcou <lá> / né //
- bpubdl01 159: [ROG] hora que cabar lá diz e' que ia vim cá //
- bpubdl01 216: [PAU] **o que ele faz** / o que / tá errado / aparece depois //
- bpubdl01 224: [ROG] a gente faz jeito que a pessoa pede / uai //
- bpubdl01 230: [ROG] do jeito que e' falou / e' tá / uai / e' fez / uai //
- bpubdl01 233: [ROG] é / eu entendi direitinho o desenho que e' fez pra mim / uai //
- bpubdl01 249: [ROG] mas tem gente que desmancha / sô Paulo //
- bpubdl01 254: [PAU] ah / tem um outro lugar aqui que vai gastar muita pedra também //
- bpubdl02 2: [EUG] do jeito dessa que cê tá usando //
- bpubdl02 9: [JAN] uma sandália que dê pra eu usar de dia e de noite //
- bpubdl02 11: [EUG] primeiro modelo que eu vou te mostrar / né //
- bpubdl02 30: [JAN] depende da forma / **tem forma que é trinta-e-nove** / **tem forma que é quarenta** // 2
- bpubdl02 60: [EUG] eu peguei esse modelo primeiro pr' ocê aqui / esse modelo de / borracha / que enquanto cê distrai com esse modelo aqui / eu vou ver se eu acho / os outros que cê me pediu //

bpubdl02 81: [EUG] olha / eu peguei as três caixas que eu achei trinta-e-nove lá / mas / todas três são desse modelo de cruzar //

bpubdl02 118: [EUG] primeiro é essa que cê me falou aqui o' //

bpubdl02 135: [EUG] as duas / sai quase o preço que custa uma na Piccadilly //

bpubdl02 174: [EUG] <esse que cê tá> experimentando grafite / tem preto / e / grafite assim //

bpubdl02 212: [EUG] esse que tá na sua mão é oito //

bpubmn01 1: [XYZ] bom / e aí / então / acho que a primeira **pergunta que eu queria fazer** / é aquela / né / quais que são as dificuldades que cê / &he / enfrenta / assim / na escola / &he / na aplicação **das coisas que cê vê no EDUCONLE** // 2

bpubmn01 6: [SHE] e / atrás disso / né / ao lado disso / vem outros problemas / que / &he / são os desinteresses dos alunos / né / **a falta de informação que eles têm** / a /1 a /1 a pouca valorização em relação à língua estrangeira / na escola pública / é / então eu acho que isso tudo / &he / ajuda a /1 a dificultar o trabalho //

bpubmn01 7: [SHE] então é o que é o /3 que é o mais difícil que eu achei no início / né //

bpubmn01 9: [SHE] que / eu nã tem ficar muito preocupada / com / por exemplo / se a escola nã tem / material pra me oferecer / ou / se / &he / o &pro /2 o outro professor / meu colega da escola / também nã tá / interessado em me ajudar / então eu tô / procurando / cumprir / né / **tentar aplicar o que eu tô aprendendo** / através de mim mesmo //

bpubmn01 51: [SHE] agora / se eu for olhar tempo mesmo / né / de /1 de /1 de sentar e escrever / aquilo / pra dar aquela aula ideal / né / aquela /1 aquela **aula igual se dá no EDUCONLE que cê acha que é** &o /1 é tudo de bom / né / nã tem / porque também eu acho que / &he / &v /1 depende muito dos alunos de tar preparado / por exemplo / cê prepara aquela aula / maravilhosa / e acha que vai dar tudo certo / de repente ocê encontra lá o aluno / né / que / &he / &he / nã /1 nã /1 foi pra escola / nã almoçou / tá /1 tá com fome / ou brigou com o pai / ou **aquelas questões todas familiares que vão influenciar** // 2

bpubmn01 56: [SHE] &e [/1] é gente / &t [/1] cê tá mexendo com gente / e / nem sempre cê tá disposto a assistir uma aula / né / &he / animado a fazer aquilo que o professor te propõe / né //

bpubmn01 62: [XYZ] é / eu acho que / uma coisa também que ajudaria nisso / é [/1] era se as [/1] as coordenações nas escolas fossem melhor / né //

bpubmn01 87: [SHE] então / **na escola que eu tenho a coordenadora** / eu vejo que / a parte de / conversar com o aluno / né / em relação à disciplina / problema familiar / &he / problema de material / **o aluno que tá desinteressado** / tudo / acontece / superbem // 2

bpubmn01 103: [XYZ] <mas> nessa escola / os meninos entram e saem na sua sala a hora que quiser //

bpubmn01 104: [SHE] a hora que quiser //

bpubmn01 125: [SHE] o livro que eu adotei / não compra //

## APÊNDICE F

### Cláusulas relativas padronizadas do C-ORAL Brasil

bfamcv01 14: [GIL] era &aque [2] era &aque [2] era aquele cara <lá / que era muito> / <muito> / muito <palha> //

bfamcv01 38: [LEO] como o Chub fala / es vão pegar **os caras que / tipo / tavam reclamando** / e tal / es vão pegar / es vão pegar tentar fazer um negócio desse / e eu aposto que cê vai ver os caras que já conhecem a gente há mais tempo / tipo José [1] Zé Mourinho / falando assim / não / o / campeonato d' ocês é bem melhor //

bfamcv01 58: [EVN] tem o SESC / que é bom pa caramba //

bfamcv01 138: [EVN] eu falei isso naquea reunião lá / &he / &he / lá do [1] na casa do Artur / que tava o Juninho / nũ sei quê / aí eu fiz um [1] uma comparação <com aulas de [1] de língua hhh> //

bfamcv01 139: [LUI] <eu acho que / o nome / do> [1] do [1] do [1] do [1] do [1] do [1] da modalidade esportiva que a gente criou / **que foi Futebol Arte** / ficou / queimado / por causa dessa taça / pra mim é uma <coisa que> <é [1] foi triste> / é triste> falar / mas / cê fala que é Futebol Arte / a galera começa a zoar / já //

bfamcv01 153: [LEO] <e acima de tudo / eu acho que a gente tem> que chamar os times que / tipo / o [1] realmente os times que / merecem a [1] a nossa +

bfamcv02 251: [TER] alugar uma roupa <adequada> / que é / de / dia //

bfamcv03 111: [CAR] <treze> / que aliás é um número de sorte / né //

bfamcv04 188: [HEL] pra / nenhum <objeto> / que tenha //

bfamcv04 248: [BRU] cê vai falar / “um” / que é a primeira <&pa [3] a primeira> letra da <palavra> //

bfamdl01 5: [FLA] <eu lembro do> dia da festa / que a gente foi comprar bebida ali //

bfamdl02 30: [XYZ] um cuidado / que cês têm que tomar / <Bel> +

bfamdl02 73: [XYZ] que eu dou um exemplo de porta / que é excelente //

bfamdl02 178: [BEL] aqueles postinhos que ficam bebendo e tal //

bfamdl02 241: [BEL] aí na hora que eu voltei / eu fiquei toda feliz que ela tinha dez quilos / e eu achando / que eu arrumei ela melhor / e por isso ela tava pesando menos //

bfamdl03 49: [LAU] <não / e> tem um / que chama <da /1 nas Artes> +

- bfamdl03 138: [LAU] são duas / <que eu &v [/3] que eu vou fazer> //
- bfamdl03 204: [LAU] principalmente a partir lá da /1 da cancela / que cê chama de "porteira" //
- bfamdl04 101: [SIL] copos de Urano / que tem aí //
- bfamdl04 108: [SIL] é um negócio que tem / **que es fazem na Itália / que custa caríssimo** // 2
- bfamdl04 121: [KAT] <são muitos> copos / ali dentro / que ã usa / né //
- bfamdl04 230: [SIL] a gente vai folgar amanhã que é / segunda / terça-feira cê vai / po estágio //
- bfamdl05 100: [CES] o caso é o seguinte / naquela rua / que nós entramos / nela / lá embaixo +
- bfammn01 7: [MAI] e quando chegou lá / &he / montou uma casinha pa ele / pa família dele / e tal / e e' vinha na cidade pa comprar alguma coisa &dif /1 diferente / que ã era da roça / né //
- bfammn01 10: [MAI] e &di /2 e existe uma cobra / lá naquele interior / que é muito /1 muito enorme de grande / eu ã sei o nome dela //
- bfammn01 31: [MAI] chapéu / que es lá no interior fala "chapéu de barreta" //
- bfammn01 65: [MAI] &he / no outro dia que / o sol tava /1 já tinha saído e tava tudo bem / ea pegou e &f /2 e foi atrás de /1 de alguém / pa vim matar a cobra // ?
- bfammn01 72: [MAI] só até aí que eu sei o caso / que ele me contou // 2
- bfammn01 86: [MAI] só ni lugar / **que tem /1 tem mata mata** muito / forte / mata / perigosa / que tem <esses tipo> de cobra / né //
- bfammn02 56: [DFL] / aquilo que o / professor achava mais importante //
- bfammn02 61: [DFL] tinha uma &la /1 caligrafia maravilhosa / <que mamãe> tinha até o cartão dele / mamãe falava que ele tinha um português correto //
- bfammn02 100: [DFL] papai / fez aquele teste lá / que na época / era como se fosse um vestibular / passou / primeira aula / anatomia //
- bfammn02 139: [DFL] e tio Carlos / que estava instalado aqui em Belo Horizonte / lá na rua Silva Jardim +
- bfammn02 141: [DFL] então / o papai / tinha &fala /1 &s /1 nas cartas / falava com ele / ah / eu tô com a / advocacia muito pesada aqui na Itabira / que era o advogado mais procurado / e falou / ah / e eu vou pro Rio pra atender o convite do Capanema / e <ocê vem> pa aqui por um tempo //
- bfammn02 143: [DFL] que a Dodora / **que era a mamãe** / ia ficar <muito> feliz / de morar / perto da dona Terezinha / **que era minha &b** /2 minha avó // 2

bfammn02 150: [DFL] então / nessas férias / &q /1 a gente / quando veio pra Belo Horizonte / nas férias / ele trazia Maria Julieta / **que era a única filha dele** / porque os pais da Dolores / os sogros dele / passaram a morar nessa casa que ele morava //

bfammn02 153: [DFL] e ela nã ficava na casa dos avós / velhos / né / ela ia <lá pra> casa / que tinha aquelameninada //

bfammn02 159: [DFL] então / &he / tinha uma certa hora / que a Maria Julieta ia de manhã lá pra casa / almoçava lá em casa / e ficava //

bfammn03 124: [ALO] "compras pessoais" / que era coisa xxx / "tanto" //

bfammn04 69: [REG] aí eu falei assim / que roupa que cê tem da Bruna aí / qualquer coisa / **que cê tiver** / de neném / lavada / cê manda / porque minhas coisa tá tudo sem lavar / e preciso de roupa //

bfammn04 122: [REG] o Bernardo / aí ele falou assim / Regina / do jeito que eu te conheço / e sei que cê é tranqüila / eu falei / cê pode ir pro hospital sim //

bfammn05 3: [CAR] porque primeiro eu tive que /3 conteceu uma tragédia comigo que tive que perder minha filha / **que é um retratinho que tá ali na estante** / comigo / ela abraçada em mim / pra / eu / &he / chegar a essa conclusão pa mim pegar uma filhinha pa mim criar //

bfammn05 5: [CAR] mas depois que eu perdi a minha /2 &me /1 meu bebê / &mai /1 &m /1 com oito ano de idade / aí eu peguei um bebezim com / três mês de idade / **que é a Mislaine hoje** //

bfammn05 150: [CAR] porque ele ama / ele chama ela de / "fuminho" / né / "meu pretinho" / papai nã güenta carregar mais / mas / nã güenta pegar mais / porque tá muito grande / mas é /1 é essa é a história / e é a vida / que nós temos aqui em casa //

bfammn06 23: [JOR] com as amizades adquirida / **que nós chamamos de "network"** / &he / me apareceu uma outra / hhh oportunidade dentro de uma outra multinacional / **aonde eu fui desenvolver** / um trabalho de vendas / &he / junto / ao mercado / concorrente dessa empresa onde eu estava / e lá eu fiquei um período / desenvolvendo o mesmo tipo de trabalho / logicamente com um salário melhor / hhh e por amizade eu fui cair / em uma multinacional / que eu dei uma virada no produto // 2

bfammn06 28: [JOR] e fiquei reduzido a / um [/1] um terço do país / que foi / Rio / &he / Minas / Espírito Santo / Distrito Federal / e Goiás //

bfammn06 33: [JOR] e esse caso / que acontecia / marcava muito //

bfammn06 37: [JOR] e nós távamos entrando com outro tipo de aparelho de televisor no mercado / que era uma coqueluche / era uma novidade / e os próprios vendedores das loja nã / tinham experiência pra mostrar aquilo pro consumidor brasileiro //

bfammn06 53: [JOR] e na área de exportação / a gente / &he / se envolvia com / a [/1] os bancos / e etcetera / as / cartas de crédito / pra poder / fazer as exportações / no mercado de montadora tinha [/1] tinha / contrato / **que nós assinávamo** pra poder prestar / &he /

a serviço de / &te [1] tecnologia / e fornecimento de produto / e no aftermarket / **que é o mercado de reposição** / a gente colocava aquilo pra poder dar suporte / aos consumidores quando comprasse seus carros // 2

bfammn06 59: [JOR] aonde a gente tem muito problema de liquidez / até em **empresas que têm / &he / formação de família** / na segunda pa terceira geração / já começa a dar problema e &f [2] e [1] e fecha //

bfammn06 63: [JOR] e até num domingo de manhã / de passar lá um tempo com eles / pra orientá-los nessa **parte tributária / que eu / tinha formação em cima disso** / e era fácil / de [1] de se fazer // REDUPLICAÇÃO

bfammn06 70: [JOR] e assim nós fizemos a nossa / experiência profissional / aonde eu tô até hoje / eu &d [2] eu gerencio uma / filial mineira / de uma empresa / **que pertence a um** grupo de empresários de São Paulo / **onde tem** / dezenove filiais espalhada pelo país e uma trade que cuida de importar e exportar no Porto de Tubarão // 2

bpubcv01 12: [EMM] a data / né / essa data / é um [2] a gente põe o dia / que tá sendo coletado / <e / nós> temos o dia juliano //

bpubcv01 37: [EMM] quando a gente vai pesquisar o [1] alguma amostra / que um outro setor / pede / a gente olha / principalmente o dia juliano //

bpubcv01 41: [FLA] aí registra aqui / registra / o número do doador / registra / esse número / de macarrão / que é um número / superespecífico //

bpubcv01 118: [FLA] <os nomes / que eu ponho hhh> //

bpubcv01 144: [FLA] por /1 por esse / processo de centrifugação / vai descer / a hemácia / e vai ficar um negócio / que chama / <"plasma" / rico em plaqueta" //

bpubcv01 206: [MAR] aqui / fica o plasma / que é aquele ali / <e aqui no fundim / fica a plaqueta / **que é aquela> que <cê vê> //** 3

bpubcv01 242: [FLA] porque quando colhe o sangue / colhe o sangue / e colhe uns tubinhos / **que vão** pra outro setor / **que chama** "Sorologia" / 2

bpubcv01 336: [MAR] porque você tem um período / que você pode deixar a bolsa em repouso / pa poder centrifugar //

bpubcv02 272: [OSV] se for o caso só dela mesmo / esses caso que / não tiver jeito / d' a /2 d' a gente fazer / tira ela então / né / no caso //

bpubdl01 211: [PAU] quer saber o tipo de conversa / dúvida / que sai no trabalho / né //

bpubdl01 216: [PAU] o que ele faz / o que / **tá errado** / aparece depois //

bpubdl01 242: [PAU] porque / a hora que cê pegar um projeto maior aí pa fazer / **que o dono nã tiver perto** / aí cê tem que tocar //

bpubdl02 235: [EUG] porque / se você quisesse uma sapatilha / que tá usando / coleção de inverno agora tem mais variedade / né //

bpubdl02 242: [EUG] o que cê achar melhor //

bpubdl02 249: [EUG] o que <cê> experimentou primeiro é mais maciim //

bpubmn01 1: [XYZ] bom / e aí / então / acho que a primeira pergunta que eu queria fazer / é aquela / né / quais que são as **dificuldades que cê / &he / enfrenta** / assim / na escola / &he / na aplicação das coisas que cê vê no EDUCONLE //

bpubmn01 6: [SHE] e / atrás disso / né / ao lado disso / vem outros problemas / **que / &he / são os desinteresses dos alunos / né / a** falta de informação que eles têm / a /1 a /1 a pouca valorização em relação à língua estrangeira / na escola pública / é / então eu acho que isso tudo / &he / ajuda a /1 a dificultar o trabalho //

bpubmn01 51: [SHE] agora / se eu for olhar tempo mesmo / né / de /1 de /1 de sentar e escrever / aquilo / pra dar aquela aula ideal / né / aquela /1 aquela aula igual se dá no EDUCONLE que cê acha que é &o /1 é tudo de bom / né / nã tem / porque também eu acho que / &he / &v /1 depende muito dos alunos de tar preparado / por exemplo / cê prepara aquela aula / maravilhosa / e acha que vai dar tudo certo / de repente ocê encontra lá **o aluno / né / que / &he / &he** / nã /1 nã /1 foi pra escola / nã almoçou / tá /1 tá com fome / ou brigou com o pai / ou aquelas questões todas familiares que vão influenciar //

bpubmn01 65: [XYZ] porque / o que acontece / nã sei como é que é na sua escola / é que o professor / **onde eu dava aula** / se vira com tudo //

bpubmn01 89: [SHE] agora / na outra escola / que nã tem &a [/1] &um [/1] &al [/1] uma pessoa comprometida com isso / o aluno também ele nã quer / se comprometer //

bpubmn01 90: [SHE] uma escola que nã tem / limite pra nada //

bpubmn01 127: [SHE] secretaria de Estado / da Educação / governo / que faz / né / essa propaganda toda / de material e tudo / nã tem //